



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Mestrado em Estudos de Linguagens

Susana Nogueira Balsa Coelho

A RUA E OS AFETOS:
estudo sobre narrativas de pessoas em situação de rua em Belo
Horizonte/MG

Belo Horizonte
2019

Susana Nogueira Balsa Coelho

**A RUA E OS AFETOS:
estudo sobre narrativas de pessoas em situação de rua em Belo Horizonte/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Cristina Maia

Belo Horizonte
2019

C672r Coelho, Susana Nogueira Balsa.
A rua e os afetos : estudo sobre narrativas de pessoas em situação de rua em Belo Horizonte/MG / Susana Nogueira Balsa Coelho. – 2019.
136 f.
Orientadora: Claudia Cristina Maia

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2019.
Bibliografia.

1. Afeto (Psicologia). 2. Narrativa. 3. Pessoas em situação de rua. I. Maia, Claudia Cristina. II. Título.

CDD: 305.56



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SUSANA NOGUEIRA BALSA COELHO

**OS AFETOS E O NÃO LUGAR DA RUA: estudo sobre
narrativas de pessoas em situação de rua em Belo Horizonte/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 18 de junho de 2019, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Claudia Cristina Maia, Dr.^a - Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.^a Adriana Maria Brandão Penzim, Dr.^a
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof. Luiz Carlos Gonçalves Lopes, Dr.
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

**A RUA E OS AFETOS:
estudo sobre narrativas de pessoas em situação de rua em Belo Horizonte/MG**

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo de narrativas de pessoas que estão ou já estiveram em situação de rua na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, principalmente com base na teoria dos afetos de Benedictus de Spinoza, relacionando-a ao conceito de cuidado de si discutido por Michel Foucault. Objetivou-se descrever e analisar sete narrativas, verificando se elas expressam características relacionadas à “liberdade” e ao “cuidado de si”. Após as análises das narrativas, identificamos três temas que protagonizaram os capítulos desta dissertação: os afetos passivos e sua relação com o cuidado de si; a liberdade dos afetos e o cuidado de si e do outro; o “não lugar da rua” e a afetividade daqueles que nele habitam. A pesquisa foi de natureza aplicada com abordagem qualitativa. Foram utilizados critérios éticos em pesquisa com seres humanos, conforme a *Resolução nº 196/96* do Conselho Nacional de Saúde. Após a entrevista preliminar, foi considerado não ser mais relevante, diante dos objetivos desta dissertação, fazer uso de um roteiro com questões. À luz de Gilles Deleuze e Claire Parnet, entende-se que uma entrevista aos moldes de uma conversa poderia ser mais profícua junto aos entrevistados, com apenas uma questão pré-estabelecida sobre a história de vida do participante. Assim, buscou-se perceber o cuidado de si e os afetos nas narrativas por meio de encontros que pudessem favorecer o acesso às multiplicidades, e assim ir além dos critérios já construídos acerca das pessoas que estão ou que já estiveram em situação de rua.

Palavras-chave: afetos, narrativa, pessoas em situação de rua.

**THE STREET AND THE AFFECTS:
study on narratives of homeless people in Belo Horizonte / MG**

ABSTRACT

This dissertation presents a study of narratives of people who are or have already been in a homeless situation in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, mainly based on Benedictus Spinoza's theory of affections, relating it to the concept of care of the self discussed by Michel Foucault. The objective was to describe and analyze seven narratives, verifying if they express characteristics related to "freedom" and "care of the self". After analyzing the narratives, we identified three themes that led to the chapters of this dissertation: passive affections and their relationship with care of the self; the freedom of affection and the care of the self and the other; the "street's no place" and the affection of those who inhabit it. The research was applied in nature with a qualitative approach. Ethical criteria were used in research with human beings, according to *Resolution n.º 196/96* of the National Health Council. After the preliminary interview, it was considered not to be more relevant, in view of the objectives of this dissertation, to make use of a script with questions. In the light of Gilles Deleuze and Claire Parnet, it is understood that an interview in the form of a conversation could be more fruitful with the interviewees, with only one pre-established question about the participant's life history. Thus, it was sought to perceive the care of the self and the affections in the narratives through meetings that could favor the access to the multiplicities, and thus to go beyond the already constructed criteria about the people who are or who already were in homeless situation.

Key words: affects, narrative, homeless people.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Metodologia	13
2 OS AFETOS PASSIVOS E O CUIDADO DE SI	16
2.1 Um olhar sobre o temor, o medo e a esperança	21
2.2 A mágoa	29
2.3 Da má consciência à vergonha	35
2.4 A servidão e a extensão de si	40
3 A LIBERDADE E O CUIDADO DE SI	43
3.1 A fruição do bem	52
3.2 A vida como digna de ser considerada	59
4 O “NÃO LUGAR DA RUA”	64
4.1 O dentro e o fora no “não lugar da rua”	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista preliminar	97
APÊNDICE B – Roteiro após a entrevista preliminar	97
APÊNDICE C – Termo de consentimento	97
APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia	99
APÊNDICE E – Entrevista com Samanta	105
APÊNDICE F – Entrevista com Júnior	109
APÊNDICE G – Entrevista com Leandro	112
APÊNDICE H – Entrevista com José	116
APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo	119
APÊNDICE J – Entrevista com Marcos	125

1 INTRODUÇÃO

O interesse em realizar esta dissertação surgiu de encontros com pessoas em situação de rua¹ na região hospitalar da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Tais experiências foram idealizadas por um grupo de voluntários que, desde o primeiro semestre de 2016, distribui lanches (sucos e sanduíches) para esse público, aos sábados, no período diurno. Como participante desses encontros, percebi, ao longo dos primeiros meses, que gostaria de não apenas entregar cafés da manhã para pessoas nessa condição, mas também fazer algo além de uma prática assistencialista. Em 2016, em quase todos os sábados, éramos abordados por alguém que queria falar de si, contar sua história, fato esse que me fez querer trabalhar com narrativas autobiográficas.

Nesta dissertação, não trabalhamos a fundo o conceito de narrativa autobiográfica, no entanto, a título de conhecimento, citamos Verena Alberti e Phil Benson. No artigo “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”, Alberti considera que são autobiografias as falas “centradas no sujeito que a cria”.² Benson, em *Difference and Diversity in Language Learning*, relata que a (Auto)biografia corresponde a um grande campo de pesquisa que engloba a análise e descrição de fenômenos sociais individuais. Isso quer dizer que, quando falamos em autobiografia, podemos considerar as seguintes nomenclaturas: pesquisa narrativa; história de vida; estudos de narrativas de vida; *autoethnography* etc.³ Ademais, acreditamos que, por meio das lembranças e construções evocadas no ato do narrar-se, podemos possibilitar a criatividade e o encontro do inesperado, aquilo que, em outros termos, podemos chamar de biograficidade (a capacidade de reelaboração do que foi vivido), como diz Castañeda e Morales, no capítulo “Narrar a vida: deliberações no campo biográfico”, em *Pesquisa Narrativa*.

A população em situação de rua é um grupo social que vem sendo estudado, no Brasil, por diversas áreas do conhecimento, como as ciências humanas, sociais aplicadas, da saúde, bem como a linguística, letras e artes. Dentre as teses e dissertações já publicadas, a título de exemplo, vale ressaltar alguns trabalhos mais diretamente relacionados à nossa proposta, como a tese de doutorado em estudos de linguagens acerca da constituição identitária de

¹ Nesta dissertação, para evitarmos a repetição do termo “pessoas em situação de rua”, consideraremos como sinônimos as expressões “morador de rua” e “sem teto”, mesmo elas sendo formalmente menos utilizadas.

² ALBERTI. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*, p. 73

³ BENSON. (Auto)biography and learner diversity..

peças em situação de rua, defendida em Natal, no Rio Grande do Norte;⁴ a tese em sociologia política,⁵ que trata sobre a assistência social à população em situação de rua, defendida em Florianópolis, Santa Catarina; e uma dissertação de mestrado em psicologia,⁶ sobre narrativas autobiográficas de pessoas que passaram pelo processo de saída da situação de rua, defendida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Em setembro de 2017, a Prefeitura de Belo Horizonte anunciou que havia cerca de 4,5 mil moradores de rua no município,⁷ mais de duas vezes o número apresentado em 2013, pelo 3º Censo de População em Situação de Rua e Migrantes de Belo Horizonte.⁸ Segundo essa pesquisa, realizada em novembro de 2013, havia 1.827 indivíduos em situação de rua na capital, sendo a maioria composta por adultos entre 31 e 50 anos (67%) e migrantes (64,2%), dentre os quais 39,7% vieram de outras cidades do estado de Minas Gerais, 24,5% de outros estados da federação e 0,3% de outros países. Dentre esses, constata-se que 80% já viviam em zonas urbanas antes de se mudarem para a capital. Nota-se ainda que 79,5% dos recenseados se declararam pardos ou negros, 82% sabem ler e escrever, 12% apenas assinar o nome e 5% são analfabetos. Quanto aos fatores que motivaram essas pessoas a irem para a rua, em primeiro lugar estão os conflitos familiares (52,2%), a que se seguem o uso de álcool, a falta de moradia, a falta de trabalho e a insuficiência de renda.⁹

De acordo com a Pesquisa Nacional sobre a População de Rua,¹⁰ realizada entre 2007 e 2008, o contingente de adultos em situação de rua no país era composto por 31.922 indivíduos. Diferentemente do Censo realizado pela prefeitura de Belo Horizonte, os dados nacionais revelam que “76,1% dos entrevistados sempre viveram no município” ou em cidades próximas. Foi ressaltado que 82% dessas pessoas são homens, 63,5% não concluíram o 1º grau e “88,5% afirmaram não receber qualquer benefício do governo. Entre os benefícios recebidos, foi citada a aposentadoria (3,2%), o Programa Bolsa Família (2,3%) e o Benefício de Prestação Continuada (1,3%)”. Observou-se ainda que grande parte dessa população (70,9%) exercia alguma atividade remunerada, e apenas 15,7% tinham a mendicância como principal meio de sobrevivência.¹¹

Após essa Pesquisa Nacional, foi revogado, em 2009,

⁴ COSTA JÚNIOR. *Histórias de vida de pessoas em situação de rua em Natal/RN: fotografias do trabalho de construção identitária individual*.

⁵ SARMENTO. *A assistência social à população em situação de rua: um estudo na cidade de Florianópolis/SC*.

⁶ FARIAS. *Narrativas autobiográficas sobre o processo de saída da situação de rua*.

⁷ BELO HORIZONTE. Prefeitura apresenta plano para moradores em situação de rua.

⁸ GARCIA et al. *Terceiro censo de população em situação de rua do município de Belo Horizonte*.

⁹ GARCIA et al. *Terceiro censo de população em situação de rua do município de Belo Horizonte*.

¹⁰ BRASIL. *Pesquisa nacional sobre a população de rua*.

¹¹ BRASIL. *Pesquisa nacional sobre a população de rua*, p. 7.

o artigo 60 do Decreto-Lei nº 3.688/1941, que considerava a mendicância contravenção penal, sujeita a prisão de 15 dias a 3 meses. Na sequência, o Decreto nº 7.053/2009 instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua, que busca garantir diversos direitos a esse segmento.¹²

O projeto desta dissertação pretendia estudar a autonomia de pessoas em situação de rua, por meio do conceito “cuidado de si”, trabalhado por Michel Foucault em *A hermenêutica do sujeito*, principalmente no que tange ao período helenístico romano. No entanto, o contato mais pormenorizado com a teoria dos afetos de Benedictus de Spinoza mostrou-se profícuo para ler as narrativas coletadas. Desse modo, o conceito “cuidado de si” referente ao período helenístico foi utilizado como um ponto de diálogo com Spinoza. Não quisemos aprofundar sobre a construção do conceito em Foucault, mas utilizar de sua leitura nesse recorte histórico da idade de ouro, considerando que nesse período o conceito se apresenta sob a perspectiva da imanência, a qual se aproxima do pensamento filosófico de Spinoza. Após as análises das narrativas, identificamos três temas que protagonizaram os capítulos desta dissertação: os afetos passivos e sua relação com o cuidado de si; a liberdade dos afetos e o cuidado de si e do outro; o “não lugar da rua” e a afetividade daqueles que nele habitam.

No primeiro capítulo analisamos, principalmente com base em Spinoza e seus comentadores, expressões de determinados afetos passivos nas narrativas de alguns dos nossos entrevistados, na tentativa de entender se afetos tal como o medo, a mágoa, a vergonha e a culpa contrariariam ou não o exercício do cuidado de si. No segundo capítulo, relacionamos as nossas compreensões acerca do cuidado de si com a liberdade proposta por Benedictus de Spinoza. No terceiro, tratamos do “não lugar da rua”, território habitado por aqueles que negam algo do ser humano que vive como um “sem teto”.

Em *A hermenêutica do sujeito*, são apresentados por Foucault três momentos fundamentais em relação ao conceito cuidado de si: o período socrático-platônico (século V a.C.), o helenístico romano/idade de ouro (séculos I e II d.C.) e a transição do ascetismo pagão ao cristão (séculos IV e V d.C.). Considerando J. A. Cardona, em *Filosofia Helenística: estoicos, epicuristas, cínicos e cétricos*, entendemos que o termo helenismo¹³ não se refere a todos os filósofos que viveram num mesmo tempo e espaço, mas sim “ao conteúdo de algumas doutrinas surgidas”¹⁴ entre 323 a.C. e 31 a.C, bem como aos estoicos que viveram

¹² BRASIL. *Pesquisa nacional sobre a população de rua*, p. 8.

¹³ Nesta dissertação, entendemos helenismo/período helenístico romano/idade de ouro por sinônimos.

¹⁴ CARDONA. *Filosofia Helenística: estoicos, epicuristas, cínicos e cétricos*, p. 31.

nos séculos I e II d.C. Devemos ainda considerar que não houve de fato total homogeneidade nas escolas helenísticas. Assim, como nosso intuito não foi o de aprofundar sobre o conceito cuidado de si, optamos também por não destacar as especificidades de cada escola desse período.

Foucault, no que se refere ao momento socrático-platônico, retoma o diálogo intitulado “Alcibíades”,¹⁵ em que emerge o conceito de cuidado de si na filosofia, a partir de questões ligadas à pedagogia, à política e ao conhecimento de si. Na filosofia grega, a pedagogia ateniense era criticada “como incapaz de assegurar a passagem da adolescência à idade adulta”.¹⁶ Diante desse *déficit* institucional e em resposta à pergunta “como se pode bem governar?”,¹⁷ o cuidado de si tornou-se um imperativo àqueles que queriam entrar na vida política. Sob a crença de que não se poderia bem governar sem estar “ocupado consigo mesmo”, para o cuidar-se era necessário o “conhecer-se”.

No decorrer dos séculos, houve uma evolução do conceito que, “já sensível em Platão”, prosseguiu “ao longo de toda a época helenística”,¹⁸ período das filosofias que se apresentaram como “artes de viver”, tal como a estoica, cínica e epicurista. Na idade de ouro, o cuidado de si não está mais restrito à política, estendendo-se a toda a vida do indivíduo, à sua relação consigo mesmo. Concomitantemente, o cuidar-se “não mais se determina manifestamente na forma única do conhecimento de si”,¹⁹ mas sim por meio de um conjunto de expressões, como o estar atento a si, examinar a si, voltar-se para si. Há ainda as atividades inspiradas no vocabulário médico (tratar-se, curar-se), no jurídico (“reivindicar-se”), no religioso (respeitar-se, cultuar-se, honrar-se), e aquelas que “designam certo tipo de relação permanente consigo, quer se trate de relação de domínio e soberania (ser mestre de si), quer de sensações (sentir prazer consigo, [...] satisfazer-se consigo mesmo”²⁰ etc). Houve, de fato, nesse período, uma cultura de si,²¹ uma prevenção contra os “reveses da vida”,²² sendo qualquer cidadão capaz de exercer o cuidado de si. O ato de “desaprender” foi uma das tarefas

¹⁵ Esse texto, de 390 a.C, se constitui de um diálogo entre Sócrates e Alcibíades, atribuído à Platão a sua escrita.

¹⁶ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 20 de janeiro de 1982, p. 107.

¹⁷ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 13 de janeiro de 1982, p. 94.

¹⁸ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 20 de janeiro de 1982, p. 102.

¹⁹ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 20 de janeiro de 1982, p. 104.

²⁰ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 20 de janeiro de 1982, p. 106.

²¹ Foucault considera que a cultura de si aparece sob quatro condições. A primeira, quando “dispomos de um conjunto de valores que têm entre si um mínimo de coordenação, de subordinação, de hierarquia”. A segunda, quando esses valores são entendidos “como sendo ao mesmo tempo universais, mas não acessíveis a qualquer um”. A terceira, à medida que os indivíduos exercem “certas condutas, precisas e regradas”. E a quarta condição quando o acesso a esses “valores seja condicionado por procedimentos e técnicas mais ou menos regrados, que tenham sido elaborados, validados, transmitidos, ensinados, e que estejam também associados a todo um conjunto de noções, conceitos, teorias”. FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 03 de fevereiro de 1982, p. 220-221.

²² FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 20 de janeiro de 1982, p. 115.

mais fundamentais dessa cultura, pois pela crítica a determinados hábitos o ser poderia desfazer-se deles.²³ Contudo, nem todos eram “capazes de si, muito embora a prática de si seja um princípio dirigido a todos”.²⁴ Isso quer dizer que apenas alguns indivíduos utilizariam, em determinados momentos, as condições necessárias para ocupar-se do que de fato seja seu, desaprendendo-se do que não lhes seja tão útil. Ademais, nos séculos I e II, “a relação consigo será sempre considerada como devendo apoiar-se na relação com um mestre, um diretor, ou, em todo caso, com um outro”.²⁵

No Cristianismo, a conversão implicava uma súbita mutação da morte à vida, da obscuridade à luz, isto porque o que se converte é um eu que renunciou a si mesmo, por meio de uma ruptura consigo mesmo. Nesse período, as práticas de si (modos de agir relacionados às relações de si com o outro) foram incorporadas ao poder pastoral, sob o qual o conhecimento de si se relacionava à verdade como é dada nos Textos da Revelação.²⁶

Se no texto “Alcibíades” o cuidado implicava uma atenção a si, conhecer-se “para poder ocupar-se, como convém, com os outros e com a cidade”, na idade de ouro era “preciso ocupar-se consigo para si mesmo”,²⁷ de forma que assim se estabelecesse a devida relação com os outros. A meta, portanto, passa a ser o “fazer volta em direção a si mesmo”, um retorno a si. Na perspectiva helenística, a atenção está na própria imanência do mundo, que conduz justamente a “deslocarmos do que não depende de nós ao que depende de nós”, isto é, uma “liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos, para alcançarmos, enfim, aquilo que podemos dominar”.²⁸ Enquanto no período socrático-platônico o objetivo era formar um bom governante (cuidar de si para poder governar bem), no helenismo, o cuidado ao outro não era “o fim último”.²⁹ Mesmo o eu sendo “a meta definitiva e única do cuidado de si”,³⁰ na idade de ouro, não se considerava preponderante saber como melhor cuidar-se para poder cuidar dos outros. Ou seja, a “salvação dos outros é como uma recompensa suplementar à operação e à atividade de salvação que obstinadamente”³¹ o indivíduo exerce sobre si mesmo. Considerando essa perspectiva, discutiremos nesta dissertação, de modo geral, a relação entre o conceito de cuidado de si do helenismo apresentado por Foucault e a teoria dos afetos de

²³ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Resumo do curso, p. 602.

²⁴ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 27 de janeiro de 1982, p. 156.

²⁵ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Resumo do curso, p. 603.

²⁶ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*.

²⁷ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 10 de fevereiro de 1982, p. 254.

²⁸ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 10 de fevereiro de 1982, p. 258.

²⁹ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 03 de fevereiro de 1982, p. 217.

³⁰ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 03 de fevereiro de 1982, p. 218.

³¹ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 03 de fevereiro de 1982, p. 237.

Spinoza, por nos parecerem profícuas também para ler a contemporaneidade, com as devidas diferenças.

Acreditando que o processo de narrar-se pode proporcionar àquele que narra outros devires, partimos do pressuposto de que os entrevistados poderiam elaborar, como aponta Ida Lúcia Machado em *Discurso e (des)igualdade social*, “de uma forma ou de outra, uma identidade”³² que apontasse ou não “para uma saída do estado em que se encontram”.³³ Isto é, trabalhamos sob a hipótese de que o narrar sobre si possibilita àquele que fala situar-se de modo mais livre diante de sua realidade. Sendo assim, nosso objetivo geral foi descrever e analisar narrativas de pessoas que estão ou que já estiveram em situação de rua na cidade de Belo Horizonte/MG, a partir da teoria dos afetos de Spinoza, sobretudo no que diz respeito à liberdade e ao cuidado de si. Após nossos estudos sobre Spinoza e sobre as narrativas dos entrevistados, consideramos que ações do ser em prol da liberdade dos afetos são possíveis, embora essa experiência nos pareça utópica em sua integralidade.

Partimos do pressuposto que a experiência do cuidado de si é possível na atualidade, tendo em vista que o narrar-se é uma expressão do poder do indivíduo sobre ele mesmo, que interfere na transformação de si, bem como nos possíveis processos de cuidado com o outro. Ela é, por meio dos convites narrativos do entrevistador, um dos instrumentos que permitem que o ser vá em direção ao seu eu, quando se tem a si como objetivo. Desse modo, acreditamos que o sujeito contemporâneo, de alguma forma, pode ser lido pelo que, segundo Foucault, seria o tema geral da conversão helenístico-romana, o “volver o olhar para si mesmo”.³⁴ Esse olhar é ainda um olhar para a realidade que leva em conta o “nós”, pois, como pontua Leonor Arfuch em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, “não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade”.³⁵

1.1 Metodologia

A pesquisa a qual subsidiou esta dissertação foi de natureza aplicada e teve abordagem qualitativa. Coletamos e transcrevemos narrativas de sete pessoas, duas mulheres e cinco homens, adultos, que estão ou já estiveram em situação de rua na cidade de Belo Horizonte. Procuramos compreender o cuidado de si a partir de Foucault, relacionando-o à teoria dos

³² MACHADO. Narrativa de vida e construção da identidade, p. 130.

³³ MACHADO. Narrativa de vida e construção da identidade, p. 130.

³⁴ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 10 de fevereiro de 1982, p. 268.

³⁵ ARFUCH. Entre o público e o privado: contornos da interioridade, p. 100.

afetos de Spinoza, e ainda sob o auxílio de Zygmunt Bauman, Gilles Deleuze, Friedrich Nietzsche e alguns comentadores.

A escolha desse *corpus* se baseou na vontade de fazer aquele “algo a mais” citado no início, com o entendimento de que seria não apenas possível mas relevante escutar quem quisesse e pudesse narrar sobre si mesmo. Optamos por entrevistar pessoas que no momento da entrevista estivessem sóbrias. E nenhum dos voluntários convidados a participar desta pesquisa fugiu a esse requisito. Após a entrevista preliminar com Lúcia, que estava em situação de rua, conhecemos outras pessoas que não mais se apresentavam nessa condição. A partir desses encontros, consideramos que seria também relevante coletar narrativas de ex-moradores de rua, a fim de entender se essa mudança de *status* poderia fornecer outras informações no que se refere ao cuidado de si e à liberdade das pessoas que se abrigam nas ruas.

Foram utilizados critérios de ética em pesquisa com seres humanos, conforme a *Resolução nº 196/96*³⁶ do Conselho Nacional de Saúde. Com base nesse documento, a pesquisadora informou aos participantes sobre os objetivos, métodos e intenções de usos da pesquisa, bem como as implicações da participação de cada um. Os entrevistados participaram de maneira voluntária, livre de qualquer coerção, prejuízos ou danos, tal como esclarece o nosso termo de consentimento.³⁷ Nesse sentido, a pesquisadora também se encarregou de assegurar a imparcialidade e o sigilo quanto às informações e identidades dos voluntários. Adicionamos informações que julgamos pertinentes, entre colchetes, como nomes fictícios no lugar dos que foram mencionados. Ocultamos alguns dados ao longo das transcrições, como a maioria dos nomes e apelidos dos entrevistados e de terceiros que poderiam ser identificados por meio das entrevistas.

Os instrumentos de coleta do *corpus* foram pautados pelos seguintes procedimentos: a. Elaboração de roteiro³⁸ com vinte e três questões para entrevista preliminar. b. Realização de entrevista preliminar semiestruturada com Lúcia (que na época estava em situação de rua) gravada em arquivo de áudio, no Parque Municipal de Belo Horizonte. c. Reelaboração do roteiro³⁹ da entrevista semiestruturada para pessoas em situação de rua e ex-moradores de rua, contendo apenas uma questão sobre a trajetória de vida do indivíduo que seria entrevistado. d. Realização, com base no segundo roteiro elaborado, de seis entrevistas semiestruturadas, gravadas em arquivo de áudio, na região hospitalar e na Pastoral de Rua de Belo Horizonte,

³⁶ BRASIL. *Resolução nº 196/96*.

³⁷ APÊNDICE C – Termo de consentimento.

³⁸ APÊNDICE A – Roteiro da entrevista preliminar.

³⁹ APÊNDICE B – Roteiro após a entrevista preliminar.

com seis pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa, sendo três em situação de rua e três que já estiveram nessa condição (ex-moradores de rua).

Investigamos nas narrativas coletadas e transcritas os indícios de uma possível liberdade dos afetos, ou seja, de momentos em que os entrevistados narravam atitudes de maior cuidado de si. Buscamos identificar se as narrativas apresentavam situações que apontassem para mudanças de percepção dos participantes sobre si e/ou sobre as próprias condições de vida, principalmente que pudessem se referir à sua liberdade.

No que tange ao roteiro da entrevista preliminar, esperávamos coletar informações acerca da história de vida e de alguns aspectos do cotidiano das pessoas em situação de rua, bem como entender o significado desta pesquisa para os entrevistados. Após a entrevista preliminar, consideramos não nos ser mais relevante, para esses objetivos, usarmos um roteiro com várias questões. À luz de Gilles Deleuze e Claire Parnet na obra *Diálogos*, entendemos que uma entrevista aos moldes de uma conversa poderia “ao invés de regular, reconhecer e julgar”,⁴⁰ nos fazer devir junto aos entrevistados. O devir, nas narrativas, como pontuam Vivien Kelling Cardonetti, e Marilda Oliveira de Oliveira, em *Pesquisa Narrativa*, pode nos convidar à vivência de “movimentos imprevisíveis, paradas repentinas, silêncios constrangedores e criações ainda não imaginadas”.⁴¹ Isso não anulou a nossa tentativa de reconhecer e regular noções e conceitos ao longo de cada entrevista. Assim, optamos por usar uma única questão preestabelecida (qual era a história de vida de cada um), uma vez que gostaríamos de perceber o cuidado de si nas narrativas por meio de encontros⁴² que pudessem favorecer o nosso acesso às multiplicidades, ir além das ideias já construídas acerca das pessoas que estão ou que já estiveram em situação de rua.

Esperamos que este trabalho possa trazer compreensões acerca da liberdade, bem como do cuidado de si na história de vida de pessoas que estão e/ou já estiveram em situação de rua na cidade de Belo Horizonte, como também fornecer condições para outros devires, tanto nos participantes, como em nós, membros da comunidade acadêmica. Enquanto coprodutores uns dos outros, à medida que compreendermos o cuidado de si identificando possíveis condições de liberdade em pessoas desse grupo social, poderemos tecer outros olhares sobre nós mesmos, como também sobre a os nossos elos com a população em situação de rua.

⁴⁰ DELEUZE; PARNET. Uma conversa, o que é, para que serve?, p. 16.

⁴¹ CARDONETTI, OLIVEIRA. Pesquisa e compartilhamentos entre narrativas fílmicas e experiência educativa, p. 283.

⁴² Gilles Deleuze, em *Espinosa e o problema da expressão*, discorre acerca de dois tipos de encontros, os bons e os ruins, que ocorrem de modo análogo às variações da potência de agir. Ou seja, um bom encontro corresponde a um aumento da potência de agir, enquanto o ruim, à sua diminuição.

CAPÍTULO PRIMEIRO

OS AFETOS PASSIVOS E O CUIDADO DE SI

*E, antes de aprender a ser livre,
tudo eu aguentava – só para não ser livre.*

Clarice Lispector. *A descoberta do mundo.*

Neste capítulo, analisaremos expressões de determinados afetos passivos nas narrativas de alguns dos nossos entrevistados, na tentativa de entender se tais afetos contrariam ou não o exercício do cuidado de si. Benedictus de Spinoza, em sua obra *Ética*, publicada primeiramente em 1677, afirma que os afetos são entendidos por meio das afecções do corpo, pelas quais a nossa “potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada”.⁴³ As afecções condizem, portanto, aos momentos em que somos impactados pelas causas exteriores a nós. Quando “a mente é tomada por algum afeto, o corpo é simultaneamente”⁴⁴ tomado “de uma afecção por meio da qual a sua potência de agir é aumentada ou diminuída”.⁴⁵ Marcos André Gleizer, em *Espinosa & a afetividade humana*, pontua que “todo afeto é uma afecção”, mas “nem toda afecção é um afeto”,⁴⁶ haja vista que as afecções neutras não possuem dimensões afetivas, não variando, portanto, a potência de agir.⁴⁷ Contudo, todos os afetos se expressam por meio de alguma potência. Os afetos são tanto “as afecções que alteram a potência de agir do corpo, quanto as idéias dessas afecções que alteram a potência de agir da alma, isto é, sua potência de pensar”.⁴⁸ Isso, porque “a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a qual é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. Disso resulta que a ordem ou a concatenação das coisas é uma só”.⁴⁹ Diante do exposto, os afetos passivos são compreendidos pela diminuição e desaceleração da potência de agir e pensar⁵⁰ e os ativos, pelo seu aumento e estímulo dessas potências. Esses afetos não são frutos de uma comparação “entre o estado inicial e o final”,⁵¹ “mas a experiência vivida de uma transição, de um aumento ou diminuição de nossa

⁴³ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições), p. 98.

⁴⁴ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 7), p. 162.

⁴⁵ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 7), p. 162.

⁴⁶ GLEIZER. *Espinosa & a afetividade humana*, p. 35.

⁴⁷ GLEIZER. *Espinosa & a afetividade humana*, p. 35.

⁴⁸ GLEIZER. *Espinosa & a afetividade humana*, p. 33-34.

⁴⁹ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 2), p. 100.

⁵⁰ “[...] o esforço, da mente, ou a sua potência de pensar, é, por natureza, igual e simultâneo ao esforço do corpo, ou à sua potência de agir”. SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 28), p. 117.

⁵¹ GLEIZER. *Espinosa & a afetividade humana*, p. 36.

vitalidade”.⁵² Assim, quando a mente é tomada de algum afeto, o corpo é, simultaneamente, afetado de uma afecção por meio da qual a sua potência de agir é aumentada ou diminuída.

“Além disso, esta afecção do corpo [...] recebe de sua própria causa a força para perseverar em seu próprio ser”.⁵³ Força ou esforço, que é nomeado como *conatus*⁵⁴ dentro da perspectiva da filosofia de Spinoza. Wolfgang Bartuschat, em sua obra *Espinosa*, esclarece que o *conatus* é uma força não apenas para a autoconservação, mas também para o autocrescimento, porque além de “procurar manter o próprio ser (*in suo esse*), isto é, a própria potência, contra algo externo”,⁵⁵ sua atividade o leva a uma “extensão diversa de ação e de padecimento”.⁵⁶ Isso quer dizer que no aumento ou diminuição da potência de agir há sempre uma extensão, no sentido de um autocrescimento do indivíduo, elemento esse que será rediscutido ao final deste capítulo. O *conatus* se entrelaça a distintas potências dos afetos, da ação ao padecimento, como podemos verificar pelas considerações de Spinoza:

E como a essência da mente consiste [...] em afirmar a existência atual de seu corpo, e como por perfeição compreendemos a própria essência de uma coisa, segue-se que a mente passa a uma maior ou menor perfeição, quando lhe acontece afirmar de seu corpo, ou se qualquer de suas partes, algo que envolve mais ou menos realidade do que antes.⁵⁷

Pelo trecho acima compreendemos que a maior ou menor perfeição pelas quais passamos, por meio dos afetos e afecções, se pautam nos modos como acessamos a realidade, no que tange aos entrelaçamentos com os corpos com os quais fazemos contato. Esse afirmar a existência é ainda a não negação dessas conexões, como também a não negação da nossa própria essência. Os afetos passivos envolvem, portanto, uma menor afirmação da realidade, enquanto os ativos uma maior afirmação. Isso porque, “quanto mais cada um se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude” e, “à medida que alguém se descuida de conservar o seu ser, é impotente”.⁵⁸ Como esclarece Spinoza, na Quarta Parte da *Ética*, virtude “é a própria potência humana, que é definida exclusivamente pela essência do

⁵² GLEIZER. *Espinosa & a afetividade humana*, p. 36.

⁵³ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 7), p. 162.

⁵⁴ Segundo o *Dicionário de Filosofia* de José Ferrater Mora, Aristóteles também utilizou do termo no sentido de esforço e, nesse caso, “para designar um agir segundo a Natureza e, especificamente, um agir correspondente a um impulso natural”. O conceito de conato, uma variante do *conatus*, também “desempenhou um papel importante em vários autores modernos”, como “Hobbes, Leibniz e Spinoza”. MORA. *Dicionário de Filosofia*, p. 518. De acordo com o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano, a conação esteve presente no Renascimento enquanto instinto ou “tendência de todo ser à própria conservação”. ABBAGNANO. *Dicionário de Filosofia*, p. 194.

⁵⁵ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 80.

⁵⁶ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 80.

⁵⁷ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definição geral dos afetos), p. 152.

⁵⁸ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 20), p. 170.

homem”.⁵⁹ No entanto, mesmo que o indivíduo vivencie a diminuição da força pela qual “se esforça por perseverar em seu ser”,⁶⁰ a existência do *conatus* sempre se fará presente, em maior ou menor intensidade e os afetos se expressarão por meio de certa potência, pela diminuição ou aumento da potência de agir. E o *conatus* ou “a potência de uma coisa qualquer, [...] nada mais é do que sua essência”,⁶¹ que se liga à construção das ideias adequadas e inadequadas.

Essência, natureza, virtude e potência, considerando o indivíduo, se referem a uma mesma instância, segundo a *Ética* de Spinoza.⁶² Entendemos ainda que o desejo é “a essência do homem [...], isto é [...], o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser”.⁶³ Desse modo, a essência (ou natureza) do homem pode se apresentar ora por virtude, ora por desejo, ou *conatus*, a depender das especificidades que envolvem esses conceitos, que serão apontadas ao longo desta dissertação. Por essência da mente consideramos a potência que se traduz pelo pensamento,⁶⁴ que envolve ideias, isto é, modos distintos do homem compreender a Natureza⁶⁵.

A essência da mente é constituída de ideias adequadas e de idéias inadequadas [...]. Ela se esforça, pois [...], por perseverar em seu ser, quer enquanto tem as últimas, quer enquanto tem as primeiras, o que ocorre [...] por uma duração indefinida. Ora, como a mente, por meio das idéias das afecções do corpo, está necessariamente consciente de si mesma [...], ela está consciente, portanto [...], do seu esforço.⁶⁶

As ideias inadequadas, mutiladas ou confusas são, para Spinoza, aquilo que remete a certa privação do conhecimento. Um exemplo que ele nos traz é quando “os homens enganam-se ao se julgarem livres, julgamento a que chegam apenas porque estão conscientes de suas ações, mas ignoram as causas pelas quais são determinados”.⁶⁷ E nesse estado, em que se prevalecem as ideias confusas ou inadequadas, vemos a generalização ou a redução dos fenômenos. Isso porque “os homens têm o hábito de formar idéias universais [...], idéias que tomam como modelos”,⁶⁸ reduzindo, por exemplo, “todos os indivíduos da natureza a um

⁵⁹ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 20), p. 170.

⁶⁰ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 37), p. 123.

⁶¹ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 7), p. 105.

⁶² SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte).

⁶³ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 39), p. 168.

⁶⁴ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 9).

⁶⁵ Spinoza compreende Deus como Natureza, “um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos”. SPINOZA. *Ética* (Primeira Parte. Definições), p. 13. ESPINOSA. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*.

⁶⁶ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 9), p. 106.

⁶⁷ SPINOZA. *Ética* (Segunda Parte. Proposição 35), p. 77.

⁶⁸ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Prefácio), p. 156.

único gênero”.⁶⁹ As ideias adequadas, claras ou distintas são, por sua vez, relacionadas aos momentos de ação da nossa mente, pois, “quanto mais ideias adequadas tem, tanto mais ela age”.⁷⁰ Assim, “as ações da mente provêm exclusivamente das idéias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das idéias inadequadas”.⁷¹ As paixões para Spinoza referem-se “à mente enquanto ela tem algo que envolve uma negação, ou seja, enquanto ela é considerada como uma parte da natureza, a qual, por si só, sem as outras partes, não pode ser percebida clara e distintamente”.⁷² Gilles Deleuze em *Espinosa e o problema da expressão*, pontua que “enquanto somos afetados por paixões, não temos a posse formal de nossa potência de agir”,⁷³ justamente porque não compreendemos de modo claro a Natureza divina. Isso, porque “a nossa mente, à medida que concebe a si mesma e seu corpo sob a perspectiva da eternidade, tem, necessariamente, o conhecimento de Deus”.⁷⁴ E quando somos afetados por paixões, afetos passivos, não vivenciamos as ideias mais potentes que, por sua vez, envolvem a eternidade. Assim, quanto mais compreendermos a Natureza, maior será a nossa potência de agir e acesso às ideias que não nos constroem às efemeridades do existir.

Nota-se, então, que existem distintas potências dos afetos. Tal como esclarece Charles Ramond em sua obra *Vocabulário de Espinosa*, há a potência que nos leva à servidão, relacionada aos afetos passivos, às paixões e às ideias inadequadas e aquela que concerne aos afetos ativos e às ideias adequadas, que nos conduzem à beatitude, à liberdade.⁷⁵ Nesse sentido, vemos em Spinoza, na Terceira Parte da *Ética*, que as mudanças pelas quais a mente passa conduzem “ora a uma perfeição maior, ora a uma menor”,⁷⁶ estão ligadas à alegria e à tristeza, respectivamente. Os afetos passivos, sobre os quais nos atentaremos neste capítulo, são os mais voltados à desaceleração da potência de pensar e agir. Spinoza nos diz que a tristeza “é o ato pelo qual a potência de agir do homem é diminuída e refreada”.⁷⁷ Sendo assim, os afetos passivos existem à medida que estabelecemos, em nossa mente, negações acerca da nossa realidade, dos entrelaçamentos e contatos que estabelecemos com outros corpos. À vista disso, “a potência dos afetos passivos nos leva à servidão, ao passo que a dos

⁶⁹ SPINOZA. *Ética* Quarta Parte. Prefácio), p. 157.

⁷⁰ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 1), p. 100.

⁷¹ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 3), p. 104.

⁷² SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 3), p. 104.

⁷³ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 306.

⁷⁴ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 30), p. 230.

⁷⁵ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*.

⁷⁶ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 11), p. 107.

⁷⁷ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 141.

afetos ativos nos leva, paradoxalmente, à liberdade, ou seja, à virtude, à beatitude ou à salvação”.⁷⁸

Para Spinoza, servidão é o estado de uma momentânea “impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu comando, mas sob o do acaso”,⁷⁹ desconhecendo as causas de seus apetites.⁸⁰ Marilena Chaui explica, em outras palavras, em *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*, volume 2, que essa impotência é de quem “está sob o domínio de um poderio impetuoso e violento, exposto e arrastado por ele: as forças dos afetos”.⁸¹ Na mesma obra, apresenta algumas características desse estado servil:

Temos o quadro inicial da servidão humana. Aquele que, por impotência, deixa de estar *sui juris* para ficar sob o poderio de uma outra força experimenta quatro situações simultâneas: a da alienação (está *alienus juris*, ou, como prefere Espinosa, *alterius juris*); a da contrariedade (vendo o melhor, sente-se coagido a fazer o pior para si); a da violência (estando sob a força dos afetos, é arrastado ao pior mesmo que imagine desejar o melhor); e a fraqueza (perda de direitos e poderes, sujeição).⁸²

Acreditamos que essas divisões são interdependentes. Sendo assim, as características da servidão se expressam de modo interconectado, na complexa tecitura das relações entre indivíduo e sociedade. No entanto, na tentativa de entendê-las separadamente, compreendemos que a situação da alienação é quando, sob o poderio da fortuna, ficamos submetidos “àquelas coisas que não estão sob nosso poder, isto é, que não se seguem de nossa natureza”.⁸³ A contrariedade é o estado de constrangimento quando, mesmo percebendo a possibilidade de aumentar a nossa potência de agir, nos conduzimos à diminuição dessa potência, fazendo o que seria o pior (viver a diminuição do poder de afetar e ser afetado, ou então mesmo quando aumentada a nossa potência de agir, não vivenciamos de fato um afeto ativo). A violência, se aproxima à condição de nos violentarmos por sermos pouco congruentes com nossa essência. Assim, ficamos sob o comando de ideias inadequadas, como “ondas do mar agitadas pelos ventos contrários”,⁸⁴ sendo “jogados de um lado para o outro”,⁸⁵ mesmo quando acreditamos querer o aumento de nossa potência de agir. E a fraqueza, por sua vez, é por nós compreendida pela situação de impotência do indivíduo diante das causas

⁷⁸ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*, p. 19.

⁷⁹ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Prefácio), p. 155.

⁸⁰ Os apetites são os esforços que revelam a essência do ser, àquilo que se relaciona simultaneamente ao seu corpo e mente. SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 9).

⁸¹ CHAUI. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*, p. 384.

⁸² CHAUI. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*, p. 385.

⁸³ SPINOZA. *Ética* (Segunda parte. Proposição 49), p. 94.

⁸⁴ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 59), p. 139.

⁸⁵ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 59), p. 139.

exteriores, o que o leva à sujeição a essas forças e ao padecimento da mente e do corpo. Diante do exposto, trataremos neste capítulo alguns dos modos de existir que perpassam pelo primeiro gênero de conhecimento descrito por Spinoza, que é constituído pelas ideias inadequadas e afetos passivos ou paixões, que levam o ser a crer na impossibilidade de novas tecituras nas situações traçadas por ele mesmo.

Ramond pontua que os “gêneros de conhecimento” são “graus de uma única e mesma atividade”,⁸⁶ isto é, o conhecimento da Natureza divina. Atividade essa que também perpassa pelo processo de conhecimento de si e do outro, o que é análogo ao de compreensão dos vínculos entre indivíduo e Natureza. O primeiro gênero de conhecimento (“indução”)⁸⁷ é aquilo que Spinoza se refere como “opinião ou imaginação”.⁸⁸ Trata-se de uma experiência vaga, ou seja, um conhecimento a partir da ideia da ideia. Isso ocorre quando “nos recordamos das coisas e delas formamos idéias semelhantes por meio das quais imaginamos as coisas”.⁸⁹ Trata-se, portanto, de um entendimento mutilado e confuso, por meio de signos. O conhecimento pela ideia da ideia de uma afecção não concorda adequadamente com a essência do indivíduo, com a natureza de sua mente e corpo, bem como do que lhe é exterior. É um modo limitado de compreender o que se passa em sua intimidade e o que está ao seu redor. E por isso, o indivíduo, não compreendendo a si e ao outro, deixa de viver e exercer um caminho em prol da liberdade. Como bem nos esclarece Deleuze, esse gênero representa os modos como “percebo os objetos ao acaso dos encontros, segundo o efeito que eles têm sobre mim”.⁹⁰ Trata-se de uma identificação do efeito, mas não a compreensão das causas e, por isso, o “pensamento permanece inadequado, [...] não explicado”.⁹¹ Isso quer dizer que o indivíduo ainda não é detentor do conhecimento sobre aquilo que passa sobre si, as causas dos seus apetites e volições. E ele, à vista disso, mais se constrange do que age. Ou seja, vive como se os “ventos externos” fossem contrários à sua natureza (como não se pudesse afirmar tal realidade) e, assim, se padece, como ondas do mar agitadas ao “acaso dos encontros”.

2.1 Um olhar sobre o temor, o medo e a esperança

⁸⁶ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*, p. 29.

⁸⁷ Ramond trata por “indução” o primeiro gênero de conhecimento, termo que também utilizaremos nesta pesquisa. RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*.

⁸⁸ Na *Ética*, Spinoza denomina mais especificamente a “imaginação”, definindo-a como a “ideia que indica mais o estado presente do corpo do que a natureza do corpo exterior, [...] confusamente”. SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 1), p. 159-160.

⁸⁹ SPINOZA. *Ética* (Segunda Parte. Proposição 40), p. 81.

⁹⁰ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 323.

⁹¹ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 324.

Na Terceira Parte da *Ética*, Spinoza argumenta que o temor é “o afeto que deixa o homem numa situação tal que ele não quer o que quer e quer o que não quer”.⁹² Outra definição é a de que o temor “é o desejo de evitar, mediante um mal menor, um mal maior, que temeremos”,⁹³ o que “não é senão o medo, à medida que deixa o homem numa situação tal que ele evita, em troca de um mal menor, um mal que julga estar por vir”.⁹⁴ Nessa parte da *Ética*, evidenciam-se alguns temores, como o pudor, o pavor e o medo, mas será sobre este último que nos atentaremos. Para Spinoza, o medo “é uma tristeza instável, surgida da idéia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida”,⁹⁵ tal como parece evidenciado em algumas narrativas de Leandro e Ricardo, dois de nossos entrevistados.

Leandro foi entrevistado por uma hora e sete minutos no Parque Municipal de Belo Horizonte, na manhã do dia 25 de março de 2018. Estima-se que naquele momento ele tinha cerca de trinta e sete anos. Nascido na região metropolitana de Belo Horizonte, foi criado pela avó. Alegou ter sido usuário de drogas desde os doze anos de idade. Casou-se, divorciou-se e é pai de uma jovem adolescente. Relatou ter trabalhado por alguns anos em tanatopraxia (técnica de embalsamento de cadáveres) e ter perdido o emprego depois de uma de suas recaídas na droga. Desde então mora nas ruas.

Considerando as ideias de incerteza que envolvem o medo, começaremos a analisar a fala de Leandro a partir do trecho a seguir: “Eu tenho medo de não ter alguém do meu lado quando, quando eu tiver no fim da minha vida. Eu ficar jogado pras tralha, no caso, morrer num hospital, sem um acompanhante. Esse é o meu medo. E eu tô cultivando uma pessoa aí, por causa disso”.⁹⁶ Esse medo de “morrer sozinho” de Leandro refere-se à dúvida de não ser olhado e cuidado por um conhecido, alguém que não seja “institucional”, que possa reconhecê-lo e, de certa forma, amá-lo, questão que pode ser percebida também pela seguinte fala:

Eu não quero ser jogado num buraco sem não ter ninguém para olhar mim. Na hora que eu tiver ali no caixão, não quero olhar de prefeitura, de motorista que não me conhece. Eu quero ter uma pessoa que tiver olhando para o meu ser semblante e falar: “Foi amado, foi respeitado, convivi. Uma pessoa boa, do coração bõo. Humilde. Teve os defeitos da vida dele. Mas, né? Viveu, vamos descansar, sepultar ele. Na medida, da forma que ele merece, com dignidade”.⁹⁷

⁹² SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 39), p. 125.

⁹³ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 150.

⁹⁴ SPINOZA. *Ética* (Terceira parte. Proposição 39), p. 125.

⁹⁵ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 144.

⁹⁶ APÊNDICE G – Entrevista com Leandro, p. 116.

⁹⁷ APÊNDICE G – Entrevista com Leandro, p. 116.

Essa dúvida é ainda o receio de não se ver por meio do olhar do outro como seu corpo e sua mente apeteriam, um olhar que enaltece, regido sob a esperança de que foi amado. A esperança é, então, essa “alegria instável”, que também surgiu “da idéia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização” se tem “alguma dúvida”.⁹⁸ Assim, “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”.⁹⁹ E esse medo é o reflexo de quando o indivíduo resiste ao contato com algo mais profundo, um olhar de si para si mesmo. Na busca pelo reconhecimento de outrem, Leandro se distancia de sua essência, sob a crença impossível de ter certeza daquilo que nunca se poderá saber (aqui observamos a alienação, enquanto aspecto da servidão, haja vista o aprisionamento do indivíduo à fortuna). E mesmo se, enquanto morto pudesse ter essa “certeza”, há de se pensar se seria essa a afirmativa que seu ser realmente necessitava. Afinal, como citado,

o afeto que deixa o homem numa situação tal que ele não quer o que quer e quer o que não quer chama-se temor, o qual, portanto, não é senão, o medo, à medida que deixa o homem numa situação tal que ele evita, em troca de um mal menor, um mal que julga estar por vir.¹⁰⁰

Isso quer dizer que Leandro buscou um mal menor, ao querer “não morrer só”, pois à medida que ignorava a causa de seus apetites, queria o que não lhe apeteceia (a impossível certeza, como morto, do reconhecimento de outrem para com ele), ao mesmo tempo em que não desejava o que queria (perceber o reconhecimento de outrem para com ele em vida), fato que se evidencia ainda pela sua fala neste trecho:

Porque, independente de qualquer coisa, é, é, é... pelo menos pra mim num, tenha um velório, que seja uma pessoa, mas, que seja só ela. Eu creio que não vai ser só ela. Que ela já tem uma lista de, de, de nome que já e eu falei com ela: “O dia que eu descansar, **eu só quero que nem que ninguém vá, mas pelo menos me avisa**”. Meu tio fala, meu tio sempre prezou isso pra mim. Falou: “Negão, você acha que você vai morrer sozinho, mas não vai, cara”.¹⁰¹

Na frase em negrito é exposto, portanto, o paradoxo desse temor que em instantes se apresentava como um “medo de morrer sozinho” e que se revelou também como um medo de viver sem o aviso (o reconhecimento do afeto, “do amor”) daqueles com quem possui algum vínculo “familiar”. Acreditava-se querer a morte, na esperança de ver aquilo que duvidava poder vivenciar em vida. E sob a dúvida se haveria ou não de morrer sem o reconhecimento,

⁹⁸ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 143.

⁹⁹ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 144.

¹⁰⁰ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 39), p. 125.

¹⁰¹ APÊNDICE G – Entrevista com Leandro, p. 116, grifos nossos.

queria não que alguém fosse ao seu velório, mas sim que o encontrassem em vida, para lhe assegurar, como o tio fez, avisando-o de que foi querido e não abandonado, aspecto esse que pode ser percebido também pelo seguinte trecho: “É pra saber que eu fui amado, fui respeitado e eu sempre soube disso. Né? Porque eu venho de família. Não sou defunto sem choro. Eu tenho uma índole, eu tenho uma, uma geração. Eu venho de uma família. Né? Eu tenho sangue”.¹⁰² Mas esse aviso do tio, bem como o saber que foi amado e respeitado, não foram as respostas para a sua real questão, pois o querer ser amado permaneceu, embora já se tivesse a resposta para a aparente dúvida. Vemos então que um problema foi tecido para a sua não resolução, em uma fuga de Leandro de si mesmo. Identificamos nessa parte a situação de fraqueza, quando o indivíduo se perde na trama que não soluciona a sua dor, condicionando-se a uma perfeição menor, pela passividade dos afetos.

Uma vez que o cuidar-se envolve o ocupar-se de si mesmo, ele requer em alguns contextos que o indivíduo se aproprie das reais causas que o dispõe a ter suas vontades e apetites. No entanto, Leandro não tinha esse conhecimento adequado e, diante disso, ignorava os motivos que o inspiraram a não querer morrer só, acreditando que a solução estava no exterior, nos “ventos contrários”, supondo que o outro pudesse lhe dar o impossível. Indiferente a determinados aspectos de si, não se deu conta da inviabilidade do seu querer e buscava, no medo e na esperança, os meios do seu existir, constringendo-se por uma trama dolorosa de vontades. O seu aprisionamento foi também a dependência à esperança do olhar do outro, do reconhecimento do outro, como se esse ser de fora pudesse suprir o equívoco que criou para si. Desse modo, Leandro se deu conta de cogitar o afeto que viria do exterior, mas não de considerar o olhar afetivo de si para si próprio, isto é, que ele mesmo poderia reconhecê-lo do modo que almejava. Não cogitou que ele mesmo pudesse amá-lo, acessando outro saber sobre si. À vista disso, questionamos: por que Leandro preferiu a dúvida equivocada da salvação vinda de fora? Por que Leandro se negou à própria salvação, evitando se reconectar de modo mais efetivo com o seu próprio ser? Sem condições ainda de respondermos a tais questões, estudaremos outras experiências que envolvem o medo e a esperança.

Ricardo, outro de nossos entrevistados, também nos apresentou o seu temor, essa dificuldade de ocupar-se de si, evidenciada a partir de sonhos, sob os aspectos que ele acreditava fazê-lo querer viver. A entrevista de Ricardo se estendeu por aproximadamente duas horas e quarenta e um minutos, sendo realizada na Pastoral de Rua, no bairro Lagoinha

¹⁰² APÊNDICE G – Entrevista com Leandro, p. 116.

em Belo Horizonte, na tarde do dia 13 de abril de 2018. O entrevistado relatou ter cerca de 42 anos de idade e ser migrante do estado da Bahia. Contou que aos três meses de idade foi adotado e retornou tempos depois para sua família biológica, fugindo de casa aos 15 anos. Costuma fazer bicos e viajar de bicicleta, retornando com frequência para a capital mineira.

Após a pergunta da entrevistadora “[...] o que te faz assim ter essa força de querer viver?”,¹⁰³ ele respondeu:

É tentar manter o meu sonho vivo o máximo que eu puder, que é ter uma família. Ter... minha casa. Ter... meu emprego. Minha bicicleta. E ter, assim, mostrar para o meu filho que a vida você tem que dar valor do que você ganha, porque eu tive casa, eu tive uma família, mas, infelizmente, não consegui conviver, porque meus irmãos usavam drogas. Então, eles se achavam no direito, que eu sendo mais novo chegado no meio da família, não tinha o direito de... de ter as coisas que eles tinham. Então, por esse meio eu, por minha conta eu falei: “Não, vou ter que sair, vou me virar. Vou mostrar para eles que eu posso me levantar”.¹⁰⁴

Os sonhos são para Ricardo tal como as esperanças, alegrias instáveis, que surgem da ideia de algo no futuro ou passado de que se tem alguma dúvida. Como “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”,¹⁰⁵ Ricardo nos revela suas inseguranças que, juntamente com o medo, dificultaram o retorno para si mesmo. Sob o apego ao olhar do outro, quis mostrar-se aos irmãos, à família, que poderia se levantar. Inseguro de si, apegara-se àqueles que acreditou serem capazes de lhe dar a aprovação e o reconhecimento de sua força. Nesse caso vemos outro exemplo da alienação, dentro da servidão dos afetos, porque o indivíduo se prendeu àquilo que não pôde controlar, como o olhar do outro sobre si. Ricardo também supôs que a sua dificuldade de conviver com os irmãos foi em decorrência da dependência química desses. No entanto, ignorava os motivos que o fizeram manifestar sua dificuldade em lidar com tais circunstâncias. Assim, seu sonho se aliou à insegurança, por meio da dependência de diversos fatores externos, sob a premissa de que se é muito pequeno e frágil para levantar-se, como notamos em sua narrativa a seguir.

É, porque eu vejo assim: eu tô na rua, mas pera aí. Eu vou beber? Eu vou fumar? Eu vou usar droga? Eu vou deixar minha esperança para trás só porque eu caí na rua? Não, se eu caí na rua eu tenho que aprender a me levantar. Igual recém-nascido. Ele cai, mas ele vai e tenta se levantar, fica em pé até dar os primeiros passos. Muitas vezes aparece um adulto e dá a mão para ele. “Não, venha, vou te ajudar a andar”. Assim é quem mora na rua. A gente caiu. Vai engatinhando. A gente tenta se levantar. De repente alguém: “Não, eu vou botar fé nesse morador de rua aí. Eu vou ajudar ele”. Aí dá a mão; um emprego; te chama para trabalhar. Alguém: “Não, vem morar comigo”. Ou outros: “Ó, vou te dar isso aqui para você começar o seu

¹⁰³ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 122.

¹⁰⁴ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 122.

¹⁰⁵ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 144.

negócio”. É isso que a gente espera, que alguém veja a gente como ser humano. Não como monstro, ou como um objeto, assim: “Ah, eu vou trazer aquele morador de rua só para fazer essa faxinazinha aqui e pronto”.¹⁰⁶

Por meio dessa fala, pensamos que diante da dificuldade do cuidado de nós mesmos, nos apegamos recorrentemente às incertezas da vida, como o olhar e o auxílio que desejamos do outro. Semelhante à maioria de nós, Ricardo se apegou à esperança de que alguém lhe visse, não como monstro ou como objeto, mas como ser humano, talvez o ser humano que ainda não era capaz de perceber e acreditar ser, pois não estava liberto de determinadas paixões passivas. E por não ter vivenciado isso, colocou outrem incerto no poder, acreditando e duvidando de si e de um possível outro alguém, pois, para ele,

Ninguém chegou para uma pessoa de rua: “Aqui, você tem vontade de morar em Minas?”. “Tenho”. “Que que você prete, que que você sonha, então?”. “Ó, eu sonho em ter minha casinha, um emprego e uma família. Sair da condição de morador de rua pra um cidadão mineiro”. “Ah, mas você é baiano?”. “Mais e daí? Eu tô aqui desde noventa. Já me considero mineiro.”¹⁰⁷

Observamos que o entrevistado se considera cidadão mineiro, mas ao mesmo tempo acredita que precisa obter condições que lhe assegurem nessa posição. Ora, o medo é quando o homem se coloca em dada situação preferindo, em troca, “um mal menor, um mal que julga estar por vir”.¹⁰⁸ Ricardo se coloca na situação de dependente da certificação de outrem, como se dissesse a si mesmo que seria preferível manter-se dependente da aprovação de outra pessoa (um mal menor) do que libertar-se (um mal maior). Diante disso, na esteira de Zygmunt Bauman, nos lembramos da Odisseia, da história dos marinheiros que resistiram desesperadamente à ação libertadora de Ulisses. No livro *Modernidade Líquida*, Bauman discorre, por outros termos, sobre esse anseio pela não liberdade, quando, em citação a tal obra, narra a passagem dos marinheiros que foram transformados em porcos por meio de um feitiço de Circe e, tendo a chance de voltar à forma humana, resistiram desesperadamente à ação libertadora de Ulisses.¹⁰⁹ Diante disso, ele questiona: “A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou uma bênção temida como maldição?”.¹¹⁰ Evitando algo que acreditava ser um mal maior, Ricardo preferiu o aprisionamento, o qual considerava melhor, resistindo à ação libertadora que ele próprio poderia lhe condicionar, um maior cuidado de si mesmo. Preferiu acreditar ser, até certo

¹⁰⁶ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 124.

¹⁰⁷ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 125.

¹⁰⁸ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 39), p. 125.

¹⁰⁹ BAUMAN. *Modernidade líquida*.

¹¹⁰ BAUMAN. *Modernidade líquida*, p. 26.

ponto, pequeno, um bebê diante da vida, diante de sua essência, na esperança de permanecer grande diante da sociedade, por meio da “Universidade Federal da Rua”, tal como vemos na fala que se segue:

Um cidadão que tem um título eleitoral, que tem identidade, que tem nacionalidade. Sou brasileiro com muito orgulho e me vejo assim, como uma forma um pouco superior do que aqueles inteligentes, intelectuais. Porque um intelectual senta na mesa e fica só lendo livro. Tudo que você perguntar está na ponta da língua [o entrevistado deu um tapa na sua mão]. Ou, até mesmo pelo... um rico que vai em altas universidades. Paga bilhões para se formar. Tem muitos diplomas, assim, na parede, mas não tem o diploma principal, que é a Universidade Federal da Rua. Essa é a maior universidade que se aprende. Não é estudando, não é eu estudando você numa academia de letras, não é eu estudando você através de um livro. É eu vivendo aquilo. Esse é a verdadeira universidade, que você consegue aprender e descobrir o porquê daquela situação. Eu tenho esse diploma, da Universidade Federal da Rua. Eu me orgulho dela, porque eu não cai, eu nunca fui rebaixado nas provas da rua. Muitos foram rebaixados. Tá no mundo das drogas, tá bebendo, tá se prostituindo, porque não deram conta de enfrentar o professor da rua. Que o professor da rua ele é carrasco. Ou você aprende por bem, ou você aprende por mal.¹¹¹

Diante do que é potente, como as forças externas, Ricardo quis ser igualmente poderoso. Para isso, se apropriou de um dos mais estimados instrumentos da sociedade, o diploma. A Universidade Federal da Rua foi criada por ele como recurso para que o sentimento de pequenez fosse substituído pelo de superioridade. Em meio à polaridade das ideias do primeiro gênero de conhecimento não se permitiu então ser outra coisa, ou grande ou pequeno. Acreditou-se ser fraco diante das forças externas, da sociedade que não lhe prestou o auxílio que queria. Em outro momento, fez de si alguém grande o bastante para confrontar tais circunstâncias, pois nunca foi “rebaixado nas provas da rua”, da vultosa Universidade Federal da Rua. Ela e seu mestre representam certa fusão entre o interior de Ricardo e sua exterioridade, não só por terem sido criados pelo próprio diplomado, mas também porque para ele:

O professor da rua é a vivência, é a autoestima que você tem que ter com você mesmo. Você não pode deixar a sua autoestima cair. “Ah, eu tô banguelo. “Ah, eu não tô conseguindo emprego porque eu tô banguelo. Ai, eu tô sujo. Eu não tô conseguindo emprego porque eu tô sujo”. Sendo que tem muitos locais que você pode tomar um banho. “Ah, hoje eu tô com fome, eu vou roubar”. Não é por aí o caminho. O professor da rua coloca esses obstáculos para ver se você consegue superar.¹¹²

¹¹¹ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 124.

¹¹² APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 124.

O professor da Universidade Federal da Rua é, então, aquele que oferece as dificuldades de ser um consumidor falho¹¹³ e o que proporciona os recursos para sobreviver às provocações da vida na rua. Ele é o desafiador e também o que pode atestar se o aluno passou ou foi reprovado. Nesse sentido, nosso entrevistado criou um representante para si mesmo, para a sua parcela que está em fusão com as forças externas, aquilo que ele chama de “autoestima”. A autoestima é então construída em meio às provas das forças exteriores que por alguns instantes deixaram de ser tão constrangedoras, haja vista que algo delas foi apropriado por Ricardo, o professor e o aluno, que viabilizou transformações para si, em meio aos desafios de estar na rua. Procurou se sobressair diante dessas forças. No entanto, seus recursos ainda não o conduziram à liberdade. Isso, porque a esperança não é uma ação e sim uma “alegria instável”. E, como paixão, está entrelaçada às ideias confusas e mutiladas do gênero indutivo. Podemos ainda defini-la baseando-nos em Deleuze: ela é uma “alegria passiva”, que aumenta a “potência de agir, da qual decorrem desejos ou paixões, em função de uma ideia ainda inadequada”.¹¹⁴ A esperança de Ricardo, embora tenha aumentado sua potência de agir, não foi capaz de libertá-lo, mantendo-o no ciclo do ser pequeno e grande, como vemos ainda na continuidade de sua fala, logo abaixo:

Aí vem a prova, que é o destino. Não, aí ele conseguiu superar. “Não, pera aí, vamo jogar uma empresa no caminho dele para ele subir na vida”. Aí, de repente, aparece um empresário lá que tá dando doação, um lanche. “Ah, eu sou, eu sou mecânico, cara. Tô desempregado”. “Ah, você é mecânico? Você mexe com quê?”. “Ah, eu mexo com motor de carreta, e tal, assim”. “Faz o seguinte, passa lá na minha empresa lá para fazer um teste”. Desse teste o cara já fica. Que nem muitos amigos meus, já aconteceu isso com ele. Deus abençoou que o cara chegou lá: “Olha, você é mecânico mesmo, cara?”. “Sou”. E foi lá, o cara fez o teste e passou. E ele sempre fala para gente: “Ó, não perca a esperança não. Um dia vai aparecer algum que vai dar a mão”. Então, a gente sempre fica nessa esperança.¹¹⁵

Sendo assim, Ricardo se apropriou e transformou o medo em esperança, alimentou sua esperança no medo, desviando-se de sua liberdade, porque “a paixão aumenta imaginariamente a intensidade do *conatus*”.¹¹⁶ Desse modo, Ricardo se prende à dúvida do medo e da esperança; o medo de olhar para si sem ser grande ou pequeno. Sob a esperança de que outrem lhe desse esse olhar, proporcionou o “aumento imaginário da força para

¹¹³ Zygmunt Bauman, em *Vidas desperdiçadas*, argumenta que os consumidores falhos são aqueles considerados redundantes, um refúgio humano, sobretudo por serem tidos como um problema financeiro, por não terem condições de se prover (alimentar-se, vestir-se, calçar-se e abrigar-se). BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*.

¹¹⁴ DELEUZE. *Espinoso e o problema da expressão*, p. 319.

¹¹⁵ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 124.

¹¹⁶ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na Ética de Spinoza*, p. 90.

existir”,¹¹⁷ que ocasiona nada mais que a servidão humana, como já pontuou Chaui. Para quem ainda não ocupou-se de si de modo mais potente, o mal menor acaba sendo a dor do acreditar-se pequeno, impotente, superior ou grande. Ao vivenciar essas polaridades, o indivíduo se sujeita à característica da contrariedade da servidão, pois, mesmo diante da possibilidade de aumentar a sua potência de agir, não a aumenta a ponto de vivenciar um afeto ativo. Alimentando a ideia confusa de si mesmo, vive na esperança, sob a crença que alguém poderá fazer dele um ser maior aos seus olhos ou aos do mundo.

2.2 A mágoa

Spinoza, na obra *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*,¹¹⁸ diz que o “ódio é uma inclinação a apartar de nós o que nos tenha causado algum mal”.¹¹⁹ Essa “aversão é a perturbação que nasce [...] contra uma coisa por causa do desconforto ou sofrimento”,¹²⁰ e que “sempre visa a devastação, enfraquecimento e aniquilação”.¹²¹ Desse afeto nasce ainda “a tristeza e, quando o ódio é grande, a ira, a qual não somente inclina [...] a fugir da coisa odiada, mas também destruí-la se for factível”.¹²² Em meio ao ódio emergem distintos afetos, e não apenas os descritos por Spinoza. Para o nosso entendimento, existem outras bifurcações, associadas a determinados tipos de posturas afetivas, tal como o ressentimento e a mágoa. Deleuze, em *Nietzsche e a filosofia*, nos diz que “o homem do ressentimento, essencialmente doloroso, busca uma causa de seu sofrimento”¹²³ e se prende ao sintoma primordial, à “prodigiosa memória”,¹²⁴ dizendo que a culpa é de outrem.¹²⁵ Isso porque, sob o poderio das ideias inadequadas “é preciso que o homem do ressentimento faça da própria felicidade uma coisa medíocre, que recrimine e distribua as culpas: sua tendência em depreciar as causas, em fazer da infelicidade o ‘erro de alguém’”.¹²⁶ Em meio aos desdobramentos do ressentimento e do ódio encontramos a mágoa, que com base em seus significados etimológicos pode ser

¹¹⁷ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na Ética de Spinoza*, p. 90.

¹¹⁸ Marilena Chaui, no prefácio dessa obra, publicada inicialmente no ano de 2012, informa que o *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar* seria originário da segunda metade do século XVII, resultado de uma tradução do latim ao holandês e cópia do *Tratado manuscrito*, texto escrito por Spinoza a seus amigos mais próximos, supostamente antes da *Ética* e não destinado à publicação.

¹¹⁹ ESPINOSA. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, p. 104.

¹²⁰ ESPINOSA. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, p. 105.

¹²¹ ESPINOSA. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, p. 105.

¹²² ESPINOSA. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, p. 105.

¹²³ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 109.

¹²⁴ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 95.

¹²⁵ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 110.

¹²⁶ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 97-98.

entendida por “mancha” ou “nódoa”.¹²⁷ Será sobre ela que nos aprofundaremos aqui, por meio dos seus possíveis afetos de base, o ressentimento e o ódio.

A mágoa é, então, a mácula daquele que fez de algo ou alguém culpado, pela ideia de que haveriam faltado para com ele. E pela aversão à dor dessa lembrança, o magoado vivencia o ódio. Ele é aquele que se prende à nódoa que o faz lembrar daquilo que o impede de cuidar melhor de si. A mágoa faz parte ainda da memória que o ressentido quer reproduzir: ele vive e rememora não apenas a ideia da falta, mas também o ódio e a dor do sentir-se lesado. Esse é o olhar de quem acredita que os “ventos contrários” lhe devem. Como bem nos esclarece Deleuze, o ressentido considera “como prova de notória maldade que não o amem, que não o alimentem”.¹²⁸ Tais são as marcas duráveis da mágoa que, assim como determinados afetos passivos, revelam a fixação daqueles que ainda não conseguem desinvestir do traço que não se pode apagar. Pois, uma vez que não se pode apagar o passado, o ressentido acredita que não pode se esquecer da dor, da cadeia contínua da inércia de si mesmo, como na fala de Ricardo, a seguir:

Que nem já aconteceu comigo. Eu tô senta; passando, a menina me viu. Ela se travou; passou por mim com medo; na frente o rapaz assaltou ela. [...] Aí ela gritou: “Moço, me socorre!”. “Ó, desculpa, mas por que que eu vou te socorrer? Você passou por mim, se travou todinha. O cara que tava na frente, muito bem vestido, melhor do que eu, te roubou e você quer que eu te ajude?”. Aí, ela só baixou a cabeça, pediu desculpa e seguiu. Eu sei que isso é chato, para gente, negar uma ajuda, mas, a gente também é ser humano. Né?¹²⁹

Preso à dor da discriminação, Ricardo se liga ao ressentimento, à posição de vítima diante daquela que representara a sociedade, por meio de reações que muitos reproduzem acerca do morador de rua. A marca de estar como um “sem teto” é também a nódoa de sua mágoa. Sua dor é a de alguém que não quer o lugar onde parte da sociedade lhe coloca; como disse em outro trecho, um lugar de “monstro”, de alguém que não é confiável, um criminoso. Ao mesmo tempo em que não queria tal lugar, ele acreditou que o território possível seria o da vítima, do magoado. Dentro desse contexto, o triunfo daquele que se coloca como fraco, por meio da experiência do ressentimento, nos dá mais um exemplo do estado de fraqueza da servidão, pois o indivíduo que se coloca de tal modo como impotente, também se condiciona à perda de direitos e poderes de si para si mesmo, diminuindo sua própria potência de agir e pensar. Assim, Ricardo nega ajudar tal moça, sob a crença de que estaria sendo fiel ao seu ser;

¹²⁷ CUNHA. *Dicionário etimológico nova fronteira*, p. 487.

¹²⁸ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 98.

¹²⁹ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 122.

e acreditando-se fiel a si mesmo, se recusa a ser algo além de uma vítima, prendendo-se às ideias inadequadas que negam toda uma série de possibilidades para ele e para o outro. Acreditando nessa fidelidade a si, se torna leal apenas a uma parcela de sua essência, à parcela da mágoa. O ressentido é aquele que envolto nos afetos passivos tem a sua potência de agir diminuída. Seu engano é acreditar que a justiça, aos seus moldes, bem como a revolta e o ódio, se fazem necessários para a sua existência, para se defender das ameaças exteriores, daquilo que ele acredita ser o responsável pelo seu constrangimento. “Por isso, o próprio ressentimento é já uma revolta e o triunfo dessa revolta. O ressentimento é o triunfo do fraco enquanto fraco”.¹³⁰ Esse fraco compreendido como aquele que se faz impotente diante dos afetos passivos e ideias inadequadas. A fala de Samanta, outra entrevistada, é também um exemplo disso.

A entrevista de Samanta durou cerca de uma hora e treze minutos na tarde do dia 22 de março de 2018, em ruas¹³¹ da região hospitalar de Belo Horizonte. Estima-se que a entrevistada tinha, nessa data, quase quarenta anos de idade. Ela nasceu na região metropolitana de Belo Horizonte, tendo vivido com seus pais e irmãs até o final da adolescência. Alega ter sido usuária de drogas desde os nove anos de idade e aos quatorze se envolvido com o tráfico. Foi casada com uma de suas primas e, nessa época, trabalhou por alguns anos como profissional de tanatopraxia. Divorciou-se e foi morar na rua depois de ter se envolvido novamente com o tráfico. Relata ter deixado de estar em situação de rua aproximadamente um ano antes da época em que foi entrevistada. Em 2018 tratava de depressão com uma psicóloga e um psiquiatra do Sistema Único de Saúde (SUS) e trabalhava como lavadora de carros na capital mineira.

Um recorte de seus relatos se aproxima da temática em pauta:

Eu tomei sete tiros [voz de choro]. Ó [voz de choro]. O primeiro, a primeira bala entrou na frente. Você sabe essa cicatriz... [voz de choro]. [...]. Saiu aqui. Eu tomei na mão, eu tomei aqui. A bala tá alojada ainda aqui. [...]. Duas na cabeça. Tem outra aqui, que ficou alojada aqui, atrás da orelha, que essa não pode tirar. [...]. Então, assim, isso tudo é... É que eu tava aprontando, sabe? Aí depois, que eu não tava aprontando mais, tentaram me matar, no Castanheira ali. Olha, abriram meu braço, abriram minha cabeça, de fora a fora, por uma coisa que eu não fiz. Dessa aí também foi a minha, a minha maior tristeza na vida, sabe? Porque, assim, eu tomei tiro eu tava no tráfico; eu tomei a facada eu tava mexendo com mulher casada. Eu tava toda errada. Mas, [9'05'' - pouco compreensível] mais de vinte pessoas, tentou me linchar, e [9'07'' - pouco compreensível] de oito, de varanda. Eles abriu meu braço e minha cabeça. Não tinha feito nada. Nada! Nada! Foi na covardia, sabe? Isso aí

¹³⁰ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 97.

¹³¹ Houve mudança do local em que a entrevista se iniciou devido à chuva.

também, nossa, às vezes da raiva também do ser humano também por causa disso, sabe? Eles é muito covarde. Muito covarde.¹³²

Diante desse trecho, observamos como a sua ideia de justiça é marcada por um pensamento dualista, em que as únicas possibilidades de existência correspondem ao ser bom ou mau, justo ou covarde. Se o mundo não cumprir com os ditames dessa justiça, legitima-se a presença da mágoa. Isso porque, para ela, as leis do justo não podem ser violadas; ele é quem possui tal poder, e quem pode dizer se alguém deve ou não ser punido, se fez ou não por merecer. Afinal, é a sua lei, a sua forma de anunciar a outrem que tem o direito de controlar os ventos contrários. Desse modo, enquanto o justo supõe não ter infringido a sua justiça, acredita que a sua lei também não poderá ser infringida. Os ventos contrários, a seu ver, não lhe poderiam constranger, sendo vítima dos ditos “covardes”. Ou poderiam? Afinal, o paradoxo já está estabelecido. É necessário o covarde para o justo existir; é necessária a quebra da lei para que ambos existam na polaridade das ideias inadequadas e confusas. A covardia emerge ao mesmo tempo em que a lei se estabelece como estratégia de poder do justo e bom. O covarde é aquele que infringiu as regras do justo, mas que realizou o seu apetite de existir enquanto tal. O mau é, então, o alibi para que o bom possa se ausentar de si mesmo, sob a crença de que outrem é responsável pelas mazelas de sua geração e das que antecedem a ele. Diante dessas questões, observamos a seguinte fala:

O que eu não aguento, assim, é uma coisa pessoal minha, sabe? É as pessoas covardes... Covardes... Covardes... Porque eu tenho covardes em casa, sabe? [voz de choro]. Os irmãos da minha mãe são covardes [voz de choro]. A minha avó faleceu, eles não falô pra minha mãe [voz de choro]. Sabe? A minha avó faleceu, eles sepultaram a minha avó e duas horas ligaram e falaram. Minha mãe é a filha mais velha, a minha mãe largava a gente pequenininha aqui no Caiçara, com o meu pai, pra poder ajudar a minha avó lá em Betim. Você entendeu? Minha mãe sempre teve lado a lado com a minha avó. O final da, da, da, da vida da minha avó, quando ela adoeceu, sempre era minha mãe, minhas irmãs, eu com o que podia. Eu, particularmente, não tô nem aí, porque eu não dava certo com a minha avó; desde pequenininha ela não gostava de mim. Azar é dela. Entendeu? Mas depois, no final da vida dela, tudo que ela precisou de mim, eu fortaleci ela. Nem esquentei cabeça com o mal todo que ela me fez não. Sabe? Mas assim, a minha mãe, ela tinha o direito de ter sepultado a mãe dela. A minha mãe, ela entrou em depressão depois que a minha avó faleceu. Sabe? Aí, veio mais problema. Podia até ser que os problema de saúde dela, ela já tinha, mas pra mim, veio tudo agravando com consequência do que aconteceu. Porque minha mãe era carne e unha com a mãe dela. Meus tios eles não tinham o direito de fazer com a minha avó o que fez com a minha mãe também. Você entendeu? Não deixar minha mãe se despedir.¹³³

Imersa em ideias confusas, Samanta vive a dor da mágoa, em consequência da lei que não foi acatada pelos “maus”. A dor do segredo – da morte não revelada – e a impossibilidade

¹³² APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 106.

¹³³ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 107.

de despedir-se são as nódoas desse afeto passivo, que fazem da memória uma importante aliada. Samanta, em seu ressentimento, evidencia o quanto a lei do justo lhe é visceral. Não apenas ruma a falta que lhe fizeram, mas a condiciona à multiplicação/intensificação, pois rememora o que lhe é certo ou errado, como também as supostas leis de seus antepassados. O “não deixar se despedir” manchou a justiça de adeus aos mortos, aquela que não poderia deixar de ser objeto de poder na história dos justos, pois seriam eles os que teriam o mais evidenciado merecimento: “Minha mãe sempre teve lado a lado com a minha avó. O final da, da, da, da vida da minha avó, quando ela adoeceu, sempre era minha mãe, minhas irmãs, eu com o que podia”.¹³⁴ No entanto, o que seria inegável foi negado e, o justo, ignorado em sua existência enquanto merecedor e bom. A despedida não deveria ser corrompida; no entanto, ela foi, pelos ditos “covardes”. Assim, Samanta permaneceu no estado de alienação da servidão, haja vista a existência do apetite do controle sobre aquilo que ultrapassa o seu poderio (as escolhas e ações dos outros). Os seus tios não compactuaram com a sua lei, sendo, a seu ver, “merecedores” de repreensão, ideia essa que também pode ser observada na fala a seguir:

Ô, gente, sabe? É tanta ruindade. Por que que eles sepultaram sem que minha avó, sem que minha mãe despedisse da mãe dela? Ou, minha mãe fazia tudo pela minha avó, sô. Pra minha mãe, era carne e unha na minha avó. Beleza. Por isso, sabe? Hoje eu tenho orgulho, graças a Deus, sabe? Tô com um plano simplezinho, mas eu pago. O dia que minha mãe fechar os olhos, ou o meu pai... Eu tenho um sobrinho também que tem hidrocefalia, eu coloquei ele no, no plano. Um dos três, fi, não chega nem na porta, que vai dar o maior B.O. Nem é para avisar ninguém. Eu tô pagando, vai lá para a funerária, tem direito à cremação. Minha mãe já falou que quer ser cremada, que ela não quer que os bicho come ela não [riso]. Aí já vai direto. Não teremos velório. Entendeu? É, vão a família ali, as filhas, os netos, despedir, cremou, sepultou, cabou. **Não quero nenhum deles beirando o, o, a urna da minha mãe não, sabe? Não quero. O que eles fizeram com a minha mãe num, num tem... não tem palavra. Cabou. Pra mim, eu não tenho tio, eu não tenho ninguém não.**¹³⁵

Atos de defesa e afirmação de suas normas foram realizados, como o planejamento do plano funerário. Samanta procurou defender sua lei, buscando recursos que garantissem o seu direito de existir enquanto alguém justo. Na intenção de assegurar esse lugar, disse a si e a nós alguns dos termos da cláusula de merecimento. Nela pretendeu banir os ditos “covardes” do usufruto de despedida, tal como esses agiram outrora. Sua fiel aliada, a memória, lhe relembrou dos modos que poderia fazer a mágoa se manter presente. E, sob a mácula do ressentimento, planejara a ruptura dos vínculos, como podemos ver nas frases em negrito. Os

¹³⁴ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 107.

¹³⁵ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 107, grifos nossos.

injustos são “banidos”, como também a própria Samanta, de existirem em um local comum, como o lugar da família, quando diz, por exemplo: “[...] eu não tenho tio, eu não tenho ninguém não”.¹³⁶ Na rejeição dos vínculos familiares com os tios, demonstrou o quanto não compactua com os atos de violação à lei. Mas, ao mesmo tempo, expressou a sua dor pela impossibilidade de negação desses vínculos, criando recursos para impor-se, evitar a presença, bem como incapacitá-los do poder que, de algum modo, acreditava que ainda teriam sobre ela.

A rejeição à “covardia” não fora apenas pelo ato de violação, mas pelo ódio do poder advindo do usufruto do dinheiro. “Eles são um bando de mau-caráter, eles não tem caráter e eles são um monstro. E eles são covardes. Porque eles têm dinheiro. Sabe? No caso, a minha mãe não tem. Minha mãe é a única filha que não tem condição”.¹³⁷ Para Samanta, a dor perpassou não apenas em meio à violação da lei hereditária, mas ainda pelo poder do dinheiro, e pela ausência de consideração de aspectos de sua existência enquanto ser humano. À vista disso, tal dor remete ao seu sofrimento diante da impotência de não ter condição de fazer justiça diante do poder “maior”, do capital. Os tios são, portanto, a representação da nódoa, aqueles que fazem Samanta se lembrar da marca de sua existência como consumidora falha; essa dor de ser considerada um resíduo humano, como podemos observar no trecho a seguir:

Tem não, acabou. Sabe? Não! Eles ficava na rua aí e tal, passava por mim, sabe? Vocês que é estranho, vocês fazem muito mais pela gente do que eles. Eles passavam por mim, assim, só olhava mesmo, entendeu? “Pa, pi”. E, conversava duas palavrinha aí e vazava. Nem se: “Ô, [Samanta], você tá com fome? Quer ali comer alguma coisa?”. Não. Só para dar língua pro resto da família, entendeu? Pra ficar esticando, esticando. Então, eles não tem caráter, eles não tem escrúpulos, eles não tem noção. Sabe? Do que é ser um ser humano. Eles não sabem o que é isso. Eles não sabem.¹³⁸

Diante dessa fala, identificamos um recorrente hábito do ressentido, o de projetar a causa de seus constrangimentos nos ventos contrários. No caso de Samanta, a projeção nos tios como causa de sua dor fez com que ela se ausentasse de sua essência. Sua recorrente memória lhe enganava mais uma vez, fazendo-a crer na mágoa, na suposta dívida contraída pelos “covardes”. No entanto, a sua mágoa, embora tenha sido um instrumento de defesa para não ser um objeto de fofoca por exemplo, lhe conduziu ao ressentimento e ao aprisionamento em ideias inadequadas. Samanta resistiu a si mesma, afastando-se do movimento de ocupar-se adequadamente de sua natureza. O ódio, o ressentimento e a mágoa foram suas máscaras. A

¹³⁶ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 107.

¹³⁷ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 107.

¹³⁸ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 107.

violência da servidão se faz presente nesse momento, ao considerarmos que o uso de tais “máscaras” é uma violência do ser para si, que possui distintas possibilidades de existir. Pelas investidas na mágoa, no ódio, por meio do ressentimento, o indivíduo se lança na vida como ondas do mar agitadas pelos ventos contrários, acreditando que outrem seria o provocador de tais afetos. A sua revolta era a dor por permanecer vítima, mas, ao mesmo tempo, um querer permanecer na mágoa, sendo juíza dos demais. A não aceitação das atitudes dos tios foi então, uma não aceitação de si, pois se esquecera de que ela mesma alimentara as suas leis. Sua mente e corpo conduziram-na à repetição da ideia de que os “covardes” seriam os responsáveis pela sua existência no lugar da dor, como também no espaço dos consumidores falhos. Mas, como se esquecera de si mesma, Samanta projetara sua raiva nos ventos contrários, desconsiderando que era ela quem ignorava a causa de seus apetites e volições. Escolhera alguém supostamente “forte”, com “dinheiro”, para violar a lei em que tanto acreditava, mas que, de alguma forma, não queria que fosse violada. Não queria acreditar na fatalidade da lei que a levaria ser a vítima eterna de sua memória seletiva. Foi então feita “a imputação dos erros, a distribuição das responsabilidades, a acusação perpétua”.¹³⁹ Para tal propósito, estratégias foram criadas: fez um plano funerário e outros programas de revide, mas se esquecera de que foi ela quem reproduzira tal conjunto de ideias, que negava outras parcelas de sua realidade.

2.3 Da má consciência à vergonha

Nesta parte do capítulo trataremos da má consciência por meio de Friedrich Nietzsche e Gilles Deleuze, em associação às perspectivas de Spinoza acerca da vergonha. Se “o ressentimento dizia ‘é tua culpa’, a má consciência diz ‘é minha culpa’”.¹⁴⁰ Aí “está o segundo aspecto da má consciência, seu momento tipológico, a má consciência como sentimento de culpabilidade”.¹⁴¹ Nietzsche, em *Genealogia da moral: uma polêmica*, inicialmente publicada em 1887, afirma que, sob a égide da má consciência o homem busca a causa de seu sofrer em si, “em uma culpa, um pedaço de passado”, entendendo o seu sofrimento como uma punição.¹⁴² “Inventa-se um novo sentido para a dor, um sentido interno, um sentido íntimo; faz-se da dor a consequência de um pecado, de uma falta. Tu fabricaste tua

¹³⁹ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 98.

¹⁴⁰ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 110.

¹⁴¹ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 107.

¹⁴² NIETZSCHE. *Genealogia da moral: uma polêmica* (Terceira dissertação. Item 20), p. 130.

dor porque pecaste, tu te salvarás fabricando tua dor”.¹⁴³ A dor, portanto, foi criada sob a perspectiva “de uma falta íntima”.¹⁴⁴ Aliado a essa dor da culpa e se julgando reprovado, o homem vivencia um estado de tristeza que chamamos de vergonha, que, à luz de Spinoza, se refere à “idéia de alguma ação nossa que imaginamos ser desaprovada pelos outros”.¹⁴⁵ Essa ideia representa ainda o querer “viver lealmente, tal como a dor, que se diz boa, à medida que indica que a parte lesada não está, ainda, corrompida”.¹⁴⁶ Vemos então que a vergonha se associa à culpa, a qual também será entendida aqui como um dos aspectos da má consciência.

Nesse sentido, a culpa e a vergonha estiveram presentes nas narrativas de José e Samanta. A entrevista de José foi realizada na manhã do dia 30 de março de 2018, na região hospitalar de Belo Horizonte e teve duração de aproximadamente cinquenta e quatro minutos. José alegou ter quarenta e oito anos de idade, na época em que foi entrevistado. Segundo ele, por volta dos dezenove anos começou a usar drogas e, pouco tempo depois, passou a residir nas ruas. Já foi casado, é divorciado da esposa e tem uma filha, com as quais mantinha pouco contato. Relata que foi entre os seus vinte e nove e trinta anos que parou de usar drogas, devido a um atropelamento. Em 2018, o entrevistado não morava nas ruas e trabalhava como lavador de carros na capital mineira.

José, ao falar sobre a perda do contato mais próximo com a filha e com a ex-mulher, revive a culpa e a vergonha: “Perdi, porque eu fiquei com vergonha. Sabe? [...]. Eu fiquei com vergonha. Eu afastei da minha filha. Eu carrego isso comigo. Eu tenho esse sentimento de culpa. Tenho vergonha dela, moça”.¹⁴⁷ E, quando questionado sobre o porquê da vergonha, disse: “Ah, não fui um pai, né? Não fui um pai presente pra ela. Coisa que... só Deus”.¹⁴⁸ Sob a ideia de não ter sido um pai presente, José se mantém leal às ideias inadequadas que o aprisionam na repetição da dor, pelo alicerce da vergonha e da culpa. Ele não se desloca do papel de outrora, se mantém e se constrange a ele, acreditando que esse é o território que lhe pertence. Uma vez que seus apetites evidenciaram a manutenção de um dado *status quo*, José resistiu a si mesmo, deixou que a culpa o carregasse (sob a crença de que ele a carregava). Nesse momento, não houve a liberdade, já que a lealdade do ser culpado contrariou parcela de seu próprio ser, uma vez que limitou suas percepções da realidade, negando outras facetas de si mesmo. A situação de fraqueza da servidão se fez presente, tendo em vista que ao deixar ser

¹⁴³ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 107.

¹⁴⁴ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 107.

¹⁴⁵ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 148.

¹⁴⁶ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 58), p. 194.

¹⁴⁷ APÊNDICE H – Entrevista com José, p. 119.

¹⁴⁸ APÊNDICE H – Entrevista com José, p. 119.

carregado pela culpa ele se colocou como impotente diante da própria trama de ideias inadequadas.

José acreditou ainda que não conseguiria ter proximidade com a filha e a ex-esposa, como vemos na seguinte fala: “Ah, igual tô te falando, eu tenho vergonha. Não consigo chegar perto dela... Nem da mãe. Na época que elas mais precisaram de mim eu não tava presente pra ajudar, né? E fiquei o que lá, ó. Afastamos, né? Perdi o vínculo com elas. Eu deixei pra lá, entreguei para Deus”.¹⁴⁹ Evitando o desconforto de rememorar a culpa e a vergonha, José “deixa para lá”, ausentando-se de vislumbrar outras possibilidades de ser para si mesmo, como também em sua relação com essas pessoas. Os enrijecimentos das ideias inadequadas fizeram-no acreditar que o constrangimento seria sua melhor opção, que a culpa era melhor do que ocupar-se mais de si mesmo. Então, naquele momento, José se permitiu, mesmo que a contragosto, ser apenas o pai e marido que faltou, como se esse fosse seu único território enquanto pai e ex-esposo. Mas esse permitir não foi no sentido de estar de acordo, mas justamente na tentativa de se esquivar da possibilidade de mudança, entregando a resolução “para Deus”. Assim, o estar atento às emoções e sentimentos não é suficiente para a vivência da liberdade, pois, como já dito, no estado de contrariedade da servidão, embora os indivíduos estejam conscientes “de suas ações e de seus apetites”,¹⁵⁰ muitas vezes “desconhecem as causas pelas quais são determinados a apetecer algo”,¹⁵¹ permanecendo impotentes para refrear e regular os próprios afetos. Enquanto se é movido pelos afetos passivos, o ser expressa suas dificuldades de afetar e de ser afetado de distintas maneiras, deixando de afirmar e reconhecer outras versões de si mesmo, por se aprisionar a imagens enrijecidas do próprio eu.

E, em meio a isso, há a prevalência do medo, juntamente com a culpa e a vergonha, como podemos observar nessa fala de José: “Isso que eu te falo, era para elas vim aqui e num vem... É difícil... Ou então, tem medo de aproximar e chegar lá eu tomar na cara. Aí, eu vou ficar mais chateado ainda”.¹⁵² O medo da rejeição em José, assim como em outros de nossos entrevistados, evidencia a dificuldade do não ser para o outro. Afinal, como suportar o olhar do outro que anuncia aquilo que nós mesmos não aceitamos em nós? Não aceita ter sido o pai e ex-marido que faltou, mas assume a culpa de ter sido. Afinal, a culpa é quando nos punimos ao mesmo tempo em que não aceitamos ser quem fomos ou como estamos. José não se liberta nem acolhe o que se foi, ele rejeita a possibilidade de se deparar com a dor da constatação de

¹⁴⁹ APÊNDICE H – Entrevista com José, p. 119.

¹⁵⁰ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Prefácio), p. 156.

¹⁵¹ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Prefácio), p. 156.

¹⁵² APÊNDICE H – Entrevista com José, p. 119.

ter sido o que não queria. É por isso que a má consciência é um “mecanismo interior de uma salvação”,¹⁵³ em que se crê ser possível salvar-se se machucando; ao sentir a dor da culpa, se faz crer que as ameaças externas estão ausentes. Internaliza-se apenas a punição, mas não a consciência das causas que o fizeram não ser tudo o que achava que queria ser. A dificuldade de não ser para o outro aquilo que ele quer que sejamos, ou que achamos que ele almejaria de nós, revela o estado de alienação da servidão, considerando que o indivíduo nesse contexto se prende àquilo que foge ao seu poder.

Estudando esse movimento de ignorar outras possibilidades de ser para si, leremos ainda alguns trechos da fala de Samanta, que nos remeterá à culpa inicialmente associada à ideia da falta que se fez à avó.

A mãe dele. Sabe? Não deixava faltar nada pra gente. Às vezes ele tava desempregado, mas ela, sempre ali, bancando o aluguel. [...]. Eu enganei ela. Sabe? [...]. Minha avó. Eu... Já loucona, já. Já usava droga, tudo. Saía de Betim, vinha cá no Caiçara; dava o nome dos livros lá e tal. E ela achando que eu tava fazendo faculdade. Que ela pagava. Pagava faculdade, pagava livro. [...]. E isso que me dói muito. Sabe? [...]. Tinha dia que eu pegava o dinheiro. E... porque não era ela que pagava. Ela passava o dinheiro para nós, para mim e para as minhas irmãs. Mas minhas irmãs também não fez. Não sei como vai a consciência delas. Sabe? Mas isso também me dói muito. Muito, muito, muito. Sabe? No, na beira do caixão dela, eu chamei ela de vó, a primeira vez. Porque a gente chamava ela só pelo nome. [...]. Aí eu, nossa, pedi a ela muito perdão. Sabe? Mas enquanto ela também tava aí viva eu não fiz nada. Sabe? Por ela. Nenhum carinho. Não fiz nada. Fiz nada. Sabe? [voz de choro]. Só enganei [voz de choro]. Enganei quem? [voz de choro]. Eu mesma [voz de choro]. Porque hoje eu lembro, dói na consciência. Porque onde ela tá hoje, ela sabe que eu não fiz nada. Que eu usei droga, eu ostentei. Entendeu? Zoei [voz de choro]. Comprei armas, comprei drogas... com o dinheiro que ela tanto suava. Sabe?¹⁵⁴

Vemos, por essa narrativa, que Samanta percebeu que não enganou somente a avó, mas também a si mesma. A dor não se limitou ao que fez a outrem, pelo carinho que deixou de fazer, uma vez que se acreditou ter feito “nada”, ou seja, não ter feito algo de melhor, fazendo algo de pior para si e para o outro. Permanecer na culpa foi também uma marca para Samanta, que se utilizou da memória dolorosa para machucar, mais uma vez, a si mesma. Vivendo sob o comando dos afetos passivos, não nos libertamos e sim reproduzimos muitas ideias confusas e inadequadas. Permanecer na dor da culpa é como torturar a si próprio com aquilo que não se quer e/ou não consegue desapegar. No processo do narrar-se, Samanta caminha, de certo modo, a um entendimento de determinados mecanismos que a fizeram agir de tal modo, naquela época. Até onde foi possível voltar para si mesma, ela acreditou que a vida boa, o não deixar faltar nada, “o ter tudo que queria”, foram algumas das causas de seu

¹⁵³ DELEUZE. *Nietzsche e a filosofia*, p. 107.

¹⁵⁴ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 108.

comportamento considerado como inadequado. Dentro desse contexto, vemos a sua fala a seguir:

Ah, porque eu tive a vida também muito fácil. Sabe? Muito boa. A mãe do meu pai, assim, nós era humilde, nós era pobre, mas a mãe do meu pai não deixava faltar nada, nada, nada, nada, nada. Eu tinha guarda roupa de canto a canto. Cheio de roupa de, de shopping. Tênis era só Nike que eu usava. Porque além de tudo era pobre metida e chata. Sabe? Não usava outro tênis, outra marca. Que só a minha avó. Que meu pai estava trabalhando também, era para um salário mínimo, porque ele era motorista particular. Então, não ganhava muito dinheiro. E... não sei, eu acho que... achava a vida muito fácil. Tudo que eu queria eu tinha. Depois, fui inventar que eu tava estudando... Ela faleceu achando que eu fazia veterinária. Eu fazia bosta nenhuma. Nem estudar eu estudava mais; há muitos anos. Mas aí, hoje eu vejo que, eu não enganei não foi ela não, eu enganei eu mesma. Que ela foi descansar. Enganei, eu não enganei, ela tá descansando, ela tá em um bom lugar. Que ela só fez o bem. Ela não tava me dando dinheiro para me drogar, pra mim financiar tráfico. Ela não estava. Ela estava tirando, me dando dinheiro para me trabalhar. Eu que estava fazendo outra coisa.¹⁵⁵

A possível falta de impedimentos, em alguns períodos da vida, ao que queria obter materialmente foi, para Samanta, uma justificativa de seu comportamento de outrora. As mentiras que possivelmente antes lhe davam satisfação se somam na entrevista à culpa, à dor de enganar. A satisfação em ganhar e mentir se transformou em sofrimento, pois percebeu que ela mesma deixou de fazer algo para si, colocando limites ao seu querer. A contrariedade da servidão se fez presente na lembrança de Samanta, já que vislumbrou uma melhor possibilidade (não enganar), fazendo o pior a si (se limitando ser aquela que faltou), no ato do narrar-se. Vimos, portanto, que a vergonha e a má consciência, sob o viés da culpa, correspondem àqueles que se tratam como merecedores do próprio ódio que produzem. Na tentativa de se desfazer da parte corrompida de si, se punem, se fazem crer terem sido o pior. E é no ato da culpa e da vergonha que o ser se esquiva justamente da modificação dessa condição, porque acredita que, negando a parte corrompida e se ausentando de si, haveria a solução para o desconforto e a dor. No entanto, só se existe na imanência, já que não somos nada além de nós mesmos.

José e Samanta conseguiram perceber que não deram conta de ser a melhor versão de si, mas não aceitaram tal realidade. A má consciência e a vergonha fazem parte, portanto, do padecimento da mente, já que nega a essência do ser, da bagagem que ele já possui, de afetos passivos e/ou mais potentes. Acreditamos que o ser só se esquece da dor pela afirmação do que já tem, não no sentido de sermos coniventes com os equívocos¹⁵⁶ de outrora, mas, sim, de afirmarmos, a partir do que já se foi, a diversidade de possibilidades do ser no aqui e no agora.

¹⁵⁵ APÊNDICE E – Entrevista com Samanta, p. 108.

¹⁵⁶ Por equívocos entende-se as ideias mutiladas e confusas enquanto o indivíduo se vincula ao primeiro gênero de conhecimento.

Como não conseguimos apagar o que fizemos, não nos adiantaria se desfazer da parte “corrompida”, negando-a. Daí a necessidade de cuidarmos mais de nós mesmos, pela compreensão dos motivos relacionados à nossa ausência dos papéis de outrora, evitando que tais motivações fiquem ignoradas, escondidas na prisão da culpa, da vergonha e do medo.

2.4 A servidão e a extensão de si

Retomando o início do capítulo, a servidão é quando o indivíduo, “submetido aos afetos não está sob seu comando, mas sob o do acaso”,¹⁵⁷ desconhecendo as causas de seus apetites.¹⁵⁸ Essa momentânea impotência, que pode ser observada por meio da alienação, violência, contrariedade e fraqueza, como aponta Chauí, foi identificada ao longo deste capítulo. Quando constatamos o aprisionamento do sujeito às forças exteriores, à intenção de revide ou ao ódio voltado a si, notamos todas essas características que envolvem a servidão. E uma vez que o ser se submete a algo que foge ao seu poder, como o reconhecimento de outrem para com ele, está sob o poderio da fortuna, na qualidade da alienação. Sob a contrariedade o indivíduo vive, por exemplo, a esperança e o medo, pois se submete a diminuição de sua potência de agir e pensar, mesmo percebendo certa possibilidade de aumentar tais potências. No aspecto da violência, o homem vive e revive os equívocos dos afetos tristes, tal como na culpa e na vergonha, que violentam e fazem o homem viver como “ondas do mar agitadas pelos ventos contrários”,¹⁵⁹ ignorando as causas de seus apetites. A fraqueza, por sua vez, pode ser justificada pelo padecimento, pelas ideias inadequadas, daquele que ainda não consegue imaginar outras possibilidades para si e para o outro. É representação da diminuição da potência de agir do ser, pelo corpo e mente que atuam em menor potencialidade, como em todos os casos apresentados. José viveu a impotência do não se permitir ser além de um pai que faltou; Samanta, o padecimento de quem se prendeu à dor da culpa e da mágoa (na dualidade do ser justo ou covarde); Ricardo, a limitação do ser pequeno ou grande; Leandro se inseriu na impotência de não olhar para si com o amor e o afeto que desejava. E em todos esses exemplos percebemos a sujeição do ser à trama das próprias ideias inadequadas.

Diante disso, pensamos: os afetos passivos contrariam o cuidado de si? Deleuze diz que, na travessia do primeiro (indução) ao segundo gênero de conhecimento (razão) em

¹⁵⁷ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Prefácio), p. 155.

¹⁵⁸ Os apetites são os esforços que revelam a essência do ser, aquilo que se relaciona simultaneamente ao seu corpo e mente. SPINOZA. *Ética* (Terceira parte. Proposição 9).

¹⁵⁹ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 59), p. 139.

Spinoza, “há o esforço para organizar os encontros de tal maneira que sejamos afetados por um máximo de paixões alegres”.¹⁶⁰ Isso quer dizer que, para que a liberdade se desenvolva, são necessárias ideias inadequadas, afetos passivos mais potentes, mas que ainda são paixões. Nessa travessia, o primeiro movimento seria o de “selecionar as paixões alegres”,¹⁶¹ porque “antes de devir ativos, é preciso selecionar e encadear as paixões que aumentam nossa potência de agir”.¹⁶² Trata-se, portanto, de um recurso do primeiro gênero de conhecimento, a imaginação, utilizada na gênese do segundo gênero (razão). Desse modo, os afetos passivos correspondem a um tipo de percurso à conquista da liberdade. “Disso se segue que não há nenhum afeto do qual não possamos formar um conceito claro e distinto”.¹⁶³ Chauí também esclarece

[...] que se nascêssemos livres isso não significaria que estaríamos inteiramente imersos no bem e banhados pelo conhecimento dele, e sim que não teríamos sequer como formar nenhum conceito de bem e mal, pois não teríamos nenhuma experiência de uma distância entre nós e nós mesmos. Porque a liberdade é essa proximidade plena de si consigo mesmo e poder para o múltiplo simultâneo [...].¹⁶⁴

A vivência dos afetos passivos nos traz bagagens afetivas importantes para a solidificação de distintos percursos do nosso existir, caminhos esses muitas vezes próximos da liberdade, que não necessariamente nos trarão menos sofrimento, mas sim maiores possibilidades de afetar e ser afetado, tendo em vista que a liberdade representa a nossa capacidade de compreendermos a realidade sob o viés da diversidade, isto é, do múltiplo e simultâneo. Isso nos faz crer que o cuidado de si é possível no primeiro gênero de conhecimento. O cuidado de si se assemelha ao *conatus*, que sempre existe como o esforço que nos faz perseverar rumo ao que mais afetaria o nosso ser alegremente. E mesmo que haja a diminuição da potência de agir, há sempre alguma perfeição. Ocorrendo o padecimento pelas ideias inadequadas, o ser estará sempre afirmando, de alguma forma, parte de sua essência, e sempre estará se ocupando (mesmo que minimamente) de alguma parcela de si mesmo. Destarte, os afetos passivos não poderiam contrariar totalmente o cuidado de si, pois, mesmo sob a alienação, fraqueza, contrariedade e violência da servidão, o ser é capaz – com determinados posicionamentos – de cuidar e ser congruente com alguma parcela de si mesmo (como, por exemplo, pelas paixões ativas). Assim, consideramos que havendo o *conatus* é possível que nosso esforço nos

¹⁶⁰ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 306.

¹⁶¹ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 329.

¹⁶² DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 329.

¹⁶³ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 4), p. 217.

¹⁶⁴ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, p. 294.

leve a uma potência maior, a uma maior afirmação da nossa realidade. O ser nunca está desconectado de sua potência de agir, pois “todo corpo se move ora mais lentamente, ora mais velozmente”.¹⁶⁵ Portanto, há sempre uma perfeição, alguma potência e cuidado de si, pois os corpos não deixam de mover-se.

¹⁶⁵ SPINOZA. *Ética* (Segunda Parte. Proposição 13), p. 62.

CAPÍTULO SEGUNDO

A LIBERDADE E O CUIDADO DE SI

*Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso –
nunca se sabe qual o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.*

Clarice Lispector. *Correspondências*.

A liberdade, para Spinoza, segundo as palavras de Chauí, “não é livre-arbítrio da vontade”, nem “a escolha entre alternativas externas possíveis, mas a autodeterminação do agente em conformidade com sua essência”.¹⁶⁶ Isso quer dizer que a liberdade e a necessidade operam sob regime de concordância e não de oposição. Então, ao tratarmos de liberdade na obra do filósofo, devemos considerar o *conatus*, o esforço do indivíduo em perseverar em sua essência, pela necessidade de seu ser. Isso porque, quando o ser assim persevera, ele se coloca cada vez mais livre, agindo em conformidade com a Natureza, que para Spinoza é Deus. Do mesmo modo, ao considerarmos o *conatus*, podemos entender a sua relação com o cuidado de si, pois o cuidar-se é ininterrupto e tanto maior quanto mais expressiva for a congruência do indivíduo com ele mesmo. Agir de acordo com o segundo gênero de conhecimento, que é a razão, é se esforçar e compreender cada vez mais as causas dos próprios afetos, cuidando ainda mais de si mesmo, sobre uma maior perseverança do indivíduo em seu próprio ser.

No capítulo anterior, vimos que os afetos ativos são caracterizados pelo aumento e estímulo da potência de agir e pensar, os quais, por sua vez, se relacionam às ideias adequadas, que nos conduzem à beatitude, à liberdade.¹⁶⁷ Spinoza, na *Ética*, entende a liberdade por meio do segundo e terceiro gêneros de conhecimento, enquanto a beatitude é representada especificamente pelo terceiro, que seria a expressão máxima da alegria e da liberdade de afetar e ser afetado. Nesse livro, o segundo gênero de conhecimento é nomeado “razão”. E o “agir segundo a razão não é senão [...] fazer aquilo que se segue da necessidade de nossa natureza”.¹⁶⁸ Como foi argumentado anteriormente, acreditamos que o cuidado de si possa estar associado a tal necessidade, quando o ser se esforça, pelo *conatus*, a agir rumo ao segundo gênero de conhecimento. Pois, “todo nosso esforço por agir segundo a razão consiste em compreender”.¹⁶⁹ Compreender o que é seu e do outro, agindo de acordo com a própria

¹⁶⁶ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, p. 69.

¹⁶⁷ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*.

¹⁶⁸ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 59), p. 195.

¹⁶⁹ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 36), p. 178.

necessidade, “o que é de máxima utilidade para si”.¹⁷⁰ Na perspectiva helenística, o cuidado de si refere-se à atenção ao que conduz justamente àquilo que nos desloca “do que não depende de nós ao que depende de nós”,¹⁷¹ isto é, uma “liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos, para alcançarmos, enfim, aquilo que podemos dominar”.¹⁷² À vista desse pensamento, compreender o que é de máxima utilidade para nós é também nos libertarmos daquilo que não nos convém, do que não depende do nosso ser, e que não converge com a nossa necessidade e essência.

No entanto, para nós, o cuidado de si não é sinônimo para a liberdade, considerando Spinoza. Cuidar de si é um caminho para as ideias adequadas. É um modo de expandir-se cada vez mais, em seu modo de pensar e agir. Trata-se, portanto, de uma força que, além de estar presente em todos os gêneros de conhecimento, direciona o indivíduo a um percurso progressivo rumo ao segundo e, conseqüentemente, terceiro gênero de conhecimento, mesmo que o ser permaneça em modos limitados de perceber e viver a realidade. O cuidado de si, assim como o *conatus*, é força expansiva, de um caminhar paulatino em prol da liberdade. O “fazer volta em direção a si mesmo”, característico da idade de ouro, conduz o indivíduo à compreensão da causa dos próprios afetos. Para isso, é necessário desconstruir determinadas perspectivas, olhar a si e ao outro considerando outras variáveis, outras partes desse tecido que compõe a realidade. Mesmo que não possamos compreender completamente nossa essência, podemos nos aproximar dela pelo cuidado de si, capacidade que é imanente ao ser humano. Assim, caminhar em prol das ideias adequadas, dos afetos ativos, é possível, pois

[...] tudo o que se segue de uma ideia que é, em nós, adequada, segue-se que cada um tem o poder, se não absoluto, ao menos parcial, de compreender a si mesmo e de compreender os seus afetos, clara e distintamente e, conseqüentemente, de fazer com que padeça menos por sua causa. Devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer, tanto quanto possível, clara e distintamente, cada afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra a máxima satisfação.¹⁷³

Conhecendo a nós mesmos, por esse contínuo cuidado de si, passamos a entender o que seria de fato as satisfações máximas, ou seja, mais potentes. Apenas conhecendo a si mesmo e os próprios afetos é que podemos perceber de modo mais claro a utilidade da vida, inclusive de cada encontro que temos com o outro e com nosso interior. E cuidando de nós mesmos, no segundo (razão) ou terceiro (intuição) gêneros de conhecimento, temos o “poder

¹⁷⁰ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 35), p. 178.

¹⁷¹ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 10 de fevereiro de 1982, p. 258.

¹⁷² FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Aula de 10 de fevereiro de 1982, p. 258.

¹⁷³ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 4), p. 217.

de ordenar e concatenar corretamente as afecções do corpo”,¹⁷⁴ de modo que “não sejamos facilmente afetados por maus afetos”,¹⁷⁵ isto é, pelos afetos passivos. O cuidado de si relaciona-se, portanto, para nós, quando associado ao segundo gênero, com o poder de “quem compreende clara e distintamente a si próprio”,¹⁷⁶ e, desse modo, se alegra, apropriando-se das condições de vivenciar os afetos ativos, “com uma alegria que vem acompanhada da ideia de Deus”.¹⁷⁷ “Por isso, à medida que consideramos Deus, nós agimos”.¹⁷⁸

Considerar Deus é, portanto, um cuidado de si pela “ação”; é perceber a si mesmo, dominando suas paixões passivas. Isso porque aquele que entende sua essência “e os seus afetos, clara e distintamente, ama a Deus; e tanto mais quanto mais compreende a si próprio e os seus afetos”.¹⁷⁹ Amar ou considerar a Natureza, portanto, é o ato em que o indivíduo retorna para si, entendendo a necessidade de sua natureza divina, bem como o que se passa em seu corpo e sua mente. A “ação” retrata o entendimento do ser diante das causas dos seus afetos e dos modos pelos quais se relaciona com as forças exteriores. É nesse sentido que a liberdade se entrelaça não apenas ao cuidado de si, mas também ao cuidado com os outros. No *Tratado teológico político*, publicado inicialmente em 1670, Spinoza diz que “a verdadeira felicidade e beatitude consistem, para cada um, no gozo do bem e não na glória de ser o único a usufruí-lo, estando os demais excluídos”.¹⁸⁰ Isso quer dizer que a alegria e a liberdade chegam a graus mais elevados, tal como pontua Chauí, quando se compartilha “com os outros a fruição do bem”.¹⁸¹ À medida que não há hierarquia entre a mente e o corpo, também não há entre os elementos da Natureza. Assim, consideramos que, enquanto um indivíduo não é melhor que outro ser, conseqüentemente, o cuidado de si também não se sobrepõe ao cuidado de outrem. As ideias adequadas, claras ou distintas se expressam quando agimos a favor da própria necessidade, cuidando de nós mesmos e dos demais. Nessas ações, compreendemos as causas de nossos apetites, afirmando mais intensamente a nossa essência. E é por meio desse entendimento que agimos pela virtude, representante da potência de agir, sob os caracteres da razão.

Ora, a verdadeira potência de agir do homem, ou seja, a sua virtude, é a própria razão [...], a qual o homem considera clara e distintamente [...]. Além disso, o homem, enquanto considera a si próprio, não percebe clara e distintamente – ou seja,

¹⁷⁴ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 10), p. 221.

¹⁷⁵ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 10), p. 221.

¹⁷⁶ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 15), p. 224.

¹⁷⁷ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 15), p. 224.

¹⁷⁸ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 18), p. 224.

¹⁷⁹ SPINOZA. *Ética* (Quinta Parte. Proposição 15), p. 223.

¹⁸⁰ SPINOZA. *Obra completa III: Tratado teológico político*, p. 91.

¹⁸¹ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, p. 68.

adequadamente – senão aquilo que se segue de sua própria potência de agir [...], isto é [...], aquilo que se segue de sua própria potência de compreender.¹⁸²

A virtude expressa a necessidade do homem de perceber-se, ou seja, retornar para si, ocupando-se do que é seu, por meio de ideias adequadas, pois “agir por virtude é agir sob a condução da razão”.¹⁸³ É então entender a Natureza sem se “deixar conduzir apenas pelas coisas que estão fora dele e em ser determinado por elas a fazer aquilo que o arranjo ordinário das coisas exige”.¹⁸⁴ Sob a condução do *conatus* no segundo gênero de conhecimento, o indivíduo tem sua potência de agir aumentada e se torna cada vez mais capaz de compreender seu elo com Deus e com os demais seres. E “quem se esforça por conduzir os outros de acordo com a razão não age por impulso, mas humana e benignamente, e é inteiramente coerente consigo mesmo”.¹⁸⁵ O indivíduo que se conduz pelo segundo gênero de conhecimento “se esforçará por retribuir, com amor ou generosidade [...], o ódio de um outro”.¹⁸⁶ A virtude se dá então quando não se vive pelo desconhecimento e descontrole sobre seus afetos, mas pela afirmação da vida que há em seu ser, aquilo que o leva a alegrias mais duráveis. Portanto, retribuir com amor ou generosidade o ódio de outrem faz parte do esforço em entender a necessidade de seu existir, de sua essência, acessando a realidade de uma maneira mais complexa, visto que, “quanto mais apto for seu corpo para a pluralidade e a complexidade das afecções e dos afetos, mais capaz do múltiplo simultâneo”¹⁸⁷ e “mais ativa será a mente”.¹⁸⁸ Trata-se um olhar para além das polaridades enrijecidas do primeiro gênero de conhecimento. O múltiplo simultâneo é o paradoxo, a realidade afirmada cada vez mais na imanência. Compreendendo a complexidade pela mente e pelo corpo, o ser passa a considerar a possibilidade de afirmar sua natureza nas condições mais adversas. “E, por isso, quando pensa que tudo é danoso e mau e tudo lhe parece ser incivil, horrendo, injusto e desleal, considera que isso corre porque concebe as coisas de uma maneira perturbada, mutilada e confusa”,¹⁸⁹ e não por meio do múltiplo e simultâneo. Assim, quem

[...] se esforça, antes de tudo, por conceber as coisas tal como elas são em si mesmas e afastar os obstáculos que se colocam ao verdadeiro conhecimento, tais como o

¹⁸² SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 52), p. 190.

¹⁸³ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 36), p. 178.

¹⁸⁴ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 37), p. 180.

¹⁸⁵ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 37), p. 180.

¹⁸⁶ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 46), p. 187.

¹⁸⁷ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, p. 99.

¹⁸⁸ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, p. 99.

¹⁸⁹ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 73), p. 203-204.

ódio, a ira, a inveja, o escárnio, a soberba e outras coisas do gênero, [...] esforça-se, tanto quanto pode, como dissemos, por agir bem e por se alegrar”.¹⁹⁰

Ação é o esforço daquele que se alegra, embora existam os “ventos” que poderiam levá-lo ao padecimento. De certa forma é um tipo de escolha, dentro da dependência¹⁹¹ do ser à Natureza. É quando se escolhe não os obstáculos, mas os caminhos possíveis àquilo que o liberta das dores, dos constrangimentos que poderiam ser desfeitos. Isso porque consideramos que não é de todos os constrangimentos que o homem ainda é capaz de desfazer-se. Nas palavras de Deleuze, “não podemos suprimir toda paixão durante nossa existência”.¹⁹² Sob o estudo da *Ética* de Spinoza percebemos que há limitações, mas há possibilidades de se viver sob o segundo gênero de conhecimento, pela busca de um bem, uma noção comum e por meio do conhecimento da Natureza. “Por isso, [...] o bem supremo dos que buscam a virtude consiste em conhecer a Deus, isto é [...], um bem que é comum a todos os homens e que pode ser possuído igualmente por todos, à medida que são da mesma natureza”.¹⁹³ Assim, quanto mais o ser compreende a sua essência, ele assume maior consciência daquilo que pertence aos demais homens, que também fazem parte dessa Natureza que é Deus. E, dentro desse conhecimento, “cada homem busca o que é de máxima utilidade para si”, conseqüentemente, fazendo-se como “máxima utilidade para com os outros”.¹⁹⁴

Havemos, então, de considerar que há diferentes tipos de alegrias, as passivas e as ativas. Deleuze afirma que as primeiras são produzidas quando a potência de agir do indivíduo é aumentada por meio da potência de uma causa exterior. As alegrias ativas são decorrentes das ideias adequadas em nós e da nossa potência de agir e não de uma potência exterior à nossa. Sendo assim, as alegrias passivas se relacionam ao primeiro gênero de conhecimento, enquanto que as ativas ao segundo e terceiro. No terceiro, a alegria ativa é o estado de alegria da beatitude, no qual é expressa, como já dissemos, a máxima integração entre o ser e a Natureza, pela compreensão profunda da necessidade de seu existir.¹⁹⁵

Deleuze nos esclarece que o “estado de razão [...] é um conhecimento das noções comuns”,¹⁹⁶ que seriam as “nossas primeiras ideias adequadas”.¹⁹⁷ Por meio delas, entendemos a ordem das relações constitutivas dos corpos, tal como “extensão, movimento,

¹⁹⁰ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 73), p. 203-204.

¹⁹¹ De acordo com Deleuze, é “o terceiro gênero nos faz compreender a dependência de determinada essência em particular”. DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 304.

¹⁹² DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 348.

¹⁹³ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 36), p. 178.

¹⁹⁴ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 35), p. 178.

¹⁹⁵ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*.

¹⁹⁶ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 325.

¹⁹⁷ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 325.

repouso, que são comuns a todas as coisas”.¹⁹⁸ Como vimos no final do capítulo anterior, a gênese das “noções comuns” ocorre, no homem, por meio de experiências relacionadas ao primeiro gênero de conhecimento, pelo cuidado de si. A formação “de uma ideia adequada em nós”¹⁹⁹ surge junto a uma dada construção, na qual utilizamos primeiramente os nossos afetos passivos mais potentes, num agrupamento capaz de diluir os menos potentes. Se uma paixão não pode ser refreada ou anulada “senão por um afeto contrário e mais forte que o afeto a ser refreado”,²⁰⁰ isso quer dizer que as paixões alegres (como a esperança, que vimos no capítulo anterior) são necessárias ao cumprimento dessa travessia entre o primeiro (indução) e segundo (razão) gêneros. Deleuze pontua que a razão, “no princípio de sua gênese, ou sob seu primeiro aspecto, é o esforço para organizar os encontros de tal maneira que sejamos afetados por um máximo de paixões alegres”.²⁰¹ Mas, “não basta que as paixões alegres se acumulem”,²⁰² pois sua soma “não faz uma ação”.²⁰³ Isso implica em um caminho gradativo e qualitativo até os afetos ativos.

Se o ser começa a acumular encontros mais potentes, pelas paixões ativas, ele adquire experiência que o capacita a um novo direcionamento. É nessa experiência, do primeiro gênero, mesmo que ainda passiva diante das forças externas, que o indivíduo pode cada vez mais entrar em contato com o que é de comum entre ele e os demais seres. O cuidado de si nunca cessa, sempre estamos em movimento de expansão, mesmo que esse processo seja quase imperceptível. Sempre nos ocupamos, mesmo que minimamente com algo de nós, de nossa essência. Sempre estamos a desconstruir perspectivas equivocadas, apesar de ainda considerarmos outras não alegres e claras acerca de nossa realidade. Desse modo, o cuidado de si junto às paixões ativas, proporciona não apenas o aumento da potência de agir, mas a condução do ser às alegrias menos efêmeras, pois é por meio dessas paixões que é possível a formação das noções comuns, em que o ser toma maior posse²⁰⁴ de si mesmo e de sua potência de agir. E como “uma noção comum é nossa primeira ideia adequada”,²⁰⁵ é nesse momento que passamos a compreender de modo claro a causa dos nossos afetos, o porquê de nos sentirmos tristes, com medo, culpa, ódio e vergonha.

¹⁹⁸ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 327.

¹⁹⁹ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 307.

²⁰⁰ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 7), p. 162.

²⁰¹ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 306.

²⁰² DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 306.

²⁰³ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 306.

²⁰⁴ Deleuze afirma que a “formação da noção comum marca o momento no qual tomamos posse formal da nossa potência de agir”. DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 313.

²⁰⁵ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 313.

Todo esse entendimento do segundo gênero nos conduz ao terceiro (intuição). Enquanto “as ideias do segundo gênero se definem pela sua função geral”,²⁰⁶ as “ideias do terceiro gênero se definem pela sua natureza singular”.²⁰⁷ Na razão o indivíduo é conduzido à ideia da Natureza pelo conhecimento das noções comuns, haja vista que “cada noção comum nos conduz à ideia de Deus”.²⁰⁸ São elas que preparam nossa mente e corpo para o múltiplo simultâneo do terceiro gênero, o “conhecimento da essência de Deus e das essências particulares”.²⁰⁹ Ou seja, a ideia de Deus da razão (segundo gênero) nos permite entender a Natureza não “apenas como uma propriedade comum a todos os modos existentes que lhe correspondem, mas como aquilo que constitui a essência singular da substância divina e aquilo que contém todas as essências particulares”.²¹⁰ Formamos “noções comuns que exprimem a essência de Deus; somente então podemos compreender Deus como exprimindo a si mesmo nas essências”.²¹¹ Pelo terceiro gênero estamos mais conscientes de nosso elo com a Natureza, porque também estamos em uma maior conexão com a nossa essência. Isso quer dizer que nos tornamos mais sensíveis aos outros, compreendendo pelo segundo gênero as correspondências entre nós e aqueles que nos pareciam diferentes ou semelhantes e, por essa experiência comum, percebemos melhor a nossa singularidade. Nesse aumento de consciência nos tornamos capazes de não apenas compreender e viver o bem comum, mas, já no terceiro gênero, viver a alegria por aquilo que é e sempre foi nosso, a nossa essência. Nesse estágio, da intuição, a alegria mais perene é percebida não como proveniente meramente do exterior, ou seja, das forças externas, mas sim por meio de nossa realidade interior, da nossa própria essência, em conexão ao que nos é externo. Vivemos o bem que sempre esteve em nós, na imanência de nossas relações, por não mais opormos ao múltiplo e simultâneo do que está no exterior. Assim,

[...] as alegrias que se seguem das ideias do terceiro gênero são as únicas a merecer o nome de beatitude: não são mais alegrias que aumentam nossa potência de agir, nem mesmo alegrias que supõem ainda esse aumento, são alegrias que derivam absolutamente de nossa essência, tal como ela está em Deus e é concebida por Deus.²¹²

²⁰⁶ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 336.

²⁰⁷ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 336.

²⁰⁸ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 335.

²⁰⁹ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 339.

²¹⁰ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 336.

²¹¹ DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 337.

²¹² DELEUZE. *Espinosa e o problema da expressão*, p. 345-346.

Essa alegria, explicada por Deleuze, representa os momentos em que o ser acessa o divino por meio de aspectos da completude inata de sua própria essência. Compreendendo com mais amplitude a real necessidade de ser e existir, de viver sob a determinação daquilo que é causa de si (a Natureza), o ser conhece não apenas a alegria, mas o amor, “tal como ele está em Deus”.²¹³ Quando o indivíduo torna-se congruente com sua realidade, determinada e existente em Deus, entra em contato com o divino que há nele mesmo, agindo de acordo com o que é perene e abundante, tal como esse amor é expresso na Natureza. E vivendo pela perspectiva da abundância, não se constrange diante das forças externas, pois está em harmonia com aquilo que sempre existiu no seu interior. Trata-se, portanto, de uma alegria derivada de uma intensa conexão entre o ser e a Natureza, por meio do que é necessário e eterno. No terceiro gênero, o indivíduo entende não apenas o que há de comum entre ele e os demais seres, mas também o que é potência em si mesmo. O ser, nesse caso, cuida de si vivendo a beatitude, essa alegria que está em maior acordo com o divino que há em cada indivíduo e em todo lugar.

O eterno é então quando se acessa mais intensamente o real da Natureza, pela compreensão de como nos conectamos com o exterior e com a nossa realidade interna, nossa essência. Esse real contínuo não pode ser descrito “por nenhuma experiência temporal”,²¹⁴ como também não pode se pautar apenas pelas forças exteriores, os ventos contrários. Quando nos aprisionamos a dada perspectiva temporal acerca dessas forças somos, portanto, incapazes de nos apropriarmos da eternidade. Por isso, apenas nos apoderando do que não cessa, o imanente, é que seremos capazes de acessar o eterno, esse real próprio de todos nós. Nesse estágio reside o conhecimento intuitivo do terceiro gênero, em que o homem sabe que a causa de qualquer ação “depende unicamente dele mesmo”,²¹⁵ ou seja, depende de sua essência que desde sempre se faz dependente de Deus. Assim, a beatitude é quando o ser cuida maximamente de si mesmo. É o cuidado daquele que sabe como se pode ocupar daquilo que não se “perde” pelos ventos contrários. São esses ventos, provenientes das causas exteriores, que imaginamos serem respostas à nossa felicidade, mas que na verdade, em sua fugacidade, não passam de equívocos da efemeridade. O aumento real da potência de agir não se pode vir apenas por eles, essas forças exteriores, porque nesse caso se trata de uma perspectiva da imaginação e não da realidade. É na imanência do retono do ser para si mesmo que o indivíduo sob a compreensão do que é real, se alegra por ser aquilo que se é. A eternidade é

²¹³ DELEUZE. *Espinoza e o problema da expressão*, p. 347.

²¹⁴ BARTUSCHAT. *Espinoza*, p. 104.

²¹⁵ BARTUSCHAT. *Espinoza*, p. 104.

aqui vista, tal como explica Ramond no *Vocabulário de Espinosa*, não como a procura de uma imortalidade pelo medo da morte, mas como um “caminho rumo ao presente”,²¹⁶ dessa alegria que não é constrangida pelas adversidades da exterioridade.

A experiência da liberdade é um processo de produção de conhecimento, em que o homem se torna cada vez mais capaz de conhecer “sua própria capacidade”,²¹⁷ no aqui e no agora, libertando-se “de constrangimentos externos”,²¹⁸ por meio do cuidado de si e de seu *conatus*. O cuidar-se possibilita o ser conhecer adequadamente o que se passa em seu interior e à sua volta. A máxima liberdade será então quando o terceiro gênero de conhecimento for acessado, tendo em vista que nele o conhecimento universal da razão é superado. Esse é o estado em que o ser realiza o “acordo sempre esperado do racional com o singular”,²¹⁹ compreendendo a complexidade do que é uno e/ou coletivo. Vemos aqui, portanto, um contexto, de certa forma, oposto à servidão dos afetos. Enquanto as ideias inadequadas regem os afetos passivos, as ideias adequadas nos fazem compreender melhor a causa de nossos apetites, os motivos que nos fazem desejar ou sentir de determinada forma, bem como a nossa relação com os demais seres. É por isso que, por meio do segundo e terceiro gênero de conhecimento, o corpo humano é “capaz de ser afetado e afetar os outros corpos de muitas maneiras”,²²⁰ e conseqüentemente o cuidado de si atua com maior intensidade.

No entanto, acessar o terceiro gênero de conhecimento, que subentendemos ser um amplo cuidado de si e dos outros, seria ainda quase impossível, como já exposto. Wolfgang Bartuschat, em *Espinosa* diz ser “ilusório atribuir ao homem um poder absoluto sobre seus afetos”,²²¹ estando ele sempre “exposto a causas externas que o fazem sofrer”.²²² E Spinoza nos esclarece que a “potência humana é [...] bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas exteriores. Por isso, não temos o poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso”.²²³ Assim, as expressões do cuidado de si são mais possíveis de serem exercidas pelo ser humano no primeiro e segundo gêneros de conhecimento. Em consideração a isso, analisamos os afetos nas narrativas de dois dos nossos entrevistados, Lúcia e Marcos, considerando que eles, no ato do narrar-se, demonstraram ações próximas àquilo que entendemos como sendo a liberdade em Spinoza, de acordo com o gênero da razão.

²¹⁶ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*, p. 43.

²¹⁷ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 109.

²¹⁸ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 109.

²¹⁹ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*, p. 31.

²²⁰ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Proposição 38), p. 182.

²²¹ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 79.

²²² BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 79.

²²³ SPINOZA. *Ética* (Quarta Parte. Apêndice), p. 210.

3.1 A fruição do bem

A entrevista com Marcos durou aproximadamente uma hora e vinte minutos e foi realizada na Pastoral de Rua em Belo Horizonte, na tarde do dia 18 de abril de 2018. Marcos relatou que veio de uma família de classe média alta. Sua mãe faleceu quando ele tinha cerca de 12 anos e seu pai, quando contava por volta dos 24 anos. Na época da entrevista, estima-se que Marcos estava com aproximadamente quarenta e oito anos. Relata que passou a viver como morador de rua após a empresa de sua família ter ido à falência, tendo conseguido sair dessa condição em 2014. Hoje trabalha com carteira assinada e atua no Movimento da População de Rua no Brasil. Após ter conhecido alguns equipamentos de auxílio a essa população, quando morava nas ruas de Belo Horizonte, Marcos passou a se alimentar em determinados estabelecimentos e a dormir em albergues. Foi no contato com a Pastoral de Rua, principalmente por meio de reuniões lá realizadas, que outras mudanças se estabeleceram em sua vida, como explica no trecho a seguir:

Então, comecei a me interagir com essas reuniões, e... o grande diferencial, na verdade. Ô, Susana, é porque quando eu cheguei na Pastoral, eu não fui acolhido nem como caso, nem como causa. Eu fui acolhido como um ser humano, capaz de mudar a minha história e, na verdade, eles me ensinaram que eu era o único protagonista da minha história, que somente eu poderia mudar aquela situação. E foi aonde eu fui me interagindo a reuniões, participando de reuniões, indo em reuniões externas.²²⁴

Marcos nos conta nesse relato sobre sua mudança do olhar de si para si mesmo. Ser acolhido e reconhecido como um ser humano foi fundamental para que ele também se visse dessa forma, bem como percebesse outras potencialidades dele próprio. Ele pôde entender que era possível ser protagonista de sua história, isto é, capaz de mudar a realidade em que se encontrava. Podemos afirmar que ele abandonara a ideia de impotência antes concebida sobre si, aumentando seu poder de afetar e ser afetado. Determinadas ideias, relacionadas a afetos mais potentes, foram ocupando cada vez mais sua mente e seu corpo. O fato de não ser “caso nem causa” abriu espaço para que ele pudesse compartilhar a fruição do bem, estar em maior sintonia com a própria necessidade de existir. Para que isso ocorresse, foi necessário o retorno de Marcos para si mesmo, transformando-se pela e na imanência, olhando para aquilo que já estava ali, mas não se percebia antes, como explica a sua fala a seguir:

²²⁴ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 127.

Porque, quando eu conheci a Pastoral, além de tá em situação de rua, e ter perdido dois ente querido que eu sentia muita falta, porque, na verdade, é... eu fiquei sem chão. Entendeu? Porque quando os meus pais morreram, além de ter perdido os meus pais, eu perdi também uma vida. Né? Que eu tava acostumado com certo tipo de vida. Então, é... A união dessas duas coisas me fez entrar numa depressão profunda. Sabe? De, tipo assim, não querer nem saber de nada. Eu já tava, sabe? Entregue mesmo. Aí foi aonde que eles pegaram e, através de algumas conversas comigo, eles me orientaram, **me ajudaram a me perceber**. Né? Me mostraram aí eu entrar para dentro de mim, me conhecer, de uma outra forma, diferente da outra que já me conhecia. Ou que eu me achava que eu era, que eu já conhecia, mas que na verdade eu não me conhecia ainda.²²⁵

Por meio desse trecho Marcos nos conta como aprendeu a realizar um retorno para si, por meio do auxílio de outrem, ocupando-se de algo que era seu, tornando-se mais consciente das potencialidades que tinha. Nesse processo, ele deixou de estar entregue a determinados ventos contrários, aos afetos passivos que o conduziam à impotência de sentir e pensar. Esse equívoco se dissolveu em meio ao cuidado de si, pelos atos de “entrar para dentro”, que o possibilitaram enxergar-se de outra maneira, de um modo mais potente. É por isso que a “à experiência da liberdade do homem está ligada a consciência de sua própria capacidade, a qual é experimentada como uma libertação de constrangimentos externos”.²²⁶ Sendo assim, o ocupar-se de si livrou Marcos do aprisionamento a determinadas ideias incompletas que tinha de sua realidade (que se pautavam em modos equivocados de enxergar e compreender a Natureza) que antes o faziam sentir-se “sem chão”. Nesse contexto de perceber-se de novo de outra forma, o entrevistado descobriu elementos que faziam parte de seu eu, os quais antes, pela vista turva, lhe pareciam inexistentes. Esse processo foi paulatino, por meio das conversas a cada semana e do trabalho de reflexão que possivelmente Marcos realizava após os encontros. À vista disso, entendemos que o cuidado de si não é uma aquisição, mas sim um processo que viabiliza desconstruções que somam aos encontros e descobertas do indivíduo com ele mesmo, como também com as outras vozes que dialogam e se interconectam com a sua própria. Dentro desse assunto, destacamos ainda a seguinte fala:

Eu passei a conhecer alguns potenciais que eu não tinha. Como eu nunca tinha trabalhado na minha vida... Eu era uma pessoa super calada. Entendeu? Fechada. Entendeu? Era, eu era muito.. é... muito oprimido. Sabe? Eu não gostava de comentar nada, eu não gostava de falar. [...]. Oprimido. Eu era muito reservado. Sabe? E eu não dava palpite de nada. Eu ficava mais quietinho na minha. Entendeu? Aí eu, eu sempre, é, era muito pessimista. Entendeu? Eu num, eu num, não conseguia ser otimista, pelas coisas que já tinha acontecido comigo. Eu achava que eu não conhecia superar aquela situação. Entendeu? Por eu não ter tido experiência com nada. Tendeu? Aí, eles foram me mostrando que eu, que eu tinha um, um potencial, que eu poderia estar, é, tá trabalhando esse potencial, que eu poderia estar

²²⁵ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 130-131, grifos nossos.

²²⁶ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 79.

sendo uma pessoa mais comunicativa. Entendeu? Que eu, eu poderia estar me interagindo mais. É... buscando entender um pouco a política da, da, da situação de rua.²²⁷

Marcos, nessa narrativa, cita algumas das possíveis crenças que se atrelavam à diminuição de sua potência de agir. Acreditava que, por não ter trabalhado e adquirido certo tipo de experiência, não daria conta de melhorar sua situação. Ele, em certo momento, quis acreditar nas falsas ideias que lhe machucavam. A dor era alimentada por um pensamento repetitivo que antes o sufocava, oprimindo e escondendo as verdades mais perenes de si. Mas, pela busca de ajuda, percebeu o olhar que tanto queria, o seu reconhecimento sobre si, pelas vozes que o ajudaram a notar o múltiplo e simultâneo, porque havia algo de semelhante entre o exterior e o interior e, quem sabe, o princípio de uma noção comum. A partir dessa composição, acreditou que poderia ser comunicativo, interagindo não apenas com os outros, mas principalmente com a própria voz. Sua essência fora então afirmada mais intensamente e, conseqüentemente, sua potência de agir passara de uma perfeição menor a uma maior.

Então, apesar da dificuldade de acessarmos o segundo ou terceiro gênero e vivermos a liberdade tal como descreve Spinoza, cremos que a experiência do cuidado de si não é impossível. Já vimos que o voltar-se para si, a desconstrução de ideais menos potentes e o ocupar-se de si são caminhos realizáveis, como também o cuidado com o outro. Porque, “quanto mais ‘coisas’ a mente humana conhecer adequadamente, tanto maior torna-se a sua parte eterna”.²²⁸ Quanto mais a mente humana conhecer as coisas comuns e a sua essência, mais intensamente cuidaremos de nós e dos outros, haja vista que, ao contemplarmos o múltiplo e simultâneo nos tornamos mais aptos a afirmar a coletividade e a diversidade. Nesse sentido, analisaremos a narrativa de Marcos sobre outras atividades que realiza atualmente, como o seu trabalho com pessoas que passaram ou estão ainda em situação de rua. Ao falar sobre essas atividades, ele diz que um de seus propósitos atuais é: “[...] dar autonomia para o grupo. De, não de trazer o peixe, mas sim de mostrar o caminho da pessoa pescar esse peixe. Entendeu? Que é dar oportunidade, possibilidade da pessoa ter a condição de pescar ela, mostrando o caminho, da onde que se pesca”.²²⁹ E dentro dessa perspectiva, identificamos alguns dos elementos do cuidado de si e do outro, que se expressam, por meio da narrativa de Marcos, pela vontade de tornar o outro um ser mais autônomo, dando possibilidades de ele se enxergar como capaz de agir, para conseguir o próprio sustento.

²²⁷ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 131.

²²⁸ BARTUSCHAT. *Espinosa*, p. 111.

²²⁹ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 129.

O cuidado com o outro, na narrativa de Marcos, não é apenas a vontade daquele que quer ver alguém bem e livre; é de certa forma a compreensão de um princípio das noções comuns, aplicadas às ações que garantem o aumento da própria potência de agir, uma vez que corpo e mente andam juntos. Para isso, Marcos procurava ouvir e considerar a voz de cada participante dos projetos em que atuava: “[...] é um projeto diferente, é um projeto que a gente tá trazendo uma proposta diferente, que é uma construção junto. Que realmente se a gente construir junto é fundamental para a gente ter um alicerce de continuação”.²³⁰ Isso implica que não só a mente se conduziu a favor do bem comum, mas também os atributos da extensão.²³¹ A construção de Marcos revela uma mente e um corpo que já são, supostamente, capazes de agregar vários aspectos do coletivo, uma vez que o grupo o qual participa, aparentemente existe pela união e escuta das singularidades, dessa multiplicidade que pode viver em conjunto simultaneamente. Acessando a necessidade de sua essência, não só pela proximidade de si, mas do coletivo, Marcos buscou viver do bem que é comum a muitos, como podemos ver também nesta fala: “Porque da mesma forma que eu fui resgatado, hoje eu tento resgatar. Acaba virando uma contaminação do bem”.²³² Nesse movimento, pelo cuidado de si e do outro, Marcos se aproximava daquilo que aumentava sua potência de agir, como vemos a seguir, quando relata:

Tanto a comida, como uma palavra amiga. Né? Como você escutar a pessoa. Outro dia eu tava ali, eu fui, é, tinha sobrado um, um *coffee break*. Sobrou muita comida, muito lanche. Aí, eu fui distribuir para um morador de rua, mas eu sempre tenho isso comigo, de conversar e tal; só que eu ia entregar para ele o alimento e depois ia puxar um assunto. Aí, na hora que eu levei para entregar para ele o alimento, ele falou: “Eu não quero, eu não quero o alimento. Agora, se você quiser sentar aqui comigo e conversar comigo, eu tô precisando mais que um alimento”. Tendeu? E isso aí toca a gente. Sabe? [...]. Só que eu já tava indo com esse intuito. Então, isso me fortaleceu mais ainda. Entendeu? Aí depois que ela, depois que eu conversei com ele, ele me pediu um alimento. Entendeu? Então, ele realmente tava com fome, mas como as pessoas estavam tão cansa, tão acostumadas de levar só o alimento, ele se sentiu que eu iria dar só o alimento, que aquilo ali para ele não bastava.²³³

Por meio dessa fala identificamos mais uma vez que o cuidado de si não impacta apenas um único indivíduo. O cuidar da alma, pelas nossas trocas uns com os outros, é uma forma de desfrutar de um bem comum, que nos une à Natureza. Nessa conexão, Marcos se sentiu fortalecido, vivendo nesse episódio um princípio daquilo que entendemos como sendo

²³⁰ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 129.

²³¹ Para Spinoza, na *Ética*, há na Natureza o atributo da extensão, que seria mais voltados à matéria e conexão entre os corpos, e o atributo do pensamento, que se refere ao campo das ideias. Ambos só existem em conjunto, do mesmo modo que corpo não é separado da mente. SPINOZA. *Ética*.

²³² APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 129.

²³³ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 130.

a “satisfação consigo mesmo”²³⁴ que, para Spinoza, corresponde “à alegria acompanhada da ideia de uma causa interior”.²³⁵ Isso quer dizer que viver a satisfação consigo é também um reflexo do cuidar-se, pois perpassa pelo retorno do indivíduo ao seu conteúdo interno. No entanto, entendemos que essa satisfação não se liga apenas à compreensão daquilo que é necessário individualmente, mas também para a coletividade. Por isso consideramos que o cuidado de si existe enquanto também existe o cuidado com o outro, mas não que o primeiro seja pré-requisito para o último, como vimos ser no período socrático-platônico. Parece-nos que os modos de cuidar (de si e do outro) ocorrem paralelamente, como uma consequência “natural” para aquele que aumenta sua potência de agir estando rumo ou já desfrutando do segundo gênero de conhecimento. À medida que o ser está mais conectado com a sua própria natureza (essência), ele também está com a Natureza universal. A satisfação consigo mesmo “é uma alegria que surge porque o homem considera a si próprio e a sua potência de agir”,²³⁶ como também aspectos da multiplicidade divina. Marcos pôde vivenciar essa satisfação consigo pelo “fortalecimento”, que foi a confirmação daquilo que conhecia, não apenas por meio de seu exterior, mas também por determinados aspectos de sua essência. Considerar a si próprio e viver a alegria com mais intensidade é entender cada vez mais seu elo com o coletivo, de modo que a satisfação consigo funcione como um reflexo do seu acesso ao bem comum, se sua utilidade frente ao outro.

Nesse retorno para si é importante ocupar-se no aqui e agora. Diante disso, Marcos relata: “Eu acho que o algo que nos pertence é o presente. Porque a gente, a gente tá aqui agora e a gente pode fazer alguma coisa para mudar o hoje. Mas o amanhã não pertence à gente. Entendeu? Mas o hoje pertence”.²³⁷ Ocupando daquilo que é possível de se ocupar, o indivíduo afirma a sua essência de um modo mais expressivo, pois é congruente com aquilo que é necessário. Para que isso ocorra é importante também conciliar-se com o passado. Ao falar sobre a sua trajetória de vida, Marcos nos mostra essa conciliação ou reconciliação:

Que eu tô aí, sempre fazendo essa conexão, pra mim não perder as origens. [...]. De olhar para o meu passado. Entendeu? Para o meu presente, preu tentar fazer de uma forma diferente, sempre visualizando uma mudança no meu futuro. [...]. Essas seriam as origens, porque, no meu passado, é... não tem só coisa ruim, tem coisas boas também. Então, eu, eu costumo fazer uma peneira das coisas boas e rui, ruins e resgatar é, algumas coisas, tanto as coisas boas, quanto das ruins para mim poder ir

²³⁴ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 30), p. 119.

²³⁵ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 30), p. 119.

²³⁶ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 146.

²³⁷ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 133.

trabalhando isso. Tendeu? As coisas boas, tentar melhorá-las; e as coisas ruins, tentar superá-las, pra mim não voltar a fazer de novo. Entendeu?²³⁸

A gratidão pelo passado torna o ser mais potente diante da existência, pois passa a desfrutar mais intensamente o presente. E a gratidão se volta muitas vezes àquilo que antes considerávamos como “ventos contrários”. A gratidão é outro olhar sobre o que foi feito de nossa vida, e nela perseveramos em nosso ser. Como então esse ato pode ser construído? Que processos se entrelaçam a esse afeto? Essas questões nos fazem pensar na importância do esquecimento para o processo de transformação dos ânimos, da menor à maior potência, como no caso do ressentimento à gratidão ou, até mesmo, da má consciência à satisfação consigo mesmo.

Nietzsche, quando trata do esquecimento, em *Genealogia da moral*, argumenta sobre “uma força, uma forma de saúde forte”,²³⁹ um “prosseguir querendo o já querido, uma verdadeira memória da vontade”.²⁴⁰ Dentro daquilo que já discutimos aqui, podemos considerar que essa memória da vontade pode ser uma expressão do *conatus*, esse esforço em perseverarmos em nosso ser. Para isso, é preciso um tipo especial de memória, aquela que esquece o desnecessário para rememorar o que é necessário à nossa essência. Nesse sentido, como bem esclarece Maria Cristina Franco Ferraz, na obra *Nove variações sobre temas nietzschianos*, “o esquecimento não viria apagar as marcas já produzidas pela memória, mas antecedendo a sua própria inscrição, impediria, inibiria qualquer fixação”,²⁴¹ isto é, inibiria a marca das memórias que não permitem o ser passar para uma perfeição maior e aumentar a sua potência de agir. Assim, o esquecimento é um modo de transformar o entendimento e os afetos sobre o passado. A memória dessa saúde forte, ou seja, de um não padecimento da mente e do corpo, revela que houve um processo de cura, um cuidado de si, a compreensão de que a memória não se opõe ao esquecimento, mas faz dele seu aliado e vice-versa. Quanto mais rememoramos a multiplicidade que aumenta a nossa potência de agir, mais ação e menos padecimento experienciamos. É nesse sentido que entendemos a narrativa de Marcos, que fez do modo como se percebia uma verdadeira “memória da vontade”, esquecendo do passado como antes se lhe apresentava, para enfatizar e viver a fruição do bem pela gratidão.

Isso foi bom. Sabe ô, Susana? Eu ter passado por isso tudo. Hoje em dia eu sei o tanto que foi bom para mim. [...]. Por isso que eu fui parar aonde eu parei. Mas isso para mim, igual eu te falei, serviu de experiência muito boa para mim. É, me

²³⁸ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 136.

²³⁹ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*: uma polêmica (Segunda dissertação. Item I), p. 48.

²⁴⁰ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*: uma polêmica (Segunda dissertação. Item I), p. 48.

²⁴¹ FERRAZ. *Nove variações sobre temas nietzschianos*, p. 60.

valorizar. Tendeu? Pra mim saber que realmente que eu sou capaz, de poder conquistar as coisas. Entendeu? Eu sou capaz de poder, realmente, levar uma palavra amiga para o próximo, de resgatar o próximo da minha maneira. Sabe? Na, na minha época eu não sabia o que que era isso. Porque eu não conseguia nem me entender. Como é que eu ia entender os outros?²⁴²

Marcos se esqueceu, então, das ideias falsas que se apresentavam como verdades, se esqueceu da impotência daqueles tempos em que não entendia a si mesmo, rememorando sobre eles como experiências “muito boas”. Foi pela gratidão a seu passado que no presente pôde valorizar-se, sentir-se capaz de agir a seu favor e de outrem. Desse modo, entendemos que a gratidão é um modo de cuidar de si, um dos afetos relacionados ao processo de esquecimento e desconstrução das ideias que dificultam o acesso do indivíduo às verdades e alegrias mais duradouras.

Embora a nossa condição ainda seja distante da experiência da beatitude, podemos viver experiências de liberdade provenientes da proximidade de nós para conosco, da “identidade do que sou e do que posso”,²⁴³ nesse momento presente. Sendo assim, apresentamos mais uma expressão, em Marcos, de um percurso mais próximo da liberdade, por meio de um dos seus momentos de retorno a si:

Quando eu fui pra rua eu acabei conhecendo a droga e comecei a, a mexer com droga e comecei a querer me aprofundar na droga. Comecei a querer afundar na droga. Então era uma, era tipo uma válvula de escape. Sabe? Aí eu vi que isso aí tava colocando eu cada vez mais, é... cada vez pior, cada vez uma situação mais alarmante, que eu tava cada vez me afundando mais. E que ia chegar uma hora que eu não ia ter como me afundar mais. Entendeu? Aí que veio esses conflitos internos. Porque aí já juntou a depressão, a falta de familiar, a falta de ente querido, o problema com a droga, para poder é... substituir alguma coisa. Que, na verdade, muitas pessoas usa, usa droga achando que vai substituir alguma coisa, e, na verdade, não é. Ela tá aumentando o problema. Entendeu? Então, foi isso que aconteceu comigo. E aí eu fui tentando me olhar através de testemunhas dos outros, através de ouvir as pessoas cada vez, é... se afundando na droga, no álcool. Entendeu? E eu não poder fazer nada. Então, aquilo foi mexendo muito comigo. Aí eu comecei a me olhar. Falei: “Pera aí. Já que eu quero ajudar o outro, primeiro eu tenho que me ajudar. Olhar para mim”.²⁴⁴

Marcos nos narra a sua experiência com o uso de drogas que, para ele, servia como “válvula de escape”. Esse escape de si pela droga foi então um modo de se fazer acreditar que ela poderia aumentar sua potência de agir, sua alegria. A droga esteve na vida do entrevistado enquanto ele permanecia sobre o império da servidão dos afetos, que se baseou na vontade de se preencher do que não existia nele mesmo, ou que pelo menos acreditava que não existia. Mas quando, por meio dos testemunhos de outros, despertou-se o apetite de olhar para si,

²⁴² APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 134.

²⁴³ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*, p. 295.

²⁴⁴ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 135.

Marcos construiu outra história. Ele começou a cuidar mais de si, deixando de habitar-se dos constrangimentos de outrora, focando em outros elementos de seu interior, do que sempre foi seu. E para isso, a vontade de ajudar o outro foi fundamental, pois tal vontade era o que ele conhecia como mecanismo para o aumento de sua potência de agir, como vemos no trecho: “Eu sempre tive essa... esse... esse, esse trem mesmo dentro de mim de, de poder ajudar os outros [...]. Tanto que quando meu pai tinha uma condição, toda vez que eu via um morador de rua, eu não media esforço, eu pagava um lanche, eu pagava isso...”.²⁴⁵ Juntamente a esse interesse, já conhecido, Marcos passou a diluir algumas ideias inadequadas, produzindo determinadas noções comuns em meio à própria vivência como morador de rua. Assim, realizou um possível percurso de não apenas ajudar o outro, mas de olhar de um novo modo para si, percebendo: “Pera aí. Já que eu quero ajudar o outro, primeiro eu tenho que me ajudar. Olhar para mim”.²⁴⁶

3.2 A vida como digna de ser considerada

A entrevista com Lúcia durou uma hora e dois minutos e foi realizada no Parque Municipal, na manhã do dia 28 de maio de 2017. Estima-se que a entrevistada possuía quarenta e cinco anos nessa data. Lúcia relatou que foi para as ruas após ter entrado em depressão e adquirido o vício em álcool depois do falecimento de sua mãe. Já trabalhou com carteira assinada, foi casada, mas divorciou-se. É mãe de três filhos e até o momento da entrevista tinha pouco contato com eles e com o restante de sua família. Em 2018 tivemos a notícia de que a entrevistada saiu das ruas pelo auxílio de um estabelecimento religioso, vivendo de doações e do trabalho de faxina em residências. Em 2019, em outro contato com Lúcia, ela informou que se mantinha na mesma condição do ano anterior. No que se refere à temática do cuidado de si, recortamos dois trechos de sua entrevista, os quais nos esclarecem acerca dos mecanismos que foram utilizados por ela para afirmar a sua existência em meio à negação de outrem, tal como observaremos a seguir:

Teve uma vez que a gente tava sentado, uma pessoa, umas moça, assim parecido com você, falou assim: “Tenho uma dó desses morador de rua”. Uma outra, a outra respondeu: “Eu não tenho não”. É... “Eu não tenho dó desses morador de rua não. Tá aí porque quer. Deve ter aprontado”. Ninguém olha, ninguém vê o que tá acontecendo. Num chega e conversa. “Tem não, não ajudo não”. Uma outra falou com ela. A gente escuta muita coisa. Muita... [...]. Falou assim: “Isso daí não tem conserto mais não”. “Só debaixo do chão”. E a gente escutando. “Não tem conserto

²⁴⁵ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 135.

²⁴⁶ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 135.

mais não”. Verdade, a gente escutou várias vezes. “Tem concerto não. Isso aí, daí pra debaixo do chão”. Aí, eu falei: “Eu vou parar com essa pinga”. [Risos]. [...]. Vou pra debaixo do chão não! [Riso].²⁴⁷

Lúcia, nesse relato, se lembra de atos de depreciação à pessoa em situação de rua, que é tida, muitas vezes, como invisível em sua condição de ser humano, e visível enquanto é colocada como objeto de julgamento, dó, desprezo, vítima ou algoz. A entrevistada se recorda do que muitas vezes a sociedade se esquece, de que a vida humana é digna de ser considerada e respeitada, apesar das circunstâncias em que ela aparece. Lúcia também rememora esse outro, os olhares e falas que não importam com o sentimento daquele que lhe escuta; esses “da sociedade” que procuram justificativas para o estado de desprezo que reproduzem e tentam preservar. Lembrar foi então um dos passos para um princípio do cuidado de si de Lúcia. E essa memória trouxe ainda o discernimento diante do equívoco, das ideias inadequadas, as quais ela soube aproveitar para ocupar-se de si, das verdades de sua essência. Toda essa situação eclodiu porque existiram as ideias inadequadas. É como já discutido aqui: na natureza humana, o caminhar às ideias adequadas perpassa pelas ideias que são confusas e mutiladas. Nesse caminho para a liberdade, o outro reproduzidor do equívoco se fez presente, pois foi por meio dele que Lúcia reconsiderou seu olhar sobre seu vício: ““Eu vou parar com essa pinga”. [Risos]. [...]. Vou pra debaixo do chão não! [Riso]”.²⁴⁸ Como em cada afeto há uma potência de agir, em cada ideia há uma perfeição, e Lúcia fez valer a parte que lhe era possível. Ela afirmou parte significativa de sua história, considerando que, embora inadequada a fala do outro, ela continha alguma verdade, digna de ser vivida. Essa verdade só se fez possível pela consideração do múltiplo simultâneo, pelo entendimento de que, mesmo diante do discurso que não considera o ser humano, uma realidade mais potente poderá se fazer presente. Assim, percebeu a necessidade de cuidar mais de si, de olhar para as potencialidades de sua existência, não enquanto objeto para a morte, mas ser para a vida e para a multiplicidade. É por isso que há elementos do cuidar-se em conexão às múltiplas vozes. O outro também entra nessa dança, como elemento importante no ato de afirmação.

Diante dessa variedade de atos e vozes, observamos o cuidado de si na seguinte fala de Lúcia:

“Nó, ganhei um abraço tão gostoso!” [...] Uns rapaz bacana. Abraçou a gente. Num tem nojo, né? Tem dia que toma banho, tem dia que não. Entendeu? [...]. Aí, a gente vai mudando. “Não, não bebe não.” “Você é bonita, bacana”. “Você tem a gente”. “A gente gosta muito de vocês.” Aí, a gente vai mudando. Eu mudei, pra melhor. [...] Eu comecei a pensar: “Eles tão falando que eu sou bonita, que eu sou gente boa;

²⁴⁷ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 104-105.

²⁴⁸ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 105.

então, eu vou fazer o melhor para agradar eles também. [...] eu queria me agradar, ficar bonita também, quando eu vejo vocês bonitas. “Aí, eu vou ficar igual elas, bonita também”. Pra mim poder ajudar outras pessoas, né? Que eu pensava só em suicídio, não queria comer, não queria tomar banho, não queria conversar com ninguém.²⁴⁹

Assim como Marcos pôde enxergar o cuidado de outrem para com ele, Lúcia foi capaz de sentir o abraço sem nojo, sem desprezo. Ela considerou mais uma vez outras vozes, que faziam-na perceber que ela almejava cuidar dela mesma, que ela queria traçar outra história para si. Talvez nesse episódio ainda não houvesse totalmente a passagem do primeiro ao segundo gênero de conhecimento, no entanto houve um aumento da potência de agir em Lúcia. Ela considerou que a ideia do suicídio e do isolar-se poderia ficar no passado, para que o presente fosse preenchido com a alegria de poder se ver bonita e cuidada por si mesma. Vimos, portanto, que o cuidar-se é um caminho possível, a partir de movimentos que transformam a vida em algo belo (potente). Esse cuidado segue não por meio de uma indiferença diante dos ventos contrários, mas justamente pelo papel de considerar e elevar a relação com tais ventos a uma maior potência de pensar e agir, pois “quanto menos formos indiferentes ao afirmarmos ou negarmos alguma coisa, mais seremos livres”.²⁵⁰ Isso quer dizer que nossa liberdade não envolve a apatia ou a imparcialidade, mas sim a consideração dos afetos e da exterioridade que nos cerca, uma vez que é afirmando essa exterioridade que podemos construir os caminhos para a liberdade, para sair da servidão e nos conduzirmos a formas mais potentes de ser.

Como bem pontua Marcos Ferreira de Paula, no capítulo “O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza” da obra *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*, “há uma infinidade de outros corpos com os quais”²⁵¹ estamos “necessariamente em relação”.²⁵² Assim, o estar alheio é apenas uma dolorosa ilusão, quando o ser se faz acreditar imune ou desconectado da Natureza. Isso porque “o campo dos afetos, vale dizer, das ações e das paixões, não se separa da dimensão ontológica que abriga o corpo-mente humano”.²⁵³ E é nesse campo que nos esforçamos em nosso ser, podendo alcançar modos de sentir e agir cada vez mais perenes, pois “a experiência dos afetos pode nos impelir a buscar não só melhores vias de condução da vida, mas, por assim dizer, a melhor forma de viver”.²⁵⁴ Esse é o processo de expansão promovido pelo *conatus*, no cuidado de si, que nos conduz a um

²⁴⁹ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 101-102.

²⁵⁰ SPINOZA. *Obra completa II: correspondência completa e vida*, p. 133.

²⁵¹ PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 237.

²⁵² PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 237.

²⁵³ PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 237.

²⁵⁴ PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 241.

mergulho mais consciente com o divino. Saber que se está sob as leis de uma eternidade e agir a favor dessa Natureza é mergulhar na alegria e no prazer profundo de viver, embora possam existir forças supostamente contrárias a isso.

Tal mergulho se pauta no direcionamento de novas descobertas:

O que nos salvará não é o vão esforço, nascido talvez do conhecimento claro de nossos impedimentos, para nos livrar de nossos maus afetos; mas o gozo de certa forma de afetividade, que não nos dará a força de experimentar menos aquela que não faz nossa felicidade.²⁵⁵

Isso não quer dizer que para que haja felicidade o indivíduo terá que ignorar o caminhar de outrora, mas justamente o contrário. É considerando as experiências menos alegres, juntamente com outras que aumentam a nossa potência de agir, que poderemos escolher aquela que mais está vinculada à nossa felicidade. Assim, ganhamos força sobre os ventos contrários, entendendo a diversidade de variáveis que entrelaçam às tribulações da vida. Lúcia e Marcos fizeram isso, cada um em seu grau e modo. Eles optaram por saborear alguns ventos, mergulhar nas águas agitadas e diante delas desfrutar da fruição do bem, da alegria que é mais congruente com a própria essência. Em suas escolhas, eles não se fizeram indiferentes à experiência da dor, mas utilizaram do conhecimento, que se deu por meio do retorno a si mesmos, para reelaborar o sofrimento. Quando se “reordena a experiência, as coisas do cotidiano deixam de ser inimigas, deixam de ser temidas, tornam-se companheiras”.²⁵⁶ Lúcia fez da invisibilidade e exclusão social uma afirmação para a sua vida, justamente porque sabia que o “consertar-se só debaixo da terra” já não era a melhor opção para si. Enquanto Marcos aproveitou da falta dos pais e de outras condições para dar a si mesmo e a outrem um bem comum; ele passou a acreditar na abundância, nas outras potencialidades de ser para si e para o outro. Esses momentos vão além do domínio dos ventos contrários, elas atingem certa experiência do indivíduo com ele próprio, de modo a não ser mais necessário dominar, mas apenas caminhar junto, tornando-se “companheiro” de determinadas forças exteriores, bem como de si mesmo.

Essas forças exteriores “são percebidas agora como partes integrantes de um só movimento de autoprodução necessária e infinita da Natureza”.²⁵⁷ O caminhar lado a lado com as dificuldades e potencialidades é estabelecer sempre um contato com o divino, considerando a dependência que a ele se faz necessária. O belo que se descobre pelo cuidado

²⁵⁵ SÉVÉRAC. Conhecimento e afetividade em Spinoza, p. 18.

²⁵⁶ PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 244.

²⁵⁷ PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 244.

de si já estava na Natureza, porque “nada pode existir nem ser concebido”²⁵⁸ sem Deus. Mesmo que por vezes estejamos menos potentes ou sob uma perfeição menor, “isso significa que é quase impossível que nosso estado atual permaneça sempre o mesmo”,²⁵⁹ porque sempre estaremos submetidos à força divina do *conatus*. Esforçamo-nos em nosso ser e cuidamos de nós, mesmo que de modo mínimo, porque somos parte da Natureza, que é vida. Como nos esclarece Ramond, “a vida não provém da morte, assim como não tira proveito de evitá-la. [...]. Nesse sentido, a doutrina espinosista da vida não é nem teológica, nem mesmo biológica, mas lógica e ontológica”,²⁶⁰ pois vida é *conatus*, essa força que faz Deus perseverar em seu ser, ou seja, ela é a própria essência divina.²⁶¹ A partir dessas considerações, veremos no próximo capítulo como a afirmação ou não da vida envolve as determinações de fora e de dentro, no que tange à pessoa em situação de rua e, de que modo esse entrelaçamento se conecta aos afetos, ao cuidado de si e à relação do ser com a Natureza.

²⁵⁸ SPINOZA. *Ética* (Primeira parte. Proposição 15), p. 23.

²⁵⁹ PAULA. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza, p. 239.

²⁶⁰ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*, p. 73.

²⁶¹ RAMOND. *Vocabulário de Espinosa*.

CAPÍTULO TERCEIRO
O “NÃO LUGAR DA RUA”

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
[...]
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero

Vinícius de Moraes. *A casa*.

Por que essa casa não tem teto nem nada? Ela existe, não é mesmo? Sim, a casa existe. E é no número zero que a canção se repete. Viva, escondida aos olhos dos “espertos”, a casa da rua não é nem pública, nem privada. Se a casa²⁶² que inspirou Vinícius de Moraes lhe pareceu engraçada, nós questionamos: será que a da rua também teria alguma graça? Esse espaço ao mesmo tempo em que é casa, também não é. É engraçado então esse nada que pode ser tudo? Talvez tal paradoxo seja a sua graça, ao mesmo tempo que poderá ser considerada uma benção ou uma maldição. É pelo percurso de alguns de seus moradores que veremos como a rua, enquanto casa que não tem teto impacta no cuidado de si dessas pessoas. Como seria a liberdade, o cuidar-se, nesse espaço?

Comecemos por Marcos e Ricardo, nas falas a seguir.

Agora, outro dia, a pessoa, esse pessoal tava ali perto da rodoviária, um grupinho de morador de rua, o cara veio aqui correndo contar para a gente, que a prefeitura tava lá junto com a polícia, para tirar as pessoas da rua, tirar os pertences dela da rua, que é uma violação, e as pessoas não estavam querendo sair, porque não tinha lugar para ir. Eles falaram que as pessoas que não fossem sair que iria ser presa. Olha que absurdo! Na verdade eles estão prendendo a pessoa por não ter uma casa e ter que morar na rua.²⁶³

Teve uma época que eu perdi três vezes o meu documento, que a prefeitura fez uma tal de higienização. Eles chegam sem avisar, levantam a tampa do bueiro e pega tudo o que tem lá dentro. Barraca de *camping*, roupa, sacola, mochila... E não deixa nem você tirar os documentos.²⁶⁴

²⁶² Sem saber da história da canção *A casa* de Vinícius de Moraes, ela parece falar da rua. No entanto, de acordo com Juliana Ferreira, pelo jornal *Folha de São Paulo*, a letra faz alusão à Casapueblo, que estava em construção na época em que o poeta compunha a música. FERREIRA. Casa muito engraçada da música de Vinicius de Moraes existe de verdade.

²⁶³ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 133.

²⁶⁴ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 121.

Marcos relata que as pessoas em situação de rua as quais estavam perto da rodoviária “não tinham lugar para ir”; então, para todos eles (incluindo Marcos), não havia um melhor lugar do que a rua para se estar. No mesmo relato vimos que o “correr para contar” teve o intento de um apelo sobre uma “violação”, daquele que sentiu a violência de ser injustiçado, não somente pela forma como os seus pertences foram “tirados”, mas também por ter lhe sido imposto ir a um local considerado impossível. Há uma violação à medida que se nega e se força o indivíduo a uma condição de estar em um ambiente que naquele momento é considerado inabitável. Como então habitar o inabitável? É negar a perspectiva possível em detrimento daquela inadmissível, tendo que deixar o seu espaço de forma abrupta.

Que experiência perpassa sobre aquele cuja casa, em se tratando de seu ambiente físico, se limita aos objetos que não possui o direito de resguardar? Vimos então nos dois trechos acima a repetição da ideia de que aquele que mora nas ruas não tem o direito de fazer da rua sua casa, como também não pode ter os objetos que para ele seriam do âmbito familiar e privado. Tal situação é percebida como um limite que foi ultrapassado, sem a conivência da principal parte envolvida, a pessoa em situação de rua. O desconforto é de quem avista visitantes indesejados que, além de não comunicarem previamente sua chegada, “pegam” todos os seus pertences, negando-lhe o direito de ter (ou assegurar) o que é seu. No caso de Ricardo, não foi possível assegurar sequer os documentos. É também nessa circunstância que essa casa da rua se apresenta “sem nada”. Nega-se o indivíduo de forma que não sobra nem o certificado que atesta ser ele um cidadão “da sociedade”. Não há segurança de direitos enquanto o que é público deixa de ser garantido para os considerados “redundantes”. O público não é para o que é considerado lixo, o público é para o usufruto “da sociedade”.

Algo semelhante ocorreu com Lúcia quando estava em situação de rua. Ela enfrentou adversidades no que se refere às tentativas de fazer da rua uma casa, como poderemos ver pelo seguinte trecho:

Tanto que nós fomos dormir perto do Hospital das Clínicas e uma dona desceu do carro e falou assim: “Vocês são uns lixo. Aqui vocês não vão dormir não”. E entrou e falou: “Se vocês dormir aí, continuar aí...”. Entrou pro prédio dela, depois voltou, falou que se a gente continuasse lá ela ia chamar a polícia para nós. Eu falei: “Mas chamar a polícia por quê? A gente não tá fazendo nada, só estamos deitados”. Aí ela falou: “Aqui na minha porta não”. Aí nós saímos. Só que na, depois de uns quinze minutos que a gente tava procurando outro lugar para dormir, tava até chovendo, passou uma viatura. Aí eu parei a viatura e perguntei: “A gente não pode dormir ali não?” Ele falou assim: “Cês tão fazendo alguma coisa errada lá? Bagunça e tudo?”. Aí eu falei: “Não, a gente só tá deitado”. “Então pode continuar lá, o passeio é livre”.²⁶⁵

²⁶⁵ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 101.

A narrativa acima revela a negação daquela que representa uma parcela da sociedade. A moradora do prédio não concebeu a possibilidade de o “estranho” e “refugio humano” estar tão próximo de sua residência. A sua prioridade era então proteger-se da ameaça iminente. Observando a realidade pelos modos confusos e mutilados do primeiro gênero de conhecimento, percebeu-se frágil diante dos “grandes e poderosos” moradores de rua. Não se permitiu perceber outros lugares, para eles e para si. Suas ideias negaram o ser humano que necessitava de espaço para descanso e abrigo da chuva; suas ideias negaram que ela mesma podia ser algo além de um objeto indefeso e raivoso diante dos que estavam sem moradia. Sob o domínio dos afetos passivos pouco se percebeu além dos modos enrijecidos de sentir e relacionar. Não quis pensar naquilo que dela mesma se assemelhava às pessoas que estavam em situação de rua; apenas vislumbrou a ameaça, a possível e hipotética aversão ao sem teto. A senhora não quis sair desse território, quis pertencer a um lugar de negação, na ironia da proximidade que lhe atraía àquilo que repudiava.

Gilles Deleuze e Felix Guattari, em *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, esclarecem que o “território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos”.²⁶⁶ Assim, cada território está interconectado a infinitos outros e a distintas forças, não apenas do meio físico, mas das inúmeras relações que envolvem o espaço de ação dos seres humanos. A partir disso, entenderemos o que Guattari e Suely Rolnik descrevem em *Micropolítica: cartografias do desejo* acerca desse conceito:

A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. [...] O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. [...] Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos.²⁶⁷

O território, para esses teóricos, está intimamente relacionado às funções de desterritorialização e reterritorialização. Enquanto a primeira retrata o processo de abandono de um dado território, a segunda diz do processo de formação de um novo.²⁶⁸ Todo espaço físico e subjetivo pode compor um território e todo território pode se desterritorializar e, conseqüentemente, reterritorializar-se, transformando-se em um outro. Desse modo, aproximando o conceito à realidade desta pesquisa, consideramos que a casa da rua é um

²⁶⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, v. 5, p. 232.

²⁶⁷ GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica: cartografias do desejo*, p. 323.

²⁶⁸ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, v. 5.

espaço que possibilita a existência de vários territórios, como os “não lugares” e “lugares outros”, que fazem parte justamente de um conjunto de representações, comportamentos e investimentos tanto no que se refere ao indivíduo quanto das diversas vozes que ele enuncia por meio do narrar-se.

Bauman, em *Vidas desperdiçadas*, nos faz lembrar que em nossa sociedade de consumidores não há lugar para aqueles que são tidos como falhos, os que precisam ser vestidos, alimentados e que, em meio a isso, são considerados redundantes e imperfeitos. Como não há lugar para eles, entendemos que deva existir um “não lugar da rua”, afinal, “não há um compartimento reservado ao ‘refugio humano’”,²⁶⁹ como a pessoa sem moradia. Esse não lugar da rua corresponde, para nós, ao território de negação do ser humano enquanto ele está ou esteve em situação de rua. Assim, o “não lugar” não é uma oposição ao que Deleuze, Guattari e Rolnik versam sobre o conceito de território. Os “não lugares” ou “lugares outros” são modos específicos de reterritorialização, em que os primeiros são mais caracterizados por uma dada negação ao indivíduo e os últimos, pela afirmação de determinados aspectos do ser humano. Cada não lugar e lugar outro é único, embora possamos identificar semelhanças entre não lugares ou entre lugares outros. Assim, as características do “não lugar da rua” poderão ser identificadas por um conjunto de singularidades e vozes que se conectam às narrativas de nossos entrevistados. Tal território emerge em certa associação com distintas dores individuais, porque é mais ou menos a somatória de aspectos das individualidades que compõem o tecido social, daquilo que seus habitantes não querem perceber de si nesse contexto. Vimos, pelas entrevistas, que quem reside nesse local pode ser um “sem teto” ou não. Todos esses habitantes, enquanto negarem as possibilidades do ser humano existir de modo mais potente como morador de rua, habitará esse não lugar. A casa da rua não é, portanto, sinônimo para o não lugar da rua; é um contexto, uma via possível para existência de distintos territórios, não lugares (territórios de negação) e os lugares outros (territórios de afirmação do ser).

Marc Augé, em *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, defende a hipótese que “a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que [...] não integram os lugares antigos: [...] ‘lugares de memória’”.²⁷⁰ Para Augé, o não lugar corresponde a “duas realidades complementares, porém, distintas; espaços constituídos em relação a certos fins (transporte,

²⁶⁹ BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*, p. 21.

²⁷⁰ AUGÉ. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 73.

trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços”.²⁷¹ E o não lugar, enquanto espaço em que indivíduos se interagem ou como lugar para determinados fins, não pode ser definido “como identitário, nem como relacional, nem como histórico”.²⁷² Considerando que não se perceberia ou experienciaria o singular, o “espaço do não lugar não cria nem identidade singular, nem criação, mas sim solidão e similitude”.²⁷³ Os lugares antropológicos e os não lugares são, para ele espaços que se interpenetram, ou seja, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”.²⁷⁴ À luz da concepção de não lugar de Marc Augé, Bauman, em *Modernidade Líquida*, esclarece que os não lugares, enquanto espaços quase impossíveis de serem notados ou considerados, são para muitos “espaços vazios”, isentos de sentido e significado.

Do mesmo modo que “a redundância compartilha o espaço semântico de ‘rejeitos’, ‘dejetos’, ‘restos’, ‘lixo’”,²⁷⁵ o “não lugar da rua” pode ser entendido também como um território extranumerário, o qual muitos conhecem, no entanto, não querem reparar que sabem de sua existência. Não questionam as negações que fazem diante das potencialidades do ser em situação de rua. Nesse sentido, a nossa perspectiva de não lugar se assemelha a Bauman, no que tange aos esvaziamentos dos espaços. Supomos que o nada da casa da rua surge concomitantemente à negação de um dado estado de existência, como se esse não fosse tão legítimo quanto os demais. A rua é também um local considerado impossível para aqueles que não se interessam por ver suas estruturas, seus formatos e possibilidades. Tratamos de lugares silenciados por uma parcela da sociedade, mas o território do “não lugar”, nesta dissertação, não corresponde a uma ausência de relações, identidades ou histórias, como afirma Augé. Mesmo que haja a desterritorialização ou a instabilidade nos lugares de negação, as formações identitárias serão existentes. E as experiências singulares, mesmo que itinerantes e mutáveis, estarão presentes no “não lugar”, pois a negação implica um posicionamento no pensar e na ação. Negação não é ausência, pois em algum momento se percebeu para que fosse negado. Talvez, nesse sentido, a noção de casa com que iniciamos este capítulo possa ser tão engraçada, pois há algo de familiar e ao mesmo tempo estranho no espaço da rua, sem número, e pertencente a certo lugar comum. A negação do ser humano que mora nas ruas é uma espécie de consideração de sua existência, não no intento de promover o seu acolhimento, mas sim de segregar, evidenciando supostas diferenças.

²⁷¹ AUGÉ. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 87.

²⁷² AUGÉ. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 73.

²⁷³ AUGÉ. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 95.

²⁷⁴ AUGÉ. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 74.

²⁷⁵ BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*, p. 20.

Diante das características dessa casa “engraçada”, citamos alguns trechos da fala de Marcos e Ricardo, respectivamente, que narram alguns silenciamentos e negações sobre aqueles que habitam as ruas. Primeiramente mencionamos a dificuldade da mulher para exercer a maternidade estando nessa condição, como poderemos observar na seguinte fala:

Outra coisa também que tá, tá acontecendo, é... uma coisa seríssima, muito grave, são... as mulheres que vivem na rua, que estão em trajetória de rua. Elas, elas, muitas vezes, elas, como são a minoria, elas engravidam e, elas não tem condições nem de, de, de poder cuidar do seu filho. Por quê? Porque vem um assistente e fala que, é... ela não tem condição de, de cuidar do filho, que o filho dela vai ter que ir para o abrigo. Então ela, esses filhos são retirados da mãe. Com a alegação da pessoa estar em situação de rua e não dar conta de... Então, se você for parar para analisar, são duas violações. Entendeu? Conjuntas. Uma porque a mulher, a mulher está em situação de rua. Ela não, ela não tem a possibilidade de sair da rua, mesmo grávida. E outra é quando ela tem um menino e seu filho é arrancado. Então, isso aí é um absurdo. Entendeu? Porque para eles eu acho que é mais é... convém mais para eles tirar a pessoa, o filho da mãe e continuar com ela na rua, do que encaminhar essa pessoa para um lugar onde ela tem condição de poder cuidar do filho dela.²⁷⁶

A dificuldade e a quase impossibilidade de se exercer a maternidade na rua também caracterizam esse espaço de negação, no qual as ações do Estado sobre o elo mãe e filho são violadoras. Não se pode cuidar de quem se quer cuidar. A mãe em situação de rua não é legitimada, e por ser considerada impossível de existir enquanto “boa mãe”, não tem direito de estar com seu filho. Os aparatos do Estado lhe dizem: “só lhe resta ser a mulher, sem filho”. Não se percebe as potencialidades desse devir. A ideia da ameaça ganha maior relevância do que a necessidade de cuidado à família. É como se os adultos não tivessem mais conserto. E a mulher e o homem pobre, da rua, não têm o direito de engravidar. Afinal, como poderiam cuidar do filho? Como um ser pode cuidar de outro alguém em condições subumanas de existência? A vida [do bebê] torna-se evidente diante dessas taxativas questões. E assim o devir mãe-filho é despotencializado. E quais são os impactos disso à vida da mãe, do pai e da criança? A saída da mulher e do homem da condição de moradores de rua é considerada como irrelevante ou então improvável, afinal, o redundante não precisa de determinados cuidados, mas sim de manter-se distante, em silêncio.

No que concerne aos aspectos de silenciamento do viver na casa da rua, observaremos o relato de Marcos quanto ao seu sofrimento diante dos empecilhos de exercer funções e ser atendido como cidadão que mora nas ruas.

Você vai receber uma carta de uma empresa, você vai receber o seu boleto de conta de água, conta de luz. Você vai receber... apoio médico, você vai ao posto médico.

²⁷⁶ APÊNDICE J – Entrevista com Marcos, p. 131-132.

“Onde você mora? Você mora na rua?”. Aí é... [1h07'44” – pouco compreensível]. “Ah, eu moro na rua Benjamin Constant”. Então, a pessoa sabe que você tá ali. O médico pode ir ali, que precisa correr. “Ah, mas qual o nome da rua?”. “Ah, eu moro na praça...”. “E se eu chegar na praça para te encontrar?”. “Aí cê me acha”. “Não. Aí fica difícil”. É sempre difícil. Essa questão derruba qualquer um. “Onde você mora?”. “Na rua”. “Ah, então não tem vaga para você”.²⁷⁷

Ricardo, nesse trecho, nos mostra a dor de não ser visto ou considerado pertencente à sociedade. A dor de habitar a casa de “número zero” é a de quem sente não ter condições de adquirir uma vaga de emprego, pois não haveria vagas para pessoas como ele (o indivíduo sem endereço). Sente ainda não poder ter auxílio médico, pois o local que habita não lhe permite ser facilmente encontrado, reconhecido. Ele vive então a irrelevância de ser um “sem teto”, de estar em um local em que não é possível prestar socorro ou possuir uma identidade, por não ter um número ou um “perfil” válido socialmente. Diante desse tipo de negação, o “não lugar da rua” se mostra como espaço característico da dor de quem considera a sociedade como quase impossível de ser pertencida. Tal contexto se assemelha a outro trecho da narrativa de Ricardo, quando diz: “[...] sempre tem as, as pessoas que tá na rua e não aceita o fato de você andar limpinho para tentar emprego. ‘Pô, cara, mas você é metido. Ou, você fica todo limpinhozinho na rua, você não mora na rua não’”.²⁷⁸ A partir dessa fala vimos a dificuldade de se “encaixar”, ser reconhecido e habitar algum lugar de valor.

Como “encaixar-se” em uma casa sem endereço, sem parede e sem “nada”? Talvez a casa da rua permita a existência do não reconhecimento, pois suas estruturas não são análogas às de uma casa protocolar e previsível, embora também possua características familiares. Isso porque ela pode ser atravessada por elementos fluidos ou enrijecidos, em que é possível tanto reproduzir como diluir o desconforto e o medo que os habitantes do não lugar da rua supostamente não querem acolher. Não ter endereço, não ter perfil para ser empregado, ou estar limpo e arrumado é também não ter lugar. No entanto, enquanto se é conivente com a negação do outro, se permanece em um dado não lugar. Mas, se o indivíduo afirma a circunstância antes negada, ele utiliza da casa da rua para habitar um lugar outro, afirmando certas potencialidades de si mesmo.

Envolvemos-nos com o padecimento de que nada mais é que a negação do bem comum e da própria essência. Assim, quem passa por um “não lugar” nunca é apenas um espelho refletor, ele precisou se colocar no local da negação, deixando de ser congruente com determinados aspectos de si mesmo. No entanto, há um grande desafio quando os aspectos

²⁷⁷ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 124-125.

²⁷⁸ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 125.

dessa casa sem teto e sem nada são construídos em larga escala, no espaço urbano, espaço possível para a grande produção da pobreza.

As nossas entrevistas foram realizadas em Belo Horizonte, Minas Gerais, município fundado em 12 de dezembro de 1897. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número estimado de habitantes da capital mineira em 2018 era de 2.501.576 pessoas.²⁷⁹ Nos dados de 2016, a população ocupada²⁸⁰ compreendia 53,1% de toda a população da cidade. A revista *Exame*, em texto de Pedro Caleiro, em 17 de dezembro de 2017, apontou Belo Horizonte como o quarto município brasileiro com maior economia, devido à sua participação de 1,46% no Produto Interno Bruto (PIB) nacional.²⁸¹ Tais dados nos lembram a introdução da obra *A urbanização brasileira*, de Milton Santos, que declara que as grandes cidades são os lugares “de todos os capitais e de todos os trabalhos, isto é, o teatro de numerosas atividades ‘marginais’, do ponto de vista tecnológico, organizacional, financeiro, previdenciário e fiscal”.²⁸² Cada grande cidade, tal como a capital mineira, é “um polo de pobreza [...], o lugar com mais força e capacidade de atrair” pessoas pobres, e “muitas vezes em condições sub-humanas”.²⁸³ Seguindo tal lógica, havemos de perguntar: é nas grandes cidades como Belo Horizonte que há a maior probabilidade para a existência da pessoa em situação de rua e, conseqüentemente, o surgimento do “não lugar da rua”?

Talvez a resposta a tal questão seja afirmativa, considerando a obra *Tempos líquidos*, em que Bauman relata que as áreas “descritas como ‘urbanas’ e chamadas de ‘cidades’ [...] também podem ser os lugares em que inseguranças socialmente concebidas e incubadas são confrontadas”.²⁸⁴ Não que em outros espaços tal confronto não possa ocorrer, no entanto, supõe-se que “separar e manter distância se tornam a estratégia mais comum na luta urbana atual pela sobrevivência”.²⁸⁵ É necessário sobreviver ao perigo iminente que se criou contra

²⁷⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Panorama*.

²⁸⁰ De acordo com o IBGE, a população ocupada corresponde ao grupo de “pessoas que tinham trabalho na semana anterior à da entrevista, ou seja, os indivíduos que tinham um patrão, os que exploravam seu próprio negócio e os que trabalhavam sem remuneração em ajuda a membros da família. A nova pesquisa não classifica como ocupada a população que se encontrava em longos períodos de afastamento do exercício do seu trabalho remunerado, naquela semana e, permite a estratificação dos ocupados em quatro categorias de posição na ocupação: empregados, trabalhadores por conta própria, empregadores e pessoas que trabalharam sem remuneração em ajuda a membros da unidade familiar. Mostrando de forma mais clara as relações de trabalho, as novas informações oferecem a possibilidade de desagregação dos empregados de modo a identificar o emprego nos setores público e privado e nos serviços domésticos remunerados”. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Revisão do projeto de pesquisa mensal de emprego.

²⁸¹ CALEIRO. As 20 cidades com as maiores economias do Brasil.

²⁸² SANTOS. *A urbanização brasileira*, p. 10.

²⁸³ SANTOS. *A urbanização brasileira*, p. 10.

²⁸⁴ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 77.

²⁸⁵ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 78.

os consumidores falhos, pois, nas cidades, a presença dos estranhos,²⁸⁶ tal como a das pessoas em situação de rua, “permanece desconcertante”,²⁸⁷ mesmo que esses “não se tornem objetos de agressão patente nem do ressentimento declarado e ativo”.²⁸⁸ É no urbano que aparece o grande medo diante daquele que é supostamente diferente, a incógnita que muitos querem manter desconhecida. É fundamental perpetuar a crença da necessidade de estar em uma “comunidade da semelhança”.²⁸⁹

A sociedade cria justamente o seu desconforto e se alimenta dele, pois é importante criar uma distância, porém, não tão grande que lhe impeça de acreditar que o “estranho” ainda possa causar incômodo. Ao mesmo tempo em que não se quer o refugio, é preciso estar mais ou menos próximo a ele, para que o que é tido como comum não pareça um monstro. Esse é um espaço de inércia, em que não se criam condições de conhecimento das causas dos medos, dos incômodos, cria-se a ilusão da dor, da ameaça, para que não se precise olhar para si. No entanto, sem esse olhar que proporciona noções comuns do segundo gênero de conhecimento, não se diluem os afetos passivos, eles são vivenciados em meio às ideias que fazem padecer a mente e o corpo. O homem acredita que é preciso o “medo da participação”,²⁹⁰ que, por sua vez, é também um “medo de sua dor”.²⁹¹ E que dor é essa que faz o homem temer uma suposta diferença? Será que o medo é do diferente ou da semelhança que o “estranho” apresenta?

Uma das possibilidades de reflexão está em considerar tal circunstância como um mecanismo de projeção,²⁹² em que se atribui a outrem o caráter repulsivo de algo que provém de si mesmo. Afinal, esse outrem nos serve de espelho, em que percebemos um dado reflexo, sem muitas vezes sabermos que é mais a nós mesmos que observamos. Nesses encontros desconfortantes, evitamos, de modo contumaz, o cuidado de si, que nos daria a oportunidade de reelaborarmos a dor de estar na própria pele, nos expandindo por meio dos atos de acolhimento do ser que se é e que um dia já se foi e que poderá ser. Isso quer dizer que o cuidar-se não provém da anulação da dor ou do sofrimento, ele é um meio para se chegar a esse encontro, pois está relacionado à percepção e afirmação da essência do indivíduo. O cuidado de si, como o entendemos, é um processo em que se considera o que é tido como

²⁸⁶ Os tidos como “incógnita em todas as equações”. BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 91.

²⁸⁷ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 91.

²⁸⁸ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 91.

²⁸⁹ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 93.

²⁹⁰ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 93.

²⁹¹ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 93.

²⁹² Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, no *Dicionário de Psicanálise*, entendem que, quando o ser “atribui a uma alteridade que lhe é externa”, projetando em outrem desejos que provêm dele, está se referindo ao mecanismo de defesa da projeção. ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de Psicanálise*, p. 617.

repugnante, bem como outros aspectos de nossa essência que repetidamente ignoramos. Tal fato não implica a convivência com aquilo que foge à ética.²⁹³ A liberdade para Spinoza é construída por meio dele (do sofrimento), permitindo que haja o entendimento das causas dos nossos apetites e volições, de que muitas vezes fugimos por acreditarmos não suportar determinadas semelhanças e diferenças. Se esquivamos do estranho, fugimos também da semelhança das noções comuns do segundo gênero de conhecimento, da fruição do bem e do cuidado de nós mesmos e, conseqüentemente, do cuidado com o outro.

No caso narrado por Lúcia, a senhora que se incomodou com a possibilidade de pessoas em situação de rua dormirem perto de seu prédio “abrigou-se” no “não lugar da rua”, negando parcela de si mesma diante daqueles que lhe serviram de espelho. Ademais, a partir da pergunta da pesquisadora “[...] em situações como essa, como você se sente?”,²⁹⁴ cogitamos que Lúcia também já esteve em um “não lugar da rua”. Logo após esse questionamento ela disse: “A gente, eu vou te falar verdade, eu já pensei até em suicídio. Sabe? Já tomei remédio pra, pra suicidar. Fiquei internada no João XXIII, muito ruim”.²⁹⁵ A tentativa de “pôr fim” àquela realidade por meio da busca do suicídio nos revela a dor de quem passou por um território que negava outras possibilidades de sentir a vida. Pode se pensar que Lúcia, enquanto queria se matar, rememorava a negação, o fato de ser considerada um lixo, carregando não o esquecimento, mas a memória da dor. Era uma espécie de convivência com o olhar daqueles que pouco sabiam de si e dos outros, principalmente em se tratando do saber no que se refere às pessoas em situação de rua.

Outro exemplo de negação no que tange aos que são considerados extranumerários é quando Lúcia diz: “É esses pessoal que vêm de festa, que fica passando de noite. É. Joga água, joga garra, já jogou garrafinha com xixi na gente. Já jogou pedra, ne mim e no [João], no [Rubens]... Quase acertou em nós...”.²⁹⁶ Diante desse relato, vimos como o homem redundante não apenas é considerado um inconveniente, mas também aquele contra os quais alguns creem ser lícito expressar o seu ódio. É como se tais pessoas que assim fazem dissessem: “Posso tudo diante daquele que é tido como redundante, em relação àquele que para mim e para boa parte da sociedade é considerado um lixo”. Não se trata apenas de não querer que a pessoa em situação de rua faça casa (“muito próximo de onde eu moro, de onde

²⁹³ Com base em nossos estudos de Spinoza, a ética pode ser entendida como a forma de pensar e agir em maior conformidade com a nossa essência, que é dependente de Deus. Isso implica ação, isto é, aquilo que considera o múltiplo e simultâneo que se desdobra na fruição do bem. Marilena Chauí, em *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*, explica que a ética “como entende Espinosa” é “passar da passividade à atividade, da paixão à ação”. CHAUI. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*, p. 95.

²⁹⁴ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 100.

²⁹⁵ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 100.

²⁹⁶ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 101.

eu trabalho, ou onde transito”). Esse que vive o ódio declarado ou desvelado experiencia a desarmonia de não querer afirmar, acolher a parte redundante que há nele próprio. Ele foge de si, não dando conta dos motivos que o fazem sentir tanto medo e ódio daquele que lhe serve de espelho. Não cogita viver sem esses afetos passivos e assim não dilui as suas dores, repetindo a negação de si mesmo. Acredita que o outro se faz merecedor daquilo que não consegue acolher de si, confunde o que é seu com o que é do outro. O ódio é quando os limites internos e externos são ultrapassados. Crê-se em algo que não é mais possível suportar e projeta em outrem a dor dessa dissociação, de seu afastamento para com sua própria natureza.

Acreditamos na existência de inúmeros “não lugares”, haja vista que não apenas os tidos como estranhos, consumidores falhos e, mais especificamente, as pessoas em situação de rua são os que habitam o espaço de um “não lugar”. Existem vários territórios de negação das multiplicidades do ser humano, e o “não lugar da rua” é um deles, com as suas características próprias. Todo o indivíduo que coopera com um lugar que nega aquilo que é inerente e eterno a todo ser também habita um dado “não lugar”, como espelho que reflete e como aquele que se vê, mas não se percebe nele (no espelho) refletido.

4.1 O dentro e o fora no “não lugar da rua”

Diante do não lugar da rua muitos buscam refazer seus elos com a “sociedade”, tentando de alguma forma pertencer a ela, pois vivem na polaridade do estar dentro e fora de um lugar legitimado socialmente. A entrevista de Júnior é um exemplo para essa discussão, pois quando conseguiu um emprego sentiu reviver o sonho e o *glamour* de se considerar novamente pertencente à sociedade, a um lugar. No dia 24 de março de 2018, no Parque Municipal de Belo Horizonte, Júnior foi entrevistado por aproximadamente uma hora e trinta oito minutos. Estima-se que nessa época o entrevistado possuía quase quarenta anos de idade. Em sua narrativa, conta que nasceu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, tendo saído de casa na adolescência por rejeição do padrasto e para tentar melhores oportunidades de trabalho na capital gaúcha. Trabalhou e residiu em várias cidades de diversas regiões do Brasil, e esteve como morador de rua em alguns momentos de sua vida, incluindo esse em que foi entrevistado. Foi casado duas vezes e teve um filho adotivo. Certa vez, após algum tempo em situação de rua, soube ter sido selecionado para um emprego, percebendo-se da seguinte maneira:

Eu andava, olhava para as pessoas andado, eu andando sem acreditar que eu arrumei um emprego. E eu chegar na Praça da Estação, todos meus amigos tomando cachaça, misturada com refrigerante, e falação pra cá. E eu fui sentar assim e olhar para todo mundo; porque eu tava numa situação de choque, que eu ia, eu ia trabalhar fora, eu ia assinar uma carteira, eu ia voltar para a sociedade.²⁹⁷

O trecho acima revela a importância que foi para Júnior poder trabalhar fora. Mas fora de onde? Ora, dali, da casa da rua, esse espaço característico de muitos consumidores falhos. Assinar a carteira de trabalho seria um marco importante para essa passagem, do sair (da rua) para voltar (à sociedade). Ele voltaria para um território em que uma vez se sentiu pertencido. Queria sentir-se fora para perceber-se dentro. Não seria mais um morador de rua, mas um trabalhador. Acreditava que o que valia mais era outro lugar, outro trabalho, outra forma de existência. O sentimento de choque em Júnior reforça o argumento de que no âmbito social existe esse dentro e fora. E estar dentro da sociedade, para o entrevistado, significava poder ter emprego formal, assinar o comprovante de que faz parte de uma “comunidade da semelhança”.²⁹⁸ Sentir-se na iminência de estar nessa comunidade é cogitar-se desconectado dos monstros da negação, embora não necessariamente diluindo-os em meio aos afetos ativos. É mergulhar numa espécie de “conto de fadas”, na euforia daquele que utilizou do emprego para se sentir dentro, sem saber que negava outros aspectos de seu ser. Desconsiderou que a mesma efemeridade a que tanto se apegara seria a mesma que o constrangeria quando perdesse o emprego. Assim, ignorou a possibilidade de estar conectado a uma exterioridade muito mais perene, que é a Natureza. Estar na ilusão desses polos imaginários é também habitar um dado “não lugar”, esse espaço da falsa redundância, e sofrer a força de ventos que constroem as ondas do mar. Permitiu-se sair da sociedade, sair da rua, voltar à sociedade para, quem sabe, poder encontrar o valor mais real sobre o dentro e o fora.

A desterritorialização não é, portanto, sinônimo de liberdade, considerando Spinoza. Observando outras perspectivas dessa temática, entendemos que, quando mergulhados em ideias inadequadas, nos enganamos sobre o que é interior e o que é exterior a nós, o que é nosso e o que não é. É por isso que no “não lugar” o dentro e o fora são confundidos a todo momento por aqueles que nele habitam. Independente de como o outro se apresenta, estando imersos no gênero indutivo, não distinguimos adequadamente essa relação de dentro e fora. Julgamos, polarizamos e confundimos os nossos modos de estar e relacionar. Chantal Jaquet, no capítulo “Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza”, no livro *As ilusões do*

²⁹⁷ APÊNDICE F – Entrevista com Júnior, p. 112.

²⁹⁸ BAUMAN. *Tempos líquidos*, p. 93.

eu: Spinoza e Nietzsche, trata dessa falsa interioridade e exterioridade, quando diz que muitas vezes

[...] o que cremos ser exterior é interior. O que poderia passar por uma determinação de fora é em realidade uma determinação de dentro. Se uma causa exterior nos afeta pelo que temos de comum com ela, os vestígios que ela deixa não correspondem a uma determinação de fora, mas de dentro. [...]. A exterioridade com a qual compomos é interioridade.²⁹⁹

Jaquet nesse trecho retrata, mesmo que não intencionalmente, de aspectos do mecanismo da projeção, que ocorre quando o indivíduo permanece no primeiro gênero de conhecimento. Nesse caso, o que é comum aos seres é percebido inadequadamente, pois o indivíduo compreende que as afecções daquele encontro possuem apenas uma determinação externa. E há também os casos, como na culpa e na vergonha, em que se faz focar em determinada causalidade interior, buscando ser leal a determinada parte de si, sem acolher as causas que o fizeram agir de tal forma no passado. Em tais situações, os “traços deixados em nós pelos corpos exteriores nos dão a ilusão de uma interioridade profunda original, mas não passam da cópia deformada do mundo através do prisma de nosso corpo”.³⁰⁰

No “não lugar da rua” e sob a ilusão de uma falsa exterioridade, o homem “da sociedade” acredita, muitas vezes, que o “sem teto” poderia habitar e “dominar” o seu espaço, podendo esse intruso ser o causador de todo possível mal. Por não estabelecer claramente suas fronteiras, esse indivíduo, imerso no modo indutivo, experiencia afetos passivos. E, quando vive o temor e/ou o ressentimento, repete a crença de que é válido fazer desse outro um objeto de ódio, pois assim poderia afastar de si os monstros (que ele próprio criou). Por isso muitos entendem ser necessário desabitatar as calçadas, avenidas e lugares públicos em que se presenciam pessoas em situação de rua. Não dizemos aqui dos que procuram com tais propostas prestar, de fato, auxílio a essa população; referimos-nos àqueles que agem por medo e ódio. O medo de quem não aceita nem compreende seu mundo interno, muito menos como poderia agir de modo mais potente nas suas relações com o exterior. Esse homem, sem domínio sobre determinados afetos, vê um monstro do lado de fora, sob o qual acredita poder ser frágil e/ou poderoso, tal como vimos anteriormente no elo esperança e medo. E muitos, diante dessa projeção, subjugam o morador de rua por meio de rituais de satisfação. Jogam água, urina, pedras, pois vivem sob o estado de contrariedade servil, sob a ilusão de que, ao subjugar o “sem teto”, aumentaria a própria potência de agir. Na realidade, quem trata o outro

²⁹⁹ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 363.

³⁰⁰ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 361.

como “monstro lixo” diminui a sua capacidade de afetar e ser afetado de modo mais potente. Nas suas crenças mutiladas e confusas acredita se sobrepôr à ameaça, no entanto, padece e se constrange diante de suas criações, não percebendo a própria dor de estar indiferente a si mesmo na sua relação com o outro. Nesse território o indivíduo se exime de si próprio, pois é indiferente à sua responsabilidade sobre aquilo que pode ser apenas seu, como as afecções do seu corpo. Ao desabitar de si, não assume o protagonismo de seu existir, pois acredita que são sempre os ventos contrários que lhe constroem. Submete-se a lentes turvas e imprecisas, crê ser vital desabrigar ou odiar o sem teto; e alguns moradores de rua, no não lugar da rua, acreditam no seu incontestável papel de vítima diante daqueles que lhe negam o *status*, o direito à casa, à segurança etc. Nessas perspectivas, ambos se afastam da liberdade, bem como de outras tantas potencialidades do seu ser. Como veem confusamente, acreditam que o exterior é o mal que lhes causa constrangimento. No entanto, a cada atitude de negação, fazem de si mesmos seres menos potentes, distanciados do poder de agir que os conduziriam à liberdade das alegrias reais e perenes, à maior conexão com a própria natureza.

Jaquet diz que “[...] as disposições do cérebro, a constituição dos homens, não obedecem a um princípio estritamente intrínseco, mas são o fruto de uma interiorização da exterioridade”.³⁰¹ No primeiro gênero de conhecimento, a interiorização da exterioridade é caracterizada pela indiferença daquele que não quer compreender a realidade nem de dentro, nem de fora, muito menos da real relação entre as duas. No entanto, na interiorização do segundo e terceiro gêneros de conhecimento, o indivíduo se dá conta, de modo mais intenso, dos outros que habitam nele, bem como do que da natureza habita em si. Vivenciando os afetos ativos se adquire maior consciência da exterioridade, como também do que do exterior ele apropriou como seu. Desse modo, o indivíduo passa a ser mais capaz de perceber o ser humano de forma mais profunda e abrangente, bem como as suas trocas com a exterioridade. Na ação dos afetos ativos o homem entende que o interior está sempre em conexão com o exterior, que possui dependência à Natureza. E pela compreensão do divino que há em si e ao seu redor, torna-se cada vez mais consciente da interiorização da exterioridade, que é uma constante. Nesse

entrelaçamento dos modos finitos, [...] o interior e o exterior estão sempre imbricados e não podem ser pensados como realidades distintas e separadas. [...] de modo que há comunicação permanente entre o interior e o exterior. A conservação da forma do corpo, de sua proporção de movimento e repouso, não implica o fechamento em uma identidade imóvel, sem relação nem contato com o exterior. Ao

³⁰¹ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 360.

contrário, ela comporta trocas contínuas e mutações, não somente no nível mental, mas também no nível físico [...].³⁰²

Tal como o corpo não existe sem a mente, o interno também não é o que é sem a exterioridade. Do mesmo modo, o indivíduo só se percebe como singularidade quando compreende e afirma o que está em seu exterior, as nuances do seu contato com os demais seres, da sua conexão com a Natureza. As trocas são contínuas, em maior ou menor frequência, a depender de como conhecemos as causas dos nossos afetos. Isso quer dizer que esse movimento também ocorre no “não lugar da rua”, pois todo indivíduo funciona como um sistema aberto, sob a intercessão de infinitas variáveis. Jaquet argumenta que “certas partes internas se separam do corpo e tornam-se exteriores, ao passo que outras, que eram exteriores, unem-se a ele. O interior e o exterior podem, portanto, inverter-se”.³⁰³

Enquanto existe o aumento ou diminuição da potência de agir, o sistema de trocas entre interior e exterior também funciona mais ou menos intensamente. Afinal, a potência de agir surge em meio a esse sistema. É preciso existir intercâmbios para elaborarmos noções comuns e percebermos o múltiplo e simultâneo. Aumentando nosso poder de afetar e ser afetado, esse sistema age com mais intensidade, ao passo que na vivência dos afetos passivos nossa mente e corpo atuam por meio de um padrão repetitivo entre a dinâmica interna e externa. Estando num padrão que pouco se repete, o ser pode desterritorializar-se e inverter-se em maior intensidade, podendo até mesmo passar de um gênero de conhecimento a outro. Isso quer dizer que em meio a essas trocas (de dentro e fora) sempre ocorrem algum tipo de desterritorialização e inversão, mas não necessariamente a passagem total do indivíduo do primeiro ao segundo ou do segundo ao terceiro gênero de conhecimento.

No primeiro gênero, quando acontece a desterritorialização por meio de uma paixão ativa, ocorre certa inversão, pois se adquiriu outro conhecimento acerca da realidade. No entanto, esse conhecimento não foi suficiente para esse ser desterritorializar-se entre os gêneros de conhecimento. É o caso daqueles que vivenciam a contradição do estado servil. Vimos no caso de Ricardo que, mesmo apropriando-se de alguns elementos do exterior, como a ideia da força do ensino e do diploma, não entendia de fato as causas que o levaram a permanecer na passividade dos afetos. Ele se apossou de ideais externos, elaborou a existência da Universidade Federal da Rua e de seu professor e, por meio desses, se colocou como poderoso. Foi da ideia de pequenez para a de grandeza, mas permaneceu no modo indutivo de

³⁰² JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 359-360.

³⁰³ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 360.

percepção da realidade. Nesse entrelaçamento, o dentro e o fora se inverteram, mas não se saiu completamente das ideias do primeiro gênero.

Justamente por não atingirmos totalmente a razão (segundo gênero de conhecimento em Spinoza) e o modo intuitivo de compreender a Natureza (terceiro gênero), vivenciamos alguns padecimentos, habitando “não lugares”, mas, ao mesmo tempo, “lugares outros”. Esses últimos existiriam quando afirmamos determinada parcela de nossa realidade. Podemos pensar que no primeiro gênero de conhecimento existiriam mais “não lugares” do que “lugares outros”, mas sempre ambos estariam presentes na realidade de qualquer ser humano. Não negamos totalmente nossa essência, mas também não a afirmamos na sua integralidade. Por isso há a existência de inúmeros “lugares outros” e “não lugares”, concomitantemente. O não lugar da rua é apenas um dos territórios habitáveis por aqueles que negam o ser humano enquanto um ser em potencial.

Para que ocorra essa inversão entre os gêneros de conhecimento, são necessárias mudanças nas causalidades dos nossos apetites, pelas desterritorializações do ser diante de seus ânimos. Marcos Ferreira de Paula, em “A transformação do desejo em Espinosa”, entende a mudança de ânimo como sendo resultado da reorientação do desejo.³⁰⁴ Para Spinoza, na *Ética*, “desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem”.³⁰⁵ E o apetite, como já sabemos, “é a própria essência do homem, enquanto determinada a agir de maneiras que contribuem para a sua conservação”.³⁰⁶ Pelas palavras de Chauí, desejo ou *conatus* é “movimento infinitesimal da autoconservação da existência. É o poder para existir e persistir [...]. É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e que são por nós afetados”.³⁰⁷ À vista disso, para que passemos dos afetos passivos a outros mais potentes,³⁰⁸ como sair de um “não lugar” a determinado “lugar outro” é preciso que haja a reorientação da nossa consciência ao realizarmos os nossos encontros, ou seja, é necessária a nova orientação de como ocupamos com nós mesmos e com o outro. Se no primeiro gênero de conhecimento o ser é constringido pelas forças exteriores, a partir da mudança de ânimo ele mobiliza em si os recursos suficientes para ocupar-se não dos ventos contrários, mas do que de fato é seu. As alegrias perenes se entrelaçam com o voltar-se a si e, diante das forças externas, não mais vive a escravidão dos afetos, mas sim o discernimento diante de como pode e deve agir. A

³⁰⁴ PAULA. A transformação do desejo em Espinosa.

³⁰⁵ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Proposição 9), p. 106.

³⁰⁶ SPINOZA. *Ética* (Terceira Parte. Definições dos afetos), p. 140.

³⁰⁷ CHAUI. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*, p. 46.

³⁰⁸ Entendemos que existem diferentes lugares outros, aqueles que podem operar enquanto o ser afirma maior parte de sua existência, ainda permanecendo no primeiro gênero, ou aqueles que existem apenas na mudança entre a aquisição de um afeto ativo e não uma paixão que aumente.

mudança dos afetos trata-se de uma mudança paulatina do pensamento, em que o ser compreende cada vez mais seus verdadeiros limites e possibilidades. Disso subentende-se que mudança de ânimo, embora se relacione à ação, ao cuidado de si, bem como às contínuas desterritorializações do ser, não necessariamente provoca mudança entre os gêneros de conhecimento.

Ademais, devemos entender que “[...] a exterioridade deve ser distinguida da alteridade. Os outros não são exteriores se há conveniência com eles”.³⁰⁹ Nas ideias inadequadas, há uma convivência com a falsa ideia de exterioridade e aumento da potência de agir; percebe-se algo do externo, mas não totalmente o outro, nem o si, isto é, o múltiplo e simultâneo. A realidade desse outro que é diferente é negado, ao mesmo tempo em que se deixa de afirmar que “o si não existe como entidade separada. Com efeito, ser si é partilhar propriedades com os outros corpos humanos e noções comuns com suas mentes”,³¹⁰ afirmando a sua singularidade e a dos corpos exteriores. Estando em “lugares outros” o indivíduo não afirma todos os aspectos de si mesmo e de sua relação com o outro. E nos “não lugares” não se nega também todas as possibilidades desse conhecimento que afirma a Natureza.

No “não lugar da rua”, especificamente, há a negação de determinadas noções comuns, seja do homem “da sociedade” para com a pessoa em situação de rua e vice-versa. Ambos, estando nesse lugar, negam sua conexão consigo próprio e com esse outro que tanto repudia. Nessa perspectiva, citamos a fala de Ricardo, que esclarece: “Que a sociedade, ele olha o morador de rua como... um monstro. E o morador de rua olha a sociedade também como um monstro”.³¹¹ Trata-se de um duplo espelho. A pessoa em situação de rua no “não lugar” projeta seus monstros na sociedade, enquanto aqueles que desconsideram o humano que mora nas ruas também enxergam no exterior o reflexo do que temem em si. Ambos inundados em afetos passivos, na esperança de diminuir o poder do outro, do monstro que acreditam estar do “lado de fora”. Nessa dinâmica não se procura solucionar o problema do medo ou da esperança, pois assim sendo haveria de ter um maior retorno do indivíduo para si mesmo, na reorganização das fronteiras entre o dentro e o fora. Como já dissemos, o cuidado de si é uma tarefa que passa muitas vezes pela dor, a dor do reencontro do ser com a parte se si que não quer e/ou que desconsidera ser possível de afirmar. Não se acredita ser tão parecido com o “inimigo”. As noções comuns são negadas, como também a possibilidade de se afirmar os

³⁰⁹ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 363.

³¹⁰ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 363.

³¹¹ APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo, p. 121.

elos entre interior e exterior. Desse modo, o homem [nos casos de projeção que apresentamos] prefere estar no lugar do “mal menor” (dos afetos passivos), de um território em que não se quer perceber a casa, já que suas estruturas poderiam auxiliar justamente o reconhecimento do que está em seu interior. Prefere então confundir-se, acreditando que o incômodo que vê possui origens externas. Nesse território, se quer estranheza, desconhecimento. Isso porque sente necessidade de afastar de seu espectro algo que lhe é imanente. No não lugar da rua não se quer saber de determinadas parcelas de sua individualidade, dos seus limites, como também não se quer notar o comum que existe entre ele e o ser em situação de rua (e vice-versa), não se quer notar o familiar da casa da rua.

Podemos passar por vários lugares de afirmação do ser e por diversos não lugares. As forças normativas e as que se distinguem dessas estão em todo âmbito social. No mesmo sentido, os não lugares e lugares outros estão em inúmeros contextos e são vividos, presumivelmente, por qualquer cidadão. Todos nós, em diversos momentos, habitamos um dado território de negação, justamente porque ainda não conseguimos afirmar a nossa essência integralmente; como também sempre habitamos lugares que reconhecem algo da natureza humana, pois ninguém deixa de ser totalmente congruente com sua essência, haja vista que até mesmo nos afetos passivos há uma perfeição.³¹² A expansão do ser e o *conatus* também operam quando o indivíduo padece, pois a potência de agir nunca cessa. Não há ausência de movimento na Natureza, pois como já citamos “todo corpo se move ora mais lentamente, ora mais velozmente”.³¹³

Em meio ao sofrimento de estar no não lugar, o indivíduo entende aos poucos, pelas experiências, a sua conveniência ou não com aquilo que lhe fere, com as ilusões que diminuem sua potência de agir. Nesse caminhar, o ser torna-se capaz de entender que sofre e assim incomoda-se por estar nesse território. Qualquer pessoa que habita um não lugar pode utilizar das possibilidades imanescentes de sua essência para desterritorializar-se desse local. E é na dor que muitas vezes esse indivíduo pode tornar-se atento à necessidade da libertação. Como a Natureza divina sempre nos conduz à expansividade do poder de agir e ser afetado, todo não lugar, por mais inóspito e doloroso que seja, nunca nos levará totalmente ao padecimento. Nosso *conatus* age sob dependência à natureza divina, que é toda perfeição.

³¹² Devemos ressaltar que habitar esses dois espaços, paralelamente, não implica necessariamente uma desterritorialização do “não lugar”.

³¹³ SPINOZA. *Ética* (Segunda Parte. Proposição 13), p. 62.

Desse modo, as correspondências são diversas entre esse território e os outros existentes, pois o tecido social não se rasga ou apaga, mas atua como um labirinto,³¹⁴ em que uma dobra pode dar vazão à outra e assim por diante. Cada posicionamento ilustra um dado tipo de relação, como também uma determinada história. E a história que se passa em cada parte do tecido é vista ora por uma dobradura, ora por outra. Não há como fugir da história, mesmo que ela sofra a tentativa de ser silenciada. O silêncio e o número zero também não significam ausências, mas sim perspectivas. No caso de Lúcia, o “não lugar” lhe permitiu observar novas dobras de sua realidade, novos limites de si mesma, mesmo tendo passado por uma profunda tristeza:

[...] eu vou te falar verdade, eu já pensei até em suicídio. Sabe? [...]. Quase que eu morri. Uma vez, eu bebi tanto pra mim morrer, misturei tudo, remédio, com álcool, com acetona; aí saiu muito sangue pelo nariz. Fiquei internada. Depois colocou duas, dois pavio no meu nariz, assim, pra queimar a veia, que não parava de sangrar. Tudo por tristeza. Sabe? Querendo acabar com a minha vida mesmo.³¹⁵

Vemos, pela fala da entrevistada, um exemplo do movimento autoimunitário. Como pontua Derrida, em *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*, esse ato “faz com que simultaneamente nos exponhamos ao perigo nos protegendo do perigo” [...]. “Por um lado, destroem-se as próprias proteções, mas ao mesmo tempo constroem-se outras”,³¹⁶ vivenciando em si novas possibilidades de viver e pensar a vida. Trata-se do que argumenta Marcos Siscar, em *Jacques Derrida: pensar a desconstrução: uma “exposição das vísceras”*,³¹⁷ em que “alguma coisa pode acontecer, a mais feliz e a mais insuportável”,³¹⁸ onde há espaço para “a morte e a concepção”.³¹⁹ Assim, na radicalidade dessa aventura, Lúcia se expôs ao perigo da vida e da morte, direcionando-se ao cuidado do território do Estado, da sociedade (a estrutura hospitalar), uma espécie de substituto longínquo da família. Mas tudo, naturalmente, temporário.

Há de se pensar, portanto, que determinadas ações apresentam “processos de resistência na vulnerabilidade”.³²⁰ Assim foi o uso da droga, que serviu como fuga ao terrível

³¹⁴ Deleuze, no livro *A dobra*, diz que o “labirinto do contínuo não é uma linha que se dissolveria em pontos independentes, como a areia fluida dissolve-se em grãos, mas é como um tecido ou folha de papel que se divide em dobras até o infinito”. DELEUZE. *As redobras da matéria*, p. 17.

³¹⁵ APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 101-104.

³¹⁶ DERRIDA. *Rastro e arquivo, imagem e arte*, p. 125.

³¹⁷ SISCAR. *O coração transtornado*, p. 140.

³¹⁸ SISCAR. *O coração transtornado*, p. 140.

³¹⁹ SISCAR. *O coração transtornado*, p. 141.

³²⁰ DERRIDA. *Rastro e arquivo, imagem e arte*, p. 125.

real e se apresentou como “agente desse devir”.³²¹ Sob tal radicalidade, as ações de Lúcia levaram-na a outras vivências; o imperceptível se tornou percebido, o sangue – em seu fluxo incessante – ganhou notoriedade, ao passo que se percebeu o cuidado, a esfera familiar que lhe fez queimar para curar. Imersa nesse fluxo, Lúcia criou proteções em meio às mudanças de estruturas, de seus tecidos e moléculas, no consumo e produção da sua tristeza, na sua dança na queima e fluidez de seu sangue. A partir desse processo, não permanece estática diante do labirinto, ela tece o seu “vai e vem”, embora, possivelmente, ainda não liberta do “não lugar”. Na consciência da dor, da repetida dor de estar no “não lugar da rua”, percebeu o seu interesse em desterritorializar-se, como veremos novamente por meio desta fala, já mencionada aqui:

“Tenho uma dó desses morador de rua”. Uma outra, a outra respondeu: “Eu não tenho não”. É... “Eu não tenho dó desses morador de rua não. Tá aí porque quer. Deve ter aprontado”. Ninguém olha, ninguém vê o que tá acontecendo. Num chega e conversa. “Tem não, não ajudo não”. Uma outra falou com ela. A gente escuta muita coisa. Muita... [...]. “Isso daí não tem conserto mais não”. “Só debaixo do chão”. E a gente escutando. “Não tem conserto mais não”. Verdade, a gente escutou várias vezes. “Tem conserto não. Isso aí, daí pra debaixo do chão”. Aí, eu falei: “Eu vou parar com essa pinga”. [Risos]. [...]. Vou pra debaixo do chão não! [Riso].³²²

Diante da negação de uma pessoa “da sociedade”, Lúcia percebeu sua existência por meio de outras perspectivas. Cogitou parar com o vício da “pinga”, por meio da apropriação do exterior que sinalizava o que não lhe convinha. Sendo assim, utilizou do riso, do humor para desconstruir a negação que não desejava para si. Conforme o recorte acima, nos deparamos com a invisibilidade daquele que ouviu (Lúcia) e fez aparecer o segredo de que “eles [os consumidores falhos, as pessoas em situação de rua]’ são os sujeitos dos quais devia haver menos – ou, melhor ainda, nenhum”.³²³ Afirmando de certo modo o exterior que lhe negava, transformando-o em algo útil para si, aliviou-se do peso da morte, da negação à vida. Lúcia, nesse instante da narrativa, afirma a multiplicidade, fazendo ser mais um, apesar do segredo tão aparente que a sociedade queria lhe impor. Lúcia se apropriou do estímulo externo, como o abraço sem nojo, para perceber-se de outra maneira. Essa apropriação veio junto a um abalo dos seus modos de relação entre interior e exterior. Assim, a desterritorialização do que antes era dor permitiu ser uma espécie de cuidado de si. Uma nova memória se fizera, já que o interno não era mais externo.

³²¹ DELEUZE, GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, v. 4, p. 82.

³²² APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia, p. 104-105.

³²³ BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*, p. 47.

A Natureza nos encaminha ao conhecimento que ela própria possui, o poder de afirmar tudo.³²⁴ Mas, afirmar tudo não implica podermos fazer tudo, afinal, somos finitos, limitados dentro da nossa condição de seres humanos. Assim, sob a condução da Natureza, também somos direcionados até mesmo à afirmação daquilo que não imaginávamos ser possível de ser afirmado. À luz dos capítulos anteriores, questionamos, sob a voz dos entrevistados: de que modo posso afirmar meu existir tendo sido um pai e esposo que faltou? Como não ser pequeno ou grande diante das forças externas? Como ter a estima por mim mesmo se é o reconhecimento por meio do outro que acredito ser possível? Em dado momento de suas existências, nossos entrevistados talvez acreditassem que tais perguntas pudessem ser isentas de solução. No entanto, as teorias em que nos debruçamos nos permitem supor que mesmo diante dos “não lugares” há possibilidades. Não que neles haja todas as oportunidades de ação, mas diante desses territórios o humano pode deixar a crença na inadmissível busca de se ocupar sobre aquilo que não é seu, para justamente perceber as possibilidades que lhe aparecem no aqui e no agora.

Na transição entre os lugares, aquele que se transforma e afirma o que é negado no “não lugar”, desterritorializando-se da memória da dor, habita um “lugar outro”, mesmo que depois possa viver em algum espaço que negue outra parcela de si. Afinal, estamos sempre em um movimento de expansão e o chegar e sair de “não lugares” também são partes possíveis desse processo. O cuidado de si e a desterritorialização do “não lugar” não são movimentos lineares. Eles se entrelaçam com os afetos mais potentes e menos potentes. O ser humano está sempre indo e vindo no que se refere ao retorno e ocupação de si mesmo. Esse zigue-zague faz parte daquilo que citamos sobre a nossa condição humana, de que na nossa finitude não conseguimos não passar pelos afetos passivos.

Embora exista um “não lugar da rua”, característico das relações das pessoas em situação de rua e aqueles “da sociedade”, cada experiência no “não lugar” é singular, pois cada ser vive conforme um mundo específico de encontros. Do mesmo ocorre ao “lugar outro”, que emerge do caminhar de cada um. No entanto, devemos lembrar que em todos esses territórios o ser está imerso na Natureza, sob a dependência dessa. Porque ser um indivíduo único é “saber-se em um outro e compreender a relação de imanência a Deus. Ser si é saber-se compreendido no intelecto divino, como uma parte em um todo”.³²⁵ Nesse caso, ter tal consciência é aquilo que Jaquet retrata acerca do sábio, para quem

³²⁴ Haja vista que “da Natureza se afirma absolutamente tudo”. ESPINOSA. *Breve tratada de Deus, do homem e do seu bem-estar*, p. 57.

³²⁵ JAQUET. *Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza*, p. 357.

[...] tudo é si, pois nada lhe é estranho e radicalmente exterior. Conhecendo as coisas e Deus, ele se conhece a si mesmo. Sem estar fora do todo, o ignorante está fora de tudo, pois crê interior o que é exterior, e permanece exterior à verdadeira interioridade. O sábio sabe distinguir o dentro e o fora, o si real e um si imaginário. Ele não exclui de si o outro, ele o compreende, ele não exclui o outro que não é si, ele está compreendido nele.³²⁶

Desse modo, entendemos que todas essas inversões do indivíduo quanto a seu modo de pensar possibilitarão um dia compreender que o fora e o dentro são perspectivas de uma mesma tecitura (a Natureza) que as suas compreensões sobre aquilo que ele é e como compreende a vida estão sempre se desterritorializando e que é possível, nessas andanças e mudanças, afirmar qualquer aspecto do outro e de si mesmo. Não se trata de estar conivente com o que não potencializa os afetos, mas sim diminuir o seu padecimento diante de possíveis constrangimentos e perceber oportunidades na imanência, ser afetado ativamente em cada encontro, apesar dos desafios que as forças externas despertam em nós. A vida é toda abundância, assim como nós, com nosso poder de agir de modo mais alegre, diante dos supostos ventos contrários.

³²⁶ JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, p. 364.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No lugar da negação, o ser se constrange pela dor frente à impossibilidade de se viver na dicotomia, do bom ou do injusto, do justo ou do mau. No “não lugar da rua”, se vive diante da perspectiva de que outrem é inútil, como se houvesse algum ser humano (os “da sociedade” ou pessoas em situação de rua) que não tivesse qualquer tipo de valor e utilidade. Não se quer mistura e contágio. “É preciso higienizar as ruas, tirar o lixo, o lixo humano que nelas habitam”. Isso é o que diria o homem que ignora a multiplicidade frente à pessoa em situação de rua. Ele quer que o passeio fique livre para os habitantes do bairro, como se aquelas pessoas “sem teto” também não fossem habitantes de lá. Isso implica a reprodução de ideias inadequadas, mutiladas e confusas. Não se percebe a multiplicidade e o valor que o outro tem na Natureza e que todos fazem parte dela. Ou seja, desconsideram-se as noções comuns. Nesses momentos, o ser não utiliza o que é possível para cuidar melhor de si e do outro. É indiferente à própria essência, projetando o que não tolera como problema meramente exterior.

Enquanto o indivíduo padece nas ideias inadequadas, acredita ou então tem certeza de que seus afetos possuem causa externa, ou então, que o que é externo é interno. Percebe-se o constrangimento e não as causas do que sente e por que vive de tal forma. Possivelmente não entende que se está em um “não lugar”. Acredita poder ter controle sobre os ventos contrários, fugindo da compreensão de sua finita e imanente realidade. As fronteias não estão claras e, assim, aquele que o corpo e a mente são caracterizadas pelos afetos passivos, ignora as causas de sentir de tal modo, fazendo de suas crenças uma reprodução de um suposto não querer cuidar de si. O indivíduo, no “não lugar”, opta pelo mal menor, a dor supostamente menos dolorosa, mantendo-se alheio de si mesmo, diminuindo sua liberdade de estar em um “lugar outro”, em que seria possível não a negação, mas a afirmação da aparente “dor maior” da mudança, do seu encontro com a parte supostamente mais “monstruosa” de si mesmo. Isso implica dizermos que o outro é aquele com quem muitas vezes percebemos aquilo que ainda não conseguimos afirmar em nós. Aquilo que queremos jogar fora, ignorar, mas não conseguimos, pois é nosso. Queremos exterminar ou, então, fazer de determinado ser algo redundante, para que possamos nos sentir em “paz” sobre aquilo que ainda não damos conta em nossos encontros. O homem não cuida de si quando o outro ainda é tido como grande e poderoso, ou como menor, sem poder e inferior.

A necessidade do outro é constante. É com o outro que somos provocados a mudar, pelos bons ou maus encontros. Mas muitas vezes ignoramos a possibilidade de criação e vemos o que está ao nosso exterior como apenas uma ameaça ou algo inútil de ser considerado. Isso quer dizer que acreditamos bastante em determinados alicerces do edifício. Acreditamos tanto neles que não os questionamos. O outro é o princípio do questionar-se. Revemos nossas crenças por meio de encontros com pessoas que conseguem cuidar mais do outro e de si mesmas, como também nos interrogamos quando esse outro é alguém que agride e padece ao contato com determinado exterior. Quando não se consegue questionar a si mesmo, questiona-se o outro e é por meio dessa projeção que podemos começar as mudanças, as novas possibilidades de afirmarmos mais a nossa essência. É possível estar com um outro, padecido, sem nos intoxicarmos totalmente desse encontro. Podemos nos fortalecer nessa troca, compreendendo como cuidar melhor de nós mesmos. E para isso é necessário estabelecer determinados tipos de relação com o exterior, com um olhar sobre a abundância.

Com o decorrer do tempo podemos perceber caminhos outros, possibilidades de padecer menos, mesmo que não desfaçamos de todas as nossas limitações. É como Clarice Lispector escreveu: “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”.³²⁷ Devemos tomar cuidado para não cobrarmos do outro mudanças que ultrapassam a sua disposição atual de mudar de ânimo e de aumentar a sua potência de agir. Para deixarmos as ideias inadequadas que sustentam boa parcela da imagem que temos de nossa realidade e de nós mesmos, precisamos de processos gradativos. Para a travessia entre os dois primeiros gêneros, é necessária a experiência das paixões ativas, para diluirmos esses “defeitos” que ainda são presentes em nós. Com essas paixões, passamos a criar novas rotas e desterritorializamos rumo ao gênero da razão. É preciso voltarmos cada vez mais para nós para entendermos nosso ritmo, nossa natureza.

Regidos por ideias mutiladas e confusas, sempre queremos receber do que parece ser externo a nós. No entanto, muitas vezes almejamos isso receber por meios ainda equivocados, que não aumentam nossa potência de agir. Assim, ficamos indiferentes ao múltiplo simultâneo quando experienciamos a Natureza por vias distintas daquelas com que almejamos. Fazemo-nos crer nas dicotomias, nas ideias limitadoras, que existem aqueles que são para convivermos e aqueles de quem devemos manter distância. Há os que consideramos inúteis, com os quais acreditamos que nada poderiam somar às nossas vidas. Isso quer dizer

³²⁷ LISPECTOR. *Correspondências*, p. 165.

que sempre recebemos algo do exterior, em nossos encontros. E por essas trocas ocorrerem de modo indesejado, queremos a ruptura, a distância, o rasgar e sumiço das dobras.

Nossos estudos nos possibilitaram refletir que o cuidado de si pode estar presente em qualquer gênero de conhecimento descrito por Spinoza. No primeiro capítulo, entendemos que o indivíduo, mesmo sob afetos passivos, pode somar experiências à construção das noções comuns, aquelas que nos conduziriam à liberdade do segundo gênero de conhecimento. No capítulo segundo observamos a importância do cuidado de si por meio da gratidão, do esquecimento e do retorno do sujeito para si com vistas à diluição dos afetos passivos. Tal movimento gradativo de libertação se entrelaça ainda ao cuidado com os outros, à fruição do bem e à afirmação da vida, em suas diferentes circunstâncias. No terceiro capítulo, conhecemos um território de servidão, o não lugar da rua, que, não apenas se entrelaça à passividade dos afetos, mas às possibilidades de libertação do sujeito. Discorreremos acerca da existência de indivíduos que padecem nesse território violando determinados direitos do ser humano, pois promovem práticas que excluem, ferem e podem humilhar a pessoa em situação de rua. Tratamos ainda dos que se abrigam nas ruas e se deixam constringer pelas dificuldades de estar nessa condição, vivenciando a servidão dos afetos.

Notamos ao longo desta dissertação que, para diluirmos determinados afetos passivos, precisamos vivenciar outros, ainda passivos, só que mais potentes que os anteriores. Aumentamos nosso poder de agir mesmo negando determinadas parcelas de nossa existência, pelos modos ainda não tão claros de percebermos a realidade. No gênero indutivo, vivenciamos esse cuidado sem a liberdade descrita por Spinoza, já que essa se expressa pela razão e intuição (segundo e terceiro gêneros de conhecimento). Assim, o cuidado de si não emerge separado da servidão, como vimos acerca da mudança entre o primeiro e segundo gêneros de conhecimento. Nos parece, então, pertinente e relevante aprofundarmos, em outras pesquisas, o estudo das paixões ativas enquanto meio de acessarmos o segundo gênero de conhecimento.

O homem não consegue viver sem si mesmo, sem criar condições mínimas de existência, mesmo que para isso padeça diante de ideias inadequadas sobre o que de fato seja seu e do outro. Mesmo adoecendo, ele cuidará de algum modo si, desconstruindo algo, desterritorializando-se por ideias inadequadas e confusas para manter sua sobrevivência. Nos desterritorializamos pelos caminhos que já conhecemos, para que assim possamos em outro momento traçar novas rotas de fuga. Nenhuma fuga é um tiro às cegas. Não conseguimos vivenciar os afetos ativos sem passar pela experiência dos passivos, que já conhecemos. A negação é, portanto, apenas uma perspectiva, passageira, em nossa existência. Nunca nos

desconectamos totalmente de nossa natureza, mesmo desacreditando dessa conexão; ora estamos menos conscientes, ora mais. Não conseguimos viver sem a existência de outrem, bem como de nossa própria companhia. Mesmo que fisicamente estejamos a sós, somos uma consequência de entrelaçamentos diversos entre nós e outras vozes, que emergem quando pensamos ou falamos. Isso porque não permanecemos totalmente alheios ao que perpassa em nosso exterior. Vivemos com esses outros muitas vezes sem saber que com eles estamos, que carregamos as dores ou alegrias dos que nos antecederam, bem como das normatividades da vida em sociedade.

Se na idade de ouro a liberdade era concebida como a ruptura em relação àquilo que seria exterior ao eu, pelos atos de libertação na própria imanência, em Spinoza também percebemos essa mesma função. A liberdade em Spinoza ocorre, para nós, quando o ser não mais se constrange às causas exteriores, por meio de um maior esforço em perseverar em sua essência. O *conatus* possui, portanto, função semelhante ao ato de cuidar-se. Nota-se então que a construção do cuidar-se, associado à liberdade em Spinoza, é se esforçar para compreender cada vez mais o que há de comum entre todos aqueles com quem se vive diretamente ou indiretamente. Diluindo as ideias inadequadas, entende-se a utilidade dos vínculos e encontros, como também vive-se com alegria, apesar da dor que muitas vezes se sente em determinadas circunstâncias. Cuidando de si a passos mais próximos do segundo gênero de conhecimento, muda-se algo das relações com o outro, principalmente com aquele que não é capaz de lhe enxergar como ser humano, mas apenas um refugio. Ocupar-se de si nos parece fundamental para não nos conduzirmos tantas vezes à servidão dos afetos. Isso implica estar bem na própria pele, apesar dos ventos contrários; é tornar-se sensível e acolher a própria dor quando alguém rejeita ou ignora o seu direito de existir em sociedade, como ser humano. O cuidar de si, rumo à razão, é voltar-se para o sofrimento de existir, desconstruindo os equívocos que se criou diante dessa relação entre o dentro e o fora. Mesmo que o outro nos machuque, podemos usar dessa experiência, na mudança de ânimo, como ajuda a nós mesmos, na construção da liberdade dos afetos. Povoar-se das próprias dores, percebendo algo das noções comuns, é dar a elas um novo sentido. Assim, em cada desconstrução e voltar-se para si, o ser pode afirmar mais o que antes era mágoa, medo, vergonha ou culpa.

Se, para os filósofos do helenismo, todos os indivíduos poderiam cuidar de si, mas, no entanto, nem todos seriam capazes disso, o que faz então alguns não serem capazes, ou melhor, não utilizarem dos próprios recursos para cuidar de si? Percebemos pelo estudo sobre a teoria dos afetos e, principalmente, considerando o que Marcos Ferreira de Paula apresenta acerca da mudança de ânimo, que não ser capaz de cuidar melhor de si, mesmo tendo

condições inatas a isso, diz de um querer não desaprender. Nesse caso, o ser é indiferente a certos prismas de sua realidade. Não quer deixar algumas dores que sente, não quer resolver o sentimento de incapacidade diante de certos contextos. Repete a dor, mas dificulta a mudança de foco de sua visão. Desse modo, permanece na inércia de não desaprender, não questionar o seu lugar diante de determinado outro [interno (si mesmo), ou externo]. Para certas pessoas, a sociedade é sempre uma ameaça, assim como o morador de rua o é para alguns “da sociedade”. Estar no não lugar é, portanto, negar determinadas possibilidades de ser para si e para outro. Pretende apagar a memória, sem se esquecer da ofensa, das ideias inadequadas que o fazem se sentir melhor ou pior que determinado outro. Quer rasgar o arquivo da lembrança, mas é indiferente aos mecanismos do verdadeiro esquecimento, a “saúde forte”, como diria Nietzsche. Essa memória da vontade é análoga à mudança de ânimo que promove novos modos do homem se relacionar com o tecido social, bem como com a tecitura das relações consigo mesmo. O exterior e interior fazem parte, portanto, de uma só Natureza.

Na história de vida dos nossos entrevistados, identificamos a importância do auxílio de outrem para que eles pudessem cuidar mais de si mesmos. Tal situação nos faz refletir acerca do que Foucault pontua sobre o helenismo, de que “não se pode ocupar-se consigo sem a ajuda de um outro”.³²⁸ Como já citamos na introdução, na idade de ouro, a conexão consigo era “considerada como devendo apoiar-se na relação com um mestre, um diretor, ou, em todo caso, com um outro”.³²⁹ De fato, nos parece ser mais “fácil”, como vimos nas duas narrativas do segundo capítulo desta dissertação, o maior cuidado de si quando outrem assume uma posição de destaque, de “referência positiva” na vida do indivíduo. Muda-se por acreditar na potencialidade do encontro com aquele que faz o papel de “mestre”. Foram esses outros que escutaram, incentivaram, dialogaram ou deram o abraço sem nojo, que possibilitaram de algum modo que o indivíduo prestasse atenção em uma parte mais potente de si mesmo, que olhasse para outras potencialidades de sua essência. Isso nos faz pensar no papel de cada um da sociedade enquanto co-produtor do não lugar da rua ou então dos lugares outros que afirmam a vida daqueles que estão habitando as ruas. Com os nossos estudos, cremos que ainda há muito a ser feito individual e coletivamente. Não podemos deixar a carga de responsabilidade integralmente ao indivíduo que está em situação de rua. Não devemos desconsiderar o impacto que é a produção da pobreza, como já disse Milton Santos, ou a produção de modos de existência descartáveis, à luz de Bauman. A expressão desses modos

³²⁸ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Resumo do curso, p. 603.

³²⁹ FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*. Resumo do curso, p. 603.

inviáveis de existir, que carregam afetos passivos, tal como descritos ao longo desta dissertação, constroem o não lugar da rua, espaço edificado e alimentado pela e na sociedade.

Não sabemos ao certo se os participantes voluntários desta pesquisa acharam novas versões de si mesmos ao serem entrevistados, no entanto, identificamos a demanda e as possibilidades para a escuta dessa população. Isso implica pontuarmos que há não só a necessidade de assistência material à pessoa em situação de rua, mas os encontros que possibilitam a escuta das dores e a percepção do ser humano que ali se apresenta. Em meio a essas constatações um tanto quanto óbvias, descobri devires em mim mesma diante das narrativas coletadas. Pude perceber outras potencialidades ao lidar com os meus afetos, bem como outros modos de notar a pessoa em situação de rua. Não precisar de respostas que coubessem a grupos de questões foi também permitir conceber o cuidado de si para além das dicotomias. O cuidar-se e o que seria o seu oposto se entrelaçam na tecitura das relações mais ou menos potentes que o ser estabelece consigo mesmo e com o outro.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Revista Estudos Históricos*, v.4, n.7, 1991. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313/1452>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- ARFUCH, Leonor. Entre o público e o privado: contornos da interioridade. In: ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. URRJ, 2010.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BARTUSCHAT, Wolfgang. *Espinosa*. Tradução de Beatriz Avila Vasconcelos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Prefeitura apresenta plano para moradores em situação de rua. *Notícias*, 20 set. 2017. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/prefeitura-apresenta-plano-para-moradores-em-situacao-de-rua>>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- BENSON, Phil. (Auto)biography and learner diversity. In: BENSON, Phil; NUNAN, David. *Learners's Stories. Difference and Diversity in Language Learning*. London: Cambridge University Press, 2005. p.12-18.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 196/96*, de 10 de outubro de 1996. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*. 2008. Disponível em: <https://wpp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Pesquisa-Nacional-sobre-a-Popula%C3%A7%C3%A3o-de-Rua-Relato-de-Uso-WWP--_PORT.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- CALEIRO, João Pedro. As 20 cidades com as maiores economias do Brasil. *Exame*. 17 dez. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/as-20-cidades-com-as-maiores-economias-do-brasil/>>. Acesso em 07 jan. 2019.

CARDONA, J. A. *Filosofia Helenística: estoicos, epicuristas, cínicos e céticos*. Tradução de Filipa Velosa. São Paulo: Editora Salvat do Brasil Ltda, 2017.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Pesquisa e compartilhamentos entre narrativas fílmicas e experiência educativa. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. *Pesquisa Narrativa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 275-202.

CASTAÑEDA, José Antonio Serrano; MORALES, Juan Mario Ramos. Narrar a vida: deliberações no campo biográfico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. *Pesquisa Narrativa*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017. p. 75-97.

CHAUI, Marilena. *A Nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 2.

CHAUI, Marilena. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CONAÇÃO. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CONATO. In: MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Tradução Maria Stela Gonçalves; Adail U. Sobral; Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

COSTA JÚNIOR, João Batista da. *Histórias de vida de pessoas em situação de rua em Natal/RN: fotografias do trabalho de construção identitária individual*. 2016. 203 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21409>>. Acesso em: 21 mar. de 2017.

DELEUZE, Gilles. As redobras da matéria. In: DELEUZE, Gilles. *A dobra*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 1991, p.13-28.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Tradução de GT Deleuze. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Roffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012, v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, v. 5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Uma conversa, o que é, para que serve? In: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998. p.09-45.

DERRIDA, Jacques. Rastro e arquivo, imagem e arte. Diálogo. In: DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, p. 91-144.

ESPINOSA, Baruch de. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FARIAS, Bruno Graebin de. *Narrativas autobiográficas sobre o processo de saída da situação de rua*. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130526/000978059.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 mar. de 2017.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nove variações sobre temas nietzschianos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FERREIRA, Juliana. Casa muito engraçada da música de Vinicius de Moraes existe de verdade. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 out. 2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/10/1358732-casa-muito-engracada-da-musica-de-vinicius-de-moraes-existe-de-verdade.shtml>>. Acesso em: 21 mar. de 2019.

FOUCAULT, Michel. A Ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-287. v. 5. (Ditos & Escritos).

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. v. 3.

GARCIA, Frederico Duarte *et al.* (Org.). *Terceiro censo de população em situação de rua do município de Belo Horizonte*. Viçosa, MG: Suprema, 2014.

GLEIZER, Marcos André. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Panorama*. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>>. Acesso em 07 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Mensal de Emprego – PME – Nova Metodologia*. 2019. Revisão do projeto de pesquisa mensal de emprego. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pmemet3.shtml>. Acesso em 16 ago. 2019.

JAQUET. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luis César (Org.). *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Tradução de Daniel Santos da Silva... [et. Al.]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 349-366.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MACHADO, Ida Lucia. Narrativa de vida e construção da identidade. In: LARA, Glaucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (Org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 129-141.

MÁCULA. In: CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PAULA, Marcos Ferreira de. A transformação do desejo em Espinosa. *Revista conatus: filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 51-54, jul. 2007. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=Conatus&page=article&op=view&path%5B%5D=1663&path%5B%5D=1424>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

PAULA, Marcos Ferreira de. O problema do desinteresse na filosofia de Spinoza. In: MARTINS, André (Org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche*. Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 233-246.

PROJEÇÃO. ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SARMENTO, Rosana Sousa de Moraes. *A assistência social à população em situação de rua: um estudo na cidade de Florianópolis/SC*. 2015. 279 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/135104/334519.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 mar. de 2017.

SÉVÉRAC, Pascal. Conhecimento e afetividade em Spinoza. In: MARTINS, André (org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 17-36.

SISCAR, Marcos. O coração transtornado. In: NASCIMENTO, Evando (Org.). *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. Tradução de Evando Nascimento... [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p.135-142.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 2. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. *Obra completa II: correspondência completa e vida*. Organização de: J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Tradução e notas de J. Guinsburg e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. *Obra completa III: Tratado teológico político*. Organização de: J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Tradução e notas de J. Guinsburg e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista preliminar

1. Fulano(a), me conte sobre a sua história de vida. O que te levou a morar na rua?
- Há quanto tempo você mora na rua?
2. O que é o morador de rua?
- O que significa estar morador(a) de rua?
- Como é, para você, morar na rua?
3. Como você caracteriza a rua? O que ela significa para você?
4. Você recebe ou já recebeu alguma ajuda do governo ou de alguma instituição beneficente?
- Como funciona essa ajuda?
- Como é para você ser ajudado dessa forma?
5. Você já sofreu alguma discriminação ou preconceito por estar como morador de rua?
- Como foi essa experiência? Como você se sentiu?
6. O que você faz para sobreviver morando na rua?
7. Você passa alguma necessidade?
(Se a pessoa mencionar apenas necessidades orgânicas, perguntar: - E você possui atualmente algum outro tipo de necessidade, sem ser” isso, isso e isso”?)
8. Você tem alguma proximidade com a sua família biológica? Como é essa relação?
9. Você tem amigo(s)? Como é para você ter essas amizades?
10. Que significado tem, para você, estar participando desta pesquisa?
11. Tem alguma outra questão que você queira dizer que eu não tenha ainda perguntado?

APÊNDICE B – Roteiro após a entrevista preliminar

Pergunta: (Nome da pessoa), conte para mim: como foi a sua trajetória de vida?

APÊNDICE C – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa:

**A autonomia sob a ótica do cuidado de si:
estudo sobre narrativas de pessoas em situação de rua em Belo Horizonte/MG**

Orientadora: Claudia Cristina Maia
Mestranda: Susana Nogueira Balsa Coelho

1. **Natureza da pesquisa:** o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade estudar sobre a temática da autonomia, com base em narrativas de vida de pessoas que estiveram e/ou que estão em situação de rua na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

2. **Pesquisadora:** Susana Nogueira Balsa Coelho.
3. **População alvo da pesquisa:** pessoas que estiveram e/ou estão em situação de rua na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.
4. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar desse estudo a sra. (sr.) permitirá que a pesquisadora Susana Nogueira Balsa Coelho grave, em arquivo de áudio, entrevista(s) sobre a sua experiência como moradora (or) de rua. A sra. (sr.) tem liberdade de se recusar a participar em qualquer fase dessa pesquisa e sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre o trabalho através do telefone [(31) 3319-7139] da secretaria da Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING), do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG).
5. **Sobre as entrevistas:** as entrevistas serão realizadas em locais públicos da cidade de Belo Horizonte e gravadas em arquivo de áudio para posteriormente serem transcritas e analisadas.
6. **Riscos e desconforto:** a participação nessa pesquisa não traz complicações legais e os seus procedimentos obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme a *Resolução nº 196/96* do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
7. **Confidencialidade:** todo material coletado neste estudo será utilizado para fins acadêmicos. O nome e a identidade dos participantes desta pesquisa serão mantidos em sigilo e apenas o pesquisador e a secretaria do POSLING terão acesso a essas informações.
8. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esse estudo traga informações importantes sobre a autonomia e a vida de pessoas que estão e/ou que estiveram em situação de rua. Almejamos ainda que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para um novo olhar sobre a população de rua, já que o pesquisador se compromete a divulgar os dados no meio acadêmico.
9. **Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Belo Horizonte, _____ de _____ de _____.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura e número do documento do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

POSLING: Av. Amazonas, 5253 - Nova Suíça - CEP 30421-169 - Belo Horizonte, MG, Brasil. Tel.: (31) 3319-7139. E-mail: posling@dppg.cefetmg.br

APÊNDICE D – Entrevista preliminar com Lúcia

Data da entrevista: 28 de maio de 2017. Local: Parque Municipal – BH, MG.

Legenda para todas as transcrições:

P: pesquisador	E: entrevistado
----------------	-----------------

Uso dos colchetes []: dados adicionados ou retirados pela pesquisadora.

P: Então, Lu, vou precisar do seu nome completo. Pode falar.

E: Meu nome é [Lúcia].

P: E a gente tá aqui no Espaço Museu Nacional da Poesia – Galeria da Árvore, no Parque Municipal de Belo Horizonte. Então, Lu, primeira coisa, eu queria saber um pouco da sua história de vida e entender assim... O que te levou a morar na rua? Tem quanto tempo que você mora na rua?

E: Eu já vou fazer... é... quase cinco anos que eu tô na rua. Eu entrei em depressão, tomava álcool de posto de gasolina, acetona... Fiquei internada no Raul Soares, em tratamento... E de... e fui para a casa de recuperação, fiquei vinte dias... Não gostei, voltei pra rua de novo.

P: E quando que foi isso assim? É... você chegou no Raul Soares tem quanto tempo?

E: Eu fiquei pelo CMT, né? No toxicomania, fazendo tratamento aqui na Ezequiel Dias, aí eles me internaram lá.

P: É? E tem quantos anos isso?

E: Já tem uns três anos.

P: Três anos então você foi pro CMT...

E: É. Do CMT eu fui transferida para o Raul Soares. Fiquei no Raul Soares dois meses.

P: Dois meses. E aí depois você, você, depois dos dois meses, cê voltou...

E: Aí eu voltei para a rua e voltei a beber de novo... Ficava catando latinha... Né? Que eu faço, eu cato latinha. E fiquei andando. E agora eu durmo no, dormia em frente do João XXIII, dormia no... no JK, Barro Preto e, agora, eu tô dormindo na Padre Rolim.

P: Na Padre Rolim. E como é essa história da depressão? Como que foi isso na sua vida?

E: Eu tive depressão depois que eu perdi minha mãe. Eu perdi minha mãe e de lá pra cá eu comecei a beber...

P: E quando que foi isso? Que você perdeu sua mãe...

E: Minha mãe, fez oito anos, que ela faleceu. E minha família num... num aceitava, não concordava que eu bebia.

P: Isso você começou a beber logo depois do falecimento da sua mãe, ou já bebia antes?

E: Não, foi logo, foi logo quando a minha mãe faleceu. E a... e meus irmãos trocaram as fechaduras de casa, pra mim não entrar. Então eu dormia na casa de vizinhos... dormia na rua, do bairro, depois eu resolvi vir pra a rua. Nunca mexi com droga, nunca me prostituí e nunca tirei nada de ninguém. Meu negócio é catar latinha ou, a gente ganha doação, né? O pessoal doa roupa pra gente, cobertor... E tem um encaminhamento pra gente, quando a gente, quando tá passando mal e lá no Carlos Chagas, tomar remédio. Vai lá, é assim.

P: E, assim, como que tá sendo pra você? Que agora, eu te conheci, eu acho que ainda você tava naquela fase, né?

E: Tava.

P: Da recaída, né?

E: Tava. Ainda tava bebendo quando eu te conheci.

P: E já tem alguns meses que eu ando te vendo bem, né? Assim...

E: É, vai fazer cinco meses que eu parei.

P: É, que você parou, que você ta sóbria. E como tá sendo essa experiência pra você?

E: Pra mim tá sendo muito bom. Tá sendo ótimo, porque foi através dos doadores que me incentivaram, a não, me dando roupa, me levando pras igreja, é... dando carinho pra gente, abraçando e aí falando: “Cê é bonita, você é bacana...”. Ajudando a gente. Aí eu fui mudando minha mente. E eu tô gostando.

P: Que legal. E, assim, o que você acha que mudou? Tem alguma frase que você falava para você mesma, quando você vivia isso com as outras pessoas. Né? Com as pessoas que ajudavam? Tinha alguma coisa que te sinalizava, falava, assim: “Ó, você deve fazer isso, deve mudar para alguma coisa”.

E: Tem muitas frases maravilhosas, que me falava que era pra mim mudar, que Deus existe. Que eu sou filha de Jesus, que a gente não merece esse sofrimento; porque é um sofrimento morar na rua. A gente é humilhado... pessoas recriminam... Tem pessoas que xingam... Tem pessoas que faz, faz ruindade, que joga pedra na gente, joga água gelada quando a gente tá dormindo... rouba os cobertores da gente que fica guardado dentro dos bueiros... Né? É muita luta. Toma chuva, toma sol. Um dia tem onde, o que tem o de comer, outro dia não tem...

P: E, agora, queria uma definição. O que é o morador de rua?

E: Um morador de rua [5'49'' - falha no áudio] é um ser humano. Só que a gente é carente, né? A gente num tem um apoio certo dentro de uma família. Tem uns filhos, tem uns irmãos bacana, mas tem uns que já não é, então aí a gente entra em depressão. E o custo da gente, que a gente não tem condições de ter um barracão, nem que seja um cômodo para morar; o recurso da gente é a rua.

P: O recurso é a rua? Como assim?

E: Num tem lugar para dormir, num tem lugar para morar e a gente encosta num cantinho numa marquise e dorme.

P: E fica. E, o que significa estar morador de rua?

E: É muito triste. A gente não ter um cantinho pra nós, né? É muito triste isso.

P: E esse cantinho seria, como que você imagina esse cantinho? De ter esse cantinho?

E: De dar a oportunidade... Que não é todos morador, tem uns morador que que aprontam, né? Que mexe com droga, que roubam... Mas tem muitos moradores que são muito honestos, que precisa de... Tem muitos que nem conversa. Tem que ter oportunidade pra gente, pra gente arrumar um emprego, né? Fazer uns curso... Curso baratinho, de arrumar unha, arrumar um cabelo, dava uma oportunidade pra gente pra melhorar, né?

P: Uhum. Quando você me falou cantinho eu lembrei de uma casa. Você imaginou casa ou você imaginou mesmo o trabalho, quando você falou cantinho?

E: Eu imaginei os dois. Tem que ter um trabalho pra mim ter a minha casinha. [Risos]. Como é que vai pagar aluguel, né?

P: É... E como você imagina essa casinha?

E: Ah... com o meu fogão, pra mim fazer a minha comida; um banheiro pra mim tomar um banho; uma cama pra mim dormir, né? Ver uma televisão, que a gente não vê. A gente vê quando a gente entra na área hospitalar, senta dos bancos, vê uma televisão. Fora disso, não tem como.

P: Uhum. E, agora, resumindo também, como é pra você morar na rua?

E: Morar na rua pra mim é difícil. Primeiro, porque é mulher, né? Tem as nossas necessidades; fica difícil.

P: É a necessidade de ir ao banheiro?

E: Ir ao banheiro, tomar um banho... É difícil. O banheiro é pior ainda, porque é a noite, num tem lugar... Tem, tem, tem uns porteiro que é muito gente boa, deixa a gente usar...

P: Os porteiros daqui?

E: Os porteiro da Unimed, dá água gelada prá nós nas garrafa... A gente já, ele já deixou a gente beber água lá, pegar a garrafa de água... Quando tem algum, algum salgado, algum, [8'43'' - falha no áudio] alguma coisinha que eles traz de casa, eles dá pra gente, uma fruta...

P: Teve assim, alguma situação complicada que você já passou? Porque essa questão dessa dificuldade, né? Por ser mulher, de tá indo ao banheiro, tomando banho...

E: É.

P: Olá! [Instante em que chegou e saiu outro morador de rua conhecido da entrevistada]. E você teve alguma situação assim, complicada, nesse sentido?

E: Já, já. Já... Pode falar?

P: Uhum. Pode.

E: Eu já menstruei, sujei muito a roupa. Não tinha como trocar, né? Não tinha o absorvente. Foi muito complicado.

P: E como você resolveu a situação?

E: Eu bati interfone no prédio e pedi uma roupa, aí a moça, eu falei o que aconteceu comigo, que tava coisa, ela foi lá e viu mesmo, aí ela me deu umas peças de roupa.

P: E como...

E: E me... e me deu os absorvente também.

P: Ah, tendi. E essa, esse ato assim de, é... de pedir, de ter que lá pedir numa situação tão, acho que... tão complicada, né? Não sei se para você seria constrangedora. Posso falar constrangedora?

E: Pode.

P: Né? Eu fico imaginando, assim... Como que foi para você, tá pedindo nessa situação?

E: Foi difícil, porque não foi a primeira, que eu já tinha batido nuns quatro interfone... “Ah, tem não!” “Ah, tem nada não!” Eles acham que a gente tava... Tem pessoas que bate, acha que a gente tá querendo roubar, né? Nem, fala que não tem não. Aí, dessa vez, falei “ô, meu Deus, me ajuda”. E o Senhor foi, tocou nessa pessoa e ela me ajudou.

P: E ela ajudou. E como você acha que a sociedade ela vê e ela enxerga o morador de rua?

E: Muito triste. Não são todos, mas tem, recriminam a gente, rejeitam, né? Falam muito mal.

P: Mal como?

E: Ah, fala que a gente tinha que morrer, que não poderia existir morador de rua... inseto. A gente é muito recriminado.

P: E isso, assim, você escuta?

E: Escutamos, várias vezes. Tanto que...

P: De quem?

E: Tanto que nós fomos dormir perto do Hospital das Clínicas e uma dona desceu do carro e falou assim: “Vocês são uns lixo. Aqui vocês não vão dormir não”. E entrou e falou: “Se vocês dormir aí, continuar aí...”. Entrou pro prédio dela, depois voltou, falou que se a gente continuasse lá ela ia chamar a polícia para nós. Eu falei: “Mas chamar a polícia por quê? A gente não tá fazendo nada, só estamos deitados”. Aí ela falou: “Aqui na minha porta não”. Aí nós saímos. Só que na, depois de uns quinze minutos que a gente tava procurando outro lugar para dormir, tava até chovendo, passou uma viatura. Aí eu parei a viatura e perguntei: “A gente não pode dormir ali não?” Ele falou assim: “Cês tão fazendo alguma coisa errada lá? Bagunça e tudo?” Aí eu falei: “Não, a gente só tá deitado”. “Então pode continuar lá, o passeio é livre”.

P: E numa situação, em situações como essa, como você se sente?

E: A gente, eu vou te falar verdade, eu já pensei até em suicídio. Sabe? Já tomei remédio pra, pra suicidar. Fiquei internada no João XXIII, muito ruim.

[...].

E: Eu comecei a procurar uns lugares que tem policiamento, igual eu fiquei lá no JK; em frente ao João XXIII, que tem muita polícia. Entendeu? Ficava mais assim, perto de portaria que tem porteiro que via. Uns lugares que num tinha muito movimento de, movimento de, de droga... de bebida... Eu bebia, mas era mais assim, colocava a minha pinga dentro da, da bolsa e ficava mais sozinha. Era sempre assim.

P: E, você disse também, uma das coisas que fez você...

E: Ah, aí tem também o, os meus amigos lá de cima, o [Caio] que faz a motoca.

P: Ah, o [Caio].

E: É. Ele é muito meu amigo. Gosto muito dele.

P: É?

E: É.

P: Você tinha dito dessa mudança, né? Parece que tá acontecendo com você e que foi muito impulsionada por essas pessoas anônimas que vieram ajudar.

E: Você... Especialmente você. Falava: “Lu, você tá bonita”. “Lu, gosto muito de você”. Aí, a gente fica todo alegre, sabe? Comenta com os outros colega: “Nó, ganhei um abraço tão gostoso!”. Comenta com as menina que limpa o banheiro, aqui do Parque... Sabe?

P: Pra mim também é muito bom, viu?

E: Uns rapaz bacana. Abraçou a gente. Num tem nojo, né? Tem dia que toma banho, tem dia que não. Entendeu?

P: Uhum.

E: Aquele abraços, aquele abraço tão gostoso. Aí a gente reza, pede muito a Deus por vocês também. Fala: “Ô, Senhor, ilumina eles, pra eles não abandonar a gente”. Aí, a gente vai mudando. “Não, não bebe não”. “Você é bonita, bacana”. “Você tem a gente”. “A gente gosta muito de vocês.” Aí, a gente vai mudando. Eu mudei, pra melhor.

P: Pra melhor. E...

E: Eu vou mudar muito mais.

P: E que recurso você já tinha antes disso? Que recursos seu, que te permitiu mudar? Porque o outro é como se fosse um impulsionador, né? Mas, possivelmente tem algo aí seu que possibilitou isso. O que você acha? O que esse negócio seu que você já tinha?

E: Ah, eu, a gente sofre muito. Adoece muito. Eu comecei a pensar: “Eles tão falando que eu sou bonita, que eu sou gente boa; então, eu vou fazer o melhor para agradar eles também. Me agradar, agradar a Deus e ele, vocês, né? Que tem um carinho com a gente”.

P: Então, eu posso pensar, assim, nesse algo seu, nessa vontade, né? De querer se agradar e agradar o outro? Eu posso pensar assim, ou é outra coisa esse algo seu aí? Que já tinha...

E: Não, eu, eu queria me agradar, ficar bonita também, quando eu vejo vocês bonitas. “Aí, eu vou ficar igual elas, bonita também”. Pra mim poder ajudar outras pessoas, né? Que eu pensava só em suicídio, não queria comer, não queria tomar banho, não queria conversar com ninguém. E, através de Deus e de vocês, que vem, desloca lá da casa de vocês pra ver, trazer uma comida pra gente, uma roupa, um cobertor, um carinho. Aí, isso também, a gente tem que, que enxergar, né? E tem que falar: “Não, cês tão querendo o bem da gente, a gente tem que procurar o bem pra nós”. Né? Primeiramente, né?

[...].

P: Ó, bacana. É... Você já falou um pouco sobre isso, eu queria que você falasse um pouco mais com relação à discriminação. Porque tem uma pergunta aqui que é assim: “Você já sofreu alguma discriminação ou preconceito por estar como moradora de rua?”

E: Já.

P: Como que foi essa experiência? Como você se sentiu?

E: Horrível, né? A gente fica lá... Bem, bem chateado mesmo. Tanto, que eu tava muito apertada e eu pedi pra mim usar o banheiro. “Aqui não entra morador de rua não”.

P: Onde que foi isso?

E: Na Álvares Cabral. Um negócio que tem até faculdade. Tipo uma faculdade.

P: Uhum. Aí, você tava apertada, pediu pra...

E: É. Tem uma roleta aí eu falei: “Eu posso usar o banheiro?” O porteiro falou: “Aqui não entra morador de rua”. Foi muito triste. Aí eu desci e fui ao João XXIII, porque lá eles deixam. Porque a gente quando levanta... Eu já dormi muito lá. Então, quando a gente levanta, eu recolhia os papelões tudo, deixava tudo arrumadinho. Aí, eles deixam a gente usar o banheiro.

P: Se deixar as coisas arrumadas?

E: É.

P: Perto.

E: Porque tinha uns que deixava muito sujo. Comia, largava as marmitex lá jogadas... copo... papelão...

P: Então, tipo assim, tem um certo... Você precisa fazer algo para merecer usar o banheiro.

E: É.

P: No caso do João XXIII, não sujar muito o local, deixar mais ou menos arrumado...

E: Eles observam a gente, né? Aí num, ele deixa. Deixa eu, deixa o [Caio], não deixa qualquer não, mas deixa a gente usar.

P: Uhum. Então, tem esse caso, né? Da... que você falou agora. Tem o caso também que você tinha falado da mulher que falava, que não queria deixar vocês dormirem. E, você falou...

E: E é, aqui em cima, perto da Bra, perto da Pacheco. No Hospital das Clínicas. Falou que ia chamar, que nós não tinha que dormir lá não. Aí, falou que ia chamar a polícia. Eu falei: “Mas a gente não tá fazendo nada, tá até chovendo”.

P: É.

E: Aí a polícia, por incrível que pareça, tava andando e a viatura passou. Parei e perguntei. “Vocês tão fazendo alguma coisa de errado lá? Fazendo bagunça?”. Falei: “Não, a gente tá deitado, tá chovendo”. Ele falou: “Não, pode voltar e ficar lá. O passeio é público”.

P: É... E você falou também, no início, que já jogaram água.

E: Já jogaram água, já jogaram...

P: Mas como é isso?

E: Já jogaram pedra em nós na Padre Rolim. Quase acertou na gente.

P: Mas isso é gente tipo, de onde que, de onde que eles aparecem?

E: É esses pessoal que vêm de festa, que fica passando de noite. É. Joga água, joga garra, já jogou garrafinha com xixi na gente. Já jogou pedra, ne mim e no [João], no [Rubens]... Quase acertou em nós...

P: Isso, assim, a pessoa tá vindo da rua...

E: Vindo de algum lugar assim.

P: Aí...

E: Passa e joga. Mulher, homem... É.

P: E com qual frequência que isso acontece?

E: Tem uns que passa e chuta o pé da gente assim ó, quando tá dormindo. Agora, onde nós estamos, não acontece, nunca aconteceu isso mais não.

P: Tão, tem certas áreas...

E: É. Tem certas áreas que são terríveis.

P: Da cidade... Então, se você conseguisse mapear pra mim, qual área é mais complicada....

E: Outra coisa, aqui dentro do Parque também. Tem uns guarda aí também que sempre xinga a gente: “Sai andando! Sai andando!” [a entrevistada bateu as mãos na representação]. “Sai, vaza daqui!” É morador de rua, não tem vez não!”. É. Uns dois guarda aqui de dentro.

P: Eu lembro você me falando, que eles entraram aqui com um...

E: É. Pisa na roupa da gente. Passou com uma viatura ali, pisou na roupa. Um tá até andando aí hoje, de moto. Viu nós. Até conversou comigo. Ele já passou pra lá. Eles, eles pisam na roupa... falava: “Sai andando! Sai, sai, sai, sai!” [a entrevistada bateu as mãos na representação]. “Não vai passar por aqui não! Vocês tem que dar a volta por lá!” Jo, é, da.... É, joga aquele negócio de pimenta nos meninos lá na frente... é, quando tá deitados. É verdade. Joga *spray* de pimenta. Tem um aí que não vale nada. Diante de Deus.

P: E é mais um, ou tem, ou é só...

E: Não. É dois guarda municipal. Aí eu falei, um dia eu chamei ele e falei com ele assim: “Por que que cê tem tanta raiva da gente? Você não tem família não? Então, você vai rezar ou vai orar. Ou volta a estudar. Porque nós também são fii, nós também são gente”. Aí, ele foi prá lá, não falou mais nada não. Hoje ele passa, ele tá passando perto da gente, ele vira a cara, ele não tá mexendo mais não. Falei com ele: “Cê, você é muito sem educação. Nós também somos filhos de Deus”. Ele falou assim: “Eu não gosto, eu num, eu não gosto nem de mim mesmo”. Aí, [Álvaro] tá assim... Falou, já falou, já pôs nós pra fora aqui umas quatro vezes e a gente não faz nada de errado.

P: É... se você pudesse mapear pra mim, assim, os locais de Belo Horizonte que você sofreu, ou que você via morador sofrer mais discriminação, mais é... esse tipo de maus-tratos, né? Dá pessoa chutar, da pessoa jogar pedra, jogar água, é... Que locais aqui de Belo Horizonte que mais acontece isso?

E: Ó, que mais acontece isso é... na, na... nessa região, nessa região do, do... do Hospital das Clínicas... Acontece bastante. Lá na Ubera... acho que é Rua Juíz de Fora, lá no Barro Preto. Acontecia bastante. E nessa mulher, que nós não voltamo, eu não voltei lá mais não.

P: Uhum. E os locais mais seguros, que você considera?

E: Mais seguro é... Em frente ao João XXIII, que tem policiamento. E... No JK, tem policiamento. No Militar e no Civil também, eles são muito bacana. Eles dão café, deixa a gente beber água. Sabe? E... “Pode ficar quieto aí, ninguém vai mexer não”. Eu já chego falando, né? “Eu posso dormir aí?”. “Pode”. [37’51” – inaudível]. São muito bacana. Tem uns muito bacana mesmo. Tem um, tem um que chama [Walter]. Ele é da Militar. Ele sempre dá alguma coisinha pra gente, que traz da casa dele.

P: Ó.

E: Ele, acho que até tá de férias. Ele é da ROTAM. Ele gosta da gente.

P: Legal.

E: Mas tem uns que não. Recrimina mesmo.

P: Uhum. É... Você acabou falando um pouco sobre isso, mas eu queria entender melhor. Como que você faz pra sobreviver morando na rua?

E: Ah... eu faço, eu ando muito à noite, quando eu estou disposta. Hoje em dia eu tô com preguiça. [Riso]. Eu faço reciclagem. A gente acha muita coisa. Acha panela, acha roupa. Acha celular, que eles joga fora.

P: Ó.

E: A gente acha é... livro... Aí eles vende, aí a gente vende. Essas coisinha. A gente cata latinha.

P: E como que faz pra vender? Vocês vendem pra outros moradores?

E: Não. A gente vende lá na... Num tem ali aquele pessoal que troca de roupa lá perto do Centro de Referência da Contorno? Que tem uns menino que guarda um monte de carrinho de pipoca, quase chegando no Barro Preto?

P: É, eu num...

E: Aqueles pessoal da prefeitura que varre, que limpa... Eles compra na mão da gente.

P: Ó.

E: As meninas do banheiro... A gente acha alguma coisinha e elas... Eu ganhei, eu ganhei não. A moça colocou é... um pé de botijão, aqueles negócio prá botijão não ficar no chão; uma garrafa de café; um tanto de copo de... copo de americana. Aí eu carreguei uns prato e vendi tudo pras meninas ali, que eu precisava de um, de um dinheiro pra mim comprar um xampu. Né?

P: Que interessante, né? E são coisas, assim, que... básicas, né? E você dá um jeito, dando um jeito de conseguir.

E: É. Eu compro minhas coisinha. Batom... de vez em quando eu ganho. Tem uma também que eu gosto muito dela, chama [Rejane]. A gente tá sentado lá, ela passa de noite, para o carro; ela me deu dois batom e um espelho.

P: Você gosta de batom?

E: Gosto. Me deu, me deu um pouquinho de perfume, num vidrinho... Ela me dá. Mas também, esses dias, não vi ela não. E no dia do Natal também, a moça chama [Deise], com dois filhos gêmeos, de sete anos, é, filmou a gente, falou que o melhor Natal era nós. Deu uma lembrancinha para cada um e os menininho deu as vasilhinha de comida prá nós e falou que as nossas foto ia pros Estados Unidos. Aí nós todos ficamos todos feliz no Natal, eu, [João] e o [Rubens].

P: [Risos]. O [João] é aquele que fica agora naquele grupo ali?

E: Não, ele tá internado, na clínica.

P: Ah...

E: Aquele baixinho que andava comigo, bem devagarzinho, com mochila vermelha nas costas. Que falava assim...

P: Não sei se eu tô lembrada dele.

E: É, que ficava com nós. Ele vai fazer um mês, quinta-feira, que ele tá numa clínica. Eles levaram ele.

P: Tendi. É, você disse, assim, de algumas necessidades é... que você passa, né? Às vezes passa fome, né? Passa frio, às vezes não tem o que vestir e a própria necessidade, né? De ir ao banheiro. E tem alguma outra necessidade que você passa? Além dessas?

E: Tem... A gente sente dores, sente uma dor de dente... Precisa de um dentista, o dentista é difícil, né?

P: É?

E: É. A gente precisa de, é... esses negócio assim. Tem hora que...

P: E, mais assim, dentista é mais difícil de conseguir.

E: Dentista é.

P: Mas e numa situação, assim, de dor física...

E: Aí a gente vai no...

P: Tipo no corpo, sabe?

E: A gente vai no médico, no Carlos Chagas.

P: Aí você consegue. Num fica muito tempo esperando, não?

E: É demorado. Os exame é demorado, demora muito.

P: Como? Meses ou semanas?

E: Quando eu fiz o meu, de sangue, de urina, fiquei quase dois meses pra pegar o resultado. Igual o [Valton], esse que tá internado, demorou demais. Demais, demais. Ficou quase quatro meses enrolando ele, aí agravou mais, né? Muito demorado.

P: E, você tem alguma proximidade com a sua família biológica?

E: Eu tenho... tenho... Não muito, mas tenho. Assim, às vezes, quando eles me liga, eu liguei prá lá, né? Ganhei um celularzinho. Minha menina que me deu.

P: Ó.

E: É. Aí, eu, de vez em quando, eu ligo... Mas, eu ainda tenho mágoa deles. Aí, eu gosto, eu prefiro ficar mais dis, mais distante.

P: Você tem mágoa ainda?

E: Tenho.

P: Que que vem em termos de sentimento? Além da mágoa. Às vezes a mágoa tá associada a alguma situação, né?

E: É, porque eu com depre, quando eu tava depressiva, com depressão, eu achava que eles podiam me ajudar e eles trocou, trocou foi a fechadura. E ficou pior pra mim, que eu fiquei na casa de um, na casa do outro, dormindo num canto, dormindo no outro, até que eu fui parar na rua, entendeu? É essa situação.

P: E você esperava deles, assim...

E: Pelo menos me desse um cômodo, ou me ajudasse: “Ah não, vão internar ela, né? Numa clínica, aí ela melhora”. Aí não, deixou só piorando, piorando... Quase que eu morri. Uma vez, eu bebi tanto pra mim morrer, misturei tudo, remédio, com álcool, com acetona; aí saiu muito sangue pelo nariz. Fiquei internada. Depois colocou duas, dois pavio no meu nariz, assim, pra queimar a veia, que não parava de sangrar. Tudo por tristeza. Sabe? Querendo acabar com a minha vida mesmo. Hoje eu não tô pensando nisso mais não.

[...].

E: Teve uma vez que a gente tava sentado, uma pessoa, umas moça, assim parecido com você, falou assim: “Tenho uma dó desses morador de rua”. Uma outra, a outra respondeu: “Eu não tenho não”. É... “Eu não tenho dó desses morador de rua não. Tá aí porque quer. Deve ter aprontado”. Ninguém olha, ninguém vê o que tá acontecendo. Num chega e conversa. “Tem não, não ajudo não”. Uma outra falou com ela. A gente escuta muita coisa. Muita...

P: E você, tem dó? Dos moradores?

E: Eu tenho. Eu também sou uma, né? Eu tenho. Um ajuda o outro. Um tem dó do outro, né?

P: Mas será que dó seria a melhor palavra? Porque dó lembra muito, assim, um coitadinho.

E: É.

P: Você vê os moradores como coitadinhos?

E: Não.

P: Porque você falou, assim: “É um ser humano”.

E: É, é um ser humano.

P: A gente pode ter compaixão, né? Pela situação do outro.

E: É...

P: Mas não é coitadinho, ele tem capacidades. Né? Você não tá aí firme e forte? Né?

E: Falou assim: “Isso daí não tem conserto mais não”. “Só debaixo do chão”. E a gente escutando. “Não tem conserto mais não”. Verdade, a gente escutou várias vezes. “Tem conserto não. Isso aí, daí pra debaixo do chão”. Aí, eu falei: “Eu vou parar com essa pinga”. [Risos].

P: [Riso]. Ou seja...

E: Vou pra debaixo do chão não! [Riso].

[...].

APÊNDICE E – Entrevista com Samanta

Data da entrevista: 22 de março de 2018. Local: região hospitalar – BH, MG.

P: Então, tô aqui. Qual é aquela rua?

E: Rua dos Otoni.

P: Rua dos Otoni...

E: Com Bernardo Monteiro

P: Com Bernardo Monteiro... Tô aqui com a [Samanta] e quando você quiser começar a falar sobre você, [Samanta], fica à vontade.

E: Tá. Como é que eu vou começar? Vão começar lá trás, eu bem novinha, quando eu tinha doze anos. Eu... virei pra minha mãe e falei que eu não ia estudar mais. Eu era, assim, muito santinha. Ela balançou o ombro, bateu as mãos e falou assim: “Você quem sabe, eu lavo as minhas mãos”. Desse dia pra lá, foi você que sabe mesmo, eu lavo minhas mãos mesmo. Ela lavou mesmo. Aí, eu não estudei mais. Só ficava na rua. Aí veio a droga... A maconha, a maconha já tinha vindo antes, com nove anos, com o cigarro. Aí veio a cocaína, com doze anos. Com treze anos veio o crack. E só aprontava, aprontava; viciada, cachaça... Tipo assim, até um dia que eu acordei e não tinha nada pra mim vestir. Tinha fumado, usado tudo de droga que eu tinha. Minha mãe, como ela tinha dito, “eu lavo minhas mãos”, ela lavou mesmo. Aí eu vi que era eu por eu, né? Aí, pra mim sustentar o meu vício, as roupas que eu tinha, pra eu comer, eu tinha que ter mais roupa. A roupa vai acabando e tudo. Aí eu entrei no tráfico. Aí, quando eu entrei no tráfico...

P: Com quantos anos?

E: Foi, quando eu entrei no tráfico eu tinha quatorze anos, quatorze pra quinze anos. Mas já usava droga há muitos anos. Aí, era só Deus, né? É roubar, é... É só aprontar. Só aprontava, só aprontava. Polícia em casa direto. Minha mãe só chorando, só chorando. Aí, o dia que eu arrumei a guerra feia lá, para eles num me matar, eu tive que ir pra rua. Não tinha pra onde ir. Num sabia fazer nada... Minto, pulei um espaço. Aí eu casei. Com a minha prima.

P: Ó.

E: Aí beleza. Criei um pouquinho só de juízo.

P: E você casou com quantos anos?

E: Ah, já tinha meus vinte anos.

P: Vinte anos.

E: Vinte anos. Aí, a gente ficou junto, quase dez, nove anos e tanto. Aí, nesse meio termo aí, eu fiz um curso de Tanatopraxia, na Santa Casa. Me formei, trabalhei lá, é... Na prova lá eu tirei o segundo lugar e os três primeiros a Santa Casa chama pra ficar, pra trabalhar com eles. Aí o casamento foi desandando, aí eu voltei pra droga, pesado...

P: Isso assim...

E: Pro crack.

P: Você casou você já tinha saído do crack?

E: Isso, agora, no final. Já... dois mil e nove.

P: Ah.

E: Por aí. Aí foi aonde eu perdi o emprego da Santa Casa, perdi o casamento, perdi o juízo e a cabeça, voltei pro tráfico, arrumei uma guerra feia, aí eu saí pra rua. Aí eu fiquei três anos na rua. Aí, foi logo que eu conheci vocês que eu sai da rua, né? Já tinha o quê? Menos de um ano que eu não tava na rua. Se eu conhecesse vocês há um ano atrás, vocês iam me conhecer na rua. Ali, ali praticamente tava sendo o começo ainda, né? Que ainda, você lembra que eu falei com vocês que eu ainda não tinha colchão...

P: Isso.

E: Que eu não tinha nada? Ali ainda era o começo. Dormia no papelão. Mas aí hoje já sobrevivi bastante. Ganhei muita coisa. Aí, foi isso, foi as guerra do tráfico. Na rua foi só sofrimento. A única coisa que eu não fiz na rua foi vender o meu corpo. Porque o resto, o que você pensar, eu fiz. Eu roubei, entendeu? Você rouba. Não adianta

falar que você não rouba. Rouba. Você apronta mesmo. E sofrimento dos outros, te humilhando o tempo todo, querendo achar que é melhor que você o tempo todo, e eu sobrevivi.

P: Sobreviveu. E, assim, como que é, você se perceber, depois disso tudo, hoje você sair da rua; você já não é mais usuária, né? Você falou que você já conseguiu sair do tráfico.

E: Sai. Sai da cachaça, sai do crack, sai da cocaína...

P: Como que é? Como que você se vê hoje em dia?

E: Nossa, hoje, pra eu te falar verdade, eu sou outra pessoa, assim. Fisicamente, por mais que o cigarro me canse, eu consigo andar aqui; antes eu andava mais fadigada que eu ando... Hoje, por causa do cigarro; antes, por causa das droga pesada. É, nossa, diferente, a pele da gente é diferente, a gente se sente melhor, todos os dias melhor. Porque o dia que você tá usando você tá bem, o dia seguinte você tá ruim, você num tá aguentando. Nossa, é outra coisa. Outra coisa.

P: E o que que te fez, assim, as vezes é mais de uma coisa, né? Que faz a gente mudar.

E: Minha mãe e meu pai. É... a idade chega pra todo mundo, né? E eu, de mais nova, eu sempre fui sem juízo nenhum. Sem juízo nenhum, sem juízo nenhum. Eu já pintei o sete. Então, assim, meu pai passou morto pela minha frente... Os médicos conseguiram voltar a vida dele. Então, hoje eu vivo por eles, entendeu? Tudo que eu faço, eu pago meu aluguel, compro minhas coisinhas, e vai para eles. Meu pai tem câncer de próstata e câncer de pele. Tem quatro safena e um marca-passo [voz de choro]. E, a minha mãe, ano passado, eles descobriram ela, uma doença degenerativa nos ossos dela, que não tem cura, e tipo assim, só tem um remédio que contém... [voz de choro]. É, morfina, para amenizar as dor. Então, assim, é ele e ela, porque enquanto eu tiver eles, por mais longe que eles estejam, quando eu tiver eles em cima da terra, eu quero que eles vão embora bem, entendeu? [voz de choro]. Eu quero que eles vá embora falando assim: “Nossa, minha filha mudou!” [voz de choro]. Sabe? [voz de choro]. Igual minha mãe hoje olha pra mim, “nó”; ela não fala comigo, sabe? Mas ela fala com as minhas irmã [voz de choro]. Ela fica toda feliz. Igual, ela liga pra mim, “nó bola, não tem um gás, o gás acabou” [voz de choro]. Daí rapidinho eu desço pra pista, sabe? Eu viro dinheiro, vou na lotérica e deposito para ela. Às vezes eu tenho uma coisa lá em casa, eu mando pra ela; ela manda agradecer, feliz, sabe? Isso aí pra mim é mó orgulho, sabe? [voz de choro]. Hoje eu poder pegar e pagar as mensalidade do plano funerário, sabe? [voz de choro]. Pro meu pai e minha mãe contratar com [7’21’’ – pouco compreensível] melhorzinho, sabe? [voz de choro]. Pra mim, a melhor coisa do mundo é isso aí. O resto é consequência, sabe? [voz de choro]. Eu conseguindo fazer por eles... [voz de choro]. Eu quando tava na rua, os outro me humilhava... [voz de choro]. Que que eu podia fazer por eles? [voz de choro]. Que que eu podia fazer? Nem fazer por mim [voz de choro]. Entendeu? [voz de choro]. Então, foi quando eu parei, pensando neles [voz de choro]. Eu tenho um pai e uma mãe e um dia eu não vou ter, um dia eu não vou ter [voz de choro]. Eu tomei sete tiros [voz de choro]. Ó [voz de choro]. O primeiro, a primeira bala entrou na frente. Você sabe essa cicatriz... [voz de choro].

P: Isso tudo, isso é...

E: Saiu aqui. Eu tomei na mão, eu tomei aqui. A bala tá alojada ainda aqui.

P: Então, foi uma na cabeça...

E: Duas na cabeça. Tem outra aqui, que ficou alojada aqui, atrás da orelha, que essa não pode tirar.

P: Não pode tirar.

E: Essa não pode tirar. E a outra entrou aqui e saiu aqui. Ela mesmo saiu. A do braço também. A do braço pode tirar.

P: Pode tirar.

E: Pode tirar. Mais, a da mão, tomei uma também na virilha, que saiu perto da artéria. Tomei a facada na mão depois. Então, assim, isso tudo é... É que eu tava aprontando, sabe? Aí depois, que eu não tava aprontando mais, tentaram me matar, no Castanheira ali. Olha, abriram meu braço, abriram minha cabeça, de fora a fora, por uma coisa que eu não fiz. Dessa aí também foi a minha, a minha maior tristeza na vida, sabe? Porque, assim, eu tomei tiro eu tava no tráfico; eu tomei a facada eu tava mexendo com mulher casada. Eu tava toda errada. Mas, [9’05’’ - pouco compreensível] mais de vinte pessoas, tentou me linchar, e [9’07’’ - pouco compreensível] de oito, de varanda. Eles abriu meu braço e minha cabeça. Não tinha feito nada. Nada! Nada! Foi na covardia, sabe? Isso aí também, nossa, às vezes da raiva também do ser humano também por causa disso, sabe? Eles é muito covarde. Muito covarde.

P: E você tem noção do motivo que eles fizeram isso?

E: Covardia. Covardia, porque eu era sapatão.

P: Eles falaram isso na hora?

E: Lá no Castanheira. Lá naquela invasão que tem lá no Castanheira. Eu consegui meio lote pra mim. Eu consegui meio lote pra mim; e... eles não me aceitaram não. Construí o barraquinho, mudei para lá. Na primeira semana eles me tiraram de lá.

P: E foi pesso, moradores de lá?

E: Do tráfico. É.

P: Do tráfico.

E: É o tráfico que manda nesses lugares, né? Os morador não manda nada. Os morador é só refém deles.

P: Entendi. Aí você, na sua vida diária, chegou um belo dia, que aí vo...

E: É. Aí, nessa, nessa invasão já era pra mim ter saído da rua, quando eu ia pra lá.

P: E foi quando isso lá no Castanheira?

E: Foi em dois mil e quinze. Dois mil e quinze. Entendeu? Foi quando eu ia sair. Aí eu voltei.

P: Entendi.

E: E eu voltei pra rua.

P: E, assim, quando você relatou isso eu percebi, assim, que te marcou muito, né? Essa experiência. E, o que você leva dessa experiência para a sua vida, assim? Porque você falou que sentiu que foi uma injustiça, né?

E: Foi, porque, assim. Igual, eu tomei tiro, gente, na frente, sabe? Atravessou. Ali foi Deus. Aqui foi Deus. Aqui também foi Deus. Todas as vezes foi Deus, eu sei. Mas, assim, eu procurei as outras vezes. Eu tava fazendo o errado. Ou cara, eu não tava fazendo nada, eu só tava querendo um pedacinho de terra, que eu ganhei do cara que tava de frente, sabe? Da invasão. Onde tinha mais de três mil famílias. Ele me deu um cantinho. “Vai lá, agora constrói o seu barracinho. Cai pra dentro.” [11’25” - pouco compreensível]. E é eles que vira e fala assim: “No morro não pode ter isso, no morro não pode ter aquilo”. E no morro tem tudo que eles quer. Tendeu? Então, é muita sacanagem, só. Porque, o que eu fazia, vinha cá trabalhar e vinha embora dormir. Eu só queria sair da rua, um cantinho pra mim. Agora, porque eu sou sapatão? O que você tem a ver com isso? O que que tem a ver? Ó, é muita sacanagem. Num... Se eu tivesse feito alguma coisa, “aí eu fiz, então eu paguei por aquilo que eu fiz”. Igual das outras vezes. Na minha casa foi justamente isso mesmo. Eu que que eu esperava? Ganhar um cumprimento do marido dela?

P: E você, já teve outras vezes que você sofreu esse preconceito? Ou alguma discriminação em torno da sua opção sexual?

E: Ah, isso aí já. Principalmente quando lá atrás na minha adolescência, né? Que era mais terrível a discriminação, né? Lá entre, mãe de amigas... Né? E tudo na adolescência. Isso aí sempre tem. Isso aí é normal. Mas, deixa eu te falar com você, a discriminação em si nunca me, me atingiu. Nunca. Desde a minha adolescência. Sabe? Eu nunca liguei pra isso. Nunca liguei pra isso. O que eu não aguento, assim, é uma coisa pessoal minha, sabe? É as pessoas covardes... Covardes... Covardes... Porque eu tenho covardes em casa, sabe? [voz de choro]. Os irmãos da minha mãe são covardes [voz de choro]. A minha avó faleceu, eles não falô pra minha mãe [voz de choro]. Sabe? A minha avó faleceu, eles sepultaram a minha avó e duas horas ligaram e falaram. Minha mãe é a filha mais velha, a minha mãe largava a gente pequenininha aqui no Caiçara, com o meu pai, pra poder ajudar a minha avó lá em Betim. Você entendeu? Minha mãe sempre teve lado a lado com a minha avó. O final da, da, da, da vida da minha avó, quando ela adoeceu, sempre era minha mãe, minhas irmãs, eu com o que podia. Eu, particularmente, não tô nem aí, porque eu não dava certo com a minha avó; desde pequenininha ela não gostava de mim. Azar é dela. Entendeu? Mas depois, no final da vida dela, tudo que ela precisou de mim, eu fortaleci ela. Nem esquentei cabeça com o mal todo que ela me fez não. Sabe? Mas assim, a minha mãe, ela tinha o direito de ter sepultado a mãe dela. A minha mãe, ela entrou em depressão depois que a minha avó faleceu. Sabe? Aí, veio mais problema. Podia até ser que os problema de saúde dela, ela já tinha, mas pra mim, veio tudo agravando com consequência do que aconteceu. Porque minha mãe era carne e unha com a mãe dela. Meus tios eles não tinham o direito de fazer com a minha avó o que fez com a minha mãe também. Você entendeu? Não deixar minha mãe se despedir. Eles são um bando de mau-caráter, eles não tem caráter e eles são um monstro. E eles são covardes. Porque eles têm dinheiro. Sabe? No caso, a minha mãe não tem. Minha mãe é a única filha que não tem condição. É minha mãe e outro tio meu, que mora na rua também. Eu tenho um tio meu que mora na rua há mais de quarenta anos; aí na floresta. Então, é... Ele, a minha avó também não se dava bem com ele não. Ele aparecia na porta de casa, minha avó pôs ele para fora. Então, assim... Ó, gente, sabe? É tanta ruindade. Por que que eles sepultaram sem que minha avó, sem que minha mãe despedisse da mãe dela? Ou, minha mãe fazia tudo pela minha avó, só. Pra minha mãe, era carne e unha na minha avó. Beleza. Por isso, sabe? Hoje eu tenho orgulho, graças a Deus, sabe? Tô com um plano simplezinho, mas eu pago. O dia que minha mãe fechar os olhos, ou o meu pai... Eu tenho um sobrinho também que tem hidrocefalia, eu coloquei ele no, no plano. Um dos três, fi, não chega nem na porta, que vai dar o maior B.O. Nem é para avisar ninguém. Eu tô pagando, vai lá para a funerária, tem direito à cremação. Minha mãe já falou que quer ser cremada, que ela não quer que os bicho come ela não [riso]. Aí já vai direto. Não teremos velório. Entendeu? É, vão a família ali, as filhas, os netos, despedir, cremou, sepultou, cabou. Não quero nenhum deles beirando o, o, a urna da minha mãe não, sabe? Não quero. O que eles fizeram com a minha mãe num, num tem... não tem palavra. Cabou. Pra mim, eu não tenho tio, eu não tenho ninguém não. Tem não, acabou. Sabe? Não! Eles ficava na rua aí e tal, passava por mim, sabe? Vocês que é estranho, vocês fazem muito mais pela gente do que eles. Eles passavam por mim, assim, só olhava mesmo, entendeu? “Pa, pi”. E, conversava duas palavrinha aí e vazava. Nem se: “Ó, [Samanta], você tá com fome? Quer ali comer alguma coisa?”. Não. Só para dar língua pro resto da família, entendeu? Pra ficar esticando, esticando. Então, eles não tem caráter, eles não tem escrúpulos, eles não tem noção. Sabe? Do que é ser um ser humano. Eles não sabem o que é isso. Eles não sabem. Então, assim, minhas irmãs também, o pouco que elas faz, que elas pode também, elas faz, pra minha mãe, pro meu pai...

Acredito que elas fazem até mais do que eu, porque tá lá do lado delas. E o dia a dia da gente acaba sendo mais pesado, né?

[...].

P: É. Que que tinha nessa Samanta que fez ela começar a usar droga e ser “santa” igual você falou que você era?

E: Caramba, velho, eu não tinha nada. Nada... Essa Samanta, essa Samanta, essa era doce.

P: Era doce?

E: Era unha e carne com o pai dela [voz de choro]. Meu pai ia tomar banho eu ficada no degrau, do lado de fora, assim, esperando ele. “Você não teria condição comprar uns carrinho pra mim?”

P: Comprar o quê?

E: Uns carrinhos, uns brinquedo.

P: Carrinho? Ah...

E: Aí, tinha uma marcenaria perto de casa. Né? Que ele conversava muito com o dono de lá. Aí, no final de tarde, ele foi pra lá e voltou com carrinho de rolimã pra mim, que ele tava fazendo [voz de choro]. Eu não sei... Não sei, sabe?

P: E o que que aconteceu?

E: Era tudo muito bom, muito bem, sabe? Não tinha motivo pra reclamar de nada. A mãe dele. Sabe? Não deixava faltar nada pra gente. Às vezes ele tava desempregado, mas ela, sempre ali, bancando o aluguel.

P: Sua avó paterna?

E: Paterna. Bancando o aluguel? Sabe? É, minha merenda e a das minhas irmãs. Nós estudava é no Colégio Pedro II.

P: Era bom. Né?

E: Ó. E, não sei se ele é hoje ainda, mais antes ele era particular. Na minha época, lá trás, nos anos oitenta. Ele era particular. Então, assim... Eu enganei ela. Sabe?

P: Ela quem?

E: Minha avó. Eu... Já loucona, já. Já usava droga, tudo. Saía de Betim, vinha cá no Caiçara; dava o nome dos livros lá e tal. E ela achando que eu tava fazendo faculdade. Que ela pagava. Pagava faculdade, pagava livro.

P: E que que isso te...?

E: E isso que me dói muito. Sabe?

P: É?

E: Tinha dia que eu pegava o dinheiro. E... porque não era ela que pagava. Ela passava o dinheiro para nós, para mim e para as minhas irmãs. Mas minhas irmãs também não fez. Não sei como vai a consciência delas. Sabe? Mas isso também me dói muito. Muito, muito, muito. Sabe? No, na beira do caixão dela, eu chamei ela de vó, a primeira vez. Porque a gente chamava ela só pelo nome. A gente tinha o hábito de chamar a mãe da minha avó, da minha mãe, que era a ruim, de vó. E a mãe do meu pai, a gente chamava, o hábito de chamar de, [apelido], porque o nome dela era [Vânia]. Aí eu, nossa, pedi a ela muito perdão. Sabe? Mas enquanto ela também tava aí viva eu não fiz nada. Sabe? Por ela. Nenhum carinho. Não fiz nada. Fiz nada. Sabe? [voz de choro]. Só enganei [voz de choro]. Enganei quem? [voz de choro]. Eu mesma [voz de choro]. Porque hoje eu lembro, dói na consciência. Porque onde ela tá hoje, ela sabe que eu não fiz nada. Que eu usei droga, eu ostentei. Entendeu? Zoei [voz de choro]. Comprei armas, comprei drogas... com o dinheiro que ela tanto suava. Sabe? Às vezes eu penso. Sabe? Ah, porque eu tive a vida também muito fácil. Sabe? Muito boa. A mãe do meu pai, assim, nós era humilde, nós era pobre, mas a mãe do meu pai não deixava faltar nada, nada, nada, nada, nada. Eu tinha guarda roupa de canto a canto. Cheio de roupa de, de shopping. Tênis era só Nike que eu usava. Porque além de tudo era pobre metida e chata. Sabe? Não usava outro tênis, outra marca. Que só a minha avó. Que meu pai estava trabalhando também, era para um salário mínimo, porque ele era motorista particular. Então, não ganhava muito dinheiro. E... não sei, eu acho que... achava a vida muito fácil. Tudo que eu queria eu tinha. Depois, fui inventar que eu tava estudando... Ela faleceu achando que eu fazia veterinária. Eu fazia bosta nenhuma. Nem estudar eu estudava mais; há muitos anos. Mas aí, hoje eu vejo que, eu não enganei não foi ela não, eu enganei eu mesma. Que ela foi descansar. Enganei, eu não enganei, ela tá descansando, ela tá em um bom lugar. Que ela só fez o bem. Ela não tava me dando dinheiro para me drogar, pra mim financiar tráfico. Ela não estava. Ela estava tirando, me dando dinheiro para me trabalhar. Eu que estava fazendo outra coisa. Então, quando eu fui pra rua e tudo [tosse]. Igual eu te falo, da minha mão, que eu não ligo. Quando eu fui pra rua eu também não liguei não. Tipo... pra mim, de um jeito ou de outro, Deus tava me cobrando, para me dar valor ao que eu tinha. Sabe? Dar valor. Aí, por isso que eu te falei, depois que eu fui dar valor. Tive que apanhar muito para dar valor. Que eu sempre tive as coisas muito fácil. Sabe? E por isso eu nunca dei valor. Fosse daquele prato de comida. Sabe? A uma meia, uma cueca... Um... Qualquer coisa. Um respeito para mãe da gente. Um respeito para a minha mãe. Era de nada material não. De respeito. Chegou um dia da minha mãe me ver, ela entortou toda. De chegar dela entrar em pânico. O rosto dela entortou todo. Então pesa, entendeu? A gente fica velha, a gente vai lembrando as coisas, vai pensando. Não dá pra ser, sabe? Tem que fazer diferença. E... eu quero só que ela e meu pai vai

embora em paz. Sabe? Ver que eu mudei. Que eu mudei para uma pessoa melhor. Sabe? Que eu sou um ser humano melhor hoje. Que eles pode ir tranquilo, sem precisar esquentar cabeça comigo. Igual eles falava, né? Que o medo deles era eu. Pode ir tranquilo. Eu acho que eu aguento segurar [1h02'47'' – pouco compreensível] [voz de choro]. Se eu não aguentar, eu vou ser obrigada. Né?
[...].

APÊNDICE F – Entrevista com Júnior

Data da entrevista: 24 de março de 2018. Local: Parque Municipal – BH, MG.

P: Então, [Júnior], eu queria saber, assim, queria que você contasse a sua história. E que você... por onde você quiser começar. Eu queria entender, o que que te levou para a rua? Como que é você viver na rua? Essa trajetória sua.

E: Bom, eu. Eu não sou, eu não sou de Minas. Né? Eu sou, eu sou da cidade de, de São Leopoldo, aonde que meus familiares se encontram, que é do Sul do Brasil. Né? É... Na região metropolitana de Porto Alegre. Então, a... Então, o que acontece? A, a vida precária de onde eu vivia, no interiorzinho com a minha mãe, na cidade dela, Cruz Alta, eu comecei a minha vida colhendo arroz e eu fiquei um tempo. A plantação de arroz, ela não deu coisa assim e eu fui conhecer a capital. Fui morar na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

P: Isso com quantos anos você foi para a capital?

E: Olha, eu tinha... eu tinha de quinze a dezesseis anos.

P: Ah. E que você começou a trabalhar com arroz foi quando?

E: É, desde, desde que minha família, porque minha família ela, o cultivo da cidade, o trabalho da, das pessoas, da população, se trabalha com arroz. Entendeu? A lavoura sustenta o município.

P: Então, desde criança você começou a trabalhar?

E: Desde criança, junto com minha mãe e com meu pai. Então, eu perco meu pai muito cedo. Né? Com essa minha vinda a Porto Alegre eu tive a... a notícia da morte dele. Entendeu? Então, perdi o meu pai muito cedo. Não consegui ver o velório e o enterro do meu pai. E... na capital, eu fui, comecei a trabalhar fora. Né? Eu entregava pizza. Né? Na, na... a... na capital. Né? Pra mim poder sobreviver. Foi que, mesmo saindo do interior indo para a capital, minha mãe deu um rendimento muito bom para mim, pra mim chegar a ter uma vida. Né? Que a capital era melhor do que o interior, então eu fui para a capital. Trabalhei. Consegui muitas, muitos benefícios. Ainda continuei estudando na capital. E isso foi indo. Tinha um parente da minha mãe que morava perto. Passou-se um tempo, a minha família se muda do interior para a região metropolitana, onde que é a cidade de São Leopoldo. Minha mãe foi morar lá, então, a... Aí, nessa, nessa vinda para a capital, a minha mãe já veio casada com meu padrasto, pai dos meus irmãos. Então, a gente não se adaptou.

P: Por quê?

E: A morar junto, eu, mãe, padrasto.

P: Ah...

E: Então, eu tinha o meu cantinho, morando com os outros e, visitava ela, que ela veio morar perto da capital.

P: E que outros, com que outros você morava?

E: Amigos que eu fiz quando eu vim para a capital.

P: Ah...

E: Repartia aluguel, repartia despesa, repartia tudo. E aí eu fui começando a desenvolver, na capital, comecei a trabalhar, a sempre trabalhando. Sempre. Fui trabalhar com entrega de pizza. Eu trabalhava. E um certo dia, o meu rendimento subiu. Eu fui trabalhar com... com a... hoje se chama Centro [Pópera?], mas no meu tempo se chamava Centro de Convivência [Ele e Mulher?]. Era um bloco de carnaval, que era uma ONG, que se coligou à prefeitura, à assistência social e fez um Centro de Convivência. É que é a mesma coisa que o Centro [Pópera?]. A pessoa lavava a roupa, tomava banho e tinha oficinas educativas. E eu fui, eu tive o prazer de, depois que eu fui trabalhar com eles; ah... o meu amigo foi embora para o interior, então eu já não tinha como pagar o aluguel sozinho. Né? Que ele já tava, no caso, mudando para outro emprego. Eu tive a, a, a... o negócio, saber como é morar dentro de um albergue.

P: Ah, foi lá já que você começou a morar no albergue?

E: No albergue. Então, eu trabalhava, eu trabalhava meio turno, nesse Centro de Convivência. Né? No caso, a minha função era a, de manhã, e a galera tomava banho no chuveiro, deixava o sabonete e o potezinho de xampu. Então, a gente tomava banho com aquilo, o shampoo ia para o chão, o sabonete ia para o chão. Então, era da, da, das oito da manhã ao meio dia. Então, meu horário, então o meu horário, aquele horário eu sempre tinha que recolher o sabonete do chão, para não grudar na, na, na, na “vlajota” e juntar os potinhos de creme. Que eles jogavam.

P: Então, assim, você, você tava no albergue e trabalhava lá?

E: É. Porque, vamos supor, é porque. Vamos supor. Do lado de cá da rua é, é, era, é, é, era. Desse lado, vamos supor, do lado direito da rua era o Centro de Convivência. Você atravessava para o outro lado, [4'54" – pouco compreensível] a entrada do albergue. Então, [4'56" – pouco compreensível] do banheiro. Entendeu? Então, o albergue funcionava noturno e ele diurno. O Centro de Convivência.

P: Ah...

E: Hoje é a mesma coisa. O Centro Pop é a mesma coisa, coligado ao albergue.

P: Ah, tá.

E: Igual o Tia Branca aqui.

P: Entendi.

E: Usa a mesma, o mesmo prédio.

P: E você tinha quantos anos lá quando você tava no albergue?

E: Eu tava nos meus vinte anos.

P: Vinte anos.

E: Eu tava nos meus vinte anos. Então, o que acontece? Então, a... Trabalhei. Né? A, a... Me coliguei à prefeitura de Porto Alegre, à Secretaria de Assistência Social. Né? E trabalhei com ela. Chegou um tempo que... a... a minha chefe, ela falou para mim assim: “Olha, não tem como mais manter o seu pagamento, manter você. Entendeu? Por causa que a prefeitura cortou muita verba, cortou muita coisa, e coisa”. Então, eu me, eu me vi, eu me vi numa situação mais precária ainda; só o albergue e a rua. Eu já não tinha mais o emprego. Claro, que sempre naquela expectativa de conseguir um outro, vivendo na capital. Conheci amigos. Né? Nessa coisa de tá no albergue, aquela convivência. E falavam que era muito bom Blumenau; Santa Catarina era ótimo. “Então, vamos para o *Oktoberfest* ganhar dinheiro para você voltar e se manter até arranjar outro emprego”. Só que a minha saída da capital, eu fui além de Blumenau. Tendeu? Porque aí o que eu vi na televisão, que São Paulo era um lugar muito bom, que São Paulo era muito bom de morar, porque São Paulo tá cheio de emprego, São Paulo você tinha tudo. Então, o que a televisão me mostrava não era a realidade de São Paulo. Então, em vez de eu chegar a Blumenau, Santa Catarina para trabalhar, eu fui além. Eu fui morar em Curitiba. Né? Na capital paranaense. Em Curitiba eu adoeci, eu tive uma pneumonia muito forte, de tanto tomar banho de chuva nas estrada andando de...

P: Você...

E: Dormir nas lajes, eu peguei uma pneumonia; quando eu cheguei a Curitiba. Uma pneumonia muito grande. Fiquei internado dentro do Centro de Acompanhamento, a, o Centro de... de Apoio a pessoas que, que, que... que estão doentes. Lá em...

P: Isso, isso...

E: Lá em Curitiba.

P: Tinha quantos anos já? Nessa...

E: Olha, eu tava com, isso eu já tava nos meus vinte e dois a vinte e três anos.

P: Tá. Aqui, por causa do sol, quando você quiser...

E: Não, não, não.

P: Deslocar. Tá?

E: Não, tá bom.

P: Fica à vontade.

E: E aí, o que acontece? Aí eu pego e... e, eu pego nisso tudo e fico internado lá e eu descobro que eu tinha um problema na, que me deu um problema na, nos rins.

P: Na onde?

E: Nos rins.

P: Nos rins?

E: Nos rins. Então, eu, eu não podia sair de Curitiba, porque não é, a, a minha meta não era Curitiba morar. Então, eu tinha que tratar, porque já tava indo muito grande, contra cólicas renais, essas coisas. Que o médico disse assim pra mim, assim: “Olha, a sua família ela tem [8'5" – pouco compreensível] de ter um câncer”. Que assim, a minha tia morreu com câncer no pulmão. O meu avô teve um câncer no, no canal, é, esôfago, né? Né? E o meu pai ele morreu com, ouvi dizer, com câncer no fígado, que é a cirrose. Entendeu? E... então, o médico falou pra mim lá, em Curitiba, que eu poderia ter no futuro, se eu não me cuidasse, câncer na, na uretra. A uretra é o canal entre o rim e a bexiga. E é isso. Se eu não me cuidasse, se eu não me cuidasse de, de tomar banho, sem botar o chinelo, não andar mais em chuva, essas coisas, poderia-se nascer um tumor, na uretra. E não tem, ele disse que não tem cirurgia. Então, de tirar da uretra, tu morre. Porque é perto da bexiga. Então, lá, se dar câncer lá, você vai só tomar remédio até a sua morte. É bem assim que ele falou para mim; explicou. E aí eu fiquei, ah... me curei em Curitiba. Né? Com isso tudo. Fui tomando remédio, fui para São Paulo. Quando chegou na capital, eu vi que não era aquilo, não era aquilo que, que eu imaginei na minha cabeça. São Paulo, eu fui para o interior, fui morar em Campinas. Em Campinas eu comecei a trabalhar numa, numa firma de, de, que eu fiz um curso de cozinheiro e comecei a trabalhar em uma firma de cozinha.

E: Oi. Tudo bom? [Contato de Júnior com uma pessoa no Parque Municipal]. É uma firma de cozinha. E nessa firma eu... eu fu, eu, daí, da firma, mandaram eu pra, para a filial em Brasília. Eu morei três anos em Brasília. E assim foi em diante. De Brasília, eu trabalhei um pouco. Mandou eu para Mato Grosso, que tinha outra filial. Então, nessas cidades que tinha filial eu morava de. Isso foi subindo as cidades.

P: Em várias cidades?

E: É. Não, é, e a cidade ia subindo. Entendeu? Então, eu trabalhei em Brasília, ah, dois anos; em Cuiabá, dois anos. Ah... fui para Porto Velho, Rondônia, dois anos. Fui parar no Amazonas.

P: E assim, do que que você trabalhava?

E: É, de cozinha

P: Sempre cozinha?

E: É, cozinha. Entendeu?

P: Uhum.

E: Foi. Daí, depois, quando voltou, quando chegou a Belém do Pará, olha, a gente, a gente tem uma cozinha em Belo Horizonte. Gente, não era em Belo Horizonte. Minto. Era em Uberlândia. Triângulo Mineiro. Então, a gente vai mandar você para Uberlândia. Então, de Belém do Pará eu fui parar em Uberlândia. Ah, eu fui conhecer Minas pelo Triângulo, Uberlândia.

P: Uhum.

E: Em Uberlândia, eu trabalhei só seis meses. Deu uma crise lá na firma lá, que eu fui mandado embora. Então, eu tinha direitos, de todo tempo que eu trabalhei, até chegar a Uberlândia, e eu comecei a viver com eles.

P: Com esse, com o que você ganhou...

E: Com os direitos. Com os direitos, tudo que [11'00'' - pouco compreensível] precisou de carteira, os direitos.

E, então, em Uberlândia eu peguei, morei um tempo lá. Depois aí, eu vi que eu não tava dando mais certo pra mim Uberlândia, eu fui, aí eu já comecei, fui para Patos de Minas. Né? Fui só dentro de Minas Gerais. Até um dia eu chegar em Belo Horizonte. Eu cheguei aqui em dois mil e oito. Né? O abrigo Tia Branca era na Pedreira Prado Lopes. Então, eu entrei lá e, nesse tempo eu já tava mais desgostoso da vida. De, nossa, a minha vontade era voltar de volta para o sul. Então, eu pegar, tomar um abrigo. Daí, no dia seguinte: “Não, nós temos um Centro de Referência, que é lá na Contorno, no Centro Pop e fazemos oficinas educativas”.

P: Quem que te falou isso?

E: [11'51'' - pouco compreensível] do albergue. Né?

P: Ah tá.

E: Ah, o, os próprios, ah, usuários. E eu fui, eu fui, comecei a fazer uma oficina de teatro, dentro do Centro Pop, pra mim não ficar na rua, pra não ficar bebendo nas praças, essas coisas. E fiz amizades nessas oficinas.

P: Isso você tava no Sul?

E: Não.

P: Já tava aqui?

E: É, em Belo Horizonte. Já tava com meus trinta e quatro anos. Tendeu? E aqui em Belo Horizonte, eu, eu comecei, eu fiz esse curso. Eu botei na minha cabeça que eu tinha que trabalhar fora. De qualquer maneira.

P: Fora de Belo Horizonte?

E: Não. Trabalhar, fora, assim, não, não só depender daquela oficina.

P: Ah, tá. Tendí.

E: Trabalhar.

P: Uhum.

E: Entendeu? E aí, o que acontece? Daí um dia eu fui, eu corri para as agências, no, na, no Sine. E aí e nada. “Ai, eu vou te chamar, eu vou te chamar, eu vou te chamar”. Aí, um certo dia eu tava na oficina, chegou um, um convitinho, que a [12'54'' - pouco compreensível], no Centro de Defesa de Direitos Humanos para a População de Rua e os Catadores de Materiais Reciclados. “Ah, mas isso é eles vão querer pegar a pessoa certa”. “Claro que não. Eles querem pessoas que tivessem a vivência na rua. E eu acho que você é uma pessoa muito, muito bem, você conversa muito bem. Eu acho que você encaixa no perfil”. Aí ela passou comigo no Ministério Público. “Preciso recolher os seus documentos, você ver que você consegue”. Então, eu levei todos os documentos e tudo, mas eu não levei aquela fé. Sabe? Passou-se uma semana, me chamam para uma entrevista. Daí eu já comecei a me ligar: “Não ué, eu guardei, eu vim aqui com meus documentos, eu corri com tudo, passou uma semana tá me chamando para a entrevista, é porque a coisa aconteceu. A coisa vai fluir. Depois, na entrevista, e comecei a abrir a boca, a menina olhou assim para mim, “Não, não não, não não. É que a, é que não tá na sua entrevista. Eu quero que você conte a sua experiência da rua, de lá aonde saiu do Rio Grande do Sul, onde você falou, até você chegar aqui em Belo Horizonte”. Entendeu? Então, eu [14'02'' - pouco compreensível] fui explicando tudo. Fora que a vivência que eu tinha, se eu tinha contato com as pessoas lá, com os amigos que eu fiz na rua. Se eu tinha contato com, com os órgãos, como é que era o meu comportamento. Por quê? Porque para mim trabalhar dentro desse Centro eu não podia ser uma pessoa nervosa. Eu tinha que ser a pessoa mais calma do mundo. Então ela, ela disse assim: “É assim que tem que fazer a sua entrevista. Porque, quantas vezes você brigou quando você tava nesse, nesse mundão do Brasil. Se você se estressou, se você

brigou, se você saiu de cidade devendo alguma coisa”. Eu disse: “Nunca”. E aí, aquilo tudo ia entrar na entrevista. Por quê? Porque eles queriam uma pessoa e disse assim: “Olha, ah, você mesmo sem trajetória de rua, você, a gente vai lidar com um público que vai ser agredido lá na rua, que vai chegar aqui nervoso. A ponto de querer, porque quer o direito deles que qualquer forma, porque foi agredido pelo guarda, pelo, pelo dono da loja, pela dona, por quem for. Ele vai chegar aqui estressado e você não, o dia que ele mandar você à merda, mandar todo tipo de nome para você, você vai ter que relevar tudo isso. Porque não é qualquer um que releva”. Assim que ela quis me explicar. Entendeu? Então, tem que ser uma pessoa que tem que ter uma mente calmíssima, para relevar tudo isso. Tendeu? Foi aonde que eu falei: “Não, mas eu nunca, nunca fui. A pessoa me xingar, essas coisas”. Falou aí, ela falou assim: “Então tá. Ah, sexta feira...”. Isso foi numa segunda. “Na sexta feira a gente te liga”. “Então tudo bem”. Eu fui. Arrumadinho e voltei. Tava no Tia Branca. E aí, isso foi em dois mil e dez, dois mil e onze. E aí, chegou sexta-feira, tava numa ansiedade, mas aquela ansiedade, pra mim receber a no, a resposta da entrevista, que tudo que eu falei para ela, [16’03” – pouco compreensível] eu falei da, da, de dentro para fora não. Sabe? Foi aquela coisa assim, lá de que [16’09” – pouco compreensível], da sua vida. Eu acho que eu tinha que passar por aquela entrevista que eu fiz.

P: Como?

E: Eu acho assim ó, eu [16’17” – pouco compreensível] de força, para ela, a minha entrevista, que não é impossível num passar numa entrevista daquela. Aí eu pego, e nada de tocar o telefone, e tocava não era. E a... e o órgão fechava às cinco horas. “Aí eu vou lá. Eu vou lá, mesmo se eu levar um não na cara, mas pelo menos eu tenho que ter certeza se eu passei nessa entrevista ou não”. Sabe? Aquilo, aquilo pra mim, vou tão, crente que eu vou trabalhar, vou trabalhar, vou trabalhar. Tendeu?

P: Você depositou muita fé,

E: É.

P: Né? Naquilo.

E: E eu fui lá para saber. Mesmo levando um não na cara. “Ai, eu não te liguei. O que você veio fazer aqui?”. Entendeu? “Mas eu fui”. Sabe? Eu cheguei lá e disse: “Escuta”. “Sim, pode falar”. “Não, é porque eu queria saber se eu passei na entrevista que eu fiz segunda-feira, por causa que eu tô agoniado com isso”. Ela falou assim: “Não, mas eu não te liguei. O que que tu acha?”. Entendeu? “Se eu não te liguei, o que que tu acha?”. “Ah, mas. Não”. Daí, eu fiquei tão sem jeito. “Ah, muito obrigado, então. Me desculpa.” Entendeu? Quando eu dou as costas a menina: “Não, a gente tá, eu tô brincando com você. Não, volta aqui. A gente gostou da sua entrevista sim. O seu nome já está no edital lá em Brasília, no oficial, no Diário Oficial de Brasília. Tá o seu nome como, como um dos, um dos, dos...”. Como é que chama? “Do servidor público que vai trabalhar dentro desse Centro de Defesa de Belo Horizonte”. Ah, sabe? Não sabia se eu ria, se eu olhava assim para a cara dela. “Muito obrigado”. “Mas, você queria saber o salário que você vai receber?”. “Não, não, não”. Eu assim: “Não, não, não, não, não. Capaz”. Eu não quis saber salário. “Ah, que bom que eu vou trabalhar.” “Mas você não vai querer saber o salário que você vai ganhar, não?”. Eu disse: “Não, mas se dando para mim viver tá ótimo”. Aí ela assim: “Não, você vai ganhar muito bem, você vai ganhar dois salários mínimos e meio”. Isso, o equivalente em 2011, mil e quinhentos era dinheiro. Entendeu? “Você vai ganhar muito bem. Eu acho que a sua vida vai mudar”. Entendeu? Então, eu acho que a partir de agora, eu começo a pensar assim, “que a sua vida mudou”. Sabe? Eu, eu sai dali. É Susana, né?

P: Uhum.

E: Em, Susana. Eu saía dali, eu andava, que não existia *move* na, na, na Santos Dumont. Era avenida normal. Né? Eu andava, olhava para as pessoas andado, eu andando sem acreditar que eu arrumei um emprego. E eu chegar na Praça da Estação, todos meus amigos tomando cachaça, misturada com refrigerante, e falação pra cá. E eu fui sentar assim e olhar para todo mundo; porque eu tava numa situação de choque, que eu ia, eu ia trabalhar fora, eu ia assinar uma carteira, eu ia voltar para a sociedade. Que eu tava. Entendeu? [19’23” - pouco compreensível] diz assim: “Meu Deus! Ai, o que aconteceu contigo? O que que houve?”. As pessoas: “Nossa, você tá diferente. Parece que você tá em choque”. Falei: “Gente, a minha vida acabou de mudar”. “Como assim a sua vida acabou de mudar?”. “Eu vou trabalhar”. Sabe? Então, aquilo, de Uberlândia, que eu perdi, eu decaí muito até chegar em Belo Horizonte.

[...].

APÊNDICE G – Entrevista com Leandro

Data da entrevista: 25 de março de 2018. Local: Parque Municipal – BH, MG.

P: Pronto. Tamo aqui na praça Maria Augusta, do parque municipal de Belo Horizonte, no dia vinte e cinco...

E: Domingo.

P: Domingo, no dia vinte e cinco de março, na parte da manhã. Tamo aqui com o [Leandro].

E: [Leandro]. Bom dia, primeiramente. Qual é a sua graça?

P: Então, Susana.

E: Isso. Prazer, Susana.

P: [Leandro].

E: Meu nome é [Leandro] eu...

P: Com relação à confidencialidade, é... que a gente. Você assinou o termo de compromisso. Né?

E: Uhum.

P: Aí é... Você falou que pode, seu nome poderia estar...

E: Sendo divulgado, sem sombra de dúvidas. Pode divulgar meu nome [Leandro], divulgar essa entrevista, sem problema nenhum.

P: Tá joia.

E: Tá? É... Vou começar da minha infância. Comecei a fumar maconha aos doze anos de idade. Né? É, sou de família de origem mineira, toda mineira. Né? É... Convivi, fui criado pela minha avó. Não fui criado pela minha mãe, porque aos seis meses minha mãe, minha avó viu, mãe da minha mãe, viu que se ela não me pegasse para criar, eu ia passar dificuldade.

P: Que tipos de dificuldade?

E: Em casa. Ia ficar desleixado, jogado. Porque minha mãe tava descabeciada na época.

P: Ah, é?

E: É, mamãe não tava muito boa. Aí, minha vó e meu vô me pegaram para criar. Na época, nós morávamos abaixo do Colégio Batista, na rua Saldanha da Gama. Nós morávamos ali. E, e... ficamos ali... quatorze anos, no bairro Floresta, abaixo do Colégio Batista, em Saldanha da Gama. E de lá fomos pro bairro Santa Maria. Perto da Vila Oeste. Bairro Santa Maria, perto da Vila Oeste ali. Ali eu passei uma boa parte da minha infância. Aí, aos quatorze anos nós vendemos o nosso lote, a nossa casa que nós tínhamos lá e mudamos para Arão Reis, região norte de Minas. E sempre fumando maconha. Aos dezessete... Aos dezessete? É, aos dezessete eu conheci o crack. Foi o que me fez eu perder a minha família.

P: Ah é?

E: Foi. Arrebentou minha vida

P: Como assim perder a família?

E: Como se diz, é, a família começou a, a... a, a... a... a desacreditar. Aí foi, eu dei uma firmada, quietei. Passei por uma clínica lá em Pontes e Lacerda, no Mato Grosso. Chama CRERVIDA.

P: CREVIDA.

E: CRERVIDA. Centro de recuperação e restauração à vida. Fiquei nela, nessa clínica, seis meses. Retornei pro seio da minha família. Firmei e cai de novo.

P: E você ficou quanto tempo, assim, sem cair, de novo?

E: Fiquei dois anos e meio.

P: Dois anos e meio.

E: Dois anos e meio, firme, depois que eu sai dessa clínica.

P: E você tinha quantos anos, quando você foi pra clínica?

E: Pra clínica? Eu tava com dezessete

P: Dezessete.

E: Dezessete. E, e... voltei, fiquei dois anos e meio firme, depois dei uma recaída. Tava de emprego e dei uma recaída. Eu arrumei uma namorada que me ajudou a me recair.

P: É?

E: É. Ela, eu tava apaixonado nela, ela largou de mim e eu não aceitei a negação, mas não fiz nada com ela. E fui para a pedra de volta. Aí, a família já começou a abandonar.

P: Sério? Mas abandonar como, assim?

E: Abandonar de num... deu não poder ir na casa de ninguém, de quase ninguém. Só, sete irmão, dos sete irmão, eu só tinha contato com um, que é o que eu tenho hoje, que é o meu tio [Moura]. O único. Eu ligo, converso e tudo, mas, do contrário, seu precisar de lavar uma roupa, se eu precisar de chegar, bater na porta lá agora e comer, não me dão comida. Não aceitam. São revoltado, porque eu fui criado por eles. Minha avó me pegou, mas todo mundo, dentro de casa, irmãos da minha mãe, então, eles são revoltados com isso. Todos são formados, todos estão bem de vida, eles revoltaram com isso aí. Não culpo eles, porque eu plantei para isso. Né? Eu plantei para isso. E até hoje eu também não culpo eles, de forma alguma. E, e... eu coloquei na minha cabeça, quando eu vi, comecei a perceber a rejeição da, da família em si. Chegava na casa de uma tia, não tratava mal, mas você via que não tava tendo aquela atenção, de família de sangue.

P: Como se você se sentisse, assim...

E: Desprezado.

P: É?

E: Desprezado e jogado a, pra tralha. E eu fui revoltando com aquilo de uma forma... E vovó, é, é... que me criou, vovó morreu de desgosto... É... vovó morreu de desgosto, porque, porque... Vovó morreu não tem um ano

[voz de choro]. Mãe da minha mãe [voz de choro]. E ela revoltou... [voz de choro]. A fami, a família, ela brigava com a família para me aceitar de volta e a família não aceitava [voz de choro]. E ela foi decaindo de saúde, e eu morando na rua. E, e... ela ficava preocupada, e, e... meus tios ainda vinha atrás de mim, porque ela tava viva ainda. Eles falava comigo: “Ó, nós tamo indo, vindo atrás de você, porque sua avó tá viva, porque o dia que ela descansar, você pode esquecer a gente”. E, e... o que eles falô não é mentira não [voz de choro]. Meu povo, não preciso contar com nenhum deles, a não ser com tio [Moura]. É o único. É o único. Que eu fui criado mais com ele mesmo. Tinha uns tios, tudo dentro de casa, mas fui criado mais com ele mesmo. E eu tive duas pancadas, desse tempo que eu tô na rua, que, que... Mamãe teve uma tuberculose no passado e não cuidou dela direito, e essa tuberculose voltou, agora. E mamãe era xodó de vovó. Mamãe descansa [voz de choro]. Quando eu fiquei sabendo que mamãe tinha falecido, mamãe tava morando em Carangola; segundo casamento dela, tenho mais três irmão, [Douglas], [Renan] e [Jorge]. Tenho contato com eles, falo, tive lá, é, ano passado. Me tratam super bem. Me acolhem toda vez que eu chego lá. Sou muito bem recebido. Quando eu fui ficar sabendo de mamãe; e eu na rua [voz de choro]. Quando eu fiquei sabendo que mamãe tinha descansado, já tinha oito dias [voz de choro]. Aí, a cabeça, na rua, já complicada, a cabeça já bagunça. Vóvó vai e cai na cama. Uma puxou a outra. Eu falei, falei isso pros meus tios, eles não concordou comigo não. No velório da vovó, da vovó, eu falei isso pra eles, eles não concordou não. Eu falei: “Uma chamou a outra, né?”. Quinze dias depois que mamãe foi, vovó foi. Mas hoje, praticamente, vai fazer um ano, que as duas descansou juntas. E eram os dois, os únicos dois arrimos que eu tinha, minha estrutura que eu tinha na vida, chamava [Leonora] e [8’04” – pouco compreensível] [Augusta]. E... eu, como se disse, eu tô, cara, que hoje que aí, eu peço pra Deus pra Deus me levar. Eu tenho uma moça, de quinze anos, [Amanda] [voz de choro]. Eu não tô querendo viver mais não [voz de choro].

P: O que tá acontecendo que você não tá querendo viver mais?

E: Não dou conta de viver mais [voz de choro]. Eu, num, num, num quero viver mais [voz de choro].

P: E o que você num tá, o que que não tá dando conta mais? O que é isso que você não tá aguentando mais?

E: Eu tô cansado de sofrer [voz de choro]. Dentro da minha cidade, eu sinto que, é... [voz de choro]. Eu não dou conta mais, eu não dou conta mais de procurar emprego [voz de choro]. Eu não dou conta mais de... [voz de choro]. Eu tô, eu tô arrebetado, machucado, todo dilacerado por dentro, porque meu povo não me ajuda [voz de choro]. Meu povo tá cagando e andando para mim. Eles pode passar do meu lado, eu tá dormindo no papelão aqui, passando na rua aqui, eles finge que não me conhece [voz de choro]. E eu não pisei tanto na bola para tá merecendo isso não. Eu não pisei da forma que eles acha que eu pisei na bola, pra tá merecendo esse tratamento que eles tá me dando, de forma alguma [voz de choro]. Então, eu acho isso inadmissível, a forma que eles viraram as costas para mim. E eu vou...

P: Você se sente muito com isso. Né?

E: Nossa, eu sinto de mais [voz de choro]. Isso me arrebeta [voz de choro]. Isso tá me machucando, isso me machuca ao extremo [voz de choro].

P: Isso doi. Né? Realmente.

E: Isso machuca ao extremo [voz de choro]. Voltava com meus primo, cara. Rapaz, de vez em quando eu ligo; meus primo: “Pelo amor de Deus, negão, vão marcar um lugar pra gente se ver” [voz de choro]. Encontro com eles na rua, o que eu posso fazer é, eu pego, tem vezes que eu programo com eles, eu guardo até minha bolsa família, pra pelo menos pagar um sorvete para eles [voz de choro]. Que a maioria do meus primos, eu sou o terceiro mais velho, de dezenove neto, vinte e dois bisnetos. Eu sou o terceiro mais velho, então criei eles, dei banho em muitos, que hoje é novo [voz de choro]. E eles me adoram. Me adoram de paixão. Brigam. E eles não podem bater de frente com a família. Falei com eles: “Sabe como é. Não bate de frente com eles. Não faz isso não”. “Nós vamo se ver”. Falou: “Ô, Negão, nós com medo de saber que você tá dormindo, quando a gente descobrir você já tá debaixo da terra”. Falei com eles: “O dia que vocês descobrir que eu tô debaixo da terra, vocês colocam na cabeça que eu morri amando vocês”. “O negão aqui morreu amando vocês”. “Eu limpei a bunda do cês tudo”.

P: É tão bom, né?

E: É [voz de choro].

P: Quando a gente tem alguém que a gente pode gostar, né? Amar.

E: É, rapaz. Eu marco ele, [Álvaro], [Arnaldo] e... e... e... [Armando]. Trigêmeos, de minha tia [Solange], que mora em Juliano. Uma vez por mês nós se encontra. [11’18” – pouco compreensível] eles desce, a gente se encontra no centro, aí nós passa um dia junto. O dia inteiro junto. Vamo pro cinema e brinca e bate um papo e pá. É... lanchamo, almoçamos juntos. Aí, de tarde, é decepção. Que é a hora que eles vai embora [voz de choro].

P: Ah... na hora que vai embora.

E: E eu vou ficar [voz de choro]. E todo mundo cai no choro e vira aquele [11’42” pouco compreensível] todo [voz de choro]. E chegam em casa. Minha velha: “Toda vez que os meninos sai com vocês eles volta pra casa arrasado; num consegue nem jantar. Eles fica doido de vê você dormindo [voz de choro]. Teve um dia que um deles tava passando, voltando do serviço, era meia noite e pouca, quando eles assustou ele tava em pé do meu lado e ele não me reconheceu. Você vê o trabalho que aquele menino me deu; meu tio [Mauro] teve que buscar ele, ué. E ele xingando a minha tia [voz de choro]. Eu falei: “Não briga com minha tia”. Ela falou: “Ele plantou,

por isso que ele tá desse jeito”. “Vamo levar ele mãe, tá chovendo, tá fazendo frio”. “Não, ele vai ficar aí, onde é que ele tá”. E... é... é complicado demais, é complicado demais e eu tô sofrendo com isso. É a única coisa que eu peço, pra minha vida... Eu não tenho mais, o que eu tinha para fazer aqui eu acho que eu já fiz. Tô com trinta e sete anos, nasci [dia e mês] de mil novecentos e oitenta. Eu não tenho já a mínima... [voz de choro]. Eu não mais perspectiva de vida.

P: Não? Mas tão novo...

E: Não, não, não. Eu vou embalsamador de cadáver, ao extremo. Falta cinco anos para mim aposentar. Eu falei isso com a [Amanda], com a minha menina. Ela liga pro meu tio de segunda a segunda, para dar notícia, para perguntar notícia pro meu tio, falar com ela: “Seu tio, seu pai liga uma vez ou outra. Seu pai liga”. Que é esse tio meu que eu tenho contato. Inclusive, tem vezes que ele me caça na rua. “É o [Leandro]”; que vem atrás. “Ô, gente, o [Leandro]”. “Fala com o [Leandro] para ele aparecer lá em casa; se ele não me acha, deixa recado”. Aí eu vou e apareço. Inclusive esse mês ele deixou recado pra mim ontem, que terça-feira é para mim ir para lá, porque quarta-feira é aniversário da [Ana].

P: Nossa!

E: Minha prima, [Aninha], vai fazer... dez aninhos. Que ela é de maio. Ela vai antecipar o, o aniversário dela. E ele quer que eu ajudo ele organizar na, serviço, esses trem. E eu vou ter, amanhã eu tô indo pra lá. Amanhã eu vou descer pra lá, e... e ele não aceita quando tem festa, o pessoal, ele chama a família, ele não admite. Fala: “O [Leandro] tá aqui... Não quero saber de ninguém falar um “A” pra ele. Deixa ele comigo. Eu num, eu sei mexer com ele. Vocês abandonou, mas eu não. Eu não abandonei ele não. E num vou abandoná-lo. E, se precisar, eu interno. E num vai demorar muito”. Isso ele falava pra todo mundo. “Não vai demorar, nós vamos internar o Negão”. “Internar o Negão, porque todo mundo não aceita, não aguenta mais rua”. Eu tô doente, tô com problema de pulmão, gravíssimo! Eu tô com problema de pulmão gravíssimo! Tô com problema no, no, estômago, tô com problema no esôfago. Fumo demais, bebo cachaça demais. Não vou parar de beber, não vou parar de fumar.

P: Por que não?

E: Porque não. Porque eu quero acabar de arrebentar tudo e morrer logo.

P: Você acha que... quando morrer resolve?

E: Não é que quando morrer resolve. Pelo menos não vou ficar vendo. Não tô vendo.

P: Que que você não tá vendo? Que que você não taria vendo?

E: O meu povo.

P: O seu povo?

E: O meu povo. [15’17’’ – pouco compreensível], sinto falta do meu povo demais [voz de choro].

P: É?

E: Com minha família. Fui criado muito íntimo, muito grudado, de dormir, de deitar, de ver filme, todo dia, de... de um, de um preocupar com outro, busca o outro aqui, busca o outro ali [voz de choro]. Todo mundo zela pelo outro.

P: Eu fico pensando, você tem esse desejo de ficar mais próximo da sua família, mas se você morrer, aí que você não vai tá próximo mesmo.

E: Mas se, independente se eu morrer ou não, eu não vou ter contato com eles.

P: Será que não?

E: Não posso ver. Não é que eu não posso ver... eu não vou ser bem recebido.

P: Ah, você não acha que isso é uma coisa momentânea, não?

E: Num é, porque hoje já tinha... dia...

P: Foi sempre assim?

E: Não, de oito ano que eu tô na rua, depois desses oito anos, vovó tava viva ainda e mamãe tava viva, foi sempre assim.

P: Mas, oito anos! Não é a sua vida toda.

E: Eu sei que não é a minha vida toda, meu bem. Mas só que assim, eu vejo que não tem condição mais de, de, ter aquele retorno. Eu não vejo possibilidade disso.

P: É, uma vez, assim, que a vida muda, é difícil de ser como era. Né? Igualzinho como era. Mas será que você não teria condições de ter contato? Novamente? Condições de sair da rua...

E: Não, condições de sair da rua eu tenho. É só empinar carroça. O que é empinar carroça? [16’51’’-16’52’’ – momento com outra pessoa em situação de rua]. O que é empinar carroça? Eu sou um cara que eu tenho bagagem. O que que é bagagem? Eu tenho currículo. Se eu empinar carroça, falar comigo: “Eu vou sair da rua mesmo”. Não, vai dar um trabalhinho. Igual, eu saio, porque IML me pega fácil. O que que é fácil? Vou lá e falo: “Gente, tô na rua”. Pra todo mundo: “Tô na rua, tô morando na rua, precisando de emprego”. Funerária, espalhar currículo, me pega fácil. Meu salário é bom. A única coisa que eu não quero é morrer sozinho.

P: Você tem medo de morrer sozinho?

E: Morro de medo de morrer sozinho.

P: Por que que será desse medo?

E: Eu tenho medo de não ter alguém do meu lado quando, quando eu tiver no fim da minha vida. Eu ficar jogado pras tralha, no caso, morrer num hospital, sem um acompanhante. Esse é o meu medo. E eu tô cultivando uma pessoa aí, por causa disso.

P: Por conta desse medo?

E: Por conta desse medo. É a [Alessandra]. Uma mulher linda de coração. Tem a casa dela, tem a família dela. E nós dois estamos juntos, fizemos dois anos agora em março. E, e, e... e ela zela de mim. Como que ela zela de mim? E ontem ela trouxe minha roupa limpa aí ó. Minhas roupa, me entregou ontem de tarde aqui no parque. Minhas camisa, tudo lavada dentro da bolsa. Tudo limpíssimo. Trouxe pasta de dente, trouxe sabonete. Trouxe tudo que eu precisava. Ela sabe que sou meio enjoado para higiene pessoal... Mesmo na rua, eu sou meio, meio enjoadinho. Né? E ela trouxe tudo pra mim. Ficamos uma vez, duas vez, no mês. Algumas vezes eu desço, durmo na casa dela, nas outras vezes nós dormimos no hotel. E eu sempre prezo isso pra ela, não me deixe dormir, morrer sozinho. Portanto, que eu tô pagando meu plano funerário. Com o meu bolsa família eu tô pagando o meu plano funerário. Porque, independente de qualquer coisa, é, é, é... pelo menos pra mim num, tenha um velório, que seja uma pessoa, mas, que seja só ela. Eu creio que não vai ser só ela. Que ela já tem uma lista de, de, de nome que já e eu falei com ela: “O dia que eu descansar, eu só quero que nem que ninguém vá, mas pelo menos me avisa”. Meu tio fala, meu tio sempre prezou isso pra mim. Falou: “Negão, você acha que você vai morrer sozinho, mas não vai, cara”.

P: E o que significa para você não morrer sozinho?

E: É pra saber que eu fui amado, fui respeitado e eu sempre soube disso. Né? Porque eu venho de família. Não sou defunto sem choro. Eu tenho uma índole, eu tenho uma, uma geração. Eu venho de uma família. Né? Eu tenho sangue. É pra mim num saber, assim... “Tô enterrando, mas, foi uma pessoa que foi amada, foi respeitada, a família desprezou, mas diz que eu sou aí, mas tô enterrando”.

P: Mas eu tô enterrado...

E: Não, eu não. É tipo assim, quem tiver vivo, no caso, quando eu falecer, pedir para me zelar e cuidar e pra mim não morrer sozinho; não ser enterrado sozinho. Eu não quero ser jogado num buraco sem não ter ninguém para olhar mim. Na hora que eu tiver ali no caixão, não quero olhar de prefeitura, de motorista que não me conhece. Eu quero ter uma pessoa que tiver olhando para o meu ser semblante e falar: “Foi amado, foi respeitado, convivi. Uma pessoa boa, do coração bão. Humilde. Teve os defeitos da vida dele. Mas, né? Viveu, vamos descansar, sepultar ele. Na medida, da forma que ele merece, com dignidade”.

[...].

APÊNDICE H – Entrevista com José

Data da entrevista: 30 de março de 2018. Local: região hospitalar – BH, MG.

P: [José], queria saber da sua história. Por onde você quer começar? Antes, tanto é, com relação à sua vida na rua, como morador de rua e depois... Por onde você quiser começar a falar de você, da sua história.

E: Na verdade, eu perdi os meus vínculos com a minha família através da bebida e da droga, na época. Era muito novo. Né?

P: Quantos anos você tinha?

E: Ah, eu tinha o quê? Uns dezenove anos. Era novo...

P: E você morava em Belo Horizonte mesmo?

E: Não, eu morava em Nova Lima.

P: Nova Lima.

E: Nova Lima. Aí, só que eu era dependente químico. Né? E fazia uso de álcool também. Aí fez com, a pessoa perde o... Como eu posso te explicar... ? É... Perde a responsabilidade. Né?

P: É?

E: Ah, perde. Fica uma pessoa, sendo viciada. Né?

P: Como que é isso, perder a responsabilidade?

E: Ah, perde a responsabilidade de... De conviver com a família, de... de... Como se diz? É... Ah... Perde a responsabilidade; eles fica sem interesse de, de ter um compromisso sério com as pessoas... Fica mais ligado para o lado do álcool e da droga. Aí, você fica desacreditado das pessoas, entre as pessoas. Né?

P: É?

E: É. Acaba que você fica indo para as ruas. Aí, chega um ponto que você vê que aquilo ali não é certo. Né? Que você tem que procurar melhorar. Evitar...

P: E como você viu isso? Que aquilo não era certo?

E: Ah, como que eu vi foi depois que eu tive um acidente, que eu fui atropelado. Aí eu arrependi. Eu vi que aquilo ali não tava me levando a nada.

P: É? E esse acidente aconteceu, você tinha dezenove anos?

E: Não, eu já tava com vinte e tantos anos, vinte e oito, vinte e nove anos. [2'27'' - trecho inaudível].

P: E como que foi esse acidente?

E: Ah, não me lembro. Sei que fui atropelado; acordei no João XXIII aqui. Não me lembro como aconteceu. Lembro que tava bebendo na rua e depois, acordei no hospital.

P: É, e aí depois, quando você acordou no hospital, que que você começou a pensar?

E: Não sei. Pensei, fiquei pensando como é que eu ia sair daquela. Que eu me encontrava machucado. Né? Sem ter um lugar para ficar... Nas ruas... Aí, aquilo ali, você vai ficando no... Como se diz? Você vê que você tem que tomar uma iniciativa de parar mesmo, não mexer com aquela coisa errada mais.

P: Por quê? Como assim?

E: Ah, porque aquilo não tá te levando a nada, só tá te trazendo problema. E aquilo você acaba indo para a morte. Eu cheguei a ver a morte na minha frente. Né?

P: E como que é isso, ver a morte na sua frente?

E: Na hora que você acorda no hospital todo machucado, você fala: "Meu Deus do céu, o que aconteceu?". Cê olha prum lado, você tá com braço amarrado na cama; você tá tomando soro. As pernas também, amarradas, que você não podia mexer. Tava com fratura. Aí foi... Você pensa: "Nó, tenho que parar, senão...". Isso aí serve de lição. Daquele dia em dia em diante eu peguei, fui aí e parei.

P: Você parou? Ainda conseguiu parar assim?

E: Parei do nada. De medo ué. O medo me fez que eu parasse.

P: E seria um medo de quê?

E: De morrer ué.

P: De morrer.

E: De morrer. Da morte. E... Aí depois, com certo tempo, você vai vendo que sua vida vai melhorando. As coisas vai voltando, encaixando no lugar.

P: E o que que voltou, assim, que você percebeu?

E: A autoestima, as pessoas... Já tava me enxergando eu diferente... Aí pintou oportunidade de emprego... Longo prazo. Né?

P: Ahn...

E: Conheci o pessoal aqui. Só aqui tem muito tempo que eu trabalho também.

P: Ah, tem quantos anos aqui?

E: Aqui deve ter o quê? Doze anos.

P: Doze anos.

E: Eu tenho quarenta e nove anos. Quarenta e nove não, quarenta e oito. Né? Aí é... Aí, aí eu peguei e conheci a Pastoral de Rua, o pessoal da Pastoral de Rua também.

P: Nesse meio tempo aí que você...

E: Nesse meio tempo também.

P: Nesse meio tempo também. Nesses doze anos.

E: E eu já machucado. É. Nesse tempo que eu já tava machucado.

P: Ah, que você tava machucado.

E: Aí eu comecei a frequentar a Pastoral. Aí lá, tive apoio também das assistentes sociais e tudo. Dos frequentadores lá. E conheci o pessoal do Movimento da População de rua. Encaixei no movimento. Aí, fui levando. Né? Melhorando, cada dia que passava as coisas iam encaixando.

P: Encaixando... E, e.. O quê...

E: Encaixando na realidade da vida. Né? Aí você já sabe que a bebida, o álcool e a droga não vale nada. Aquilo é só ilusão na vida do ser humano.

P: É só ilusão?

E: É só ilusão. O álcool e droga é ilusão. Leva o cara pra treva; o ser humano pra treva.

P: E como que era essa ilusão na sua vida quanto você bebia? Como que você identifica?

E: Achava que era um divertimento. Nunca imaginava que poderia acontecer algo grave. Né? Você nunca pensa isso quando você está bebendo. Só pensa mil maravilhas. Mas aquilo ali tá te levando para o caminho errado. Uma hora para outra pode acontecer qualquer coisa. Mesma coisa um automóvel, a pessoa dirige ela sã, depois começa a beber para conduzir ela; vai acontecer algo com ele, ou com os demais, na frente. Você tá entendendo? Mas uma hora vem acontecer com ele também, porque ele prejudicou a pessoa da frente. Uma hora vai acontecer com ele.

P: Você acha que isso retorna. Né?

E: Retorna. Porque é obra do maligno. Né? Coisa maligna. Não é uma coisa sagrada, de Deus.

P: E o que você acha, assim, que seria sagrado?

E: O sagrado, você evitar as coisas que num... As coisas certas. Né? Na lei de Deus. Né? Não mexer com álcool, com droga. Não fazer coisa errada. Sempre procurar ajudar as pessoas.

P: E você começou a ter essa visão mais depois do acidente, ou foi mais assim, quando você teve contato com a Pastoral? Ou os dois?

E: Foi com o acidente; depois, com a Pastoral também. Né? Que você vai refletindo para a vida, vai analisando... Você para, para ler a Bíblia e vê, refletindo sobre a vida; aí as coisas vai encaixando.

P: É? E que que você acha, assim, dessa experiência que você teve? É... tanto com a droga; depois, quando você saiu da droga... Que que mais você refletiu? O que que mais você aprendeu com essa experiência?

E: Ah, aprendi muitas coisas. Aprendi umas profissão, aprendi... Aprendi tocar instrumento, umas coisas assim. Sabe? Isso aí faz com que a pessoa, abre a mente dela para outras coisas boa. Né?

P: Você sentiu isso em você?

E: Com certeza.

P: E como era a sua vida antes disso tudo? Você falou, você começou muito cedo.

E: Na vida.

P: Né? Foi com dezenove.

E: Isso. Na, minha, minha vida foi uma vida boa. Vim de família bem sucedida. Sabe? Só que eu fui um jovem muito criado muito solto para as ruas também.

P: Muito solto?

E: É, porque eu perdi o meu pai e minha mãe muito cedo... Só meus irmãos trabalhava. Eu ficava muito “aula pra rua”. Chegava da aula, pra rua.

P: E você perdeu os seus pais com quantos anos?

E: Ah, eu não lembro. Muitos anos.

P: Mas, você era, você era criança ainda?

E: Eu era criança. Tinha nove, oito anos.

P: Você tinha oito anos.

E: Oito anos.

P: Aí você perdeu os dois?

E: Os dois. De uma vez. Num mês só eu perdi dois, o pai e a mãe.

P: Como que foi isso?

E: Ah, um morreu, depois o outro morreu. Derrame.

P: Os dois de derrame?

E: Os dois de derrame. Que era muito um apegado no outro. Sabe?

P: É?

E: Aí, meu pai morreu; minha mãe foi entrou em depressão e morreu depois.

P: Você lembra o que você sentiu na época?

E: Ah, senti um vazio. Né? Me senti só, porque meus irmãos trabalhava; eu era criança... E foi, como se diz, é um passo para o caminho errado. Né?

P: É o quê?

E: Um passo para o caminho errado. Né?

P: É?

E: Sem experiência de vida.

P: Sem experiência...

E: É...

P: É como, a sensação que eu tenho é como se faltou um norte. Né?

E: É...

P: Ali.

E: Faltou uma pessoa pra te acompanhar. Né? Falar: “Não, não pode fazer isso, não”. Tá sempre ali, aliado.

P: E seus irmãos? Como que era essa relação?

E: Meus irmãos, depois que viram que eu tava meio na... na bebida e na droga, eles já ficaram mais... Tentava, tentava me ajudar, mas eu não aceitava. Né? Alterado por causa das bebida e da droga, dava, começava a dar tumulto.

P: Tumulto? Brigar?

E: Briga, é. Discussão. Né?

P: E eles tentavam ajudar como?

E: Ah, avisando. Né?

P: Mais avisando?

E: Dando conselho. É.

P: Dando conselho...

E: E eu não aceitava. Mas aí, as coisas vai, vai dando, como se diz, dando brecha. Né? Vai trabalhar, eu vou pra rua, vai trabalhar, eu vou pra rua, e aí vai... Aí, eles também deixou quieto. Aí, a hora que eu bati com a cara no chão, aí eu vi que a vida não era daquele jeito que eu imaginava, que eu queria. Né?

P: Que você queria. E como você queria a vida, antes?

E: Não, mas a gente não quer. A gente, quando é adolescente, a gente não pensa. Muitas vezes, muitas, muitas adolescentes não pensa na vida. Só pensa no momento, não pensa no futuro, daqui há vinte anos. Eu tive a vida boa, não era pra mim tá aqui agora com você aqui não. Eu tenho uma filha, que minha filha... Eu já te falei. Né? Quando foi, eu amiguei, minha... Nasceu a minha menina, nós separamos. Ela chama [nome completo], formada, formada em direitos. Formou em direitos. Perdi lá os contato com elas.

P: Perdeu?

E: Perdi, porque eu fiquei com vergonha. Sabe?

P: Sério?

E: Eu fiquei com vergonha. Eu afastei da minha filha. Eu carrego isso comigo. Eu tenho esse sentimento de culpa. Tenho vergonha dela, moça.

P: Mas por que vergonha?

E: Ah, não fui um pai, né? Não fui um pai presente pra ela. Coisa que... só Deus.

P: Mas e agora, você quer ser um pai presente?

E: Ah, igual tô te falando, eu tenho vergonha. Não consigo chegar perto dela... Nem da mãe. Na época que elas mais precisaram de mim eu não tava presente pra ajudar, né? E fiquei o que lá, ó. Afastamos, né? Perdi o vínculo com elas. Eu deixei pra lá, entreguei para Deus.

P: Que que você sente com essa distância?

E: Sentimento de culpa.

P: De culpa?

E: O culpado foi eu. Né?

P: Será?

E: Até mesmo a mulher queria me ajudar e eu não escutei ela. Ela me falou: “Você vai me perder; vai me perder”. E deu no que deu. Na época eu fazia de uso de bebida de droga, e eu já fiquei muito alterado com ela... Peguei e afastei delas. E deixei para lá. Na época ela era recém-nascida, a menina. Né? Isso que eu te falo, é ruim, porque eu não vi ela crescendo. Não fui um pai para pegar ela e levar ela para um zoológico, um parque... Um hospital, que seja... [13’10’’ – pouco compreensível]. Então, eu carrego esse sentimento de culpa. Então, é preferível eu ficar longe.

P: E será que resolve?

E: Ah, é só Deus. Né? Deus me dá forças. Eu já pedi perdão a Deus sobre isso. Mas, e eu, assim, nem gosto de comentar sobre isso. Sabe? Assim... Ficar remoendo. Né?

P: Isso dói. Né?

E: Isso é ruim pra mim. Isso é muito ruim pra mim. Mas eu peço muito, eu oro muito a Deus para abençoar elas, onde é que elas estejam, com quem estiver. É o que eu posso fazer. Porque do mesmo jeito que eu posso ir até elas, elas poderiam vir até mim. Não digo a mãe, a filha, com a mãe lógico, acompanhando. Com a mãe não quero nada, não vai existir mais nada entre eu e ela. Mas, então eu, tem hora que eu penso também que ela não dá o braço a torcer. Né? Cabeça dela também já é, não sei. Né? O que é que passa...

P: E como você teve notícias dela, que ela formou em Direito?

E: A gente fica sabendo, porque Nova Lima é aqui mesmo. Tenho muito contato com as pessoas de Nova Lima que trabalham por aqui. Aqui no João XXIII mesmo tem várias pessoas que trabalha lá.

P: Tem várias pessoas...

E: Que conhece elas...

P: Ah tá...

E: Isso que eu te falo, era para elas vim aqui e num vem... É difícil... Ou então, tem medo de aproximar e chegar lá eu tomar na cara. Aí, eu vou ficar mais chateado ainda.

[...].

APÊNDICE I – Entrevista com Ricardo

Data da entrevista: 13 de abril de 2018. Local: Pastoral de Rua – BH, MG.

P: Então, estamos aqui, eu e [Ricardo], na Pastoral de Rua, no dia treze de abril, na parte da tarde. Então [Ricardo], você pode ficar à vontade. Tá? O que você quiser falar sobre a sua história...

E: Bem, primeiro, boa tarde. Me chamo [Ricardo]. Hoje eu tô com quarenta e dois anos. Cheguei aqui em Belo Horizonte no dia quinze de julho de noventa, umas quatro e quinze da tarde, de uma sexta para sábado. E... a minha vida para cá aconteceu porque oitenta, em mil novecentos e oitenta o meu pai faleceu. E a minha mãe de criação, por não ter, assim, um recurso financeiro muito bom, acabou me entregando a minha família verdadeira. E, infelizmente, alguns irmãos da minha família verdadeira é, não eram muito confiáveis. Aí, quando eu completei dezesseis anos, tive uma discussão muito grande dentro de casa, e até fui espancado pelo meu irmão

mais velho, eu esperei todo mundo dormir. Né? Que é coisa de criança mesmo. Esperei todo mundo dormir, abri a janela e fugi de casa. No meio do caminho, é... Parei numa cidade chamada Simões Filho, que é interior da Bahia. Eu consegui uma bicicleta e daí saí da Bahia e vim bater aqui em Belo Horizonte de bicicleta. Foi a primeira viagem longa da minha história, de bicicleta. Quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte, naquela época, é... em noventa, não era assim tão complicado morar na rua como tá sendo agora. Porque... eram poucos moradores de rua. As assistências sociais também eram muitas e mais ágeis. Né? Mais práticas. E... quando eu cheguei, primeiro ato que eu tive que fazer, minha intenção era seguir o exército. Né? Tava com dezesseis anos. Tinha medo da rua ainda. Não tinha experiência nenhuma de rua. Era uma coisa nova que eu tava passando e fui pro exército. Fiquei no doze BI de Belo Horizonte. Só que eu não passei por excesso de contingência. Aí, vim pra rua. Fiquei desesperado. Na época não tinha Guarda Municipal. Então, o pessoal da guarda, que chama ronda, um cara super bacana, é... me levou para o primeiro albergue que eu entrei aqui em Belo Horizonte, que foi o Albergue São Paulo, que fica lá no Primeiro de Maio. No início foi assim, como vou te explicar? No início foi muito bom. Né? Me trataram bem. E foram oito dias lá dentro. Quando acabou o prazo, aí eu vim pra rua. Isso foi de dia. E me indicaram outro albergue, que é onde hoje a Tia Branca. Que, antigamente chamava Albergue Belo Horizonte. Lá eu fiquei dois meses. E fazia bicos. Sempre aparecia bicos pra, pro pessoal que tava albergado lá. E lá eu conheci uma pessoa que também sabe a minha historia desde que eu cheguei aqui em Belo Horizonte, que é o [Arnaldo]. Ele faz mudanças, de transporte, carro. E, ele sempre me dava conselho, pra não mexer com droga, para não ficar no meio dos maus elementos. Que, ele dava para ver que eu não era um cara, um garoto, assim, pervertido. Né? Aqueles brigões e tal. E ele sempre me apoiava. Sempre quando tinha bico, alguma coisa, ele me chamava. Me ajudou com lonas, pra poder fazer a primeira barraca de lona quando eu fui morar na rua, que foi debaixo do Viaduto Santa Teresa ali. A gente, na época, eu fiz muitos amigos e inimigos também. Inclusive, era só eu de homem, e eram quatro mulheres. Então, eu tomava conta praticamente das quatro meninas e eu de homem, porque os outros rapazes da rua, na época, eles abordavam, queriam fazer sacanagem e tal. Aí, quando tinha um homem no meio do grupo, eles já ficavam mais receosos, respeitavam, porque tinha essa lei na rua.

P: Ah, tinha essa lei.

E: É, tinha essa lei na rua. Sempre, até hoje tem. Apesar que hoje é mais diferente porque tem mais morador de rua. Né? E alguns respeitam e outros não.

P: E respeita, assim, a mulher ou o grupo?

E: Respeita o grupo. Se tiver dez mulheres e um homem, eles não, não enfrenta, porque sabe que o homem vai tomar a dor e vai proteger as mulheres. Hoje, agora nessa época, em dois mil e dezoito, tem mais é homem do que mulher. Geralmente são seis homens ou duas mulheres. Então, praticamente, as mulheres diminuiu mais na rua. Tem muita mulher na rua, mas assim, em grupos, são bem menos. Então, naquela época, doação tinha o quê? Um cento e nove doações, que passavam durante a semana. Aí então, de noventa até dois mil e dez, a situação de morar na rua era bem mais favorável, porque tinha mais empregos. Tinha bicos para fazer. Você catava latinha, não tinha concorrência. O preço da latinha sempre era bom. E, de uns tempos para cá, de dois mil e dez para cá, já começou a ter crises, já começou a ter muita concorrência de cata, catação de papelão, de latinha, de reciclagem na rua. Começou a ter desemprego. E aí veio o primeiro programa que a prefeitura lançou que foi o “Minha Casa Minha Vida”. Só que nessa época, eu não fiquei em Belo Horizonte. Que eu tive a curiosidade de andar de bicicleta. Aí eu trabalhei numa empresa chamada Tecnofor. Ganhei um dinheiro, comprei uma bicicleta. E foi a primeira viagem longa da minha vida, de bicicleta, pra Venezuela. Lá na Venezuela, eu trabalhei para um brasileiro, como garçom. Fiquei um ano e dois meses lá. Ganhei muito dinheiro, mas como você é novo, você não pensa no futuro. Né? “Na, eu tô ganhando dinheiro aqui, então, eu vou gastar comigo aqui. No futuro, Deus dará”. A gente quando é novo você pensa dessa maneira, infelizmente. E, foi na época que o Hugo Chaves adoeceu. Aí eles expulsaram brasileiro de lá. Eu peguei a bicicleta e voltei para Belo Horizonte.

P: Você voltou então que ano?

E: Eu voltei em... dois mil e treze.

P: Dois mil e treze.

E: Só que durante dois mil e dois mil e treze, eu sempre viajava. Ganhava meu dinheiro, mas voltava para Belo Horizonte. Mas por que sempre Belo Horizonte, né? Pessoal: “Ah, mas você viajava, mas sempre voltava para Minas? Porque você não foi para a sua cidade?”. Porque Minas Gerais, em si, o estado inteiro, ele é bem acolhedor. Então, qualquer lugar que você chegue no Estado de Minas você consegue fazer um bico, você consegue fazer um trabalho aqui, outro ali, uma lavoura de café, uma colheita de soja, você consegue se manter.

P: Você acha que os outros estados é diferente?

E: É, nos outros estados são mais diferente. Porque, por você ser morador de rua, eles não dão muito crédito no seu esforço no trabalho. E Minas, ela tem essa, essa pequena vantagem. Você tá na rua, mas você se esforça para sair dela, as pessoas dão oportunidade. “Ah não. Tão tá bom. Vem aqui, vem aqui em casa e limpa o meu lote”. “Ó, vem pintar a minha casa”. Aí, sempre aparece alguns bicos. E, de uns tempos para cá, também, ficou ruim morar na rua porque, infelizmente. Né? Não tô generalizando, não tô discriminando, mas, infelizmente, os

peçoais que moram em favelas, eles cometem algum delito na, no bairro, tipo deve droga, ou fogem de algum crime e descem para a rua. E aí...

P: Pra esconder.

E: É, pra se esconder. Aí você tá dormindo: “Aí o cara: “Ou, deixa eu deitar aí, do seu lado e tal”. Você não tá sabendo o que tá acontecendo, eles se deitam no seu lado. Aí, começa a bagunça, que o verdadeiro morador de rua ele não é do Estado de Minas. Eles.

P: Eles são de onde?

E: Eles são de fora. Vem da Bahia, vem de Sergipe, vem de Alagoas, vem de Pernambuco, vem do Rio, vem de São Paulo. Eles vem naquela ilusão. “Não, vamos para a capital, porque lá você vai conseguir um emprego. Lá você mudar a vida, você vai ajudar a sua família”. Mas, como tá muito sobrecarregado, você não consegue. Aí, você acaba indo morar na rua, infelizmente. Alguns que ainda tem assim, coragem, não fumam, não drogam, também não usam droga, não se prostituem. Agora, outros que já vem, aí desanima, aí já começa a beber, a usar droga, a se prostituir. Acaba se entregando à vida. Isso, infelizmente, acontece com quem mora na rua. No meu caso, graças a Deus, eu não entrei nesse mundo, porque é uma escolha que você faz. Não é porque você tá morando na rua que você vai, é... usar droga, beber, se prostituir, fumar. Isso não vai levar você a lugar nenhum. Você vai levar ao buraco e ao desrespeito da sociedade. Que a sociedade, ele olha o morador de rua como... um monstro. E o morador de rua olha a sociedade também como um monstro.

P: Ah é?

E: É, porque assim, eu durmo numa calçada, se eu levanto, limpo a calçada, deixo limpinha, o dono daquela calçada: “Não, pera aí, ele dorme, mas pelo menos ele ali deixa a minha calçada limpa”. Aí, você pega um certo tipo de amizade com ele. Mas, quando eu levanto e deixo tudo sujo, claro, evidentemente: “Pô, o cara dorme na minha calçada, atrapalha eu entrar e deixa tudo sujo? Não, vou chamar a policia para ele”. E geralmente é o que acontece, que nem já aconteceu muito com moradores morrerem na rua, de donos de loja mandar matar, manda bater. A própria polícia também já chega chutando, não quer saber de nada. Teve uma época que eu perdi três vezes o meu documento, que a prefeitura fez uma tal de higienização. Eles chegam sem avisar, levantam a tampa do bueiro e pega tudo o que tem lá dentro. Barraca de *camping*, roupa, sacola, mochila... E não deixa nem você tirar os documentos. Então, muitas ONGs, daqui de Minas, luta contra isso. Então, deu uma maneira. Só que...

P: Só que ainda tem.

E: É, mas ainda tem, assim. Por debaixo do pano tá acontecendo. E...

P: Isso, mais de dois mil e dez para cá?

E: Foi, começou de dois mil e dez pra cá.

P: Ah...

E: E piorou um pouco com a criação da Guarda Municipal.

P: Ah é?

E: É. Piorou mais com a criação da guarda, porque antigamente chamava GMBH, Guarda Municipal de Belo Horizonte. Eles foram criados apenas para tomar conta de patrimônios. Só que como eles excediam demais. Né? Faziam abuso de poder. Agora tiraram e ficou Guarda Municipal Civil. Eles fazem papel de polícia, coisa que eles não são. Eles te abordam no meio da rua, é... te xinga, te humilha, te chama de lixo e você não pode responder, porque se você responder você tá desacatando a autoridade. Eu meso já bati muitas vezes de boca com Guarda Municipal, porque eu não deixo me dar geral. Eu falo: “Uai, você não é militar, você não é civil. Porque eu vou me identificar para você?”. “Ah, você é muito bocudo”. “Não, não sou bocudo. Eu estudei, eu sei os meus direitos. Você não vai mexer na minha bolsa”. Daí eles param a Polícia Militar, aí eu deixo, eles me olharem documento, essas coisas. Fora isso, eu não abaixo a cabeça para eles. Mesmo porque tá na constituinte também, que eles não têm essa, essa autonomia. Eles fazem para querer se mostrar. A própria Polícia Militar não gosta da Guarda Municipal. Isso acaba afetando o morador de rua. Porque, nessa guerra entre eles, quem sobra é o morador de rua, que você apanha da Guarda Municipal, você leva choque. Aí eles falam que a gente é que enfrenta eles. Eles não sabem abordar um morador de rua. Eles são despreparados para abordar uma pessoa em situação de rua. Eles acham que você tá na rua, você é drogado, você é ladrão, é lixo, porque você vem de outro estado para sujar a cidade deles. E a culpa também é do governo e da prefeitura. Ah, mas por quê? Não tem banheiros públicos nas, nas ruas. E eu viajei muito de bicicleta, tem muitas cidades do estado de Minas Gerais, que tem banheiro público na, nas praças. E ca, e Belo Horizonte que é uma capital bonita deveria ter e não tem.

P: Tem, um lugar que eu sei que tem é Parque Municipal. Fora disso eu não sei.

E: É, realmente é só o Parque Municipal. Então, o que acontece? Quem tá na rua. Geralmente pra mulher também, é... Você tá ali na rua e precisa fazer necessidade, você tem que ficar até o parque abrir, pra você usar o banheiro. A noite você tem que fazer escondido. Né? Em lugar distantes. Pra tomar banho, graças a Deus tem a Bica do Horto, que fica da Estação do Horto, lá trás da Estação do Horto. Tem na Estação Gameleira, que também fica atrás da Estação Gameleira. Tem... tem muitos lugares aí que dá para tomar banho. Tem o Centro Pop, mas existe regra para tomar banho lá. Eu prefiro mais tomar banho nas bicas. Que eu lavo a minha roupa, eu faço a minha barba e espero a minha roupa secar. Deixa, passa alguém que já me conhece: “Ah, já almoçou?”. “Não”. “Ah, vou pegar um almoço pra gente então. Então, assim, a vida de morar na rua é... que nem eu já falei

uma vez. Pra quem tem casa, é, pra sociedade, mata um leão por dia para sobreviver, e pra gente que tá na rua, dormindo nas calçadas, a gente mata dois elefantes pra poder sobreviver. Um elefante é lutar contra o preconceito da sociedade, e outro elefante a gente mata para poder sobreviver, pra você alimentar, arrumar emprego, andar sempre bem arrumado, pra... demonstrar para a sociedade que a gente tem o nosso valor também.

P: Só um instantinho. Eu não sei. Tá atrapalhando elas não, né?

E: Não, não. Elas vão lá e depois elas avisam a gente.

P: Ah, tá. Que elas tavam olhando para cá. Acho que fiquei...

E: Não.

P: Tá.

E: E... depois desse tempo, eu tive namoradas. Que aí vem o preconceito também. Quando você tá bem arrumadinho, tal, as pessoas nunca imaginam que você é morador de rua. Então, você tira uma certa vantagem disso. Tanto para arrumar emprego, quanto pra, né? Ter um relacionamento com alguém. Mas quando descobrem que você é um morador de rua, o encanto acaba. “Não, mas você mora na rua?”. “É, moro na rua”. “Não, mas você tá muito limpinho, você tá com cabelo cortado, barba feita”. “Mas, pera aí: quer dizer que para morar na rua tem que ser feio, sujo e fedorento?”. Então, o namoro nunca vai à diante.

P: E, e... quantas namoradas você já teve nessa situação? Né?

E: [Risos].

P: Que você teve e depois descobriu que era morador e...

E: Nossa, é... [risos]. Cinco.

P: Cinco?

E: Cinco. Uma delas morava no Belvedere.

P: Ó!

E: É, até eu mesmo fiquei assim, abismado de ter conquistado ela. Que o pessoal da classe alta jamais ia se misturar com alguém da classe média. Eu tava fazendo um bico, tinha acabado de tomar banho... Aí peguei meu dinheiro, comprei uma roupa nova tal. Fiquei no parque. Ela tava lá chorando. Eu me aproximei. E a gente começou a conversar e tal e ficamos seis meses namorando. Aí um dia ela me pressionou: “Escuta, me leva para a sua casa?”. [Risos]. Aí foi que a onça bebeu água. Eu tive que falar pra ela: “Ó, infelizmente eu moro na rua”. Nossa, aquilo pra ela foi assim, o mundo desabou para ela. “Nó, mas você mora na rua?”. “Pois é, moro na rua”. Deu às costas, foi embora. Nem disse assim: “terminamos”. Aí eu tentava ligar para ela, o telefone sempre desligado. Aí uma colega dela falou que ela tinha até trocado o chip. Pra poder me evitar. Então, assim, preconceito realmente é... é muito grande. Tem vários tipos de preconceito que a gente enfrenta na rua. No dia a dia nosso é bem complicado.

P: E, assim, me chamou muito a atenção, essa questão que você falou assim, que... é... os moradores são, é como se fosse um monstro para as outras pessoas.

E: É, para a sociedade.

P: Para a sociedade.

E: A sociedade vê a gente como um monstro. Porque, um exemplo, se eu tô aqui na calçada, sentado, às vezes lendo um livro, vem uma madame de lá para cá. Porque a linguagem da rua é essa. Uma madame.

P: [Risos].

E: Quando ela avista um cara, ela se trava, agarra na bolsa e na cabeça dela já passa na hora: “Tem um ladrão ali. Tem um monstro me esperando para dar o bote ali”. E o morador de rua, quando vê: “Nossa, lá vem uma madama lá também, pensando que eu sou ladrão. Vai chamar a polícia pra mim”. Aí, ao invés dela passar: “Ou, bom dia. Boa tarde”. Não. Já passa, atravessa, do outro lado da rua, sem saber que o ladrão tá do outro lado da rua. Que nem já aconteceu comigo. Eu tô senta; passando, a menina me viu. Ela se travou; passou por mim com medo; na frente o rapaz assaltou ela.

P: Ahn!

E: Aí ela gritou: “Moço, me socorre!”. “Ó, desculpa, mas por que que eu vou te socorrer? Você passou por mim, se travou todinha. O cara que tava na frente, muito bem vestido, melhor do que eu, te roubou e você quer que eu te ajude?”. Aí, ela só baixou a cabeça, pediu desculpa e seguiu. Eu sei que isso é chato, para gente, negar uma ajuda, mas, a gente também é ser humano. Né?

[...].

P: É. E o que te faz assim ter essa força de querer viver?

E: A força do querer viver na rua. Boa pergunta. A força do querer viver na rua. É tentar manter o meu sonho vivo o máximo que eu puder, que é ter uma família. Ter... minha casa. Ter... meu emprego. Minha bicicleta. E ter, assim, mostrar para o meu filho que a vida você tem que dar valor do que você ganha, porque eu tive casa, eu tive uma família, mas, infelizmente, não consegui conviver, porque meus irmãos usavam drogas. Então, eles se achavam no direito, que eu sendo mais novo chegando no meio da família, não tinha o direito de... de ter as coisas

que eles tinham. Então, por esse meio eu, por minha conta eu falei: “Não, vou ter que sair, vou me virar. Vou mostrar para eles que eu posso me levantar”.

P: E como que era isso, assim, é... eles usavam drogas, mas, ê, você foi morar na sua família, com a sua família biológica, né?

E: É.

P: Você teve uma família adotiva...

E: É, tive uma família adotiva e uma biológica.

P: E como que foi as duas, as experiências das duas?

E: Foi traumática [risos].

P: As duas?

E: É [risos]. Foi muito traumática. [Riso]. Porque, quando você é filho biológico de uma família, você sabe que aquele é teu pai e aquela é tua mãe. Porque ela pode te bater, porque ela tá te corrigindo. Mas quando você tem uma mãe de criação, um pai de criação, fica mais complicado. Porque você tem que obedecer na força. Então, a minha família adotiva ela me deu carinho, me deu afeto, me deu atenção. Realmente. Mas tinha horas que quando a irmã da minha mãe de criação teve o primeiro filho, eles já me deixaram de lado. A atenção já era mais para o de sangue deles. Aí eu reclamava e eles sempre jogava na cara: “Ah, mas você foi adotado. Ele não. Ele é do meu sangue”. Então, aquilo machucava. Aquilo você vai guardando para você.

P: E uma coisa assim, que não precisava ser assim. Né?

E: É. Não precisava. Você vai guardando para você. Você é pequeno, você vai crescendo com aquilo. Aí, chega uma hora você tem um tio que tenta abusar de você. Aí você é obrigado a se defender.

P: O tio por parte da família adotiva?

E: Da família adotiva. Então, você tem que se defender. Aí você acaba machucando, dando uma facada ou, sei lá, fazendo algum tipo de agressão física. “Ah, ele não presta! Você foi adotar um marginal pra dentro da nossa casa. Tá criando cobra!”.

P: Ô, meu Deus!

E: Aí, o que acontece? A sua família adotiva te entrega à sua família verdadeira.

P: E foi por conta disso?

E: Não, no meu caso, o meu pai adotivo ele faleceu. Ele pegou bursite no braço e... na varanda ele caiu e agravou mais a doença que ele tinha. E minha mãe adotiva, por não ter condições financeiras de manter colégio, então ela teve que me entregar à minha família verdadeira. Aí eu saí de um bairro de classe média, para um bairro pobre.

P: Uhum.

E: E isso dá um certo choque.

P: E pra você foi nessa família de, adotiva, com quantos anos?

E: Eu tinha três anos de nascido. Três meses de nascido, na realidade.

P: Três meses de nascido?

E: Três meses de nascido.

P: E você teve esse irmão...

E: O da família adotiva?

P: Não, o irmão, uma irmã que nasceu? Que você falou que sentiu ser deixado de lado...

E: A irmã da minha mãe adotiva, que seria meu primo, no caso, né? Teve um filho. Eles me deixaram de lado, dando muito mais atenção ao sobrinho.

P: Ah...

E: Aí o carinho.

P: Sobrinho dela.

E: O carinho foi muito mais pra ele, porque ele é de sangue.

P: E você tinha quantos anos?

E: Quando ele nasceu eu tava com doze anos de idade.

P: Doze anos. Esse tio, esse episódio com esse tio aí.

E: Ele era da marinha.

P: Era da marinha?

E: Era marinheiro. É. É... Já até faleceu a uns anos atrás. Sempre que ele viajava ele trazia sempre muitos presentes. Claro. Sempre foi um tio carinhoso e tal. Mas, aí, nessa época, não aconteceu comigo, mas aconteceu com a, com a prima minha. Então, assim, gerou uma confusão muito grande. Eu tomei a dor... Eu tinha o quê? Tinha, tava com treze anos, quatorze anos, tomei a dor, passei para cima dele. Machuquei ele. Aí foi: “É, você tá vendo?”.

P: Mas ele tentou algo com você?

E: Não. Mais com a minha prima de adoção. Né? Com a minha prima de adoção. E eu tomei as dores, porque, é... É prima, então, quando você, quando você nasce naquela família você, claro, cria vínculo familiar. Você acaba se apegando às pessoas. “Aí a, você tá vendo? Você tá trazendo cobra pra dentro de casa. Você foi adotar logo o filho do marginal. A mãe dele era uma prostituta lá, você ficou com dó”. E aquilo você vai juntando,

juntando. E você cria uma revolta dentro de você. Você não explode, mas você cria uma resolta. E você acaba se, se desiludindo com a vida. Acaba se desiludindo com a vida. E isso, muitos que estão na rua trazem isso como desculpa.

P: Mas você não se desmotivou por completo. Né?

E: É, porque eu vejo assim: eu tô na rua, mas pera aí. Eu vou beber? Eu vou fumar? Eu vou usar droga? Eu vou deixar minha esperança para trás só porque eu caí na rua? Não, se eu caí na rua eu tenho que aprender a me levantar. Igual recém-nascido. Ele cai, mas ele vai e tenta se levantar, fica em pé até dar os primeiros passos. Muitas vezes aparece um adulto e dá a mão para ele. “Não, venha, vou te ajudar a andar”. Assim é quem mora na rua. A gente caiu. Vai engatinhando. A gente tenta se levantar. De repente alguém: “Não, eu vou botar fé nesse morador de rua aí. Eu vou ajudar ele”. Aí dá a mão; um emprego; te chama para trabalhar. Alguém: “Não, vem morar comigo”. Ou outros: “Ó, vou te dar isso aqui para você começar o seu negócio”. É isso que a gente espera, que alguém veja a gente como ser humano. Não como monstro, ou como um objeto, assim: “Ah, eu vou trazer aquele morador de rua só para fazer essa faxinazinha aqui e pronto”.

P: E como você se vê?

E: Um cidadão que tem um título eleitoral, que tem identidade, que tem nacionalidade. Sou brasileiro com muito orgulho e me vejo assim, como uma forma um pouco superior do que aqueles inteligentes, intelectuais. Porque um intelectual senta na mesa e fica só lendo livro. Tudo que você perguntar está na ponta da língua [o entrevistado deu um tapa na sua mão]. Ou, até mesmo pelo... um rico que vai em altas universidades. Paga bilhões para se formar. Tem muitos diplomas, assim, na parede, mas não tem o diploma principal, que é a Universidade Federal da Rua. Essa é a maior universidade que se aprende. Não é estudando, não é eu estudando você numa academia de letras, não é eu estudando você através de um livro. É eu vivendo aquilo. Esse é a verdadeira universidade, que você consegue aprender e descobrir o porquê daquela situação. Eu tenho esse diploma, da Universidade Federal da Rua. Eu me orgulho dela, porque eu não cai, eu nunca fui rebaixado nas provas da rua. Muitos foram rebaixados. Tá no mundo das drogas, tá bebendo, tá se prostituindo, porque não deram conta de enfrentar o professor da rua. Que o professor da rua ele é carrasco. Ou você aprende por bem, ou você aprende por mal.

P: E quem é o professor?

E: O professor da rua é a vivência, é a autoestima que você tem que ter com você mesmo. Você não pode deixar a sua autoestima cair. “Ah, eu tô banguelo. “Ah, eu não tô conseguindo emprego porque eu tô banguelo. Ai, eu tô sujo. Eu não tô conseguindo emprego porque eu tô sujo”. Sendo que tem muitos locais que você pode tomar um banho. “Ah, hoje eu tô com fome, eu vou roubar”. Não é por aí o caminho. O professor da rua coloca esses obstáculos para ver se você consegue superar. Aí vem a prova, que é o destino. Não, aí ele conseguiu superar. “Não, pera aí, vamo jogar uma empresa no caminho dele para ele subir na vida”. Aí, de repente, aparece um empresário lá que tá dando doação, um lanche. “Ah, eu sou, eu sou mecânico, cara. Tô desempregado”. “Ah, você é mecânico? Você mexe com quê?”. “Ah, eu mexo com motor de carreta, e tal, assim”. “Faz o seguinte, passa lá na minha empresa lá para fazer um teste”. Desse teste o cara já fica. Que nem muitos amigos meus, já aconteceu isso com ele. Deus abençoou que o cara chegou lá: “Olha, você é mecânico mesmo, cara?”. “Sou”. E foi lá, o cara fez o teste e passou. E ele sempre fala para gente: “Ó, não perca a esperança não. Um dia vai aparecer algum que vai dar a mão”. Então, a gente sempre fica nessa esperança. Cada dia que você dorme, “o senhor, me protege, porque eu tenho muitos inimigos na rua”. E quando o dia amanhece: “Senhor, obrigado pelo dia, que hoje tenha alguém que me dê uma oportunidade”. E assim você vai vindo. E agora, com o lançamento dessas tecnologias. Né? O *Facebook*, *WhatsApp*. Então fica mais, a esperança cresce mais. Porque você tem um amigo que tem *WhatsApp* e tá trabalhando. Aí você chega para o seu amigo: “Ó, eu sou técnico de enfermagem, cara. Mas eu tô morando na rua”. “Não, pera aí, cara. Tal hospital precisa de um técnico de enfermagem. Pera aí que eu vou falar com Fulano. Pera aí que eu vou mandar um ‘zap’ para Ciclano”. Então, isso ajuda. Bastante. Antigamente isso não tinha. Era mais difícil, você tinha que ir de porta em porta. “Preciso de ajuda, ó”. Aí punha a, você preenche a ficha, currículo maravilhoso. Aí vem aquela velha pergunta que derruba todo mundo na rua. “Você mora aonde?”. Aí o cara: “Ó, eu moro na rua”. “Ah, espera um pouco”. “O rapaz, desculpa, meu patrão acabou de falar que preencheram a vaga. Mas deixa aqui seu telefone que a gente vai ligar para você”.

P: Mas e o albergue? Não seria um endereço, não?

E: Não, porque muitas é, empresas não aceitam o albergue como referência de moradia.

P: E república?

E: Também não, porque eles tá só passando.

P: Ah...

E: Não é aquilo fixo, que se um dia a empresa precisar, sabe que você tá ali.

P: Tendi.

E: E agora, a bolsa moradia já ajuda. Porque é um, é um endereço fixo. Você vai receber uma carta de uma empresa, você vai receber o seu boleto de conta de água, conta de luz. Você vai receber... apoio médico, você vai ao posto médico. “Onde você mora? Você mora na rua?”. Aí é... [1h07'44" – pouco compreensível]. “Ah, eu moro na rua Benjamin Constant”. Então, a pessoa sabe que você tá ali. O médico pode ir ali, que precisa correr.

“Ah, mas qual o nome da rua?”. “Ah, eu moro na praça...”. “E se eu chegar na praça para te encontrar?”. “Aí cê me acha”. “Não. Aí fica difícil”. É sempre difícil. Essa questão derruba qualquer um. “Onde você mora?”. “Na rua”. “Ah, então não tem vaga para você?”. Até mesmo, igual eu te falei, para ter um relacionamento com alguém na rua é difícil. A pessoa sabe que você mora na rua. “Poxa, você mora na rua, cara?”.

P: E como é os relacionamentos com as pessoas que já estão na rua?

E: Bem, quando você acha alguém no mesmo nível seu, é mais fácil.

P: Como assim mesmo nível?

E: Quando você encontra um outro morador de rua que também adota as mesmas medidas que você adota, tipo tomar banho, andar limpo, desfrutar das mesmas ideias, que é correr atrás de um trabalho...

P: Ah, tá.

E: Aí fica mais fácil. Mas sempre tem as, as pessoas que tá na rua e não aceita o fato de você andar limpinho para tentar emprego. “Pô, cara, mas você é metido. Ou, você fica todo limpinhozinho na rua, você não mora na rua não”. “Não, moro na rua”. “Ah, mas você tá muito limpo, cara. Você tá com barba feita aí”.

[...].

E: Já não tenho vontade de voltar para a minha família. Porque o passado ainda me dói muito. O passado, às vezes, ainda mexe muito com a minha cabeça. Eu tenho uma irmã biológica que eu amo ela de paixão. E minha mãe já faleceu, minha mãe biológica. Meu pai biológico também já faleceu. E meus outros irmãos ainda brigam pela casa. E eu já falei: “Ó, eu não quero nada de vocês”. Já minha irmã biológica, a [Renata]: “Quando você vier aqui vem aqui em casa. Fica aqui comigo. Não precisa você ir para lá não”. Eu fui, passei Carnaval, trabalhei no Carnaval lá em Salvador, mas não consegui achar ela. Então tive que ficar na rua. Para evitar o contato com os outros irmãos. Porque eles são muito violentos. Então, bate essa tristeza. A minha vontade é construir o meu cantinho aqui em Belo Horizonte. Ninguém chegou para uma pessoa de rua: “Aqui, você tem vontade de morar em Minas?”. “Tenho”. “Que que você prete, que que você sonha, então?”. “Ó, eu sonho em ter minha casinha, um emprego e uma família. Sair da condição de morador de rua pra um cidadão mineiro”. “Ah, mas você é baiano?”. “Mais e daí? Eu tô aqui desde noventa. Já me considero mineiro. Eu como pão de queijo, né, sô? Como frango com quiabo, uai. Já sei até o uai e sô. Até falo oxo, trem”. Ai, então, nunca foi perguntado isso para um morador de rua. Eles falam pro morador de rua assim: “O que vocês espera do governo? Nunca ninguém chegou para um morador e perguntou: o que você acha do nosso presidente? Nunca chegaram para um morador de rua: o que você acha do governador do nosso estado? O que você acha da situação que o Brasil tá passando?”. Até em política o morador de rua é esquecido. Só é lembrado em tempo de política, que eles vão correr atrás do seu voto. “Não, eu vou tirar você da rua. Vou fazer mais albergues. Eu vou fazer mais centro de referências”. Não é isso que o morador de rua quer.

[...].

APÊNDICE J – Entrevista com Marcos

Data da entrevista: 18 de abril de 2018. Local: Pastoral de Rua – BH, MG.

P: Então, nós estamos aqui no dia 18 de abril, na Pastoral, com o [Marcos].

E: É, na verdade meu nome é [Marcos]. Né? Eu já tive em situação de rua. E, na verdade, a minha história é um pouco na contramão de várias histórias que a gente consegue ver por aí. Né? Eu vim de uma... eu vim de uma família de classe média alta. Né? Meu pai tinha uma empresa, que era uma conservadora. Que, meu pai tinha uma empresa que era uma conservadora, e que... ele tinha mais de mil funcionários. Na verdade, ela a segunda maior de Minas Gerais. E aí, é... essa empresa, ela foi montada no dia que eu nasci. E, antes que eu nascer, meu pai tinha um histórico de bebida. E aí, depois que eu nasci, que ele montou essa empresa, ele parou de beber. E quando eu tinha mais ou menos uns doze para treze anos, a minha mãe, ela deu um câncer de mama. E ela, ela precisou tirar uma das mamas. Fez uma cirurgia, tirou uma das mamas, mas, dois anos depois, o co, o câncer voltou e virou um tumor no “cérebro”. E aí, é... devido a esse tumor, foi gerando muitas sequelas. Ela paralisou um lado do corpo, deu derrame. Depois ela paralisou da cintura para baixo. Ela ficou na cadeira de roda. Ela fez vinte e cinco cirurgias. Só que como o tumor já tinha virado metástase, aí ela acabou falecendo. E... devido a isso, como o meu pai já tinha histórico de bebida, ele pegou, entrou em depressão e começou a beber de novo. E aí ele pegou, ele passou essa empresa pro meu pai, pro meu fi, pro irmão, quer dizer; que meu irmão já era de maior. E aí ele bebeu, bebeu e... resumindo a situação, ele acabou, depois de dez anos, ele acabou tendo um câncer no intestino. E ele já era diabético, ele tinha cirrose, enfisema pulmonar, que ele fumava demais também. E aí, depois de dez anos, eu me deparei com a mesma situação com a minha mãe. É co, é, eu cuidei dele, eu cuidei da minha mãe; eu era novo, mas ficava com ela no hospital. E cuidei dele até ele morrer.

P: Só você que...?

E: Ele morreu.

P: Cuidando?

E: Só eu. Na verdade, porque meu irmão deu uma isolada. Aí, ele veio a óbito. Só que nisso, antes dele falecer, quando ele passou a empresa pro meu irmão, meu irmão, por falta de administração, essa empresa veio a falir. E aí, quando ele fa, quando ele faleceu, eu comecei a morar aonde, na casa aonde funcionava essa empresa. E aí, depois de mais ou menos um trinta, quarenta dias, o oficial de justiça bateu na porta e pediu pra mim desocupar o imóvel. Que ele ia ser leiloado para pagar um funcionário; que a justiça do trabalho tinha embargado um imóvel.

P: Só para pegar as datas. Você nasceu quando?

E: Eu nasci em oitenta.

P: Oitenta. E aí, você perdeu pai...

E: Já tinha perdido a minha mãe quando eu tinha treze pra quatorze anos.

P: E seu pai?

E: Foi mais ou menos em noventa e dois, que eu perdi a minha mãe. E depois de mais ou menos, dez, doze anos, que meu pai faleceu em dois mil e quatro.

P: Você já tava com vinte, né? Vinte e...

E: Eu já tava com vinte e poucos.

P: Poucos.

E: Né? Eu tava com vinte e quatro. Vinte e três para vinte e quatro. Aí, ele veio a óbito e o oficial de justiça chegou nesse imóvel, falou que eu teria que desocupar esse imóvel, porque ele seria.... é, leiloado, para pagar os funcionários de dívida trabalhista. Aí foi aonde que, como eu sempre tive uma situação financeira boa, meus pais, eu nunca pensei em trabalhar. Tendeu? Sempre fui acostumado com tudo na mão, do bom e do melhor, e nunca tive vontade mesmo de correr atrás. Que, na verdade, meu pai tinha um patrimônio que, é onde a gente se engana. Eu achei que meu pai nunca ia quebrar. Sabe? Então, acomodei com essa situação. E aí, quando aconteceu esse episódio, eu me deparei com um outro tipo de realidade. Porque eu conhecia a rua, na verdade, só de ir e vim. E aí eu tive que ir para a rua; por quê? Porque, na verdade, quando meu pai era vivo e depois que minha mãe faleceu, meu pai acabou brigando com a família da minha mãe e com a família dele. Então, automaticamente, a gente se distanciou dos parentes.

P: Ó!

E: Parte de tio e tal e meus avós, tanto de parte de pai e de parte de mãe já era falecidos. Aí foi aonde que quando eu cai na rua. Né? Eu fiquei meio sem graça de procurá-los. Né? Aí foi aonde que eu fui pra rua, não conhecia nada, na rua. Não conhecia nenhum equipamento. Aí eu lembro que eu tava, teve um dia que eu estava aqui na Além Paraíba, perto da regional noroeste, que eu tava, gostava de dormir ali, perto de uma pizzaria, porque era, a pizzaria ficava até mais tarde. Então, eu tava resguardado. Então, eu lembro que um dia eu tava muito cansado, com fome. Aí, eu tava dormindo lá e, eu tava tão cansado que eu peguei, apaguei. E aí, quando eu me deparei, na no, na madrugada, eu me deparei há três metros para baixo. Por quê? Porque choveu muito no dia e a enxurrada me levou. De tão cansado que eu estava. E aí, foi aonde que eu acordei, não tinha roupa, todo molhado, com frio, com fome, sem nada, um lençol, uma coberta; foi aonde que eu pensei até em tirar a minha vida. Sabe? Vou ser bastante sincero com você. E aí, foi quando eu levantei, comecei a caminhar. Eu encontrei uma outra pessoa que estava também em situação de rua, que ele pegou e me estendeu a mão, me ofereceu uma roupa limpa. Né? Seca. E... me ofereceu um pouco de comida que ele tinha. Ele dividiu comigo. Né? Que eu costume dizer que, na verdade, as pessoas que são mais solidárias são as pessoas mais vulneráveis, no meu ponto de vista. Porque são, igual eu costume falar, que, na periferia e na comunidade, são aonde que as pessoas mais ajudam o outro. Porque ela pode ter um prato de comida, mas se você chegar ela divide com você e amanhã a gente vê como é que a gente faz. Entendeu? Então, devido a isso, ele pegou, me deu um pouco de comida, me deu a roupa, me, me falou que.. era pra mim descansar que no outro dia ele ia me apresentar a um equipamento que daria pra mim poder lavar minhas roupas, ter um armário pra mim guardar as minhas coisas, tomar um banho, e talvez fazer alguma oficina que eu, que eu interessasse. Que ele estava falando do “Centro de Referência de População de Rua”, que fica na Contorno. Foi aonde que ele me levou lá, eu conheci o equipamento, e... e falei, pelo menos aqui eu vou ter um lugar pra mim poder guardar as minhas coisas, tomar o meu banho, lavar a minha roupa e ocupar o meu tempo na parte da manhã. E aí, eu fui me interagindo lá, e comecei a fazer uma oficina de teatro. Né? Aí, a gente apresentou uma peça no, no, no FIT. Né? E ficamos em primeiro lugar.

P: Fit, é...

E: É... Festival Internacional. De teatro.

P: É um que acontece no Expominas?

E: Também.

P: Também?

E: Ele acontece em vários lugares.

P: Ah, ta.

E: Aí, através do Centro de Referência e dessa pessoa, que me levou lá, eu conheci o albergue. O albergue do Tia Branca. Aí falou: “Ó, você já tem um lugar para você passar a manhã, ocupar o seu tempo na manhã, lavar as suas roupas, né? Tem um armário, fazer a oficina. Agora eu vou te apresentar um lugar que você vai poder dormir, tomar banho, jantar, pernoitar e tomar um café”. Aí eu falei: “Ótimo”. Né? É o complemento. Aí foi, onde eu conheci o albergue. Né? Cheguei lá, tomei meu banho, jantei, dormi. Aí, no outro dia ele me, me apresentou a Pastoral.

P: Nossa, que legal!

E: Aí ele falou que tinha uma, umas reuniões aqui na Pastoral, que era pra mim poder tá vindo, que dava um lanche, um café. Eu falei: “Nó! Lanche? Pera aí.” Aí, o primeiro intuito foi por causa do lanche.

P: [Risos].

E: Que dava um vale transporte. Aí eu falei: “Nossa, então, pera aí. Vou lá. Né?” Aí eu vim, conheci. Aí todas as terças e quintas tinha reuniões. Aí eu comecei a frequentar essas reuniões. Né? A terça era uma reunião de redução de danos, que até, acontece até hoje. Né? E às quintas-feiras acontecia a reunião da Associação é.. de moradia para todos. Então, comecei a me interagir com essas reuniões, e... o grande diferencial, na verdade. Ô, Susana, é porque quando eu cheguei na Pastoral, eu não fui acolhido nem como caso, nem como causa. Eu fui acolhido como um ser humano, capaz de mudar a minha história e, na verdade, eles me ensinaram que eu era o único protagonista da minha história, que somente eu poderia mudar aquela situação. E foi aonde eu fui me interagindo a reuniões, participando de reuniões, indo em reuniões externas. Né? Me aprofundi mais no, no “Associação moradia para todos”. E aí eu, graças a Deus, eu consegui... é.. me, me inscrever no “Minha Casa Minha Vida”, né? E consegui adquirir a minha casa. Né? Eu fui sorteado no apartamento. Né? Deus...

P: Isso foi em que ano?

E: Deus foi tão bom comigo, que eu fiz a inscrição em dois mil e... quatorze. Eu fiz a inscrição em dois mil e quatorze e em outubro de dois mil e quatorze...

P: Conseguiu

E: Quando foi em dezembro meu nome já estava lá. Foi questão de dois meses pra mim ser sorteado. Eu nem acreditei.

P: Nossa!

E: Aí, quando eu vi meu nome lá. Né? Foi só felicidade. Aí, é... graças a Deus, através desse, desse apartamento que eu adquiri, eu consegui retomar o meu vínculo familiar, que eu tenho uma filha. Né? E... graças a Deus, ela veio morar comigo. E consegui arrumar um, um emprego na Pastoral. Né? Na verdade eu trabalho com um projeto hoje que é “Geração, trabalho e renda para pessoas em situação de rua”, com a base da economia solidária, sustentabilidade e cooperativismo social. A gente forma grupos de trabalho, mobiliza, cadastra, capacita e insere no mercado de trabalho e forma grupos de, de geração, trabalho e renda também.

P: E como seriam esses grupos?

E: Esses grupos, na verdade, é... eles foram formado pela, pela, através do cadastro que a gente fez. A gente cadastrou mais de mil moradores. De rua.

P: E, isso, vocês fizeram assim... Vocês atualizam esse cadastro? Como que faz?

E: Atualmente a gente tá cada, a gente tá atualizando. Né? Na verdade, já vem um cadastro atualizado pra gente. Né? Porque, na verdade, nesses últimos dois anos, a população de rua ela cresceu sessenta por cento. Né? Com essa crise, com esse *impeachment* da Dilma. Com essas políticas públicas que tem cada vez mais retrocedendo.

P: Sessenta por cento?

E: Sessenta por cento. É uma coisa alarmante. Sabe? E aí, a gente forma grupos através do cadastro, de cada um. A gente analisa o cadastro, vê a aptidão de cada um, e através das aptidões, a gente viu que uma maioria de pessoas desse cadastro, tinha uma experiência como garçom, auxiliar de cozinha, é... saladeira. Né? Faxina. Então, através desse cadastro a gente montou um grupo que chama “Cozinheiros de Rua”.

P: Hmmmm....

E: Que o “Cozinheiros de Rua” ele presta serviço para grandes empresas com, com a base de *Coffee Break*. A gente faz um lanche um pouco mais, é, requintado, para as empresas, como Sebrae, SENAI, ArcelorMittal, é... Ministério Público e vários outros.

P: Legal.

E: E outra aptidão também, a gente viu que muitas pessoas mexiam com, na área da construção civil. É... desmontar tenda, montar tenda, carregar caminhão, descarregar caminhão. Então, através disso, a gente formou um outro grupo que chama “Operação Logística”. Que a gente tem uma parceria com a Minas Arena e com o estádio do Independência, com a... Natura, a Expominas. Então, a gente insere essas pessoas para poder trabalhar lá. Tanto na coleta seletiva, quanto para vender. É, suco, refrigerante, água. Tomar conta dos banheiros, para ficar na, na portaria ajudando a auxiliar. Né? Os portões.

P: E, você falou também construção civil. Construção civil, então, seria serventes, pedreiros...

E: Serventes, pedreiros...

P: Também...

E: Que também é, acaba englobando isso. Mas o que que acontece? Através desse servente, é, pedreiro, que tinha essas aptidões mais específicas, a gente é... Na verdade, tinha um outro grupo, no albergue, com essas pessoas, várias aptidões, de servente, pedreiro, que eles resolveram montar uma empresa de construção civil. Que...

P: Eles mesmos?

E: É. E a gente apoiando. Né? Porque, na verdade, era um subgrupo do, do “Empreendendo vidas”. Que a gente deu autonomia para eles, mas acompanhava e apoiava por trás dos bastidores. Aí acabou que eles pegaram, com essa aptidão de cada um, eles montaram uma cooperativa. Chama Coopmulti.

P: Cope?

E: Coopmulti.

P: Mote. Mute?

E: Multi. Que é na área da construção civil. Né? Porque, por que isso? Porque a economia solidária, ela veio um pouco para quebrar esse capitalismo selvagem, que vem cada vez nos corroendo mais. Né? Então, a economia solidária, ela não, ela é aonde não tem nem patrão e nem empregado, onde todos são donos do seu próprio negócio. Onde todos produzem, onde todos vendem, e onde todos administram o seu próprio negócio. Né? Então, veio mais para quebrar esse, essa lógica de “patrão-empregado”. Né? Pra... pra essas pessoas não serem escravizadas. Isso, porque, o que que acontecia? Que a gente descobriu. Essas empresas, elas iam na porta do albergue, selecionar pessoas para poder descarregar uma carreta gigantesca, para ganhar trinta, trinta e cinco reais por dia, sem almoço, sem transporte. Então, a gente viu que isso aí é um serviço escravo e que, na verdade, as pessoas ainda tinha que tá rindo pra eles e dando graças a Deus que tava empregado.

P: E agradecendo.

E: E agradecendo. Sabe? Então, a gente tava achando isso um absurdo. Então, através disso, a gente resolveu fazer grupos com preço justo. Né? Com produção que não seja, é, escrava, e que também tenha um, uma retirada legal. Né? Uma retirada com preço justo. Então, foram aí que surgiram os grupos. E aí, tem o terceiro grupo, que chama “Plantação”, porque a gente descobriu também que, através das aptidões que tem muita gente que tem um conhecimento com plantas, com terras. Né? Com plantar, colher, vender. Então, através disso aí, a gente montou um grupo que chama “Plantação”. O “Plantação”, na verdade, ele tá focando hoje em dia, em vendas de composteiras domésticas. Composteira, na verdade, é uma... são dois baldes com, que você mistura o material orgânico de casa, como o esterco e a serragem e essa mistura, ela, ele vira um adubo, totalmente sem agrotóxico e natural.

P: Uhum.

E: E a gente faz um furinho no balde, que aí, com essa mistura desses três ingredientes, ele desce um líquido e desse líquido ele é chamado de chorume, e... na verdade, você dilui ele na água, e é um ótimo fortificante para as plantas. Entendeu? Então, na verdade, é, é unir o útil com o agradável. Né? Aí, a gente agradece. Né? O Brasil agradece, o mundo agradece e as plantas também. Porque isso também foi para quebrar um pouco dessa, dessa química, química que vem cada vez mais aumentando. Né? Esses agrotóxicos que cada vez vai nos matando mais. Né? Porque hoje em dia você vê aí o noticiário: “Ah, não come pimentão, porque pimentão dá câncer. Não come tomate, que tomate tá dando câncer”. Mas, na verdade não é o produto em si.

P: É o agrotóxico.

E: Né? É o agrotóxico. Então, através dessa, dessas aptidões a gente formou esses grupos. Né? E agora a gente tá tentando formar outros grupos, também. Né? De trabalho. E... conciliando a moradia. Né? Porque a gente sabe que é, muitas dessas pessoas que vão procurar emprego de carteira assinada; uma por causa da crise que tá batendo aí na porta de todo mundo; e desemprego tem cada vez mais aumentado. E outra, por causa da referência de endereço. Muitas pessoas não conseguem arrumar emprego por causa disso. Entendeu? Quando fala que tá no albergue, ou quando eles pedem um comprovante de endereço, que a pessoa leva e vê que tá no albergue, e aí ela não é, na verdade, chamada. Então, a gente entra um pouco nessa linha, para quebrar um pouco dessa lógica de, de desempregado, de pessoas que tá em trajetória de rua e cada vez mais tem os seus direitos violados. Né? Então... E graças a Deus essas pessoas estão conseguindo, é... Tem um desenvolvimento muito bom no grupo. Né?

P: No grupo, nesse que ajuda, do trabalho. Né?

E: É. Em cada um grupo que eu te citei agora. Né? Tanto do “Plantação”, quanto o “Logística”, quanto essa cooperativa. Né? Que agora eles ficaram praticamente com, com autonomia de trabalho mesmo.

P: Isso ali eles estão se dando bem?

E: Estão.

P: Como que você percebe isso assim?

E: Na verdade, para a gente perceber isso, é todo um trabalho. Né? De fortalecimento de grupo. Né? Porque, na verdade, essas pessoas, elas chegam com o imedia, com o imediativismo muito grande de, de, de ter o dinheiro logo, de tá. Pra você ter uma ideia, quando a gente começou a cadastrar, as pessoas vinham aqui de carteira assinada, achando que aqui era SINE. E traziam a carteira: “Que dia que eu vou começar?”. Então, a gente teve que quebrar um pouco essa lógica. Sabe?

P: Uhum.

E: De carteira assinada. De formação de grupo, de fortalecimento de grupo, de união, de cooperativismo. Né? Então não é fácil, mas não é impossível. Né? Então, a gente, cada vez mais a gente dando autonomia, autonomies para eles, e fortalece, fortalecendo o grupo em todo, eles, cada vez mais, vão absorvendo isso e vão se organizando.

P: E o que que é esse dar autonomia?

E: Autonomia é você fazer uma construção junta. Com eles. Isso é dar autonomia para o grupo. Por quê? Porque a maioria das vezes que chega algum projeto, ele já chega um projeto implantado. Ele já vem com, com um projeto escrito e uma proposta feita e você chega e já chega com a proposta feita. Então, o nosso foi totalmente ao contrário. A gente trouxe a ideia de grupo, mas com a proposta de construir junto à organização do grupo, o fortalecimento do grupo. Né? As parcerias. Né? Tem que...

P: Isso todo mundo opinando?

E: Todo mundo opinando. A gente tira definições de cada um, de tarefas. Né? Tira comissões pra poder tá representando em alguma reunião ou buscar alguma parceria. Então, isso é dar autonomia para o grupo. De, não de trazer o peixe, mas sim de mostrar o caminho da pessoa pescar esse peixe. Entendeu? Que é dar oportunidade, possibilidade da pessoa ter a condição de pescar ela, mostrando o caminho, da onde que se pesca.

P: Uhum.

E: Né? Então, é mais ou menos por aí. Então, é muito importante, sabe o, Susana? Porque, é... eu costumo a dizer, igual, eu dou palestra hoje, sabe? Hoje eu dou palestra em vários lugares, inclusive, semana retrasada eu dei uma palestra no Loyola. Costumo dar muita palestra em escola. É, pessoas do primeiro ano, segundo ano, já tá formando, para poder conscientizar essas pessoas; porque, na verdade, o mundo só vai mudar se a gente mudar. Então, a gente tem que começar com essas pessoas que tão vindo agora. Mostrar um outro tipo de condições para elas, de educação. Mostrar que o, o, o... o morador de rua, na verdade, a gente tem uma sociedade muito hipócrita. Né? Você me desculpa falar. Por quê? Porque, na verdade, muitas pessoas passam pelo morador de rua e o morador de rua é invisível para a pessoa. Mas, ele só é visível perante a pessoa, quando ele é, é taxado como crítica, como alcoólatra, como drogado, como um à toa, como uma pessoa acomodada. Entendeu? E na verdade não é isso. Entendeu? Por quê? Porque tem uma outra estatística que eles costumam falar que a pessoa que tá em situação de rua é mais por causa do álcool e da droga e não é. Entendeu? Às vezes o álcool e a droga são, são consequências de fatores. Tendeu? Que levaram a pessoa a tá ali e conseguisse sobreviver na rua e aguentar a rua; às vezes a pessoa tem que se drogar e se alcoolizar, infelizmente. Tendeu? Isso é o, é o discurso deles mesmos. Porque muitas pessoas, elas, elas estão na rua por causa de depressão. Às vezes perde um ente querido. Às vezes tem problema de, de, de, de... psicológico. Entendeu? E são, são diversos fatores que levam a pessoa tá ali. Mas que eles não conseguem enxergar. Por quê? Porque eles já tem uma, uma ideia forma, formalizada. Entendeu? E essa ideia é a que vale, que eles são alcoólatras, que eles são drogados, que eles não querem nada.

P: Isso é o que, que eles querem ver.

E: Isso é o que muitos querem ver. Né? E que muitos torcem para inserir cada vez mais, se contaminar, para eles poderem cada vez mais se promover, através dessas pessoas que já tem a sua situação tão vulnerável.

P: Isso, é...

E: Né?

P: Em outras, em outras entrevistas, eu escutei isso. E eu queria assim, saber mais, assim: vocês veem com frequência pessoas querendo se promover. Né? Em cima de morador de rua? Em cima de ex-moradores?

E: Nossa, o que a gente mais vê acontecer é isso. Sabe? Principalmente quando a pessoa vem com intuito de fazer algum projeto pra poder é... trazer para a população de rua; algumas entidades são sérias, mas outras, querem usar só esse, essa escada, para poder se promover. Falar que tá fazendo um social, para poder trazer um social para a vida dela. Entendeu? Então, isso aí, na verdade, você tá, você tá violando a pessoa duas vezes. Porque uma, porque a pessoa já tá completamente é... deprimida, sem rumo. Né? Entregue. E a pessoa chega trazendo uma proposta, trazendo sonhos, trazendo esperança, e depois, isso é rompido. Então, é complicado às vezes a gente que tá querendo trazer uma proposta, é, que vai trazer resultado, é, é difícil a pessoa, é... se interagir com isso. Por quê? Porque ela já tá tão acostumada de projeto que vem, vai, que nunca traz resultado pra ela, mas sim pro outro, que tá fazendo, que acaba...

P: São projetos vazios. Né?

E: São projetos vazios. Que acaba, a pessoa fica resistente àquilo. “E, mais um projeto que não vai dar em nada, só vai pegar o meu nome, identidade e CPF. E minha moradia que eu tô aqui dez anos na rua?”. “Falou que ia mudar a minha história e não mudou”. Então, a pessoa fica mais resistente a isso. Então, ainda é um problema também você quebrar um pouco esse vínculo de resistência para poder mostrar para a pessoa: “Não, é um projeto diferente, é um projeto que a gente tá trazendo uma proposta diferente, que é uma construção junto. Que realmente se a gente construir junto é fundamental para a gente ter um alicerce de continuação”. Entendeu? Então é mais ou menos por aí. Fácil não é não. Mais são desafios que cada vez mais a gente tá conseguindo superá-los e que a vida não tem graça sem desafios. Né? Porque da mesma forma que eu fui resgatado, hoje eu tento resgatar. Acaba virando uma contaminação do bem.

P: Você acha que, que isso te influenciou de alguma forma?

E: Influenciou.

P: É?

E: Influenciou. Eu sempre tive um, um toque, assim. Sabe? Um lado meu que sempre se afluava em, em pessoas vulneráveis, em pessoas, é que, estavam na rua. Eu sempre tive isso comigo. Por mais que eu não tinha experiência em trajetória de rua, mas sempre quando eu via um morador de rua, eu tentava ajudar de alguma forma. Orientar. Né? Porque, você vê que às vezes o assistencialismo ele vem atropelando algumas formas de trabalho, de ajuda. Por quê? Porque a pessoa vai num lugar e acha que ela levando só alimento e água e suco, que ela já tá fazendo a parte dela. É muito bacana, porque todo mundo precisa do alimento. Sabe? Mais não só de ali, não só de pão vive o homem. Entendeu? Não só de pão, já diz a Bíblia, isso. Não só de pão vive o homem. Mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Mas eu não to falando para você levar uma palavra só de Deus, mas sim muita gente quer um ombro amigo, quer ter uma pessoa para desabafar, para contar um pouco a sua história. Entendeu? Quer um aperto de mão, um abraço. Entendeu? Uma companhia. Então, acho que vai muito além de um alimento. Né? Então, é isso que a gente tenta quebrar um pouco, é... nesse assistencialismo que vem trazendo isso. A gente tenta é, mostrar para eles, que há coisas muito além de só um alimento.

P: Eles podem muito mais.

E: Podem muito mais. E tem como você poder é... Como é que eu falo a palavra? É, levar os dois. Né? Juntar os dois. Tanto o útil quanto o agradável.

P: É.

E: Tanto a comida, como uma palavra amiga. Né? Como você escutar a pessoa. Outro dia eu tava ali, eu fui, é, tinha sobrado um, um *coffee break*. Sobrou muita comida, muito lanche. Aí, eu fui distribuir para um morador de rua, mas eu sempre tenho isso comigo, de conversar e tal; só que eu ia entregar para ele o alimento e depois ia puxar um assunto. Aí, na hora que eu levei para entregar para ele o alimento, ele falou: “Eu não quero, eu não quero o alimento. Agora, se você quiser sentar aqui comigo e conversar comigo, eu tô precisando mais que um alimento”. Tendeu? E isso aí toca a gente. Sabe?

P: Uhum.

E: Só que eu já tava indo com esse intuito. Então, isso me fortaleceu mais ainda. Entendeu? Aí depois que ela, depois que eu conversei com ele, ele me pediu um alimento. Entendeu? Então, ele realmente tava com fome, mas como as pessoas estavam tão cansa, tão acostumadas de levar só o alimento, ele se sentiu que eu iria dar só o alimento, que aquilo ali para ele não bastava.

P: E, assim, é um, é um autoconhecimento também desse, dele. Né?

E: É um autoconhecimento.

P: De saber que a fome que ele tinha, duas fomes, só que ele tinha uma fome que era maior. Né?

E: Exatamente. Porque, na verdade, a vida da gente, ela se resume como consultório. Né ô, Susana? Eu falo isso direto quando eu dou palestra. Por quê? Porque não tem como você sentir a dor do próximo, sem conversar com ele. Porque o médico, para ele saber o que você tem, você fala lá: “Eu tô com dor de cabeça”. Porque não tem como ele te receitar um remédio. Primeiro, ele vai, ele vai te ouvir o que você tem e depois ele vai te pedir um exame; depois ele vai ver o exame, para aí vê o diagnóstico do exame para poder ver qual o remédio certo que ele vai poder te indicar. Então, é isso que a gente tenta fazer um pouco com os moradores de rua. Entendeu? A gente tenta primeiro ouvir eles. Né? E ver qual que é o problema deles. Pra depois a gente fazer um diagnóstico da situação daquela pessoa, para só assim a gente saber como que a gente vai agir com aquela pessoa. Então, esse é o grande diferencial da gente conseguir, às vezes, não resolver o problema direto, mas aliviar algumas coisas. Sabe?

P: Sei.

E: Então, isso que a gente tenta um pouco fazer. O que eu costumo falar ô, Susana, que não existe sonhos impossíveis, existem sonhos interrompidos. Né? E que muitas pessoas através desse trabalho nosso e da Pastoral de Rua conseguiram retomar o seu, o seu sonho, conseguiu retomar a sua autoestima, conseguiu retomar o seu vínculo familiar. Né? Porque são resgate que a gente tenta fazer constantemente. Entendeu?

P: Tem tanta coisa que eu queria perguntar. Eu vou retomar num ponto que me chamou muita atenção. Você falou, quando você teve contato a primeira vez com a Pastoral, você começou a participar dos grupos. Né?

E: Uhum.

P: E lá você... é, aqui, na verdade. Né? Você se sentiu sendo tratado como um ser humano.

E: Uhum.

P: E que a partir daí você percebeu que você poderia. Né? Você mesmo fazer, digamos, a sua história. Não sei se eu estou reproduzindo bem a sua fala.

E: Tá.

P: E eu queria entender isso. Como que foi essa percepção de você sentir isso, que você tinha condição de criar a sua própria história?

E: Na verdade, foi através de alguns, algumas conversas particulares. Entendeu? Igual eu te falei, que muitas vezes eu sentava com a [Regina], que é da pastoral, ou com a [Simone]. Elas ouviam a minha história. Através

da minha história, elas me mostravam mais ou menos o caminho. Né? Falavam: “Não, [Marcos], não é por aí”. Entendeu? “Você tem que continuar participando da reunião. Você tem que...”. Porque, quando eu conheci a Pastoral, além de tá em situação de rua, e ter perdido dois ente querido que eu sentia muita falta, porque, na verdade, é... eu fiquei sem chão. Entendeu? Porque quando os meus pais morreram, além de ter perdido os meus pais, eu perdi também uma vida. Né? Que eu tava acostumado com certo tipo de vida. Então, é... A união dessas duas coisas me fez entrar numa depressão profunda. Sabe? De, tipo assim, não querer nem saber de nada. Eu já tava, sabe? Entregue mesmo. Aí foi aonde que eles pegaram e, através de algumas conversas comigo, eles me orientaram, me ajudaram a me perceber. Né? Me mostraram aí eu entrar para dentro de mim, me conhecer, de uma outra forma, diferente da outra que já me conhecia. Ou que eu me achava que eu era, que eu já conhecia, mas que na verdade eu não me conhecia ainda.

P: E o que você passou a conhecer de você mesmo?

E: Eu passei a conhecer alguns potenciais que eu não tinha. Como eu nunca tinha trabalhado na minha vida... Eu era uma pessoa super calada. Entendeu? Fechada. Entendeu? Era, eu era muito.. é... muito oprimido. Sabe? Eu não gostava de comentar nada, eu não gostava de falar.

P: Oprimido?

E: Oprimido. Eu era muito reservado. Sabe? E eu não dava palpite de nada. Eu ficava mais quietinho na minha. Entendeu? Aí eu, eu sempre, é, era muito pessimista. Entendeu? Eu num, eu num, não conseguia ser otimista, pelas coisas que já tinha acontecido comigo. Eu achava que eu não conhecia superar aquela situação. Entendeu? Por eu não ter tido experiência com nada. Tendeu? Aí, eles foram me mostrando que eu, que eu tinha um, um potencial, que eu poderia estar, é, tá trabalhando esse potencial, que eu poderia estar sendo uma pessoa mais comunicativa. Entendeu? Que eu, eu poderia estar me interagindo mais. É... buscando entender um pouco a política da, da, da situação de rua. Para mim tá poder tá interagindo em outras reuniões externas. Então, aí eu comecei a passar, a me, a me interagir e entender mais um pouco o assunto. Aí, através disso, eu fui virando representante, de algumas reuniões. Eles tiravam comissões, eu fazia questão de estar nessas comissões de frente. Né? Aí, hoje, resumindo, hoje, graças a Deus, eu faço parte do movimento, é, do “Movimento Nacional de População de Rua”. Eu sou um dos coordenadores, junto com o [Rômulo]. Eu faço parte da “Associação moradia para todas, para todos”, que eu também sou um dos coordenadores. Eu faço parte desse projeto “Empreendendo vidas”. Eu faço parte do... do conselho de, de alimentação. Né? Para a gente poder discutir política pública voltada na área da alimentação, na área da saúde. Faço parte do conselho de saúde também. Então, hoje em dia, minha filha, falou que é conselho, alguma coisa, eu tô, eu tô tentando participar de tudo. Pra mim ver se eu consigo buscar um pouco o avanço da política pública. Porque diálogo a gente tem, mas a gente precisa avançar na política pública, porque do jeito que ela tá acontecendo, ela só está se retrocedendo. Entendeu? Por quê? Porque eles ficam falando que morador de rua é... mexe com droga, é, a maioria é alcoolizado, igual eu já te disse. Só que é, a gente tem uma estatística de oitenta e três por cento das pessoas que usam álcool e droga tem residência fixa. Entendeu? Então, isso é um pouco totalmente contraditório da realidade que eles querem empregar. Entendeu? Então, a gente tenta, a gente tenta resgatar é... política pública que realmente vai fazer a diferença na vida de cada uma dessas pessoas. Né? Que é a, é a habitação, que é a moradia, com a geração trabalho e renda, pra poder você ter condição de manter a moradia. Porque não adianta o governo fazer um, um “Minha Casa Minha Vida”, pegar uma pessoa que dá ela um apartamento, colocar ela lá perto do Rio das Velhas. Né? No Jardim Vitória, lá na saída de Belo Horizonte, sem infraestrutura nenhuma e sem a pessoa ter uma renda. Ela vai perder aquilo. Ela não vai conseguir manter. Então, a gente tenta unir isso. A geração trabalho e renda, com a moradia mais o estudo. Porque hoje a gente tenta focar um pouco nas pessoas poderem voltar a estudar com, com o EJA. Que a gente ter uma parceria com o Colégio Imaculada. Então, a gente tenta inserir, porque, na verdade, o principio de tudo é a educação. Através da educação, você consegue todas as outras coisas. Né? E uma coisa que ninguém tira de você, é o conhecimento. Né? Até hoje eles não conseguiram ainda fazer uma máquina para poder limpar o seu “cérebro”. Né? Porque o resto eles conseguem fazer tudo. A única coisa que não tira de você é o seu conhecimento. Né? É o que eu costumo falar. Se você quer um ano de prosperidade, cultive trigo. Se você quer dez anos de prosperidade, cultive árvore. Agora, se você quer cem anos de prosperidade, cultive pessoas. Entendeu? Isso aí é um provérbio chinês, que eu tento trazer muito pra eles. Porque da mesma forma que a gente cultivava pessoas com o objetivo de melhora, isso tem que virar uma contaminação do bem. É uma, é uma corrente. Entendeu? De união, fortalecimento, organização e apoio solidário um com o outro. Porque, uma coisa é uma pessoa, uma assistência tentar tirar a pessoa da rua. Agora, a outra coisa é uma pessoa que já, já passou por aquela situação, chegar e tentar resgatar a pessoa. Lógico que a pessoa que passou por aquela situação e que hoje conseguiu superar a trajetória de rua, ela tem uma facilidade de poder ter um argumento e um jeito melhor de mostrar um outro lado para aquela pessoa que hoje em dia tá na situação. Entendeu? É isso que a gente tenta trazer um pouco. Entendeu, Susana?

P: Tendi. Então...

E: Outra coisa também que tá, tá acontecendo, é... uma coisa seríssima, muito grave, são... as mulheres que vivem na rua, que estão em trajetória de rua. Elas, elas, muitas vezes, elas, como são a minoria, elas engravidam e, elas não tem condições nem de, de, de poder cuidar do seu filho. Por quê? Porque vem um assistente e fala

que, é... ela não tem condição de, de cuidar do filho, que o filho dela vai ter que ir para o abrigo. Então ela, esses filhos são retirados da mãe. Com a alegação da pessoa estar em situação de rua e não dar conta de... Então, se você for parar para analisar, são duas violações. Entendeu? Conjuntas. Uma porque a mulher, a mulher está em situação de rua. Ela não, ela não tem a possibilidade de sair da rua, mesmo grávida. E outra é quando ela tem um menino e seu filho é arrancado. Então, isso aí é um absurdo. Entendeu? Porque para eles eu acho que é mais é... convém mais para eles tirar a pessoa, o filho da mãe e continuar com ela na rua, do que encaminhar essa pessoa para um lugar onde ela tem condição de poder cuidar do filho dela. Entendeu? Então, eu acho que isso é um absurdo. Entendeu, Susana? Então, é uma das políticas que a gente tá tentando discutir também.

P: É essa.

E: Para pegar essas pessoas, as mulheres, principalmente as gestantes e tentar colocar num abrigo provisório. Né? Mas com, com... com intuito dela ter a sua moradia fixa. Né? É igual restaurante popular. O restaurante popular eles falaram que foram para pessoas de baixa renda, pessoas vulneráveis e pessoas de trajetórias de rua. Mas, na verdade, ele funciona de segunda a sexta.

P: Sim.

E: Entendeu? Isso é uma outra lógica também totalmente contraditória.

P: Sim.

E: Porque na verdade a pessoa come todos os dias.

P: É. E não funciona também feriado.

E: E não funciona feriado. Exatamente. Então, uma das nossas discussões lá, tá sendo para a gente poder manter o restaurante popular final de semana e feriado. Aí, eles alegam que não dão um retorno financeiro para eles. Entendeu? O último que me falou isso, meu filho. É, aqui tá gravando. Ele ficou com ódio de mim, porque eu não, eu não perdoei na hora que ele falou, eu achei um absurdo. Falei: “Ué, você tá visando o quê? O financeiro?”. Ele: “Não, mais tem que manter os empregados”. Eu falei: “Ué, meu filho, mas a, a, a prefeitura destina uma verba para isso”. Entendeu? “Então, você tem que falar lá com o Kalil ou com algum, com o representante, porque realmente o restaurante popular ele não é voltado para pessoa de baixa renda, nem para pessoas vulneráveis. Entendeu? Porque se fosse, realmente você não tava visando o lucro nem o financeiro para pagar funcionário, sendo que tem uma verba destinada para isso”. Entendeu? Então, a gente tá avançando um pouco essa discussão e tão conseguindo.

P: Tão conseguindo?

E: Tão. Vai abrir final de semana e feriado.

P: Ai, que bom!

E: Entendeu?

P: Isso, assim, no Brasil, geral, ou só aqui?

E: Por enquanto só aqui. Eu não sei se vai estender para os outros países, para os outros estados. Entendeu? Outra coisa também que é... que é muito contraditório, é o... Ai, esqueci. Fugiu. Ah, eu vou lembrar aí, na hora que eu lembrar eu te falo. Mas é mais ou menos isso.

P: E o que tem que ver com essa questão, assim. Eu queria até ver isso. O que que na política. Né? Tem uma cartilha lá, né? Da pessoa em situação de rua, os direitos, é.. Tem alguma coisa assim que tá lá escrito e você vê que não acontece? Na, na prática.

E: Não, na verdade, quase tudo. Né? Porque, na verdade, é... a gente foca um pouco, a gente foca mais ô, Susana, porque o morador de rua ele tem direito a ter direito. Né? A nossa constituição elas, ela não dá direito a ter educação, saúde, moradia e transporte. Entendeu? Isso tá na constituição. Agora, ninguém tem isso. Entendeu? Ninguém tem esse direito garantido, principalmente as pessoas mais vulneráveis. Entendeu? E aí? Como é que fica isso? Porque você vai cobrar aí um fala: “Fala com outro”. Aí o outro fala para o outro e fica um pingue-pongue, mandando pro outro, o outro mandando pro outro.

P: Ninguém resolve.

E: E na verdade, resumindo a história, ele vai falar: “Fala pra quem inventou a Constituição”. Entendeu? Então, é uma coisa que nunca tem um diálogo, porque, você não tem uma educação hoje digna, infelizmente. Nem para as pessoas que tem uma classe média. Só as pessoas que realmente tem condição de pagar. Você não tem uma saúde de qualidade. Entendeu? Tá aí estampado aí em todos jornais. Você não tem um transporte de qualidade, porque o transporte você, você anda no ônibus, chove mais dentro do que fora. Né? Às vezes você passa mais tempo é... dentro de um transporte público indo trabalhar do que trabalhando. Entendeu? Sendo que poderia tá, é, você poderia tá produzindo muito mais. Entendeu? Tendo uma renda muito melhor. Mais você perde quatro, cinco horas dentro de um transporte público. Entendeu? Então, é vergonhoso. Você não tem uma moradia. Né? Não tem nem como te falar a pessoa tem uma moradia não tão digna. Porque, às vezes, a maioria não tem nem moradia. Não tem nem perspectiva de moradia. Né? Porque, na verdade, as grandes, a grande diferença de política pública, é, quem faz essa diferença são as entidades. Igual, pastoral de rua, igual essas ONG, que tem muita ONG séria, tem muita instituição séria. Que acaba fazendo a obrigação que seria da prefeitura, do poder público. Entendeu? Do governo. Então, eles se isentam das entidades entrar para eles acabarem se promovendo em cima das entidades. Tendeu? É um jogo. Infelizmente. Aonde quem sempre perde são as mesmas pessoas.

Entendeu? As pessoas que é mais vulnerável. Então, a gente tá tentando um pouco quebrar isso. Sabe? Mas não é fácil, mas a gente também não pode desanimar. Então, a gente está sempre com discussões. Agora mesmo tá acontecendo um fórum de população de rua lá na, na faculdade da UNA. Pra gente buscar pessoas para no, nos ajudarem a ter uma discussão mais ampla, mais aberta, mais direta, com esse poder público que vem nos, nos... nos deixando cada vez mais de mão atada. Entendeu? Porque, a gente, tá na lei que a gente, é... tem condições de ter as coisas, mas a gente não tem direito a ter esse direito. Entendeu? E esse direito que a gente já não tem, ele cada vez mais vai se perdendo. Tendeu? Através de quê? Através da corrupção que cada vez fica mais ativa perante essas pessoas, que eram para poder estar nos oferecendo alguma coisa, tá é nos tirando o que a gente já não tem.

P: E você sente que, que tá... essa, essa precariedade. Né? Com relação à, tem relação com essa corrupção. Você acha que tá aumentando? Você realmente acha assim?

E: Lógico, eu acho que está cada vez mais. Aumentando cada vez mais. Eu acho que... Na verdade, tá uma, uma, a gente tá entrando, no meu ponto de vista, a gente tá entrando numa guerra civil. Porque, as pessoas não estão se respeitando, tá uma briga da direita com a esquerda. Entendeu? Eles estão mais preocupado, é... no, nos candidatos que estão, que tão hoje desenvolvendo o trabalho do lado esquerdo, querendo atingir o lado direito, do que trabalhar em prol da sociedade. Entendeu? Então, isso aí é complicado demais. Porque eles estão numa briga interna que acaba gerando uma briga externa e que acaba prejudicando as pessoas que mais precisa dessa união da, do, dos partidos, para poder realmente discutir política pública, no caso que vai realmente suprir as necessidades de quem precisa. Entendeu? E a gente vê que eles estão se “digladiando”. Né? Entre eles. Roubando cada vez mais. Tendeu? Estão numa disputa, no meu ponto de vista, de quem rouba mais. Entendeu? Aí a pessoa vai presa. Aí ela vai presa e ela fica lá dez dias. Aí ela ganha uma delação. Aí ela vai delata o outro. Aí ela vai, fica presa, depois sai. Ta solta. Ganha uma, uma, uma... uma condicional, ou ganha uma para cumprir em casa. Entendeu? Isso pra mim, tá deixando a pessoa com mais, com mais vontade de poder fazer cada vez mais. Né? Em prol de, de, de corrupção. Né? De, de, de realmente querer se promover às custas de outro. Então, a gente tá, a gente tem que quebrar um pouco isso. Né? É... Agora a gente tá vendo esse cenário aí, hoje aí ó. Eles, é... atacando o PT. Tendeu? Atacando o PT. Teve o *impeachment* da Dilma. Tendeu? Teve essa prisão do Lula. Entendeu? Mas eles, eles só falam disso, mas eles não fazem nada para mudar a situação da sociedade. É muito fácil você culpar o outro e se ausentar da sua culpa. Então, o ser humano tem muito disso. Sabe? De olhar o defeito do outro, de apontar o defeito de outro, do outro, de olhar para o outro, mas não olhar para si mesmo. Porque é muito cômodo você falar do outro. Né? Mas você não conseguir falar de você. Entendeu? Então, é isso que acontece hoje em dia. Entendeu? Aí eles falam que o Lula roubou, que o PT roubou. Entendeu? Mas, e eles? Que sempre teve ao lado do PT? Né? Porque o governo ele não governa sozinho. Não é isso? E... no meu ponto de vista, é... o, o PT foi um dos partidos que mais fez para a pessoa de baixa renda. Tanto que agora que o Michel Temer assumiu, ele, ele cortou muito, muito programa social que era voltado para pessoas de baixa renda. Entendeu? E a gente tá cada vez mais retrocedendo, cada vez mais. Tendeu? Agora, outro dia, a pessoa, esse pessoal tava ali perto da rodoviária, um grupinho de morador de rua, o cara veio aqui correndo contar para a gente, que a prefeitura tava lá junto com a polícia, para tirar as pessoas da rua, tirar os pertences dela da rua, que é uma violação, e as pessoas não estavam querendo sair, porque não tinha lugar para ir. Eles falaram que as pessoas que não fossem sair que iria ser presa. Olha que absurdo! Na verdade eles estão prendendo a pessoa por não ter uma casa e ter que morar na rua. Então, isso é sem explicação.

P: Isso foi agora?

E: Agora, semana retrasada. Entendeu? Semana retrasada. O Kalil, o Kalil que, é... conjunto com a prefeitura, a Guarda Municipal e a Polícia Militar, ele, ele, é... assinou para poder fazer isso. Olha que absurdo! Sabe? Então, eu acho que a gente tem que ter mais amor no coração. Entendeu? Olhar para o próximo. Entendeu? Como a ti mesmo. Entendeu? Porque a gente não sabe o dia de amanhã. Entendeu, Susana? Igual eu te falei, eu contei um pouco da minha, da minha vida para você. Era uma pessoa, eu era uma pessoa que eu nunca tinha, eu nunca imaginava me ver como morador de rua, em trajetória de rua. Entendeu? Mas, no entanto, e aí. Tendeu? Duma hora para outra eu me deparei com, com a situação de rua. Então, a gente, a gente tem que aprender que a gente nunca, a gente é algo, é, é... a gente sabe o nosso futuro. A gente tem que ver isso. Que a gente, o futuro não nos pertence. Entendeu? A gente pode trilhar ele. Né? Mas o futuro, que nos aguarda, a gente não sabe qual é. Tendeu?

P: E você acha que, já que o futuro não nos pertence, teria algo que nos pertence? E se sim, o que que seria? Esse algo que nos pertence.

E: Eu acho que o algo que nos pertence é o presente. Porque a gente, a gente tá aqui agora e a gente pode fazer alguma coisa para mudar o hoje. Mas o amanhã não pertence à gente. Entendeu? Mas o hoje pertence. Então, talvez você trilhar um caminho melhor amanhã, você tem que buscar trabalhar o hoje. Entendeu? Por mais que o amanhã não te pertença, mas através do seu trilhar de hoje, você pode ter uma percepção do amanhã. Tendeu? Sem definição concreta, lógico.

P: Uhum.

E: Tendeu? Porque amanhã eu posso falar, “amanhã eu posso tá assim”, mas às vezes eu não posso nem tá aqui. Então, por isso que ele não nos pertence. Entendeu?

P: Queria voltar lá na sua história, porque tem uma figura aí que ficou um pouco assim, eu fiquei sem saber sobre essa figura, que é o seu irmão. Quando você foi morar na rua, como que foi, assim? Você perdeu contato com ele?

E: Perdi. Eu me distanciei dele, porque, na verdade, quando meu pai morreu, ele, meu pai entrou em muita, meu pai entrou em depressão, bebeu muito e tal. Então, quando meu pai morreu, ele, ele me culpou pela morte do meu pai. Ele falou que eu tinha, que meu pai tinha morrido porque eu tava dando muito trabalho para ele, fazendo ele sofrer e tal. E, na verdade, não foi. Aí, automaticamente, isso me doeu muito. Entendeu? E eu acabei distanciando dele, porque, na verdade, meu pai entrou mais em depressão, por causa da empresa ter fali, ter, ter quebrado por causa de falta de administração dele, do meu irmão. Mas, nem por isso eu falei isso com ele, nem joguei isso na cara. Porque, na verdade, meu pai morreu, não foi de depressão, foi por causa do vício do álcool mesmo. Lógico que juntou a depressão. Lógico. Sabe? Mas ele já tinha um histórico de bebida. Entendeu? E a gente tentou de todas as formas. Entendeu? Porque, não adianta ô, Susana, eu querer, ela querer, você querer, sendo que a pessoa não quer. Entendeu? Você pode mostrar ela o caminho. Você pode mostrar ela o caminho que ela vai trilhar, você pode aconselhar ela, mas o querer é de cada um. Entendeu? Então, devido a isso, acabou que, eu, pra mim não ficar brigando, eu distanciei. Hoje em dia eu vou lá, visito ele, converso com ele. Tendeu? Retomei o meu vínculo com ele, mas, assim, mais distante. Sabe? É porque eu considero ele como irmão e tal; eu vou lá e vejo ele. Mas, a gente ainda... tem um pouco assim; mais, tá tranquilo. Isso foi bom. Sabe ô, Susana? Eu ter passado por isso tudo. Hoje em dia eu sei o tanto que foi bom para mim.

P: É? É o que que foi bom para você?

E: Foi bom, porque hoje eu aprendo a valorizar as pequenas coisas; que quando as grandes vierem eu num, eu num deixar ela escapular. E antes, eu tinha as grandes coisas, mas eu não dava conta de valorizar nem as pequenas, por isso que eu perdi.

P: E hoje em dia, assim, na sua vida, o que seriam as pequenas e as grandes coisas?

E: As pequenas coisas para mim, uma, uma conversa com morador de rua. Tendeu? A minha casa, que é simples. Tendeu? Mas é minha. Meu apartamento. Tendeu? Porque eu morava numa mansão. Tendeu? Minha casa tinha era quatro andares. Meu pai tinha era quatro carro importado na garagem. Tendeu? Na época que lançou a BMW, meu, meu pai foi o primeiro a ter ela. O Estado de Minas Gerais foi até lá em casa para fazer uma reportagem com ele. Entendeu? E eu nunca dei valor nisso. Entendeu? Por quê? Porque eu já cresci naquela situação. Eu já cresci. Entendeu? Então, não tive aquele processo de valorização, que hoje eu tive. Entendeu? Então hoje, hoje eu sei me comportar tanto numa casa pequena, quanto numa mansão. Antes, eu não sabia me comportar numa mansão, quão dirá numa casa pequena. Entendeu?

P: E o não saber se comportar seria dar valor?

E: Exatamente. Seria dar valor. Seria dar valor.

P: E, e pensando nisso de dar valor, só para eu entender. Esse dar valor é, seria o que, assim? De você olhar para aquilo e ser grato?

E: Não, você dar valor seria você valorizar aquilo que você conquistou. Porque, na época, como eu não tinha conquistado, mais era meu, mas eu não sabia quanto que valia; quanto que foi o esforço para adquirir, eu não dei valor. Eu acostumei com tudo na mão. Hoje em dia não. Por eu ter corrido atrás, do meu apartamento, do meu carro. Tendeu? Da minhas coisas. Hoje eu sei como é que é, quanto custa e como dar valor em cada uma dessas coisas. Entendeu?

P: Uhum.

E: Porque eu sei, é, quanto foi o sacrifício que eu fiz. Né? Quanto foi o trabalho que eu tive, pra mim poder adquirir isso. E antes não. Antes veio de mão beijada, foi de mão beijada. Entendeu? Então, quando você realmente consegue uma coisa através de uma luta sua, entendeu? Você aprende a valorizar aquilo muito mais, do que quando você ganha. Por isso que eu costumo dizer isso, hoje eu costumo a valorizar as pequenas coisas, pra quando as grandes vierem, eu saber administrar. Entendeu? Coisa que o contrário, quando foi o contrário, eu não dei conta. De administrar as grandes, nem as pequenas. Entendeu? Por isso que eu fui parar aonde eu parei. Mas isso para mim, igual eu te falei, serviu de experiência muito boa para mim. É, me valorizar. Tendeu? Pra mim saber que realmente que eu sou capaz, de poder conquistar as coisas. Entendeu? Eu sou capaz de poder, realmente, levar uma palavra amiga para o próximo, de resgatar o próximo da minha maneira. Sabe? Na, na minha época eu não sabia o que que era isso. Porque eu não conseguia nem me entender. Como é que eu ia entender os outros?

P: Você não conseguia se entender? Não, assim, não tinha essa experiência, assim?

E: Eu não conseguia me entender, porque eu, eu. Igual eu te contei a situação, eu sempre acostumado com tudo na mão. Nunca dei valor em nada. Entendeu? Não tava nem aí pra nada. Entendeu? Eu, qualquer coisinha, ah, eu largava pra lá; não tinha paciência com nada. Entendeu? Depois que meu pai morreu, então, eu fui morar pra, na rua, aí que eu fiquei meio transtornado. Entendeu? Aí, por isso eu não conseguia me entender. Eu tava cheio de problemas internos dentro de mim que eu não conseguia saber nem quais eram. Tendeu? Aí, através dessas

reuniões, de ouvir os outros, de ouvir alguns testemunho de pessoas que estavam na mesma situação que eu, que me ajudou a tá olhando para dentro de mim mesmo. Tendeu? E podendo reconhecer e separar cada problema que eu tinha para poder analisar e resolver cada um na sua devida forma. Entendeu? É por aí.

P: E resolver cada problema, e...

E: Que eram os conflitos internos comigo mesmo.

P: Internos. E você poderia falar sobre alguns? Assim, que que você percebeu, assim? Você tomou consciência desses grupos... e como é que você fez, assim... ?

E: Eu acabei me envolvendo com droga também. Né? Quando eu fui pra rua eu acabei conhecendo a droga e comecei a, a mexer com droga e comecei a querer me aprofundar na droga. Comecei a querer afundar na droga. Então era uma, era tipo uma válvula de escape. Sabe? Aí eu vi que isso aí tava colocando eu cada vez mais, é... cada vez pior, cada vez numa situação mais alarmante, que eu tava cada vez me afundando mais. E que ia chegar uma hora que eu não ia ter como me afundar mais. Entendeu? Aí que veio esses conflitos internos. Porque aí já juntou a depressão, a falta de familiar, a falta de ente querido, o problema com a droga, para poder é... substituir alguma coisa. Que, na verdade, muitas pessoas usa, usa droga achando que vai substituir alguma coisa, e, na verdade, não é. Ela tá aumentando o problema. Entendeu? Então, foi isso que aconteceu comigo. E aí eu fui tentando me olhar através de testemunhas dos outros, através de ouvir as pessoas cada vez, é... se afundando na droga, no álcool. Entendeu? E eu não poder fazer nada. Então, aquilo foi mexendo muito comigo. Aí eu comecei a me olhar. Falei: “Pera aí. Já que eu quero ajudar o outro, primeiro eu tenho que me ajudar. Olhar para mim”.

P: Então você tinha já esse interesse?

E: Tinha. Já tinha.

P: De ajudar?

E: Já tinha. Eu era uma pessoa, que eu sempre fui uma pessoa muito... muito solidária. Sabe? Eu sempre tive essa... esse... esse, esse trem mesmo dentro de mim de, de poder ajudar os outros, de aju, de fazer favor pros outros. Entendeu? Tanto que quando meu pai tinha uma condição, toda vez que eu via um morador de rua, eu não media esforço, eu pagava um lanche, eu pagava isso... Então, eu sempre tive isso comigo.

P: Então você, quando você conheceu a pastoral, você tava cheio de problema aí você, você começou, deu vontade de já fazer alguma coisa.

E: É.

P: E aí, nessa vontade, junto com essa vontade, você percebeu que para realizar aquilo, você tinha que...

E: Eu tinha que trabalhar eu.

P: Se ajudar.

E: Eu tinha que me trabalhar primeiro. Né? Me ajudar. Né? Entender qual que era os meus, as minhas dificuldades, os meus anseios, para só assim resolvê-los e poder realmente passar um pouco da minha experiência. Entendeu? E poder ajudar as pessoas.

P: Quais eram os seus anseios? De quando você passou, né? Por essa fase aí de autoconhecimento.

E: Ué, os meus anseios é, a... a vida que eu levava antes. Entendeu? Eu sentia muita falta da vida que eu levava antes. Entendeu? Eu sentia muita falta da minha casa. Sentia muita falta de, de, de ter um ombro amigo. Tendeu? De poder conversar com as pessoas. Entendeu? De, de... poder realmente, é... ter um carinho fraterno de pai e mãe e tal, que eu não tinha. Entendeu? Que às vezes eu via algum conhecido, alguma pessoa se relacionar, se relacionando com os pais e aquilo me afetava demais. Sabe? Aí eu comecei a olhar um outro lado da vida, com, com moradores de rua. Eu comecei a olhar pessoas igual eu, na mesma situação que eu e que às vezes sentia igual eu também. Falei: “gente, eu tenho que mudar isso”. Aí, foi aonde que eu fui trabalhando.

P: Como você trabalhou essa questão? Porque, assim, você continua sem os seus pais.

E: Trabalhei um dia que eu parei assim, é... Eu já tava é... me afundando muito na droga. Sabe? Falei: “Nó gente, eu não tenho nada!”. Eu tinha um dinheiro, que era pra mim comer e eu gastei ele todo com droga. E agora eu não tenho nem o que comer. E aí eu peguei e clamei a Deus. Sabe? Falei: “Deus, eu não aceito isso na minha vida mais. Eu quero uma mudança. E hoje eu quero. Não tô falando da boca pra fora. Então, me ajuda a fazer alguma coisa para mudar essa história”. Aí, no outro dia, ou, foi Deus, sabe? Eu já acordei com enjoo de droga. Entendeu? Hoje o único vício que eu tenho, por enquanto, é o cigarro. Eu não bebo, eu não fumo droga, eu não mexo com nada. Sabe? Eu sou super caseiro. Então, aí, no outro dia, eu já acordei com aquela ânsia de vômito, já não aguentava nem olhar pra droga, para nada. Aí eu, parei de beber também. E aquilo ali foi só fortalecendo. Aí, no outro dia, um cara chegou e me ofereceu uma droga, querendo até me dar. Eu recusei. Foi um teste. Aí, depois que eu recusei essa droga, Susana, as coisas aconteceram de uma tal forma na minha vida, que me surpreendeu. Porque, aí eu fui inserido pro sorteio do “Minha Casa Minha Vida”. Ganhei a minha casa, mobiliei a minha casa. Na semana que eu ganhei o apartamento, eu rece, é, foi montado esse projeto “Empreendendo vidas”. Eu... eu... fui chamado. Aí eu fui, é... Fui chamado, aí Graças a Deus eu passei na seletiva e comecei a trabalhar no projeto de carteira assinada, porque, de carteira assinada pelo Governo Federal. E aí eu montei o meu apartamento, mobiliei ele. Entendeu? É... consegui comprar o meu carro, consegui retomar o meu vínculo com a minha filha. Sabe? Consegui adquirir as minhas coisas. Entendeu? E isso aí cada vez mais me incentivando a melhorar cada vez mais. Sabe? Porque, na verdade, igual, pra muitos tem, pra muitos é um

desprazer; quando chega uma conta de luz, pra mim é o maior prazer. Chega uma conta de luz na minha casa, quando eu vejo o remetente tá lá [Marcos]. Entendeu? Isso, pra mim, é o maior prazer. Não tem preço que pague isso. Né? Lógico que cada conta tem um valor. Né? Mais não tem preço, não tem. Sabe?

P: E o que que essas contas representam?

E: Isso representa deu ter dado a volta por cima, conquistado uma coisa que é minha e tá morando numa casa aonde que eu conquistei. Né? E que eu tô mantendo até hoje, graças ao meu esforço, ao meu trabalho e às pessoas ao redor, que foram só pessoas que agregaram no meu, na minha trajetória pra mim hoje tá te contando isso. Entendeu? Hoje eu comprei meu carro, comprei minha moto. Entendeu? Pago pensão para a minha filha. Ela tá estudando, ela tá fazendo cursos. Sabe?

P: Tem quantos anos a sua filha?

E: Ela tem dezessete.

P: Dezessete?

E: Tô velho. Né? Mas é isso aí.

P: E como que foi esse processo, assim, de recuperar ou, não sei qual que é a palavra certa, resgatar essa, esse vínculo com ela?

E: Na verdade, eu perdi esse vínculo porque eu estava entran...

P: Olha, depois você olha o seu horário. Tá? Você me fala.

E: Eu estava em trajetória de rua. Então, não tinha como eu ter vínculo, porque não tinha um moradia fixa. Eu não tinha um suporte para oferecer alguma coisa para ela. Eu estava numa situação vulnerável, com problema com droga, com problema com álcool, morando na rua. Então, eu mesmo quis me afastar. Deixei ela com a mãe dela e me afastei. Hoje, pra mim, é muito gratificante de ter retomado a minha vida. De hoje ter dado a volta por cima e de hoje eu ter retomado esse vínculo com ela e dela ter orgulho de mim hoje. Por eu ter superado essa situação e tô sempre mostrando para ela. Né? O lado ruim e o lado bom de tudo. Né? Porque, o que eu não, o que eu não quero para mim eu não quero para o outro. Né? Então, a gente vai trabalhando em cima disso. Sempre mostrando o outro. Né? Que ele é protagonista, mas que se ele deixar de ser protagonista, ele pode, ele pode acabar virando. Né? Um... como é que fala? É, o contrário de protagonista; ah, esqueci.

P: Eu penso a questão do sujeito. Né? Ou você é sujeito ou você é objeto. Né?

E: Exatamente. Ai, é muito bom, sabe? Fácil não é. Sabe, Susana? Lógico que não é todos que conseguem ter isso. Mas é porque eu, eu pedi muito a Deus pra me libertar. Sabe? Pedi muito a Deus. Falei com Deus que eu não gos. Eu não tenho uma religião definida. Sabe? Porque, eu acho que a religião tá dentro da gente. É o que eu penso. Sabe? Igual a igreja, eu acho que a igreja tá dentro da gente. Né? A igreja é a gente. Então, eu não preciso de terceiros, nem quartos, pra me buscar Deus. Entendeu? Eu mesmo posso buscar ele sozinho. Sem intermédio de ninguém. Tendeu? E foi isso que eu fiz, assim. Entendeu? Na hora que eu mais sofri, que eu vi que a minha casa tava sem nada, que eu tava num quarto sem nada, pagando uma pensão, um dia sim, dez dias não; e que eu tava sem nada, aí eu peguei ajoelhei, comecei a chorar, pedir a Deus para me iluminar. Tendeu? Para me dar um outro tipo de, de... de pensamento. Pra mudar meu pensamento, mudar minha conduta. E foi aonde que eu consegui, graças a Deus. Que eu tô aí, sempre fazendo essa conexão, pra mim não perder as origens.

P: Nossa, você falou uma coisa muito interessante. Você fazendo a conexão para não perder as origens. Que conexão seria essa e que origens seriam essas?

E: De olhar para o meu passado. Entendeu? Para o meu presente, preu tentar fazer de uma forma diferente, sempre visualizando uma mudança no meu futuro.

P: E sempre pensando nesse passado? Essas seriam as origens?

E: Essas seriam as origens, porque, no meu passado, é... não tem só coisa ruim, tem coisas boas também. Então, eu, eu costumo fazer uma peneira das coisas boas e rui, ruins e resgatar é, algumas coisas, tanto as coisas boas, quanto das ruins para mim poder ir trabalhando isso. Tendeu? As coisas boas, tentar melhorá-las; e as coisas ruins, tentar superá-las, pra mim não voltar a fazer de novo. Entendeu?

P: Entendi.

E: Mais ou menos por aí.

P: E tem mais alguma coisa? Eu sei que tá no seu tempo. É... infelizmente. Né? Temos que finalizar. É, mas tem alguma questão que você, você acha que seria interessante para esse trabalho, que não foi discutido até então, que não foi perguntado?

E: Eu acho que as pessoas, elas não podem, é... desacreditar de nada. Sabe, Susana? Ela tem sempre que procurar buscar o melhor para ela, porque, às vezes a gente tá de um jeito, amanhã a gente pode tá num outro. Então, foi isso que aconteceu comigo. Então, eu tento passar um pouco dessa experiência para a pessoa poder trabalhar sempre, é, o presente visando o futuro. Né? Porque o futuro não pertence à gente, mas a gente pode trabalhar em cima dele. Né?

[...].